## C A P I T U L O I

– Tom!

Nenhuma resposta.

– Tom!

Não se ouviu o menor som.

– Mas o que foi que aconteceu com esse menino? Não faço a menor ideia!

Tom, onde é que você se meteu?

A velha senhora puxou os óculos para a ponta do nariz e olhou por cima deles, percorrendo toda a sala com um olhar vigilante. Depois, empurrou os óculos para a testa e olhou por baixo deles. Ela raramente ou nunca olhava através deles para uma coisa tão pequena como um menino, porque estes eram seus óculos favoritos, o luxo e o orgulho de seu coração, que ela tinha mandado fazer para ocasiões especiais, não para o uso diário; se quisesse, poderia olhar através de dois pedaços de vidro da porta do fogão. Por alguns instantes pareceu um tanto confusa e então falou, sem fúria, mas alto o bastante para que todos os móveis escutassem:

– Olhe, garanto que, se eu pegar você....

Deixou a frase pelo meio para tomar fôlego, porque a essa altura já estava abaixada dando vassouradas embaixo da

cama com o cabo da vassoura para ver se havia alguém escondido ali. O único resultado de sua investigação cuidadosa foi assustar o gato, que saiu em disparada.

– Eu nem escutei os passos desse menino!

Foi até a porta aberta e ficou parada por um momento, olhando para os tomateiros e ervas daninhas, na maior parte estramônios, que formavam o jardim. Nada de Tom. Então, ergueu num tom destinado a cruzar as distâncias, e berrou:

– Tom! Onde está você? To-o-om!...

Justamente nesse momento, ela escutou um barulhinho muito leve às suas costas e virou-se bem a tempo de agarrar um meninozinho pelos fundilhos frouxos das calças. O garoto esperneou, mas não conseguiu fugir.

– Ah, peguei! Devia ter me lembrado daquele armário. O que é que você estava fazendo socado lá dentro?

– Nada, titia!

– Ah, nada, é? Olhe o estado de suas mãos! Veja só como sua boca está melada! Que meleca toda é essa?

– Eu não sei, titia!

– Ah, o pobrezinho não sabe! Pois eu sei muito bem o que é. É geleia,

sem a menor dúvida. E olhe que eu já lhe disse milhares de vezes que, se não parasse de mexer nos potes de geleia, eu ia arrancar sua pele! Onde é que está o meu chicote?

O “espectro” da chibata pairava no ar entre eles. O perigo era desesperador.

– Minha nossa! Olhe para trás, titia!

A velha senhora girou nos calcanhares, com medo de algum perigo,

enquanto arrebanhava as saias para evitar que fossem rasgadas. Imediatamente o rapazinho saltou por cima da cerca alta de tábuas de madeira e desapareceu do outro lado. Tia Polly ficou parada durante um momento, completamente surpresa. Depois, deu uma risadinha bondosa:

– Mas que raio de menino! Será que eu não aprendo nunca? Pois o diabinho já não me enganou um monte de vezes? Como é que eu tiro os olhos de cima dele outra vez? Não adianta, uma velha boba é sempre a maior das tolas. Depois que um cachorro fica velho, não aprende a fazer mais nada, como diz o ditado. Mas o problema é que ele inventa uma travessura nova todos os dias. Nunca faz a mesma coisa duas vezes seguidas. Como é que a gente vai saber qual é o próximo truque dele? Até parece que ele sabe justamente até que ponto pode me aborrecer, antes que eu fique realmente zangada. Pelo menos, ele sabe muito bem que, se conseguir me confundir por um

momento, ou me fazer rir, já ganhou a parada e eu não sou mais capaz de lhe dar nem uma palmada no traseiro. Mas o bom Senhor sabe que não estou cumprindo o meu dever com esse menino, realmente não estou, Deus é testemunha. "Poupe a vara e estrague a criança", como diz na Bíblia. Estou arranjando pecados e sofrimento para nós dois, sei muito bem disso!

Fez uma pequena pausa e prosseguiu:

– Esse menino é um grande maroto, mas pelo amor de Deus! Ele é filho de minha pobre irmã falecida, não tem pai nem mãe, o coitadinho! E não tenho coragem de lhe dar umas boas lambadas, como ele merece. Mas a cada vez que eu deixo de lhe dar uma boa sova, fico com uma dor na consciência! E se por acaso eu consigo lhe bater, meu coração parece que vai partir-se em dois! Mas o que é que eu posso fazer? "O homem, nascido de mulher, é de poucos dias e cheio de inquietação", conforme dizem as Sagradas Escrituras, e eu acho que é isso mesmo. Agora, ele vai passar escondido a tarde toda, vai matar as aulas e eu vou ser obrigada a fazê-lo trabalhar amanhã como castigo. Acho que vou até me sentir mal, obrigando o menino a trabalhar em um sábado, quando todos os outros garotos vão estar de folga da escola! Mas ele odeia ter de fazer qualquer trabalho, muito mais que qualquer outra coisa, e eu tenho de cumprir meu dever para com ele, senão vou estragar completamente a criança!

Tom realmente ficou longe da escola a tarde toda e se divertiu bastante. Ele só voltou à noitinha e mal teve tempo de ajudar o negrinho Jim a serrar a lenha para o dia seguinte e cortar as achas com a machadinha antes do jantar – pelo menos ele chegou a tempo de contar suas aventuras a Jim, enquanto este fazia três quartos do trabalho. Sidney, o irmão mais moço de Tom (na verdade, era seu meio-irmão), já tinha terminado sua parte do trabalho (recolher as lascas do chão). Ele era um menino quieto e não se metia em aventuras nem em confusões. Enquanto Tom estava jantando e roubando torrões de açúcar sempre que podia, tia Polly começou a lhe fazer perguntas ardilosas e cheias de segundas intenções. Na verdade, ela estava tentando "armar-lhe uma cilada" para que ele fizesse algumas revelações comprometedoras. Como a maioria das pessoas de coração meigo, ela tinha a vaidade de acreditar ser muito esperta e ter um grande talento para a criação de manobras tortuosas e cheias de mistérios. De fato, considerava que suas artimanhas mais ingênuas eram maravilhosos

exemplos de esperteza. Assim, ela disse:

– Tom, estava meio quente na escola, não estava?

– Sim, "siora".

– Realmente muito quente, não estava?

– Sim, "siora".

– Você não ficou com vontade de ir nadar no rio, Tom?

Uma pontinha de medo surgiu no coração de Tom – uma suspeita desconfortável de que tinha sido apanhado. Observou cuidadosamente a expressão do rosto de tia Polly, mas não conseguiu descobrir nada. Então, respondeu:

– Não, “siora”. Bem, muita vontade eu não tive.

A velhinha estendeu a mão e apalpou a camisa de Tom. Depois disse:

– Você não está com muito calor agora, está?

Sentiu-se um pouco envaidecida, porque tinha tocado na camisa do menino  e descoberto que esta se achava seca, sem que ninguém suspeitasse que sua intenção era justamente essa desde o começo. Mas acontece que, a essa altura, Tom já sabia muito bem “de que lado o vento soprava”. Assim, foi falando bem depressa para se defender antes que viesse o ataque seguinte:

– Alguns dos meus colegas tiraram água do poço e derramamos na cabeça

– a minha ainda está um pouco úmida. Está vendo?

Tia Polly ficou desapontada por não haver percebido essa “prova circunstancial” e deste modo ter perdido a oportunidade de marcar um ponto contra o garoto. Mas sentiu um novo acesso de inspiração:

– Tom, você não desmanchou a costura do colarinho de sua camisa, desmanchou? Quero dizer, na hora em que derramou água na cabeça. Abra seu casaco.

Uma expressão de alívio substituiu a preocupação no rosto de Tom. Ele abriu o casaco e mostrou que o colarinho da camisa estava perfeitamente costurado.

– Droga! Está certo, chega de brincadeiras. Eu só estava tentando descobrir se você havia cabulado a aula e ido nadar no rio. Mas eu perdoo suas travessuras desta vez, Tom. Acho que você é um gato escaldado mesmo, como diz o ditado. Mas preste bem atenção: eu disse que ia perdoá-lo desta vez. Não faça isso de novo.

Ela estava meio aborrecida porque sua esperteza não tinha dado resultados  e ao mesmo tempo estava satisfeita porque Tom tinha ido à escola e, pelo menos desta vez, tinha demonstrado ser obediente. Mas então, Sidney disse:

– Puxa vida, titia, a senhora não tinha costurado o colarinho dele com linha branca? Repare que agora está cerzido com linha preta...

– Ora, mas é claro! Eu costurei com linha branca. Tom!

Só que Tom não esperou pelo resto. Saiu correndo pela porta e só parou para dizer:

– Siddy, você vai me pagar por isso!

Escondido em um lugar seguro, Tom examinou as duas agulhas grandes que estavam enfiadas por trás das lapelas de seu casaco – as duas com um bom pedaço de linha enfiada – uma com linha branca e a outra com linha preta. Ele

comentou consigo mesmo:

– Ela nunca teria percebido, se não fosse por aquele intrometido do Sid. Mas que droga, também, algumas vezes ela costura com linha branca e outras com linha preta. Ia ser muito melhor que ela usasse linha de uma cor só. Como é que eu vou conseguir me lembrar o tempo todo de qual foi a cor que ela usou? Mas pode apostar qualquer coisa como eu vou dar uma sova no Sid pelo que ele me fez. Ele me paga por essa, ah, me paga!

Somos obrigados a confessar que Tom não era o menino modelo da aldeia. O pior é que ele sabia muito bem qual era o menino modelo, e tinha raiva dele.

Mas dentro de dois minutos, ou até menos do que isso, ele já tinha esquecido de seus problemas. Não porque eles fossem menores e menos difíceis para ele que os de um homem adulto, mas porque seu interesse foi despertado por outra coisa e as dificuldades saíram imediatamente de sua cabeça. É o mesmo que acontece com uma pessoa adulta, quando esquece temporariamente suas infelicidades na excitação provocada por uma nova aventura ou pela possibilidade de um

negócio lucrativo. Este novo interesse era um tipo diferente de assobio, que lhe tinha sido ensinado por um de seus amigos negros nessa mesma tarde. Ele estava ansioso para praticar esta nova habilidade sem ser perturbado. O assobio era executado com um trinado peculiar, como o gorjeio de um pássaro, um som líquido que era produzido colocando e retirando bem depressa a ponta da língua no céu da boca, em intervalos bem curtos, ao mesmo tempo em que se entoava uma melodia qualquer por meio de um assobio comum. Se o leitor já foi um menino, provavelmente vai se lembrar de como é que se faz isso. Com bastante diligência e muita atenção, Tom logo pegou o jeito e seguiu caminhando rua abaixo, com a boca cheia de harmonia e a alma cheia de gratidão. Sentia-se bem do jeito que um astrônomo que acabou de descobrir um planeta novo sente. E se pensarmos simplesmente em um prazer forte, profundo e completo, a vantagem estava com o menino, e não com o astrônomo.

No verão, os crepúsculos são longos. Ainda não estava bem escuro. Depois de praticar bastante tempo, Tom parou de assobiar. De repente, viu um estranho: um outro garoto, somente um pouquinho mais alto do que ele. Um visitante recém-chegado, de qualquer idade ou de qualquer sexo, era uma curiosidade impressionante na pobre aldeiazinha de St. Petersburg. E esse menino estava bem-vestido – estava usando roupas de domingo em um dia de semana. Isto era simplesmente espantoso. Seu boné era muito elegante, seu

casaco de  pano azul era novo e bonito e estava abotoado de cima a baixo – até mesmo suas calças estavam com um vinco perfeito. Uma coisa ainda mais assombrosa é que ele estava usando sapatos em uma sexta-feira! Até mesmo ostentava uma gravata, feita com  uma fita estreita e brilhante. Tinha um ar de gente de cidade grande  que perturbou Tom profundamente. Quanto mais observava esta maravilha esplêndida, tanto mais torcia o nariz para toda essa elegância desnecessária, enquanto percebia cada vez mais como ele mesmo estava mal trajado. Nenhum

dos meninos falou. Quando um se movia, o outro se movia também – só que para os lados, como se estivessem percorrendo um círculo. Ficaram  a encarar-se, olhos nos olhos, durante um longo tempo. Finalmente, Tom disse:

– Eu posso dar uma surra em você!

– Só quero ver. Experimente!

– Pois então! Eu sei que posso.

– Não, é claro que não pode.

– Posso!

– Não pode!

– Posso!

– Não pode!

Seguiu-se uma pausa desconfortável. Então, Tom disse:

– Qual é o seu nome?

– Não é da sua conta!...

– Bem, então eu vou fazer com que seja da minha conta!

– Então por que não faz?

– Continue falando e eu faço!

– Falei, falei, falei. E agora?

– Ah, você pensa que é muito esperto, não é? Eu podia te dar uma surra com uma das mãos amarrada nas costas, se eu quisesse.

– Bem, por que não faz isto, então? Você só fica falando que faz!

– Pois é isso mesmo que eu vou fazer, se você continuar a se meter comigo!

– Ah, sim! E vai trazer a família inteira para ajudar...

– Espertinho! Acha que vale muita coisa, não é mesmo?

– Pelo menos valho muito mais que você!

– Só porque tem um bonezinho besta na cabeça, acha que é grande coisa! Desafio você a jogar o boné no chão! Se não aceitar o desafio, é porque é um molenga!

– Mentiroso!

– Mentiroso é você!

– Além de mentiroso, você só sabe dizer que é bom de briga e não tem coragem!

– Ora, vá dando o fora daqui!

– Olhe, se continuar a me provocar, eu vou pegar uma pedra e te bato com ela na cabeça!

– Ah, mas é claro que vai! Estou louco de medo!

– Pois então, eu vou!

– Bem, e por que não vai, então? Por que fica só dizendo que vai fazer? Por que é que não faz? Vou te dizer por quê – é porque você está é com medo!

– Eu não estou com medo.

– Ah, está!

– Não estou!

– Está, sim!

Outra pausa. Os dois ficaram a se encarar, olhos nos olhos, e continuaram a girar um ao redor do outro. Em dado momento, encostaram os ombros. Tom disse:

– Dê o fora daqui!

– Dê o fora você!

– Eu não vou!

– Eu também não vou!

E assim eles ficaram, frente a frente, cada um com um pé aberto em ângulo para dar firmeza, e os dois se empurrando com toda a força, olhando-se ameaçadoramente com o ódio estampado nos rostos. Mas nenhum dos dois conseguia tirar vantagem sobre o outro. Depois de se empurrarem bastante, até ficarem com os rostos vermelhos e suados, começaram a aliviar a pressão, com o máximo de cautela. Então, Tom disse:

– Você é um covarde e um moleirão. Vou contar ao meu irmão mais velho o que você me fez, e ele pode te bater com o dedo minguinho, e eu vou dizer para ele te dar uma surra!

– E quem se importa com seu irmão mais velho? Eu tenho um irmão que é maior do que ele; e tem mais, ele é capaz de jogar seu irmão por cima daquela cerca, também! (É claro que ambos os irmãos eram imaginários.)

– Isso é mentira!

– Só porque você quer!

Tom riscou uma linha na poeira do chão com o dedo do pé e disse:

– Desafio você a cruzar essa linha. Se cruzar, vou te bater tanto que você não vai conseguir parar em pé. Quem não aceita um desafio é um mariquinha!

Imediatamente, o outro menino cruzou a linha e disse:

– Você disse que me batia, agora quero ver se consegue.

– Não fique me empurrando, hein? Não sabe com quem está se metendo!

– Bem, você disse que ia me bater! Por que não bate agora?

– Só vou te bater se você me pagar dois centavos!

O outro menino meteu a mão no bolso e retirou duas moedas de um centavo. Estendeu a mão para Tom com o maior desprezo estampado no rosto.

Tom deu um tapa e derrubou as moedinhas no chão.

No momento seguinte, os dois garotos estavam rolando e se debatendo na terra, agarrados firmemente como se fossem dois gatos. Durante mais ou menos um minuto, eles se puxaram e se empurraram, tentaram arrancar os cabelos e rasgar as roupas um do outro, deram-se socos e se esbofetearam, arranharam rostos e narizes e ficaram cobertos de sujeira e de glória. Dali a pouco, a confusão tomou um novo aspecto: através da poeira da batalha, viu-se o vulto de Tom, sentado sobre o peito de seu oponente, dando-lhe socos.

– Peça água! – gritou ele.

O outro menino somente lutava para se desvencilhar. Estava chorando, mais de raiva do que por qualquer outra coisa.

– Peça água! – e os socos continuavam.

Finalmente, o estranho soltou uma palavra abafada, que soou mais ou menos como “gágua”, e Tom o largou, dizendo:

– Agora te ensinei uma lição. Melhor ter cuidado com quem vai se meter da próxima vez!

O menino forasteiro foi embora, esfregando a poeira das roupas, soluçando, fungando e ocasionalmente olhando para trás e sacudindo a cabeça, ameaçando à meia-voz as coisas que faria com Tom “da próxima vez que nos encontrarmos!” Tom respondeu com troças e zombarias e seguiu para o outro lado na melhor das disposições; porém, no momento em que se virava, o outro

menino agarrou uma pedra, jogou-a e o atingiu bem no meio das costas; depois se virou bem depressa e correu como um antílope. Tom perseguiu o traidor até que este chegou em casa, e assim descobriu para onde ele havia se mudado.

Estabeleceu uma “trincheira de combate” no portão do jardim durante algum tempo, desafiando o adversário a sair, mas o inimigo só ficou fazendo caretas através da janela e se recusou a morder a isca. Finalmente, apareceu a mãe do seu rival e gritou que Tom era uma criança malvada e vulgar e ordenou-lhe que fosse embora. Então, ele decidiu ir, mas não sem dizer que “ia ficar esperando” para “pegar” o outro.

Chegou em casa bastante tarde naquela noite. Pulou a janela com o maior cuidado e caiu nos braços de sua tia, que o aguardava sentada silenciosamente no escuro. No momento em que esta viu o estado em que se achavam suas roupas, sua

resolução anterior de transformar-lhe o feriado de sábado em um período de prisão e trabalhos forçados tornou-se mais firme que uma corrente e mais forte  do que diamantes.

## C A P I T U L O II

Chegou a manhã de sábado e era um dia típico de verão, cheio de luz e frescor, a vida rebrotando e fervilhando por todos os lados. Os corações cantavam em todos os peitos, e, nos mais jovens, a melodia transbordava em música através dos lábios. Havia entusiasmo em todos os rostos e os passos eram ágeis, como se estivessem sendo impulsionados por pequenas molas presas às solas dos pés. As paineiras estavam em botão e a fragrância das flores enchia o ar.

A Colina de Cardiff, que se erguia nos arredores da aldeia, estava recoberta de vegetação verde, e ficava longe o bastante para parecer uma Terra de Sonho, cheia de delícias, repousante e convidativa.

Tom apareceu na calçada com um balde de tinta branca feita de água e cal e um pincel de cabo longo. Examinou a cerca do jardim e sentiu que a alegria desaparecera da natureza, enquanto uma profunda melancolia descia sobre seu espírito. Trinta metros de uma cerca de tábuas largas com quase três metros de altura! O futuro lhe parecia totalmente incerto e sem significado e a existência humana era uma carga sobre seus ombros. Suspirando, ele mergulhou o pincel no balde e passou as cerdas sobre a tábua superior. Repetiu a operação. Fez tudo de novo. Comparou a minúscula faixa caiada de branco com a vasta extensão de cerca ainda por pintar e sentou-se em um

toco de árvore, totalmente desencorajado. Nesse meio tempo, Jim saiu aos pulinhos pelo portão principal, carregando um balde de estanho, enquanto cantava a melodia de Buffalo Gals.

Trazer água do poço da aldeia tinha sido sempre um trabalho extremamente cansativo aos olhos de Tom, porém agora não teve esta impressão. Ele se recordou que sempre havia gente interessante ao redor da bomba do poço. Meninos e meninas brancos, negros e mulatos estavam sempre por lá, esperando a vez de tirar água, descansando, trocando brinquedos, discutindo, brigando e fazendo todo o tipo de travessuras. E lembrou também que, embora o poço ficasse a menos de cento e cinquenta metros de distância, Jim nunca levava menos de uma hora para trazer um balde de água. E olhe que, a maioria das vezes, outra pessoa tinha de ir atrás dele para ver por que estava demorando tanto. Tom disse:

– Escute, Jim, eu vou buscar a água se você pintar a cerca um pouquinho. Jim sacudiu a cabeça e disse:

– Acho que nun vai dá, seu Tom. A dona veia ela me disse que eu tinha de ir buscá a água duma veiz só e não ficá de bobeira com ninguém. Ela diz que já tá esperano que seu Tom vai me pedir pra caiá o muro e entonce ela me diz muito especiarmente que eu cuido dos meu trabaio e num mi meto cum o sinhô, que ela merma cuida do sinhô e mais da caiação.

– Ora, não se preocupe com o que ela disse, Jim. É desse jeito que ela fala sempre. Me dá o balde – não vou demorar mais que um minuto. Ela nem vai ficar sabendo.

– Ai, eu num tenho corage, seu Tom. A dona veia ela vai pegá e me arrancá a cabeça fora. É craro que ela vai, ora se não!

– Ela? Ora, Jim, ela nunca bate em ninguém. O máximo que ela faz é bater na sua cabeça com o dedal, e quem é que se importa com isso? Você se importa de levar um croque na cabeça com um dedal? É claro que não, nem eu tampouco! Ela fala que parece que vai te arrancar a pele, mas conversa não tira pedaço de ninguém. Quer dizer, incomoda um pouco, mas só quando ela chora. Jim, eu te dou uma bolinha de gude. Eu te dou uma bolinha com uma risca branca atravessando o vidro!

Jim começou a vacilar.

– Risca branca, Jim. E é uma das grandes, uma das pesadas, as boas de nicar!...

– Minha nossa, essas são umas maravia linda de enchê os oio, eu é que digo. Só que tem, seu Tom, que eu tenho uma medunça das braba da dona veia...

Mas Jim era apenas um ser humano – essa atração foi forte demais para ele. Ele largou o balde e pegou a bolinha de gude com a risca branca. No minuto seguinte, ele estava voando rua

abaixo, com o balde na mão e o traseiro ardendo, enquanto Tom pintava a parede vigorosamente e tia Polly se retirava vitoriosa do “campo de batalha”, com um chinelo na mão e triunfo no olhar.

Mas a energia de Tom não durou por muito tempo. Ele começou a pensar nas brincadeiras que tinha planejado para esse dia e sua tristeza foi aumentando cada vez mais. O pior era que, em seguida, os seus colegas da escola, que não tinham aulas no sábado, iam começar a passar por ali a caminho de todo o tipo de aventuras deliciosas e iam todos fazer troça dele porque estava trabalhando – só de pensar nisso seu rosto queimava como fogo. Retirou dos bolsos suas riquezas materiais e fez um balanço do estoque – pedaços de brinquedos, bolinhas de gude e lixo suficiente para trocar um trabalho por outro, quem sabe, mas nem de longe o bastante para comprar sequer meia hora de pura liberdade. Assim, ele retornou suas escassas riquezas para os bolsos e desistiu da ideia de tentar contratar alguns dos outros meninos. Foi neste momento de escuridão e desespero que uma inspiração explodiu em seu cérebro. Nada menos que uma grande e magnífica inspiração! Ele agarrou novamente a brocha e retornou tranquilamente ao trabalho. Em breve, apareceu Ben Rogers; dentre todos os meninos, justamente aquele cujo ridículo ele mais temia. Ben caminhava dando pulos, saltos e corridinhas – prova mais do que suficiente de que seu coração estava leve e cheio de planos para passar um dia muito

agradável. Ele comia uma maçã e, nos intervalos entre as mordidas, soltava um apito longo e melodioso, seguido por uma série de “dindom, dindom, dindons”, como as badaladas de um sino, porque, de repente, tinha tido a ideia de representar um barco a vapor! Enquanto se aproximava, ele diminuiu a velocidade, chegou bem no meio da rua, inclinou-se nitidamente para estibordo e fez uma curva lenta e majestosa, com uma porção de floreios complicados, porque estava fazendo de conta que era o vapor Big Missouri e queria deixar bem claro aos espectadores que estava empurrando três metros d’água com a parte do casco que ficava abaixo da superfície! Ele era o barco, o capitão, a tripulação e os sinos de bordo combinados; assim, tinha de imaginar-se parado em sua própria cabine de comando varrida por furacões, dando as ordens sem hesitar e executando-as sem vacilação.

– Pare o barco, senhor! Lingue-lingue-lingue!

Quase não havia mais espaço na rua e ele deslizou lentamente em direção à calçada.

– Toda a força a ré! Lingue-lingue-lingue!

Seus braços se esticaram firmemente e desceram rígidos para os lados do corpo.

– Todo o leme a estibordo! Lingue-lingue-lingue! Tchou! Tcho-tchou-uou- tchou!

Sua mão direita, enquanto isto, descrevia círculos majestosos, porque estava representando uma roda lateral com doze metros de diâmetro.[1]

– Retornar o curso a bombordo! Lingue-lingue-lingue! Tchou-tcho-tchou-

tchou!

Sua mão esquerda começou a descrever círculos.

– Parar a estibordo! Lingue-lingue-lingue! Parar a estibordo! Em frente a estibordo! Parar agora! Girar o casco lentamente! Lingue-lingue-lingue! Tchou- ou-ou! Lançar a âncora! Depressa com o cabrestante! Vamos lá – soltem o raio desse cabo, que diabos estão fazendo? Façam a curva ao redor daquele tronco grosso e amarrem bem a ponta! Fiquem a postos agora – soltem! Desligar os motores, senhor! Lingue-lingue-lingue! Chi-chi-chi-chi! Verificar os protetores das válvulas!

Tom continuou pintando calmamente. Não deu a menor bola para o vapor no meio da rua. Ben ficou olhando por um momento e então falou:

– Ei! Você aí! O que está fazendo nessa plataforma?

Tom não deu a menor resposta. Ao contrário, examinou a última pincelada da brocha como se fosse uma obra de arte. Depois, moveu delicadamente o pincel e examinou o resultado de novo. Ben aproximou-se até ficar do seu lado. Tom ficou com água na boca ao ver a maçã assim tão de perto, mas

continuou firme, como se o seu trabalho fosse a coisa mais importante do mundo. Ben  falou:

– Alô, companheiro! Te puseram no serviço, hein?

– Ora, é você, Ben. Eu nem tinha reparado.

– Sabe de um troço? Eu vou nadar no rio, vou, sim. Você não gostaria de ir junto? Ah, não, você prefere trabalhar, não é? Trabalhar é muito melhor que se divertir!

Tom virou o rosto para o garoto, contemplou-o por um momento, e falou:

– O que é que você chama de “trabalho”?

– Ué, você não está trabalhando?

Tom recomeçou a caiar a cerca e respondeu indolentemente:

– Bem, pode ser que seja e pode ser que não seja. Tudo o que eu sei é que Tom Sawy er está muito satisfeito com o que está fazendo.

– Ora, corte essa! Não vai me dizer que está gostando do serviço!? A brocha continuou em seus movimentos.

– Gostar disso? Ora, eu não vejo por que não deveria gostar. Por acaso deixam um menino pintar uma cerca todos os dias?

Essa afirmação colocou a tarefa sob uma nova luz. Imediatamente, Ben parou de mordiscar sua maçã. Tom deslizava a brocha delicadamente para a

direita e para a esquerda, dava uns passinhos para trás a fim de verificar o efeito, acrescentava um toque aqui e ali, recuava de novo para criticar o resultado. Ben observava cada movimento e ia ficando cada vez mais interessado, cada vez mais absorvido. Depois de algum tempo, ele disse:

– Escute, Tom, deixe-me pintar um pouco.

Tom considerou a possibilidade – quase entregou a brocha, mas mudou de

ideia.

– Não, não, acho que não vai dar, Ben. Você vê, tia Polly tem muito

orgulho dessa cerca, porque fica bem na frente, dando para a rua, sabe? Só se fosse a parte dos fundos. Eu não me importo de deixar você pintar um pouco lá nos fundos e acho que ela também não vai se importar muito. Mas aqui na frente, não sei, não... Pois é, ela tem um baita orgulho desta cerca da frente; o serviço tem de ser feito com muito cuidado; eu acho que não existe um garoto em mil, talvez em dois mil, que seja capaz de pintar esta cerca do jeito que ela tem de ser pintada, para ficar bem do gosto da minha tia.

– Ah, não! Não pode ser tão difícil! Espere um pouco, deixe que eu experimente, só um pouquinho. Se fosse a minha cerca, eu te deixava pintar um pouco, Tom.

– Olhe, Ben, até que eu gostaria, palavra de índio; mas a tia Polly – bem, Jim queria fazer a pintura, até se ofereceu para pintar sozinho, mas ela não deixou. Sid também queria pintar um pouco, mas ela não deixou nem o Sid. Veja a posição em que eu estou. Se você mexesse nesta cerca e acontecesse alguma coisa com ela, eu...

– Deixe disso, eu vou ser tão cuidadoso quanto você. Me deixe experimentar agora, ande! Escute, eu lhe dou um pedaço da minha maçã!

– Puxa vida, não sei. Não, Ben, acho que não vai dar. Tenho medo que você...

– Eu te dou a maçã inteira!

Tom entregou a brocha com a maior relutância estampada em seu rosto, mas por dentro seu coração dava pulinhos de alegria. E enquanto o "defunto" barco a vapor Big Missouri trabalhava e suava ao sol, o "artista" aposentado sentou-se em um barril que ficava bem na sombra, balançando as pernas, mastigando a maçã e planejando o "massacre" de mais inocentes. Não havia falta de material. Toda hora passavam rapazinhos, paravam para fazer troça e depois ficavam passando cal na cerca. Assim que Ben se cansou, Tom tinha negociado o próximo turno com Billy Fisher em troca de uma pandorga ainda em bom estado; e quando este desistiu, Johnny Miller comprou o direito de trabalhar em troca de um rato morto com um barbante atado ao pescoço para sacudi-lo em círculos, e

assim por diante. Depois veio outro, e mais outro, enquanto as horas foram passando. Mais ou menos pelo meio da tarde, em vez de ser um pobre menino miserável, como tinha constatado ser naquela mesma manhã, Tom estava literalmente nadando em riquezas. Além dos valiosos objetos que eu já mencionei, ele tinha adquirido doze bolinhas de gude, parte de um berimbau, um pedaço de vidro de garrafa azul que era gostoso de se olhar porque deixava todas as coisas azuis também, um carretel vazio, uma chave que não abria porta nenhuma, um pedaço de giz, uma tampa de vidro de uma garrafa há

muito falecida, um soldadinho de chumbo, dois girinos, seis busca-pés, um gatinho cego de um olho, uma maçaneta de latão sem a porta respectiva, uma coleira sem cachorro, um cabo de faca sem lâmina, quatro pedaços de casca de laranja e um caixilho velho de janela meio arrebentado. E durante todo o dia tinha-se divertido à beça, sem mexer um dedo para pintar a cerca, conversando e brincando com um monte de garotos. O melhor de tudo é que a cerca estava com três mãos de tinta de ponta a ponta! Se ele não tivesse ficado sem cal, teria recolhido os brinquedos de todos os meninos da vila.

Tom disse a si mesmo que, no final das contas, o mundo não era um lugar tão triste assim. Sem se dar conta disso, ele tinha descoberto uma das principais leis que regem os atos humanos, ou seja, que para fazer um menino ou um homem cobiçar alguma coisa, basta tornar essa coisa difícil de obter. Se ele

tivesse sido um grande e sábio filósofo, como o autor deste livro, teria agora compreendido que o trabalho é tudo aquilo que a pessoa é obrigada a fazer, e que a diversão é tudo aquilo que a pessoa não é obrigada a fazer.

E isto o teria ajudado a entender por que ganhar a vida fabricando flores artificiais em uma oficina pouco arejada ou subir horas a fio pelos degraus de uma roda de madeira para puxar a água necessária a fim de irrigar um campo é trabalho, enquanto jogar boliche somente para derrubar meia dúzia de garrafas ou escalar o Mont-Blanc nos Alpes europeus é considerado uma diversão. Há cavalheiros bastante ricos na Inglaterra que dirigem carruagens de passageiros puxadas por quatro cavalos durante quarenta ou cinquenta quilômetros ao longo de uma estrada poeirenta sob o sol de verão, somente porque o privilégio lhes custa uma boa quantia em dinheiro. Se por acaso alguém pensasse em lhes oferecer um salário para executar o mesmo serviço, recusariam ofendidos e desistiriam no mesmo momento, porque aí seria um trabalho.

[1]. Os grandes vapores que faziam a cabotagem fluvial (transporte de passageiros e mercadorias entre os portos) do sistema Mississippi-Missouri tinham grandes rodas laterais semelhantes a rodas de moinho, que eram acionadas pelos

motores por meio de um eixo central e forneciam a força motriz para o navio através do movimento das pás, que empurravam a água para trás. Talvez o leitor já tenha visto alguns destes barcos no cinema ou na televisão. (N.T.)

## C A P I T U L O III

Tom foi apresentar-se à tia Polly, que estava sentada junto a uma janela aberta, em uma agradável sala nos fundos da casa, que era quarto de dormir, sala de café, sala de jantar e biblioteca combinados em uma única peça. O ar embalsamado do verão, o silêncio repousante, o perfume das flores e o zumbido monótono das abelhas tinham realizado seu efeito conjunto e ela cochilava em vez de trabalhar no tricô que estava em seu colo. Sua única companhia era o gato (que se chamava Peter) e este estava adormecido, também em seu colo, encostado em um novelo de lã... Seus óculos tinham sido empurrados para o alto da cabeça, por uma questão de segurança. A essa altura, ela pensava que Tom provavelmente tinha desertado do serviço há bastante tempo, e ficou muito surpreendida quando o garoto se apresentou diante dela de uma forma tão corajosa. Foi então que ele indagou:

– Posso ir brincar agora, titia?

– O que, já? Qual a parte da cerca que você pintou?

– Já está toda pintada, titia.

– Tom, não minta para mim. Você parte meu coração quando faz isso.

– Eu não estou mentindo, titia. O serviço está pronto.

Tia Polly  não depositou muita confiança nesta afirmação. Foi até a frente  da casa para verificar pessoalmente. Para falar a verdade, teria  ficado contente se vinte por cento da declaração de Tom fosse verdadeira. Quando ela viu que a cerca inteira tinha sido caiada e resplandecia de brancura – não somente pintada, mas elaboradamente recoberta por duas e até três mãos de cal, tendo até uma faixa pintada na calçada ao longo do rodapé, seu espanto foi quase inexprimível. Finalmente, ela disse:

– Santo Deus, eu nunca imaginei... Sou obrigada a reconhecer, você trabalha mesmo quando está com vontade, Tom! – Mas, no mesmo instante, tratou de diminuir o elogio, acrescentando: – O problema é que muito raramente você fica com vontade, também sou obrigada a dizer. Bem, pode ir brincar, mas trate de voltar esta semana mesmo, senão vou curtir seu couro.

Ela estava tão assombrada com o esplendor de sua realização, que o levou até o armário da copa e escolheu uma das melhores maçãs, entregando-a ao menino, enquanto improvisava um discurso sobre o valor especial que uma guloseima adquiria quando era obtida sem pecado e através de um esforço cheio de virtude e aprovado pela religião. E enquanto ela se aplicava a seu sermão, e antes que fechasse a porta do armário com um  floreio digno das Santas Escrituras, o espertinho surripiou um pãozinho doce.

Logo depois, ele saiu saltitando e viu Sidney bem no momento em que este começava a subir pela escada externa que levava aos quartos do segundo andar.  O chão estava cheio de torrões de terra e, num instante, o ar também se encheu deles. Os torrões metralharam ao redor de Sid como uma saraivada; e antes que tia Polly pudesse perceber o que se estava passando e correr em auxílio do pequeno, seis ou sete torrões tinham efetuado contato direto e Tom tinha pulado a cerca e desaparecido. Naturalmente havia um portão no meio dela, mas em

geral ele estava com tanta pressa que não tinha tempo para utilizá-lo. Sua alma podia agora descansar em paz, pois havia acertado as contas com Sid depois que este tinha chamado a atenção da tia para a linha preta e lhe arranjado toda  aquela incomodação.

Tom deu a volta no quarteirão e entrou em um caminho lamacento que passava ao lado do estábulo das vacas de sua tia. Logo sentiu-se em segurança, além do alcance de uma possível captura e castigo, e seguiu por caminhos tortuosos até a praça central do vilarejo, onde duas “companhias militares” de meninos tinham se reunido para travar batalha, de acordo com uma série de “tratados e entrevistas diplomáticas” anteriores. Tom era o general de um desses exércitos, enquanto Joe Harper (seu amigo do peito) era o general do outro. Estes dois grandes comandantes não condescendiam em participar

pessoalmente dos combates – esta era uma tarefa que estava a cargo dos peixes pequenos que lhes estavam subordinados. Muito pelo contrário, ficavam sentados juntos em uma elevação que ficava de um dos lados da praça e conduziam as operações que estavam sendo travadas no campo de batalha por meio de comandos transmitidos por ordenanças. O exército de Tom teve uma grande vitória, depois de um longo e renhido combate. A seguir, contaram os mortos, trocaram os prisioneiros, acertaram os termos da próxima luta e escolheram o dia para uma nova batalha, que era absolutamente necessária a fim de resolver uma disputa permanente entre os dois regimentos. Depois disso os exércitos formaram esquadrões e marcharam para longe do campo da pugna, e Tom voltou para casa sozinho.

Enquanto passava pela casa em que morava Jeff Thatcher, viu uma garota no jardim que era nova na cidade – uma criaturinha linda de olhos bem azuis, com cabelos louros presos em duas longas tranças e usando um vestidinho branco de verão por cima de calções bordados. O herói recém-coroado caiu sem disparar um tiro. Uma certa Amy Lawrence desapareceu de seu coração, sem deixar para trás sequer uma lembrança. Até então, ele pensara que a amava do fundo do coração. Ele considerava aquela paixão como uma adoração total e uma devoção eterna; e vejam só! – não passava de um leve interesse passageiro. Há meses que ele vinha tentando namorá-la, fazia somente uma semana que ela tinha

confessado que também queria, ele tinha se tornado o menino mais feliz e mais orgulhoso do mundo por apenas sete curtos dias, e agora, em um piscar de olhos, ela tinha saído de seu coração, assim como um estranho vai embora da sua casa quando a visita já acabou.

Ele adorou este novo anjo com um olhar disfarçado, fazendo de conta que estava olhando para outro lado, até que percebeu que ela o tinha avistado; então fingiu não saber que ela se achava presente e começou a "se mostrar" de todas as maneiras absurdas que os meninos fazem, a fim de conquistar sua admiração. Continuou a fazer um monte de bobagens e palhaçadas por algum tempo, mas então, bem quando se encontrava no meio de uma exibição atlética um tanto perigosa, lançou um olhar para o jardim e notou que a menina tinha virado as costas e estava se encaminhando tranquilamente para a casa. Tom avançou até a cerca e debruçou-se sobre ela, o coração cheio de luto, esperando que ela se demorasse um pouco mais. A garota parou por um momento nos degraus e então moveu-se em direção à porta. Tom emitiu um profundo suspiro quando ela

colocou o pé no limiar, porém logo seu rosto se iluminou, porque um momento antes de desaparecer, ela lançou um amor-perfeito por cima da cerca. O menino correu e parou a um palmo e meio da flor; então colocou a mão em concha sobre os olhos e começou a olhar rua abaixo, como se tivesse

visto uma coisa de grande interesse naquela direção. Em seguida, apanhou uma palha do chão e experimentou equilibrá-la na ponta do nariz, com a cabeça inclinada bem para trás; e, enquanto se movia para um lado e para o outro em seu esforço para não deixá-la cair, ele foi se aproximando cada vez mais do amor-perfeito.

Finalmente, seu pé descalço estava sobre ele, os dedos ágeis se fecharam sobre a prenda e ele seguiu pulando em um pé só com o tesouro, desaparecendo na esquina. Mas foi só por um minuto – apenas o tempo necessário para colocar a flor em um bolso interno do casaco e abotoá-lo firmemente, sentindo o amor- perfeito bem junto de seu coração – ou, mais provavelmente, junto de seu estômago, porque ele não tinha um conhecimento lá muito bom de anatomia e, na verdade, não dava a menor bola para isso.

Depois de guardar a flor com todo o cuidado, ele retornou e permaneceu do lado de fora da cerca até o anoitecer, "se mostrando", como antes; mas a menina nem sequer pôs o rostinho para fora da porta, embora Tom se consolasse um pouco com a ideia de que ela poderia estar espiando por trás de uma das janelas, bastante satisfeita com todas as suas atenções. Finalmente, ele foi para casa, relutante, com a pobre cabeça transbordando de visões românticas.

Durante todo o jantar ele se mostrou tão alegre, que a tia se pôs a imaginar "o que tinha entrado na criança". Ele levou uma forte repreensão por ter jogado os pedaços de terra em Sid,

mas não pareceu ficar nem um pouquinho arrependido. Tentou roubar torrões de açúcar bem debaixo do nariz de sua tia e levou uma pancada nos dedos. Ele reclamou:

– Ai, titia, você não bate nos dedos do Sid quando ele pega açúcar!...

– Acontece que Sid não fica me incomodando o tempo todo, como você faz. Se eu não te pusesse um freio, você ia ficar comendo o dia inteiro e não ia haver açúcar que chegasse.

Em seguida, ela entrou na cozinha, e Sidney, feliz em sua imunidade, estendeu a mão para o açucareiro, mais para implicar com Tom do que por estar mesmo com vontade – com um ar de superioridade que era realmente intolerável. Mas os dedos de Sid escorregaram e o açucareiro caiu e se quebrou. Tom entrou em êxtase – era tal a volúpia de prazer que até mesmo controlou a língua e ficou em silêncio. Disse para si próprio que não ia proferir uma só palavra, mesmo quando sua tia voltasse, mas ficaria sentado perfeitamente à vontade até que ela perguntasse quem tinha feito a travessura. Só então ele contaria, e não haveria vingança mais doce no mundo do que ver aquele modelo de criança bem comportada "levar a dele", mesmo sendo o favorito da tia.

Estava com o coração tão cheio de alegria, que mal se conteve quando a velha senhora retornou e ficou parada, contemplando o desastre, enquanto soltava relâmpagos de fúria através de seus óculos. Ele falou consigo mesmo: "Chegou a hora!" E, no

momento seguinte, eis que estava caído no assoalho! A poderosa palma da mão de sua tia estava erguida para bater uma segunda vez, quando Tom protestou:

– Espere aí, titia, por que a senhora está batendo em mim? Foi Sid quem quebrou o açucareiro!

Tia Polly parou, perplexa, e Tom esperou que ela se desculpasse com palavras de arrependimento e consolação. Mas quando ela conseguiu controlar a língua de novo, a única coisa que disse foi:

– Ah, é? Bem, você não perdeu nada por apanhar, eu garanto! Pode não ter quebrado o açucareiro, mas aposto que fez alguma outra travessura enquanto eu não estava olhando, garanto que sim!

E nesse momento, sua consciência a repreendeu, e ela ficou ansiosa por dizer alguma coisa gentil e amorosa; mas pensou que isso seria como uma confissão de que estava errada, e a disciplina proibia que um adulto reconhecesse um erro cometido contra uma criança. Assim, ela ficou em silêncio e continuou realizando suas tarefas, mas com o coração pesado. Tom ficou amuado em seu canto, multiplicando intimamente suas queixas e reclamações. Ele sabia que a tia, no fundo de seu coração, estava na palma de sua mão, como se estivesse de joelhos à sua frente, e sentia-se sombriamente gratificado com esta percepção. Ele não ia dar o menor sinal de que

pretendia fazer as pazes e tampouco iria reconhecer a menor abertura da parte dela. Percebia muito bem que, de vez em quando, ela lhe lançava olhares ansiosos através de uma camada de lágrimas, mas recusou-se a reconhecê-los. Ele se imaginou doente, em seu leito de morte, com o rosto da tia curvado sobre ele, suplicando por uma única palavra de perdão; mas nesse momento ele voltaria o rosto para a parede e morreria sem proferir essa palavra. Ah, o que ela haveria de sentir então! Depois se imaginou sendo trazido morto do rio, com o cabelo todo molhado e suas pobres mãos imóveis para sempre, seu coração magoado finalmente em repouso. Como ela se jogaria sobre seu cadáver, de que maneira suas lágrimas cairiam como chuva, de que forma seus lábios suplicariam a Deus que, se Ele ao menos lhe devolvesse seu menino, ela nunca, nunca, nunca mais bateria nele! Mas ele iria permanecer ali, frio e duro, branco e imóvel, sem o menor sinal de perdão – um pobre e pequeno sofredor cujos infortúnios finalmente haviam chegado ao fim. Ele manipulou os próprios sentimentos a tal ponto, através destas fantasias cheias de mágoa, que começou a engolir sem parar – era como se estivesse sufocando; seus olhos nadaram em uma poça d'água, que transbordava a cada vez que ele piscava e escorria em grossas lágrimas, que pingavam abundantes da ponta de seu nariz. Este exagero de sua tristeza e infelicidade parecia-lhe um grande luxo

– não queria permitir que qualquer alegria mundana ou a menor delícia material

diminuísse sua amargura. Era uma dor sagrada demais para os contatos impuros deste mundo.

Assim, quando sua prima Mary chegou em casa, os passos alegres como se estivesse dançando, cheia de vida e da alegria simples de contemplar novamente seu lar depois de uma visita de uma semana a uma granja no campo, que lhe parecia ter durado para sempre, ele se ergueu e saiu por uma porta, envolto em nuvens negras e escuridão, enquanto ela entrava pela outra, trazendo consigo música e a luz do sol. Caminhou por um longo tempo, chegando a locais muito mais distantes do que aqueles que os meninos da aldeia costumavam frequentar, em busca de algum lugar que se achasse em harmonia com o seu

espírito. Avistou uma jangada comprida, flutuando à beira do rio, que parecia estar fazendo um convite. Sentou-se no lado que dava para a água, contemplando a monótona vastidão da corrente, desejando que fosse possível afogar-se de repente, sem qualquer sensação que lhe afetasse a consciência, sem precisar passar pela desagradável rotina preparada pela Natureza para aqueles que sofressem esse tipo de morte. Depois, lembrou-se de sua flor. Tirou-a para fora do bolso interno do casaco, descobrindo que estava amassada e

murcha. Seu coração ficou imediatamente cheio de uma estranha mistura de sentimentos de felicidade e tristeza. Ele imaginou se ela teria pena dele, caso soubesse! Será que ela choraria, será que desejaria ter o direito de colocar-lhe os braços ao redor do pescoço e confortá-lo? Ou ela lhe viraria o rosto friamente como todo o restante do mundo mau? Esta imagem lhe trouxe uma tal agonia de um agradável sofrimento que ele continuou a revirá-la e reproduzi-la vezes sem conta em sua mente, montando-a em novos ambientes e sob novas luzes até que o sofrimento provocado por ela foi aos poucos se desgastando e no fim parecia um trapo muito velho e usado demais. Depois de um longo tempo sentindo pena de si mesmo, ele se ergueu, com um longo suspiro, e retomou seus passos errantes através da escuridão. Mais ou menos pelas nove ou dez horas da noite, chegou na rua deserta em que morava a adorada desconhecida. Parou por um momento, sem que qualquer som chegasse a seus ouvidos. Uma vela projetava uma luz baça sobre a cortina de uma janela do segundo andar. Será que a "sagrada presença" se encontraria lá? Ele pulou a cerca, caminhou sinuosa e furtivamente através das plantas do jardim, até ficar justamente embaixo daquela janela; olhou para cima por um longo tempo, cheio de emoção; então deixou-se tombar ao solo abaixo dela, deitando-se de costas, com as mãos cruzadas sobre o peito, segurando sua pobre flor murcha. Assim ele morreria – abandonado em um mundo gelado e sem misericórdia, sem o menor abrigo sobre sua cabeça desprovida de um teto, sem qualquer mão amiga que

secasse o suor mortal que umedeceria sua testa no momento final, sem alguma face amorosa a curvar-se piedosamente sobre seu semblante quando enfim chegasse a última agonia. Era assim que ela o contemplaria quando se debruçasse no peitoril da janela para fitar a beleza e alegria da manhã. Oh, será que ela derramaria uma única lágrima sobre sua pobre forma sem vida, soltaria ela um pequeno suspiro ao perceber uma vida tão jovem e brilhante destruída assim rudemente, ceifada de uma forma tão prematura?

A janela foi levantada, a voz discordante de uma criada profanou a calma

sagrada e um dilúvio de água fria encharcou os restos estendidos do pobre mártir!

O herói levantou-se, meio sufocado, soltando uma espécie de ronco; ouviu- se um silvo como o provocado por um projétil cortando o ar, misturado com uma exclamação abafada de protesto, seguida de um som como de vidraças sacudidas por um golpe, enquanto uma pequena forma indistinta passava por cima da cerca e se perdia na triste escuridão da noite.

Não muito tempo depois, Tom, despido para deitar-se na cama, examinava suas roupas empapadas à luz de um coto de vela. Sid se acordou, mas se ele sentiu a menor vontade de "fazer algum comentário ou alusão", achou melhor

ficar quieto e não disse uma palavra – pois percebeu o perigo que reluzia no olhar que seu irmão lhe lançou. Tom apagou a vela e meteu-se embaixo das cobertas, sem se submeter ao sofrimento adicional de ajoelhar-se para rezar. Sid não falou nada, mas mentalmente, tomou nota da omissão.

## C A P I T U L O IV

O sol se ergueu acima de um mundo tranquilo, lançando seus raios sobre a pacífica aldeia como se fossem uma bênção. Terminado o café da manhã, tia Polly decidiu reunir a família para uma prece matutina. Começou com uma oração construída a partir do sólido alicerce de citações das Sagradas Escrituras, do qual se erguia, como paredes muito finas, um certo número de sentenças mais ou menos originais. Com os pés plantados firmemente no alto deste "edifício", ela leu um dos capítulos mais severos da Lei de Moisés, com tanta dignidade como se ela mesma estivesse falando do cume do Monte Sinai.[1]

Então Tom cingiu sua espada, por assim dizer, e esforçou-se para "dizer seus versículos". Sid já tinha aprendido sua lição há vários dias. Tom dedicou todas as suas energias para memorizar cinco versículos. Escolheu parte do Sermão da Montanha, porque não conseguira encontrar cinco versículos seguidos que fossem mais curtos.

No final de meia hora, Tom tinha somente uma ideia geral e muito vaga de sua lição bíblica, porque, enquanto se esforçava para decorar, sua mente se distraía com os assuntos mais variados e suas mãos permaneciam ocupadas em atividades recreativas, que prendiam sua atenção muito mais que o trecho escolhido das Sagradas Escrituras. Mary pegou a Bíblia para

escutá-lo a recitar, enquanto ele tentava encontrar seu caminho através de uma intensa confusão mental.

– Bem-aventurados são os... ahn... ahn...

– Os pobres.

– Sim, é isso mesmo. Bem-aventurados são os pobres de... de... de...

– De espírito.

– Pois é, de espírito. Bem-aventurados são os pobres de espírito, porque eles... eles...

– Deles...

– Porque deles. Bem-aventurados são os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram, porque eles... porque eles...

– Se...

– Porque eles... ahn... eles se...

– S-E-R...

– Porque eles esse e erre... Ai, eu não sei o que é isso!

– Serão!

– Oh, serão! Porque eles serão... porque eles serão... ahn... uhn... serão chorados. Quer dizer, serão abençoados os que choram... porque eles... eles... serão o quê? Por que você não me diz, Mary ? Por que você é tão má assim comigo?

– Oh, Tom, como você é cabeçudo, pobrezinho! Eu não estou brincando com você. Eu nunca faria troça de você. Mas você tem de pegar o Livro de novo

e aprender tudo outra vez. Não perca a coragem, Tom, se você quiser mesmo, você pode fazer isso. Olhe, se você conseguir, eu vou lhe dar uma coisa muito bonita! Vamos lá, seja um bom menino!

– Tudo bem! Mas o que é, Mary ? Me diga o que é!...

– Não se preocupe com isso, Tom. Você sabe que, se eu digo que é uma coisa bonita, é porque você vai gostar mesmo, de verdade.

– Eu sei que vou, Mary. Tudo bem, vou atacar de novo.

E ele "atacou de novo". Sob a dupla pressão da curiosidade e da perspectiva de lucro, ele enfrentou a dificuldade com tal espírito que obteve um sucesso brilhante.

Mary lhe deu um canivete Barlow novinho em folha, que tinha custado doze centavos e meio. A explosão de prazer que percorreu seu organismo sacudiu-o até os alicerces. É claro que o canivete não era afiado o bastante para cortar nada, mas era um canivete Barlow "legítimo", e qualquer menino que se tornasse o feliz proprietário de um sentia-se orgulhoso a mais não poder – embora de onde os meninos norte-americanos tiraram a ideia de que esse tipo de instrumento poderia ser

falsificado só para prejudicá-los é um mistério empolgante, cuja solução talvez jamais seja desvendada aos olhos do mundo. O fato é que, dentro de alguns minutos, Tom já conseguira deixar uma cicatriz no guarda-louças com a ponta do canivete e estava se preparando para realizar uma operação semelhante na cômoda, quando foi convidado a se vestir para a Escola Dominical.

Mary lhe alcançou uma bacia de estanho cheia de água e um pedaço de sabonete e ele saiu pela porta da cozinha e colocou a bacia em cima de um banquinho que havia no pátio; então mergulhou a ponta do sabonete na água e largou-o cuidadosamente ao lado da bacia, enrolou as mangas da camisa, derramou toda a água no chão sem fazer barulho e depois entrou na cozinha, começando a secar o rosto com todo o vigor na toalha que estava pendurada atrás da porta. Mas Mary tirou-lhe a toalha das mãos e disse:

– Você não tem vergonha, Tom? Não pode ser tão arteiro assim. A água não vai lhe fazer mal!...

Tom ficou um tanto desconcertado. A bacia foi enchida de novo e, desta vez, ele permaneceu durante algum tempo inclinado sobre ela, criando coragem. Então, respirou fundo e começou. Em breve, ele entrou de novo na cozinha, com os dois olhos fechados, tateando com as mãos para pegar a toalha, enquanto uma honorável evidência de bolhas de sabão e água pingava de suas faces. Porém, quando ele baixou a toalha e mostrou o rosto, seu aspecto ainda não era

satisfatório, porque o trecho de sua pele que havia sido lavado se interrompia à altura do queixo e das mandíbulas, como se ele tivesse colocado uma máscara; além dessa fronteira, havia um largo espaço ainda recoberto de sujeira, que se espalhava para baixo, tanto na frente como atrás de seu pescoço. Mary pegou-o pela mão e, quando ela terminou a obra, ele havia se transformado em um ser humano com cara de ser irmão de alguém, sem que suas feições estivessem distintamente marcadas por duas colorações diferentes, como antes. Seus cabelos tinham sido saturados de água, estavam cuidadosamente escovados, e os cachinhos curtos tinham sido penteados de modo a revelar um efeito geral

elegante e simétrico. (Assim que ele se viu sozinho, esticou os cachos, com esforço e dificuldade, alisando os cabelos e fazendo com que ficassem grudados à cabeça, porque ele achava que cachinhos eram coisa de maricas, e o fato de seu cabelo ser naturalmente ondulado o enchia de amargura.) Então Mary retirou do armário o seu melhor terno, que ele só havia usado aos domingos nos últimos dois anos. Esse terno era chamado simplesmente de "a outra roupa" e por aí nós vemos a extensão de seu vestuário. A moça "deu um jeito nele" depois que ele se vestiu sozinho: abotoou até o pescoço seu casaco bem cortado e alisou o vasto colarinho da camisa sobre os ombros; a seguir, escovou-o cuidadosamente e

culminou a operação coroando-o com seu chapéu de palha de duas cores.

Ele agora parecia extremamente melhorado e desconfortável; e de fato sentia-se tão desconfortável quanto parecia estar, porque usar um terno completo de roupas limpas era uma coisa que o incomodava muito. Por alguns momentos, alimentou a esperança de que Mary esquecesse de lhe colocar os sapatos, mas este ideal foi logo desfeito: ela os tinha encerado caprichosamente com um pedaço de sebo, como era o costume na época, e logo os tirou do armário. O garoto perdeu a paciência e reclamou, muito aborrecido, que todo o tempo era obrigado a fazer coisas de que não gostava. Mas Mary respondeu persuasivamente:

– Por favor, Tom, seja um bom menino...

Assim, ele enfiou os pés nos sapatos, resmungando todo o tempo. Mary logo estava pronta e as três crianças saíram para a Escola Dominical, um lugar que Tom odiava com toda a força de seu coração, mas onde Sid e Mary gostavam realmente de ir.

As aulas da Escola Dominical iam das nove às dez e meia; seguia-se o culto para os adultos. Duas das três crianças sempre ficavam voluntariamente para escutar o sermão; a restante, isto é, Tom, permanecia também, mas por razões bem mais fortes: sabia que ia receber alguma espécie de castigo, se não ficasse... Os bancos da igreja tinham encostos altos sem

qualquer estofamento e davam lugar para umas trezentas pessoas. O edifício em si era pequeno e simples, com uma espécie de caixa de madeira de pinheiro em cima do alpendre para representar uma torre. Na porta de entrada, Tom ficou para trás um passo ou dois e abordou um camarada que também estava vestido com suas roupas domingueiras:

– Escute, Bill, tem um cartão amarelo?

– Tenho.

– O que você quer por ele?

– O que você me dá?

– Uma bala de alcaçuz e um anzol.

– Deixe eu ver.

Tom mostrou. Os artigos foram considerados satisfatórios e a propriedade trocou de mãos. Então Tom trocou um par de bolinhas de gude de faixa branca por três cartões vermelhos e mais algumas bobagens que tinha nos bolsos por um par de cartões azuis. Ele “assaltou” outros meninos à medida que iam chegando e continuou a comprar cartões de cores variadas por mais uns dez ou quinze

minutos. Então entrou na igreja, juntamente com um enxame de meninos e meninas limpos mas barulhentos, foi até seu lugar e começou uma discussão com o primeiro companheiro que encontrou. O professor, que era um homem sério e de bastante

idade, interferiu; mas quando virou as costas por um momento, Tom puxou os cabelos de outro menino que estava sentado no banco à sua frente, fingindo que estava absorvido no estudo de seu livro quando o agredido se voltou. Daí a pouco, cravou um alfinete em mais outro dos meninos, só para ouvi-lo dizer "Ai!" – e foi repreendido de novo pelo professor. Na verdade, a turma inteira de Tom seguia o mesmo padrão – eram inquietos, barulhentos e encrenqueiros.

Quando chegou a hora de recitar os versículos, nenhum deles soube dizer os seus perfeitamente, mas teve de ser ajudado ao longo das dificuldades do "caminho". Todavia, eles davam um jeito e chegavam até o fim; e cada um era recompensado com cartõezinhos azuis-claros, sobre os quais vinha impressa uma passagem das Escrituras; cada cartão azul servia como pagamento por dois versículos decorados. Dez cartões azuis correspondiam e podiam ser trocados por um cartão vermelho; dez cartões vermelhos correspondiam a um cartão amarelo. Quem conseguisse juntar dez cartões amarelos ganhava do Superintendente uma Bíblia de encadernação muito simples (que valia quarenta centavos naquela época sem inflação). Quantos de meus leitores terão o interesse e a aplicação para memorizar dois mil versículos, mesmo em troca de uma

Bíblia de luxo, ilustrada por Doré?[2] Pois acontece que Mary tinha ganhado duas Bíblias desta maneira, através do trabalho paciente de dois anos; havia um menino, filho de pais alemães, que tinha ganhado quatro ou cinco. Certa vez, ele recitou três

mil versículos da Bíblia sem parar, mas o esforço mental foi grande demais e a partir desse dia ele se tornou pouco mais que um  idiota – uma tremenda infelicidade para a escola, pois nas grandes ocasiões em que havia adultos presentes, o "Superindentente" (como dizia Tom) sempre chamava esse menino e pedia que mostrasse seus talentos, ou seja, "se exibisse", como diziam os colegas. Somente alguns dos meninos mais velhos conseguiam manter seus cartões e se esforçar naquela tarefa tediosa o tempo suficiente para ganhar uma Bíblia; deste modo, a entrega de um destes prêmios era uma circunstância rara e digna de nota. O aluno que tinha alcançado tal sucesso parecia muito importante

e ficava muito famoso, mesmo que fosse só por um dia. No mesmo instante, o peito de cada estudante se enchia do fogo do Espírito, manifestado através de uma ambição tão duradoura que muitas vezes permanecia acesa por até duas semanas. É possível que a ambição mental de Tom nunca tenha sido despertada por um desses prêmios, mas inquestionavelmente seu ser inteiro tinha desejado muito a glória e o élat[3] que o acompanhavam.

No devido tempo, o Superintendente parou em frente ao púlpito com um hinário fechado em sua mão, no meio de cujas páginas estava inserido seu dedo indicador direito, pedindo a atenção da classe. Quando um superintendente de Escola Dominical faz o seu pequeno discurso costumeiro, um hinário na mão é tão necessário quanto a inevitável partitura na mão

de um cantor que se levanta na plataforma e canta um solo em um concerto. Todavia, a razão desta prática é um profundo mistério, porque nem o hinário nem a partitura costumam ser

consultados pelo executante. Nosso Superintendente era uma criatura magra de trinta e cinco anos de idade, com um cavanhaque louro-avermelhado e cabelos curtos da mesma tonalidade. Usava uma sobrecasaca de pano grosso e duro, cujo colarinho alto quase lhe chegava às orelhas, com duas abas pontiagudas que se curvavam para frente mais ou menos na altura dos cantos de sua boca. Essas abas formavam uma espécie de cerca que o obrigava a olhar diretamente para frente, tendo de girar o corpo inteiro, cada vez que precisava olhar para um dos lados. Seu queixo estava apoiado em uma enorme gravata, tão larga e tão comprida como uma nota promissória, e que terminava por uma franja; as pontas de suas botinas viravam-se em ângulo agudo para cima, segundo a moda da época, como se fossem as pontas dianteiras de um par de esquis – um efeito que era produzido paciente e laboriosamente pelo jovem cavalheiro, através do processo de sentar-se com os dedos dos pés apertados contra uma parede durante horas a fio. Seu nome era sr. Walters e tinha um semblante muito sério a par de um coração muito sincero e honesto; ele considerava os objetos sacros e os lugares sagrados com grande reverência, de tal modo que os mantinha sempre separados dos objetos e coisas mundanos; de fato,

havia chegado a um ponto em que, inconscientemente, a voz que usava durante a Escola Dominical tinha adquirido uma entonação especial, totalmente ausente de seu timbre durante os dias da semana. Ele pôs-se a falar da seguinte maneira:

– Agora, crianças, eu quero que todos vocês estiquem bem as costas e sentem nos bancos o mais bonito que puderem e me deem toda a sua atenção durante um minuto ou dois. Isso mesmo, é assim que eu gosto. É assim que bons meninos e meninas devem fazer sempre. Estou vendo uma meninazinha que está olhando para fora da janela – quem sabe ela acha que eu estou parado lá fora

em algum lugar –, talvez eu tenha trepado em uma das árvores e esteja pregando um sermão aos passarinhos. (Ouviu-se uma série de risinhos, que representavam algum tipo de aplauso.) Eu gostaria de dizer a vocês todos como eu me sinto feliz ao ver tantos rostinhos limpos e alegres reunidos em um lugar como este, aprendendo a fazer as coisas certas e a serem pessoas de bem.

E continuou neste tom, repetindo coisas parecidas. Não é necessário registrar o restante da palestra. Estava enquadrada em um padrão que nunca varia e com o qual todos estamos perfeitamente familiarizados.

Mas o último terço do discurso foi perturbado pelo recomeço de brigas e outras brincadeiras entre alguns dos meninos mais malcomportados, além de murmúrios e demonstrações de

desconforto que se espalharam como as ondas que se esbatem nas praias, afetando toda a assembleia, recobrindo não somente as dunas, mas estendendo-se até mesmo às bases dos rochedos mais isolados e incorruptíveis, como Sid e Mary. Porém todos os sons cessaram subitamente quando a voz do sr. Walters se interrompeu, e a conclusão do discurso foi recebida com um suspiro coletivo de gratidão silenciosa.

Uma boa parte dos cochichos tinha sido provocada por um evento que era mais ou menos raro – a entrada de visitantes. Neste caso, o grupo era formado pelo advogado Thatcher, que estava acompanhado por um homem muito velho e de aparência frágil, por um cavalheiro de meia-idade, robusto e digno, cujos cabelos grisalhos tinham uma tonalidade cinza-aço, e por uma dama cheia de

dignidade que era, sem dúvida, a esposa deste último. A senhora trazia uma criança pela mão. Tom tinha estado inquieto o tempo todo, não parava de se esfregar, trocar de posição, repuxar a roupa e se coçar, afetado por um sério problema de consciência – ele não podia enfrentar os olhares de Amy Lawrence, nem sequer suportava suas expressões amorosas. Mas quando ele viu esta pequena recém-chegada, sua alma explodiu em uma felicidade instantânea.

No momento seguinte, ele estava “se exibindo” o máximo que podia – dando socos nos outros meninos, puxando cabelos,

fazendo caretas; em poucas palavras, apelando para todos os truques que conhecia e acreditava terem uma possibilidade de fascinar a garota e receber seus aplausos. Sua exultação tinha somente uma pequena mácula – a lembrança de sua humilhação no jardim daquele anjo; mas até isso era como um recado escrito na areia da praia, que estava sendo rapidamente apagado pelas ondas de felicidade que o recobriam.

Os visitantes receberam os lugares principais, e assim que o sr. Walters terminou seu discurso, ele os apresentou a toda a escola. O homem de meia-idade demonstrou ser uma personalidade prodigiosa: era o poderoso juiz da Comarca – sem a menor dúvida a mais augusta obra divina que estas crianças jamais haviam contemplado. Todas ficaram imaginando de que tipo de material ele era formado e, por alguma razão, chegaram à conclusão de que ele era capaz de rugir, e ao mesmo tempo em que queriam escutá-lo, tinham medo de que ele soltasse um poderoso rugido dentro da igreja. Ele morava na cidade de Constantinople, que ficava a vinte quilômetros de distância. Um homem viajado, que conhecia o mundo. Seus olhos tinham contemplado o Fórum Municipal, que diziam ser recoberto por um telhado de chapas de estanho fundido. A admiração que estas reflexões inspiravam foi atestada pelo impressionante silêncio e por fileira após fileira de olhares fixos e admirados. Este era o grande juiz Thatcher, irmão do advogado, cujo filho, Jeff Thatcher, imediatamente se

levantou de seu lugar e foi reunir-se a eles, para demonstrar sua familiaridade com o grande homem e ser invejado por toda a escola. Os murmúrios que escutou pareciam música a seus ouvidos.

– Olhe para ele, Jim! Ele está indo até lá. Espia só! Ele vai apertar a mão dele! Está... está apertando a mão dele agora! Puxa vida, você não gostaria de estar no lugar de Jeff?

A essa altura, foi o sr. Walters que começou a "se exibir", mostrando todo o tipo de atitudes oficiais e demonstrações de autoridade, dando ordens sem parar, apresentando opiniões, espalhando instruções a torto e a direito, lançando olhares reprovadores para qualquer alvo que conseguisse encontrar. O bibliotecário também começou a "se mostrar", correndo para cá e para lá com os braços cheios de livros, gaguejando, falando depressa, com todo o estardalhaço, alvoroço, lufa-lufa e espalhafato adotados por qualquer subordinado que receba um tiquinho de autoridade. Até mesmo as jovens professoras começaram "a atuar", curvando-se docemente sobre os alunos que até esse momento estavam recebendo ocasionais cascudos e beliscões, erguendo delicadamente os dedinhos como um aviso aos maus meninos e acariciando amorosamente os favoritos, ou seja, os que se comportavam geralmente bem. Os jovens professores começaram também "a representar", administrando curtas repreensões bem-

humoradas e outras pequenas demonstrações de domínio de classe e de sua preocupação com a disciplina. Na verdade, a maior parte dos professores, de ambos os sexos, descobriu importantes ocupações no armário da pequena biblioteca que ficava junto ao púlpito; de fato, encontrou necessidades tão inadiáveis que tinham de ser realizadas duas ou três vezes (com muitas mesuras e desculpas). As meninas começaram igualmente a "se exibir" de maneiras variadas e os meninos logo principiaram a "se mostrar" também – com tanta diligência que logo o ar ficou cheio de bolas de papel amassado e do ruído de pés arrastados, acompanhados dos consequentes arranhões e puxões. Acima de tudo isto, o grande homem permanecia sentado, transpirando bondade em um majestoso sorriso judicial que abrangia toda a assistência. Seu coração sentia-se aquecido pelo sol de sua própria grandeza, porque, à sua maneira, até ele estava "se exibindo". Faltava somente uma coisa para tornar completo o êxtase do sr.

Walters, e esta era a oportunidade de entregar um prêmio bíblico a um dos alunos e aproveitar a chance de exibir mais um prodígio. Diversos alunos tinham alguns cartões amarelos, mas nenhum tinha o suficiente – de fato, ele já tinha feito "a revista em suas tropas" e interrogara ansiosamente os alunos mais aplicados. Ele teria dado qualquer coisa, dentro do razoável, para ter aquele menino alemão de volta à Escola Dominical, de preferência com a mente em perfeito estado.

Foi neste momento em que todas as esperanças pareciam perdidas, que Tom Sawy er avançou com nove cartões amarelos, nove cartões vermelhos e dez azuis e exigiu receber uma Bíblia! Isto foi como um raio saído do azul de um céu sem nuvens, um relâmpago sem trovão, um corisco sem o menor sinal de tempestade! O sr. Walters não esperava uma solicitação desta fonte pelo menos durante os próximos dez anos. Mas não havia como contornar a situação – era como se ele tivesse apresentado cartas de crédito certificadas pelo mais sério dos bancos e ninguém pudesse se recusar a aceitá-las. Tom foi, portanto, elevado a um lugar junto ao juiz e aos outros eleitos e a grande notícia foi anunciada a todos os presentes. Foi a surpresa mais espantosa de toda uma década! A sensação foi tão profunda que o novo herói foi erguido à mesma altitude que o homem das leis e a escola tinha agora duas maravilhas para contemplar em lugar de uma. Todos os meninos sentiram seus corações devorados de inveja, mas os que sofreram as maiores agonias foram justamente aqueles que perceberam tarde demais que eles mesmos haviam contribuído para este odiado esplendor, vendendo cartões a Tom em troca de parte da riqueza que ele tinha entesourado ao alugar o duvidoso privilégio de pintar uma cerca de branco. Os coitados sentiram o maior desprezo por si próprios, os otários de uma fraude ardilosa cometida por aquela serpente que surgira do meio do gramado da igreja e os havia ludibriado a todos.

O prêmio foi entregue a Tom com o máximo de efusão que o Superintendente conseguiu reunir dentro das circunstâncias; mas ficou realmente faltando um pouco do verdadeiro entusiasmo, porque a intuição do pobre homem lhe insinuava que havia um profundo mistério por trás desta realização, alguma coisa que não poderia ser examinada cuidadosamente à clara luz do sol; talvez simplesmente parecesse impossível que justamente este menino fosse aquele que havia armazenado dois mil trechos da Sabedoria das Escrituras dentro dos acanhados limites de seu espírito – sem a menor dúvida, uma dúzia de versículos

ocuparia todo o espaço disponível e ainda ficaria apertado. Amy Lawrence, entretanto, ficou feliz e orgulhosa e fez o possível para que Tom percebesse toda a carinhosa vaidade que transparecia em seu rostinho; mas, por alguma razão, ele nem olhava para ela. Primeiro, ela ficou surpresa; depois, um tantinho perturbada; a seguir, uma leve suspeita perpassou-lhe a alma, entrou, saiu, entrou de novo – ela observou com o maior cuidado e um olhar furtivo comunicou-lhe um mundo de informações – depois, seu coraçãozinho se partiu e ela ficou enciumada, cheia de raiva, as lágrimas brotando de seus olhos, odiando o mundo inteiro, mas Tom acima de tudo, pelo menos naquele momento.

Tom foi apresentado ao juiz, mas sua língua estava travada, sua respiração mal saía, pelo seu coração passava um

terremoto – em parte, devido à espantosa grandeza do homem, mas principalmente porque este era o pai dela. Se não estivessem todos olhando, ou pelo menos, se estivesse um pouco mais escuro, ele se jogaria no chão diante dele, para adorá-lo. O juiz pôs sua mão sobre a cabeça de Tom e declarou que ele era um excelente jovem; depois, perguntou-lhe o nome. O menino gaguejou, engoliu em seco e, finalmente, conseguiu emitir um som abafado:

– Tom...

– Oh, não, não pode ser Tom. Deve ser...

– Thomas.

– Ah, melhorou. Achei que não podia ser somente Tom, devia haver alguma coisa mais. Pois muito bem, meu rapaz. Mas você deve possuir um outro nome, acredito. E vai me dizer qual é, não vai?

– Diga ao cavalheiro seu outro nome, Thomas – disse Walters. – E diga "senhor". Não esqueça de suas boas maneiras.

– Thomas Sawy er... senhor.

– Ah, agora sim! Este é um bom menino. Um ótimo menino. Um ótimo rapazinho, muito corajoso e empreendedor. Dois mil versículos decorados são uma coisa impressionante. Realmente, uma coisa muito, muito importante. E você nunca se arrependerá do esforço que dispendeu para memorizá-los; porque o conhecimento vale mais do que qualquer outra coisa

neste mundo. É o conhecimento que torna os homens grandes e bondosos. Garanto que você mesmo será um grande homem cheio de bondade. No futuro, naturalmente, Thomas.

Após uma pequena pausa para efeito, ele prosseguiu:

– E então, ao olhar para trás, você lembrará de sua infância e dirá: tudo o que sou, eu devo aos preciosos privilégios adquiridos na Escola Dominical durante minha juventude; tudo o que sou, eu devo a meus queridos professores que me ensinaram a estudar; tudo o que sou, eu devo ao bom Superintendente, que me encorajou e me amparou e me deu uma linda Bíblia, uma Bíblia esplêndida e elegante, que eu vou guardar comigo e conservar durante toda a minha vida; tudo o que sou, eu devo à bela educação que recebi! É isso que você dirá, Thomas. E você não trocaria esses dois mil versículos por dinheiro algum; de fato, não trocaria por nada. Bem, agora eu acho que você não se importará de contar para mim e para esta digna senhora que está comigo algumas das coisas que aprendeu aqui – eu sei que terá prazer em nos contar – porque todos nós

sentimos orgulho dos jovens aplicados que se dedicam ao estudo. Vamos ver, sem dúvida você sabe os nomes dos Doze Discípulos de Cristo. Não precisa recitar todos, mas diga-nos os nomes dos dois primeiros que foram escolhidos!

A essa altura, Tom estava retorcendo sem parar um dos botões de seu casaco, como se pretendesse arrancá-lo. Parecia realmente muito tímido e encabulado. Seu rosto ficou muito vermelho e seus olhos ficaram grudados no assoalho da igreja. O coração do sr. Walters se afundou em seu peito. Ele disse consigo mesmo: “Não é possível que esse rapaz possa responder as mais simples das questões. Por que o juiz foi perguntar logo a ele?” Mesmo assim, foi obrigado a altear a voz e dizer:

– Responda ao cavalheiro, Thomas – não tenha medo. Tom ficou com o rosto mais vermelho ainda.

– Ora, eu sei que para mim você dirá – falou a senhora, com a voz cheia de compreensão maternal. – Os nomes dos dois primeiros discípulos eram...

– DAVID E GOLIAS!

Vamos puxar a cortina caridosamente sobre o restante desta cena trágica.

[4]

[1]. O Monte Sinai fica na península do mesmo nome, localizada no nordeste do Egito, entre os golfos de Suez e de Áqaba.

Segundo a Bíblia, Moisés recebeu as Tábuas da Lei com os Dez Mandamentos no alto deste monte. (N.T.)

[2]. Paul-Gustave Doré, 1832-1883, famoso desenhista, pintor e gravador francês. Além da Bíblia, entre suas obras mais conhecidas estão as ilustrações detalhistas do Dom Quixote, de Miguel de Cervantes Saavedra, e da Divina Comédia, de Dante Alighieri. (N.T.)

[3]. Glória e arrebatamento. Contração de élan: impulso, arrojo, arrebatamento, e éclat: brilho intenso, glória, esplendor. Em francês no original. (N.T.)

[4]. David e Golias são personagens do Velho Testamento que se enfrentaram em duelo durante o reinado do Rei Saul, na batalha de Succoth ou de Ephes-Dammin, e não apóstolos. O menino hebreu David matou o gigante filisteu Golias com uma pedrada lançada por meio de uma funda. (N.T.)

## C A P I T U L O V

Por volta das dez e meia, o sino rachado da igrejinha começou a badalar e, aos poucos, as pessoas foram se reunindo para escutar o sermão matutino. As crianças da Escola Dominical distribuíram-se através da nave, ocupando bancos junto a seus pais, conforme era o costume, para serem mantidas sob controle.

Tia Polly também veio e Tom, Sid e Mary sentaram-se com ela. Só que mandaram Tom sentar-se na ponta do banco, junto ao corredor central, a fim de ficar o mais distante possível da janela e das sedutoras cenas de verão que ela revelava do lado de fora do templo. O povo foi entrando pelo corredor central: o velho agente de correios, que passava necessidades e já tinha visto melhores dias; o prefeito e sua esposa – porque eles tinham eleito um prefeito na aldeia, entre outras coisas completamente desnecessárias; o prefeito era um homem muito respeitável e bastante curvado, que entrou junto com sua esposa, a sra. Ward.

Seguiram-se o juiz de Paz e depois a viúva Douglas, bonita e elegante aos quarenta anos, de coração bondoso e alma cheia de caridade cristã, cuja mansão na colina era o único prédio que poderia ser chamado de palácio em todo o vilarejo; ela também era a pessoa mais hospitaleira e de longe a mais generosa, cada vez que pediam contribuições para as

pequenas festividades realizadas em St. Petersburg. Logo a seguir, entrou o advogado Riverson, uma pessoa notável, que tinha chegado recentemente ao município, vinda de um lugar muito distante; depois a garota que era considerada a mais bonita do lugar, seguida por um bando de amigas, todas ostentando vestidos de verão cheios de fitas; então vieram as outras moças da cidadezinha que eram bonitas o bastante para partir os corações dos rapazes; mais adiante, entraram os jovens empregados do comércio local, todos juntos também, porque tinham ficado parados no alpendre da igreja balançando as bengalas, uma verdadeira muralha de admiradores de olhares ternos e cabelos untados de óleo, até que a última das belas garotas tivesse recebido deles toda a adoração que merecia. Depois que todos estes haviam entrado, chegou o menino modelo da aldeia, Willie Mufferson, de braço dado com a mãe e demonstrando ter os maiores cuidados para com ela, como se fosse feita de vidro. Ele sempre trazia sua mãe até a igreja e era o queridinho de todas as matronas. Era tão bonzinho que todos os meninos o odiavam, principalmente porque estavam sempre comparando o procedimento dele de maneira desfavorável ao comportamento de todos os outros. Willie tinha o costume de usar um lenço branco no bolso traseiro das calças e deixava uma ponta bem comprida aparecendo por baixo da aba do casaco, proeza que repetia todos os domingos, fingindo que a ponta do lenço tinha ficado para fora por acidente. O próprio Tom não tinha lenço nenhum e achava que qualquer menino que tivesse era um exibido

metido a besta. Agora que a congregação estava toda reunida, o sino tangeu mais uma vez, para avisar aos retardatários e aos preguiçosos; e então um silêncio solene caiu sobre a igreja, quebrado unicamente pelos cochichos e risadinhas nervosas do coro posicionado na galeria. Os cantores do coro passavam sussurrando e dando risadinhas baixas durante todo o ofício.

Uma vez eu ouvi falar em um coro de igreja que não era assim mal-educado e

passava o ofício inteiro em silêncio respeitoso, salvo nas horas em que devia cantar, mas já me esqueci em que cidade era e em que época foi isso. Mas é quase certo que esse coro existiu há muito tempo atrás e devo confessar que não me lembro muito bem do que me contaram, mas deve ter sido em algum lugar no estrangeiro.

O Ministro disse o número do hino e leu toda a letra, declamando, com evidente prazer, em um estilo peculiar muito admirado nessa parte do país. Sua voz começava em um tom médio e ia subindo constante mas firmemente, até atingir um certo ponto, em que se destacava com forte ênfase a palavra mais alta, baixando subitamente o tom a partir dela, como se tivesse saltado de um trampolim:

Todo o povo o considerava um magnífico leitor. Nas reuniões da Sociedade Auxiliadora de Senhoras ele era sempre chamado para ler poesia. Cada vez que terminava um trecho, as dignas damas erguiam as mãos para o teto e deixavam- nas cair no colo; depois, arregalavam os olhos e sacudiam as cabeças, como se estivessem dizendo: “Não há palavras que possam expressar nossa admiração; é muito bonito, bonito demais para este mundo mortal”.

Depois que o hino foi cantado, o reverendo sr. Sprague transformou-se em um quadro de avisos humano e leu as “notícias” de reuniões e sociedades religiosas e outras coisas, parecendo que a lista ia se estender até o estrondar do Juízo Final – um estranho costume que ainda é mantido nas igrejas da América, mesmo nas cidades, nesta época em que existem

tantos jornais e as igrejas imprimem precariamente seus próprios boletins paroquiais. Mas é frequente que seja justamente a falta de razões para justificar um costume tradicional que torne tão difícil livrar-se dele.

Depois, o Ministro rezou. Foi uma boa e generosa oração, cheia de detalhes: suplicava que a proteção divina se derramasse sobre a Igreja e pelos

pequenos Filhos da Igreja; intercedia pelas outras igrejas da aldeia; pela própria aldeia, pelo município e pelo estado; pedia a proteção divina para todas as autoridades e que as bênçãos de Deus se derramassem sobre os Estados Unidos da América; solicitava a proteção divina para o Congresso Americano, para o Presidente e ainda para todos os Ministros de Estado; pedia que Deus se lembrasse dos pobres marinheiros sacudidos por mares tempestuosos; que tivesse pena dos infelizes milhões de pessoas oprimidas e gemendo sob o tacão das botas das monarquias europeias ou sofrendo a arrogância dos déspotas orientais; que esclarecesse todos aqueles que enxergaram a luz e escutaram as boas-novas e todavia não tiveram olhos para ver nem ouvidos para ouvir Suas mensagens e conservá-las em seus corações; e que espalhasse Sua Luz Divina sobre os pagãos que habitavam nas distantes ilhas do mar; e concluiu com uma súplica para que as palavras que estava a ponto de proferir fossem abençoadas com graça e favor e se transformassem na Boa Semente lançada sobre solo fértil,

produzindo no devido tempo a Colheita do Bem que haveria de encher todos os corações de Gratidão. Amém.

Ouviu-se o farfalhar dos vestidos sobre os assentos e encostos dos bancos, e a congregação, que havia permanecido de pé durante a prece, sentou-se. O menino cuja história este livro relata não gostou da reza, apenas a suportou.

Entretanto, ele se remexeu durante toda a longa alocução; ficou contando inconscientemente todos os detalhes da oração – que, na realidade, nem estava escutando, porque conhecia bem o terreno e sabia qual era a rota habitual do clérigo através dele –, e quando uma pequena variação foi introduzida, seu ouvido a detectou de imediato e sua natureza inteira encheu-se de ressentimento. Ele considerava injustas as adições, como se o pastor estivesse proferindo uma zombaria com o objetivo direto de esgotar a sua paciência. No meio da oração, uma mosca tinha pousado no banco à sua frente, e ficou torturando seu espírito com a tranquilidade com que esfregava as patinhas dianteiras. O inseto abraçava sua própria cabeça e dava a impressão de que a estava lustrando tão vigorosamente como se não fizesse parte de seu próprio corpo, enquanto expunha o pescocinho tão fino que parecia um fio de cabelo; ele coçava as asinhas com suas patas traseiras e as apertava contra o corpo como se fossem as abas de uma sobrecasaca; dedicava-se a toda esta toalete tão calmamente como se estivesse na perfeita segurança de seu ninho. E realmente estava, porque as mãos de Tom ansiavam

por agarrá-la, mas ele não ousava – ele sinceramente acreditava que sua alma seria instantaneamente lançada às profundezas do inferno, se fizesse uma coisa dessas durante a reza do pastor. Porém, no momento em que a sentença final foi proferida, sua mão começou a curvar-se e avançar lentamente para a frente; e no instante em que a congregação acabou de ecoar um sonoro "Amém!", a mosca tinha se tornado uma prisioneira de guerra. Todavia, por desventura, sua tia observou-lhe o ato e obrigou-o a soltar o bichinho.

O Ministro leu o trecho da Bíblia que inspirava seu sermão e pôs-se a discorrer monotonamente sobre um assunto tão repetitivo que muitas cabeças começaram aos poucos a balançar de sono – mesmo que a prédica versasse sobre o fogo e o enxofre infinitos da condenação final, reduzindo os eleitos "predestinados"[1] a tão poucos, que praticamente não valia o esforço pela

salvação. Tom ficou contando as páginas do sermão à medida que o Reverendo as virava; depois dos ofícios, ele sempre sabia de cor quantas páginas haviam sido lidas, mas raramente lembrava de qualquer outra coisa sobre o teor do discurso.

Entretanto, pelo menos desta vez ele ficou realmente interessado, mesmo que fosse por um curto período de tempo. O Ministro descreveu o grande cenário comovente da reunião dos exércitos do mundo naquele instante do Milênio em que o

leão e o cordeiro se deitariam juntos e uma criança de peito os conduziria. Mas a melancolia, a lição e a moral contidas no grande espetáculo simplesmente não foram compreendidas pelo menino; ele somente pensava em como os personagens principais se destacavam na plataforma diante da assembleia das nações; seu rosto se iluminou com o pensamento e disse para si mesmo que gostaria de ser aquela criança, desde que o leão fosse manso.

Depois disso, ele começou de novo a sofrer, à medida que foi retomado o monótono argumento. Em certo momento, ele se recordou de um tesouro que tinha no bolso e tirou-o para fora. Era um grande escaravelho negro com mandíbulas formidáveis – um “bicho-beliscão”, como ele o chamava. Estava dentro de uma caixinha de espoletas. A primeira coisa que o escaravelho fez foi agarrar-lhe o dedo. Seguiu-se um combate e um safanão e  o inseto foi lançado no corredor central da nave, com a infelicidade de  cair de  costas, enquanto o dedo machucado era levado à boca do menino. O escaravelho permaneceu onde havia caído, movimentando desamparadamente as pernas, incapaz de se virar. Tom ficou a observar-lhe os esforços, com uma enorme vontade de agarrá-lo de novo, mas tinha sido atirado muito além do seu alcance. Outras pessoas, que tampouco estavam interessadas no sermão, encontraram uma espécie de  alívio nas manobras inúteis do escaravelho e também ficaram olhando.

Após algum tempo, um cãozinho poodle que andava à solta entrou na igreja sem qualquer motivo especial, somente por sentir-se solitário e com o coraçãozinho cheio de tristeza. Caminhava lentamente, com a preguiça do verão e o cansaço tranquilo do cativeiro, suspirando por uma mudança. Enxergou o escaravelho: seu rabinho murcho ergueu-se e começou a sacudir. Examinou o tesouro; caminhou ao redor dele; deu uma cheirada a uma distância segura; caminhou de novo em volta dele; sentiu-se mais ousado e farejou mais de perto; então, abriu os beiços e fez uma tentativa desajeitada para abocanhá-lo; esticou a patinha, sem chegar a tocá-lo; esticou de novo, começando a apreciar o divertimento; deitou-se sobre a barriga, conservando o escaravelho entre suas patas dianteiras, e continuou com suas experiências. Finalmente, cansou-se e então ficou indiferente, chegando a se esquecer do escaravelho. Sua cabeça começou a balançar de sono e, aos poucos, seu queixo desceu e tocou o inimigo, que aproveitou a oportunidade. Houve um ganido agudo, várias sacudidelas da cabeça do poodle e o escaravelho caiu a uns dois metros de distância, novamente de costas. Os espectadores mais próximos se sacudiram com uma discreta alegria interior e diversos rostos se esconderam por trás de leques e lenços, deixando Tom completamente feliz. O cãozinho parecia abobalhado e provavelmente era assim que se sentia; mas, ao mesmo tempo, seu coraçãozinho estava cheio de ressentimento e ansiava por vingança; assim, ele retornou até

onde caíra o escaravelho e iniciou um novo e cauteloso ataque: fazia círculos em torno dele e pulava para um lado, vindo de todas as direções, mas tendo o cuidado de sempre manter as patinhas dianteiras a uns dois ou três centímetros de distância; avançava com o focinho e mordia o ar um pouco mais perto, mas ainda sem tocar o inseto; e sacudia a cabeça com tanta força que as orelhas ficavam balançando. Depois de algum tempo, cansou-se de novo, tentou divertir- se com uma mosca, mas não sentiu qualquer alívio; seguiu uma formiga, com o focinho rente ao solo, porém rapidamente se cansou dela também; bocejou, suspirou, esqueceu-se inteiramente do escaravelho e acabou por sentar-se logo em cima dele! Ouviu-se de imediato um ladrido de agonia e o poodle saiu em disparada pelo corredor central. Os ganidos continuaram e o cachorro subiu até o santuário; atravessou a igreja bem em frente ao altar, sem se lembrar de curvar- se em genuflexão; retornou aos pulos pelo corredor lateral, cruzou o espaço que ficava em frente às portas e veio tropeçando pelo corredor lateral oposto. Sua angústia aumentava com o tempo e o terror lhe dava asas, até que se transformou em um pequeno cometa lanudo, movendo-se em órbita com o brilho e a velocidade da luz. Finalmente, o frenético sofredor atingiu seu objetivo, enveredou por um banco e saltou no colo de seu dono; porém este imediatamente o jogou pela janela e a voz agoniada diminuiu rapidamente e perdeu-se na distância.

A esta altura, a igreja inteira estava de rosto vermelho, sufocando-se com risos reprimidos e o sermão tinha parado completamente. Pouco depois, o discurso recomeçou, mas havia perdido o ímpeto e o entusiasmo; o pastor se interrompia e recomeçava; toda a possibilidade de causar uma impressão duradoura sobre os ouvintes tinha se esvaído; porque até mesmo os sentimentos mais graves eram recebidos com um ímpio acesso de riso sufocado, mal disfarçado pelo encosto de algum banco, sob o qual se encolhia uma cabeça, como se o pobre pároco tivesse dito uma pilhéria muito engraçada. A congregação inteira sentiu-se aliviada quando a tortura acabou e a bênção foi pronunciada.

Tom Sawy er voltou para casa muito contente, pensando que os ofícios divinos podiam ser até agradáveis, quando se introduzia neles uma pequena variação. Somente um pensamento empanava sua felicidade: estava disposto a deixar que o cachorro brincasse com seu "bicho-beliscão", só que ele deveria tê-  lo devolvido – não tinha sido direito que o animal fugisse com seu brinquedo.

[1]. Doutrina religiosa de origem calvinista, esposada principalmente pela Igreja Presbiteriana, a qual afirma que Deus, em consequência de seu conhecimento prévio de todos

os eventos, infalivelmente guia para a salvação todos aqueles que para ela estão destinados. (N.T.)

## C A P I T U L O VI

Na manhã de segunda-feira, Tom Sawy er sentia-se totalmente miserável. Ele sempre ficava assim nas manhãs de segunda-feira, porque começava um novo sofrimento semanal na escola. Em geral, ele começava a semana achando que era melhor nem ter gozado uns dias de folga, porque retornar para o cativeiro e os grilhões era muito mais odioso depois dos feriados.

Tom permaneceu deitado, pensando. Subitamente, surgiu-lhe a ideia de que seria preferível estar doente, porque então poderia ficar em casa, sem ir à escola. Ora, esta era uma vaga possibilidade. Examinou seu coro dos pés à cabeça. Nenhuma perturbação foi encontrada e ele tentou de novo. Desta vez, ele imaginou poder detectar alguns sintomas de cólicas e começou a encorajá- los com esperança considerável. Mas logo enfraqueceram; e depois de algum tempo, já não sentia mais nada. Refletiu mais um pouco. Subitamente, descobriu uma coisa: um de seus dentes superiores estava frouxo. Mas que sorte! Já estava a ponto de começar a gemer, como estratégia inicial, um “arranque”, conforme ele chamava, quando lhe ocorreu que, se ele fosse ao “tribunal” que sua tia presidia e apresentasse aquele argumento como desculpa para não ir à aula, ela iria justamente “arrancar” o dente e isso ia doer. Assim, ele considerou deixar o dente temporariamente em reserva e procurar uma outra desculpa. Por algum tempo,

nenhum de seus membros se ofereceu como voluntário, mas depois ele recordou de uma certa coisa que o doutor havia contado sobre um paciente que tivera de ficar retido no leito por duas ou três semanas e quase perdera um dedo. Ansiosamente, o menino retirou o dedão do pé de baixo dos lençóis e ergueu-o no ar para inspeção. De fato, doía um pouquinho, mas ele não conhecia os sintomas necessários para apresentar seu caso. Todavia, aparentemente valia a pena fazer uma tentativa e ele se pôs a gemer com entusiasmo considerável.

Entretanto, Sid continuava a dormir, inconsciente de seu sofrimento.

Tom gemeu mais alto e imaginou que começava a sentir fortes dores no dedão.

Seus esforços não produziram o menor resultado sobre Sid.

A essa altura, Tom havia gemido tanto que estava ofegando. Descansou um pouco, para recuperar o fôlego, e então encheu-se de coragem – o suficiente para produzir uma série de admiráveis gemidos.

Sid continuava roncando.

Tom começou a ficar aborrecido. Ele disse: “Sid, Sid!”, e sacudiu o irmão. Esta nova tática funcionou melhor e Tom pôs-se de novo a gemer. Sid bocejou, espreguiçou-se, e então apoiou a cabeça em um dos cotovelos, ao mesmo tempo em que emitia

um ronco breve, e ficou olhando para Tom. Tom incrementou seu desempenho, e Sid indagou:

– Tom! Fale, Tom! Nada de resposta.

– Ei, Tom! Tom! Que é que há, Tom? – falou o menino, enquanto o sacudia e olhava ansiosamente para seu rosto.

Tom emitiu um gemido alto:

– Ah, não, Sid! Por favor, não me sacuda!

– Por quê? Qual é o problema, Tom? Vou chamar a titia.

– Não, não se preocupe. Daqui a pouco passa, acho eu. Não chame ninguém.

– Mas eu tenho de chamar! Não fique gemendo tanto, Tom. Está me deixando com medo. Há quanto tempo você está assim?

– Faz horas. Ai! Não se mexa tanto: está sacudindo o colchão, Sid. Você vai me matar!

– Tom, por que não me acordou antes? Puxa, Tom, pare com isso! Estou ficando todo arrepiado só de escutar você! Tom, o que está sentindo?

– Eu perdoo você por tudo, Sid. (Gemido.) Eu te perdoo por tudo o que você me fez. Quando eu não estiver mais aqui...

– Oh, Tom, você não está morrendo, está? Não morra, Tom! Por favor, não morra! O que é que eu posso fazer por você? Quem sabe se...

– Eu perdoo a todos, Sid. (Gemido.) Diga a todo mundo que eu perdoei a todos, Sid. Olhe, Sid, dê a cortina da minha janela e também aquele gatinho de um olho só para aquela menina que chegou faz pouco na cidade e diga a ela...

Mas Sid tinha agarrado suas roupas e saído às pressas do quarto. Tom estava sofrendo realmente agora, porque sua imaginação era de fato muito vívida e seus gemidos mais recentes haviam assumido um tom absolutamente genuíno.

Sid desceu correndo as escadas e disse:

– Oh, tia Polly, venha depressa! Tom está morrendo!

– Morrendo?

– Sim, “siora”. Está morrendo, venha depressa!

– Besteira! Não acredito nisso!

Mesmo assim, ela subiu as escadas bem depressa, com Sid e Mary nos calcanhares. Seu rosto ficou muito branco e seus lábios tremiam. Quando ela chegou à beira da cama, as palavras saíram em borbotões:

– Vamos, Tom! Tom, o que é que há com você?

– Oh, titia, eu...

– O que é que se passa com você? O que está sentindo, criança?

– Oh, titia, meu dedo machucado morreu!

A velha senhora deixou-se cair em uma cadeira e riu um pouquinho, depois chorou outro pouquinho e então riu e chorou ao mesmo tempo. Sentiu-se aliviada e disse:

– Tom, mas que susto você me deu! Agora, cale a boca, pare de gemer, acabe com essa besteirada toda e levante dessa cama!...

Os gemidos cessaram de imediato e a dor desapareceu milagrosamente do dedão. O menino achou que tinha feito papel de bobo e disse:

– Tia Polly, parecia que o meu dedão tinha morrido e eu fiquei tão preocupado que até esqueci que estava com dor de dentes!

– Com dor de dentes, é? E qual é o problema com seus dentes?

– Estou com um dente frouxo e sinto uma dor horrorosa!

– Espere aí, não me comece a gemer de novo. Abra a boca. Bem – disse ela, experimentando com o dedo –, seu dente está mesmo frouxo, mas você não

vai morrer por isso. Mary, traga-me um fio de seda e um tição aceso do fogão da cozinha.

Tom disse apressadamente:

– Oh, por favor, titia, não arranque meu dente! Não estou sentindo mais dor nenhuma. Juro que não dói. Quero ficar "paralético", se estiver doendo! Por favor, titia, não arranque, eu não quero ter de ficar em casa e perder aula!

– Ah, então não quer? Isto quer dizer que armou toda esta confusão para ficar em casa matando aula e depois escapar pela janela para ir pescar? Tom, Tom, eu amo tanto você, mas parece que você arranja todas as maneiras possíveis para quebrar meu velho coração com suas travessuras!

A esta altura, os instrumentos dentais estavam prontos. A velha senhora amarrou firmemente uma das pontas do fio de seda no dente de Tom e deu uma volta com a outra ponta, que atou com igual firmeza na coluna dos pés da cama. Então, ela pegou a acha de lenha com a ponta vermelha de fogo e subitamente avançou com ela contra o rosto do menino, que recuou assustado. O dente frouxo ficou pendurado, balançando junto ao pé da cama.

Mas todo o sofrimento tem sua compensação. Depois do café da manhã, Tom foi caminhando vagarosamente para a escola e todos os outros meninos ficaram com uma enorme inveja dele, porque a falha entre seus dentes superiores lhe permitia agora cuspir de uma maneira nova e admirável. Ele reuniu um

“séquito” bastante grande de meninos, todos profundamente interessados na exibição; um deles, que tinha um corte em um dedo, o qual o tornara até esse momento o centro da fascinação e  o foco das homenagens de toda a escola, descobriu-se subitamente sem admiradores e privado de sua glória. Seu coração ficou pesaroso e resmungou com desdém que não achava nada de mais em cuspir como Tom Sawy er estava cuspindo; mas outro dos meninos zombou: – “Uvas verdes!”, e ele separou-se do grupo, vagando errante como um herói injustiçado.[1]

Depois de algum tempo, Tom encontrou o pária juvenil da aldeia, Huckleberry Finn, filho de um bêbado contumaz. Huckleberry era cordialmente odiado e temido por todas as mães da cidadezinha, porque ele era um vagabundo vulgar, sem lei nem rei, sem eira nem beira, uma péssima companhia para seus filhos – especialmente porque todos os meninos o admiravam profundamente e sentiam o maior prazer em andar com ele, apesar de estarem proibidos; no fundo de seus corações, desejavam ser iguais a ele. Tom, juntamente com todos os demais meninos respeitáveis, invejava a condição alegre de excluído gozada por Huckleberry. Também ele tinha ordens estritas para não brincar com o outro.

Assim, eles brincavam juntos toda vez que  surgia  uma oportunidade. Huckleberry estava sempre usando roupas velhas refugadas por homens adultos, permanentemente ostentando farrapos coloridos, como se fosse uma bandeja de

frutas. Seus cabelos eram um espetáculo horrível, formando uma espécie de meia-lua recortada nas pontas com uma lâmina de faca. Seu casaco, quando ele usava um, chegava-lhe quase aos tornozelos e os botões desciam quase até o chão; suas calças eram sustentadas por um único suspensório, o fundilho descia até a metade das coxas e parecia não conter nada. As pernas das calças, completamente rasgadas e esfiapadas, arrastavam-se atrás dele pelo chão,

quando não estavam arregaçadas. Mas acontece que Huckleberry ia e vinha para onde lhe dava na telha. Quando o tempo estava bom, dormia na soleira das portas; se chovesse, entrava dentro de um barril virado; melhor que tudo, ele não tinha de ir à escola e nem à igreja; não obedecia a ninguém, não tinha casa nem patrão; podia ir pescar ou nadar sempre que quisesse e ficar até a hora que lhe agradasse. Ninguém o repreendia, se entrasse em uma briga; ficava na rua até altas horas; era sempre o primeiro menino a andar descalço na primavera e o último a colocar algum tipo de calçado no outono. Mais ainda, nunca tinha de se lavar, não punha roupa limpa e sabia praguejar e dizer um monte de outras palavras maravilhosas que os meninos nunca ouviam em casa. Em resumo, aquele rapaz possuía todas as coisas que concorrem para tornar a vida preciosa. Pelo menos, era o que pensavam todos os rapazes perseguidos, atormentados, repreendidos e

respeitáveis de St. Petersburg. Imediatamente, Tom saudou o romântico indesejável:

– Alô, Huckleberry !

– Pegue seu alô, enfie na cabeça e veja se gosta.

– Que é que você tem na mão?

– Um gato morto.

– Deixe eu pegar, Huck. Caramba, como está duro! Onde foi que você encontrou ele?

– Comprei de um carinha.

– A troco de quê?

– Eu dei pra ele um cartão azul e uma bexiga que consegui no matadouro.

– E onde é que conseguiu o cartão azul?

– Comprei do Ben Rogers faiz duas semana por um ferrinho de empurrar

arco.

– Me diz uma coisa – para que serve um gato morto, Huck?

– Pra que serve? Ora, pra curar verrugas!

– É mesmo? Quem diria! Pois eu sei de uma coisa melhor.

– Aposto que não sabe. O que é?

– Ora, água de toco.

– Água de toco? Pois eu não dava uma agulha quebrada por água de toco.

– Ah, não dava, não dava! Você já experimentou?

– Eu não. Mas Bob Tanner sim.

– Quem foi que lhe disse?

– Bem, ele contou a Jeff Thatcher e Jeff contou pra Johnny Baker e Johnny

contou a Jim Hollis e Jim contou a Ben Rogers e Ben contou a um negrão e o negrão me contou. Viu!?

– Bem, e daí? Todos eles são uns mentirosos. Pelo menos, todos os garotos são, o negrão eu não sei. Eu nem sei que negrão é. Mas nunca vi um negro que não mentisse. Grande coisa! Agora me conte o jeito que Bob Tanner fez o troço, Huck.

– Ora, ele pegou a mão e enfiou dentro de um toco meio podre que tava cheio de água da chuva, foi o que ele feiz!

– Fez de dia?

– Mais decerto!

– Com  a cara virada para o toco?

– Sim. Pelo menos, acho que foi.

– E ele falou alguma coisa?

– Que eu saiba, não falou nada. Eu não sei.

– Aha! E como é que ele vai curar verrugas com água de toco de um jeito assim tão idiota? Ora, assim não vai adiantar nada! Você tem de ir sozinho até o meio do mato, encontrar uma árvore cortada que tenha um toco cheio de água dentro, e à meia-noite em ponto você vai de costas até o toco, enfia a mão dentro da água e diz:

Grão de cevada, farinha de índio, uga-buga-uga, Água de toco, água de toco, engole esta verruga![2]

E depois, você caminha para longe bem depressa, onze passos de olhos fechados, e aí dá três voltas e caminha para casa mais depressa ainda, sem falar com ninguém. Isso é porque, se você falar, quebra o encanto.

– Bem, desse jeito inté parece que tá certo, mas não foi ansim que o Bob Tanner feiz.

– Não, senhor, não mesmo, pode apostar que ele não fez desse jeito, porque ele é o guri com mais verrugas da cidade; e não ia ter nem uma só verruga se soubesse como é que se trabalha com água de toco. Eu já tirei milhares de verrugas das minhas mãos desse jeito, Huck! É que eu brinco muito com sapos e estou sempre pegando um monte de verrugas. Quando eu não quero ir no mato de noite, algumas vezes eu tiro elas com casca de vagem.

– Ah, é, vagem é bom. Eu já tirei umas ansim.

– Já tirou? E qual é o jeito que você faz?

– A gente abre a vagem ao meio e dá um cortezinho na verruga pra tirar um pouco de sangue e então põe uma gota de sangue em um dos dois pedaços da vagem e aí a gente vai até uma encruzilhada e cava um buraco bem no meio e enterra a casca de vagem pela meia-noite, mas tem de ser em noite de lua nova, quando tá mais escuro; e depois a gente pega o outro pedaço da vagem e queima no fogo. Você sabe, aquela metade com o sangue que foi enterrada vai continuar puxando e puxando, tentando se grudar de novo na outra metade que a gente tirou e depois queimou; e como a vagem não consegue, o que ela faiz é puxar o sangue da verruga da gente e logo em seguida, ela seca e acaba caindo.

– Pois é bem assim, Huck, é bem como eu faço. Mas na hora em que a gente está enterrando, é melhor dizer também: "Desce vagem, sai verruga, vai embora; não volta mais e faz

que a minha caia fora!”[3] Assim é melhor, a verruga não incomoda mais você. É assim que o Joe Harper faz e ele já andou por toda parte, foi até Coonville, sabe mesmo das coisas. Mas agora me conta: como é que se cura verruga com gato morto?

– Ora, você pega o seu gato e vai até o sumitério, mas tem de ser bem perto da meia-noite, em um lugar em que enterraro argum cara bem marvado;

quando for meia-noite, vem um diabo, ou quem sabe dois ou três, só que tem que a gente não vê eles, a gente só escuita um troço parecido com um vento; se escuitar bem, dá pra ouvir eles falarem; e na hora em que eles estiverem levando o esprito do pecador, você joga o gato morto atrás deles e fala: “O diabo vai atrás do corpo, o gato vai atrás do diabo, a verruga vai atrás do gato e eu tou livre dela!”[4] Isso carrega com quarquera verruga.

– Ué, parece estar certo. Você já experimentou, Huck?

– Não, mas foi a velha Hopkins que me contou.

– Bem, acho que deve funcionar, porque todos dizem que ela é bruxa...

– Ora, dizem! Caramba, Tom, eu sei que ela é bruxa! Foi ela que embruxou meu Papi. Foi o Papi mermo que me disse. Ele veio andando um dia, sem incomodar ninguém, e viu que ela

tava fazendo um  despacho pra  ele. Aí ele pegou uma pedra e se ela não tivesse se desviado, ele tinha pegado ela bem no meio da cara. Espia só, nessa merma noite ele tinha entrado num barraco e se deitou pra curar a bebedeira; aí foi se levantar, escorregou e quebrou um braço.

– Mas que coisa horrorosa! E como é que ele soube que ela estava embruxando ele?

– Ai, meu Deus, o meu Papi sabe muito bem, é a coisa mais fácir. Meu Papi diz que quando elas ficam te oiando na cara, ansim, bem firme, os zoio arregalados, elas estão embruxando você. Especiarmente quando elas começam a resmungar, é porque tão dizendo feitiço. Quando elas começa a resmungar, sabe o que é? Estão recitando o pai-nosso de trás pra diante.

– Me diga uma coisa, Huck, quando é que você vai experimentar o gato?

– Hoje de noite. Acho que eles vêm buscar o velho Hoss Williams hoje de

noite.

– Mas eles enterraram ele no sábado, Huck. Por que não vieram pegar ele

na meia-noite de sábado mesmo?

– Mas você pregunta cada bestera! Como é que os feitiço deles iam ter tempo de funcionar só até a meia-noite? E depois

da meia-noite, já é domingo. Os diabo não conseguem fazê grande coisa nos domingo, carculo eu.

– Pois eu nunca tinha pensado nisso. Mas deve ser. Deixa eu ir com você?

– Claro que deixo – se você não ficar com medo.

– Com medo! Logo eu? É claro que não vou ter medo. Como é que vai ser, você mia?

– Craro, mas você tem de miar de vorta pra me garantir, se você puder. Das úrtima veiz, eu fiquei miando até o velho Hay s começar a jogar um monte de pedra pra o meu lado e a gritar: "O diabo leve esse mardito gato!" Aí eu joguei um tijolo no vidro da janela dele – mas não vá dizer que fui eu.

– Claro que não. Pois aquela noite eu não pude miar de volta, porque a titia estava me cuidando; mas, desta vez, eu prometo que mio. Ei, Huck, que troço é esse?

– Só um carrapato.

– Onde foi que você pegou?

– Sei lá. Em um lugar no mato.

– O que você quer por ele?

– Não sei, eu não quero vender.

– Tudo bem. É um carrapatinho muito pequeno, mesmo.

– Ora essa, todo mundo pode desfazer de um carrapato que não é deles. Eu estou sastifeito com ele. Pra mim é um rico dum carrapato.

– Pois sim, tem quantidade de carrapatos por aí. Eu podia ter mil carrapatos, se quisesse.

– E por que não tem? Pruquê você sabe muito bem que não pode ter. Aliás, este carrapato está muito adiantado, carculo eu. É o premero que eu vejo este ano.

– Escute, Huck. Eu lhe dou meu dente pelo seu carrapato.

– Então mostre.

Tom retirou do bolso um pedaço de papel e desembrulhou cuidadosamente.

Huckleberry ficou olhando para o dente com uma expressão cobiçosa. A tentação era muito forte. No fim, ele disse:

– Isso aí é um dente “de vredade”?

Tom arreganhou o beiço superior e mostrou o espaço vago.

– Bem, está certo – disse Huckleberry. – Negócio feito.

Tom aprisionou o carrapato na caixa de espoletas que tinha sido anteriormente a prisão do “bicho-beliscão”, o escaravelho que tinha perdido na igreja; os dois meninos se separaram, cada um deles sentindo-se mais rico do que antes.

Quando Tom chegou na pequena escolinha de madeira, que ficava em um ponto bastante isolado da aldeia, entrou com

toda a naturalidade, como alguém que honestamente tinha se dirigido à escola com toda a velocidade possível.

Pendurou seu chapéu em uma ponta do cabide e jogou-se em seu lugar com o entusiasmo de alguém que está profundamente interessado nos assuntos escolares. O professor, entronizado em uma plataforma, sentado sobre uma grande poltrona de madeira, cochilava tranquilamente, embalado pelos murmúrios que os alunos emitiam enquanto estudavam à meia-voz. Mas a interrupção o despertou:

– Thomas Sawy er!

Tom sabia muito bem que quando seu nome era pronunciado por extenso, havia uma encrenca da grossa a caminho.

– Senhor!?

– Venha até aqui. Agora, cavalheiro, explique-me porque está atrasado de novo, como, aliás, é de seu costume.

Tom pensou por um instante em refugiar-se em uma mentira, quando viu duas longas tranças de cabelos amarelos balançando-se por detrás de umas costas que reconheceu de imediato, através da simpatia elétrica do amor. Em um instante, descobriu que junto a essa forma encontrava-se o único assento vazio do lado da sala de aula em que sentavam as meninas. Instantaneamente, confessou em tom alto e claro:

– EU PAREI PARA CONVERSAR COM HUCKLEBERRY FINN!

O coração do professor parou e ele ficou olhando para o menino sem  saber o que dizer. O murmúrio cessou; os alunos ficaram olhando na maior surpresa, pensando que seu colega tinha perdido a razão. Falou o mestre:

– Você – você fez o quê?

– Eu parei para conversar com Huckleberry Finn!...

Não havia maneira de interpretar as palavras em outro sentido.

– Thomas Sawy er, esta é a confissão mais espantosa que eu jamais escutei. A palmatória não será suficiente para castigá-lo por esta ofensa. Tire seu casaco.

O mestre executou sua tarefa até ficar com o braço cansado e seu estoque de varinhas haver diminuído consideravelmente, de tantas que quebrou. Seguiu- se então a ordem:

– Agora, senhor, vá sentar-se com as meninas! Que isto lhe sirva de lição!

Uma risadinha zombeteira percorreu a sala e aparentemente encheu o menino de vergonha; mas na realidade, a expressão de seu rosto foi provocada muito mais por sua adoração idólatra da formosa desconhecida e pelo prazer assustador de poder gozar de tanta boa sorte. Ele se sentou na ponta do banco de pinho e a garota afastou-se dele, arrepanhando as saias e virando a cabeça para a parede. Cotoveladas, piscadelas e sussurros atravessaram a sala, mas Tom ficou

sentado muito quieto, com os braços estendidos sobre a tábua comprida e baixa que servia como classe e que era presa às costas do banco da frente. Inclinou a cabeça sobre seu livro e pareceu estudar atentamente. O tempo foi passando e a atenção geral afastou-se dele; o costumeiro murmúrio à meia-voz das crianças que estudavam ergueu-se acima do ar parado. Eventualmente, o menino começou a lançar olhares furtivos para sua donzela. Ela percebeu perfeitamente as manobras, "fez beicinho" com os lábios e virou o rosto, de tal modo que, durante um minuto completo, ele só pôde ver a parte de trás de sua cabeça. Mas quando ela, cautelosamente, foi levantando o rosto de novo, descobriu um pêssego colocado na tábua à sua frente. Ela o empurrou com as costas da mão; Tom gentilmente empurrou-o de volta; ela o afastou mais uma vez, mas agora com menor animosidade. O garoto pacientemente recolocou a fruta em frente a ela; desta vez, ela deixou que ficasse ali. Tom rabiscou em sua lousa: "Por favor, fique com ele – eu tenho mais".[5] A menina olhou para as palavras, mas não deu sinal de que havia entendido. Então, o garoto começou a fazer uma espécie de desenho em sua lousa, só que escondeu o resultado com as costas da mão esquerda. Por algum tempo, a menina recusou-se a demonstrar que tinha percebido, mas sua curiosidade feminina eventualmente começou a se manifestar, mesmo que os primeiros sinais fossem difíceis de perceber. O menino continuou a trabalhar, aparentemente sem ter consciência de

seu interesse. A menina fez uma espécie de tentativa para espiar pelo canto dos olhos, mas sem se comprometer, só que o menino fingiu não ver que ela estava interessada. Finalmente, ela se entregou e murmurou com hesitação:

– Deixe ver o desenho.

Tom revelou uma caricatura muito malfeita de uma casa, com a frente e os fundos aparecendo nas duas pontas da parede lateral, no maior desprezo pelas leis da perspectiva, acompanhada de uma espécie de saca-rolhas que representava a fumaça subindo da chaminé. A partir daí, o interesse da menina pareceu centralizar-se naquela obra-prima e ela se esqueceu de tudo o mais.

Quando o trabalho foi dado por acabado, ela olhou por um momento e então sussurrou:

– Está bonitinho. Agora, faça um homem.

O artista erigiu uma figura humana no jardim da frente, se bem que fosse mais parecida com uma torre de petróleo que com um homem. Era tão grande, que poderia dar um passo por cima da casa; mas como o senso crítico da menina não era muito desenvolvido, ela ficou satisfeita com o monstro e murmurou:

– O homem está bonito. Agora desenhe a mim chegando na casa.

Tom desenhou uma espécie de ampulheta, com uma lua cheia na parte de cima e uns riscos finos como varetas indicando os membros; depois equipou os dedos de uma das mãos com um enorme leque. A menina disse:

– Ai, como ficou bonito! Eu gostaria de saber desenhar também.

– É fácil – replicou Tom. – Eu ensino você.

– Me ensina mesmo? Quando?

– Ao meio-dia. Você vai almoçar em casa?

– Eu posso ficar, se você quiser.

– Bom. Então está combinado. Qual é o seu nome?

– Becky Thatcher. Qual é o seu? Ah, já sei! É Thomas Sawy er.

– Esse é o nome que eles usam quando querem me bater. Mas para meus amigos eu sou Tom. Você quer me chamar de Tom?

– Sim... Tom.

Depois disso, Tom começou a fazer novos rabiscos sobre a lousa, escondendo as palavras da vista da menina. Mas agora, ela tinha perdido a timidez. Pediu para ver. Tom disse:

– Ora, não é nada.

– Claro que é.

– Não é nada, não. Você não quer ver.

– Sim, eu quero. Eu quero mesmo! Por favor, deixe-me ver!

– Você vai contar aos outros.

– Não, não vou. Palavra de honra que não conto.

– Você não vai contar mesmo a nenhuma pessoa no mundo? Promete que não vai contar enquanto você viver?

– Não, eu nunca vou contar a ninguém. Agora, deixe eu ver.

– Ora, você não está com vontade de ver mesmo de verdade!... Está só falando por falar.

– Agora que você está me tratando assim, eu vou ver de qualquer jeito!

Ela pôs a mãozinha em cima da mão dele e seguiram-se alguns puxões e uma luta de faz de conta. Tom fingia estar, mas foi deixando sua mão escorregar aos pouquinhos, até revelar as seguintes palavras: “Eu amo você”.

– Ai, como você é malvado!

Ela lhe deu um tapa forte nas costas da mão, mas ficou toda vermelhinha e pareceu estar bastante contente.

Foi justamente nesta conjuntura que o menino sentiu a mão lenta e pesada do “destino” fechar-se ao redor de sua orelha, seguida de um impulso firme que o obrigou a levantar. Preso nesse torno, ele foi arrastado através da sala de aula e depositado em seu lugar costumeiro, sob a metralha estridente de um coro de risadas que explodiu espontaneamente dos

lábios de toda a turma. Então, o professor ficou parado à sua frente durante alguns momentos terríveis, até que

finalmente moveu-se para seu trono, sem proferir uma só palavra. Embora a orelha de Tom ardesse, seu coração estava cheio de júbilo.

A sala de aula foi serenando e Tom fez um esforço honesto para estudar, porém o torvelinho dentro de seu espírito era demasiado grande. Quando chegou a sua vez de demonstrar habilidade na classe de leitura, fez um tremendo fiasco; na aula de geografia, transformou lagos em montanhas, montes em rios e estes em continentes, até que o caos tomou conta da classe novamente; na aula de escrita, ele foi “derrotado” por uma porção de palavras que qualquer criança de colo saberia escrever, até que, finalmente, ele teve de marchar até o pé da plataforma e devolver ao mestre uma medalhinha de latão que tinha ostentado durante meses.

[1]. Alusão à fábula da Raposa e as Uvas, em que aquela salta muitas vezes em vão para apanhar os frutos de uma videira madura e depois desiste, resmungando: “Estão verdes, mesmo”.

Com isto, o colega quer dizer ao menino que ele está com inveja. (N.T.)

[2]. No original, “Barley-corn, barley-corn, injun-meal shorts, / Spunk-water, spunk-water, swaller these warts”. (N.T.)

[3]. No original, “Down bean, off wart; come no more to bother me!” (N.T.)

[4]. No original, “Devil follow corpse, cat follow devil, warts follow cat, I’m done with ye!” (N.T.)

[5]. Nessa época, os escolares traziam placas de ardósia negra ou cinzenta, emolduradas em madeira, sobre as quais escreviam com lápis de ponta de chumbo; posteriormente, quando o giz se popularizou, passaram a empregá-lo. A lousa era fácil de apagar com um  pedaço de esponja marinha ou um chumaço de algodão e só foi substituída pelos cadernos quando estes deixaram de ser artigos de luxo. (N.T.)

## C A P I T U L O VII

Quanto mais Tom tentava aplicar sua mente ao livro, tanto mais errantes se tornavam suas ideias. Finalmente, com um suspiro e um bocejo, ele desistiu.

Tinha a impressão de que o intervalo do meio-dia não chegava nunca. O ar estava abafado e o vento parecia ter morrido completamente. Não soprava a menor brisa. Era o mais modorrento de todos os dias modorrentos. O murmúrio hipnótico das vozes dos vinte e cinco estudantes acalentava a alma como aquele encanto contido no zumbir das abelhas. Através da janela, ele podia ver bem longe, imersa no fulgor de um sol brilhante, a Colina de Cardiff, que erguia seus flancos verdes e macios através de um véu tremulante de ar quente, tingida de leve pelo tom púrpura da distância. Alguns passarinhos flutuavam com asas preguiçosas bem alto; nenhum outro ser vivo se achava visível, exceto algumas vacas, mas estas pareciam estar adormecidas.

O coração de Tom ansiava pela liberdade com um desejo tão forte que chegava a doer; ou, pelo menos, desejava que sucedesse alguma coisa que lhe despertasse o interesse a fim de ajudar a passar aquelas horas monótonas. Sua mão deslizou casualmente para o bolso e seu rosto se iluminou com um brilho de gratidão que era quase uma prece, embora, naturalmente, ele não soubesse disso. Então, muito

furtivamente, a caixinha de espoletas surgiu à luz. Ele libertou o carrapato e colocou-o sobre a longa tábua chata que lhe servia como classe. A criatura, provavelmente, se iluminou com uma gratidão que também era quase uma prece, sentindo-se naquele momento devolvida ao mundo e à liberdade; mas sua felicidade demonstrou ser prematura, porque, no momento em que começou a viajar pelo tampo da classe, cheia de alegria, Tom interrompeu-lhe o caminho com um alfinete, virou-a para outro lado e obrigou-a a tomar uma nova direção.

O amigo do peito de Tom estava sentado a seu lado e sofria tanto quanto Tom sofrera, mas agora estava profunda e agradecidamente interessado nesta diversão momentânea. Este amigo do peito chamava-se Joe Harper. Os dois meninos juravam amizade durante toda a semana e se tornavam inimigos mortais nas batalhas de cada sábado. Joe tirou um distintivo de sua lapela e com a ponta do instrumento começou a assistir Tom na supervisão dos exercícios do prisioneiro. O esporte aumentou de interesse de minuto a minuto. Em determinado ponto, Tom disse que estavam interferindo um com o outro e assim, nenhum dos dois estava se beneficiando completamente das atividades desenvolvidas pelo pobre carrapato. Para resolver o problema, ele pegou a lousa de Joe, colocou-a sobre o tampo da classe e desenhou uma linha de cima a baixo da superfície, separando-a em dois campos mais ou menos iguais.

– Agora – disse ele –, enquanto o bicho estiver do seu lado da linha, você pode mexer nele o quanto quiser e eu fico só parado, olhando; mas, se você deixar que ele fuja e passe para o meu lado da linha, vai ter de deixá-lo em paz enquanto eu puder impedir que ele cruze a linha de volta.

– Tudo bem, vá em frente. Comece você.

A certa altura, o carrapato fugiu de Tom e cruzou o equador. Joe perseguiu-

o por algum tempo e então ele escapou e cruzou a linha de volta. Esta mudança de território ocorreu com uma certa frequência. Enquanto um dos meninos estava absorvido chateando o carrapato, o outro observava com interesse não menos forte, as duas cabeças curvadas juntas sobre a lousa e as duas almas mortas para o resto do mundo. Finalmente, a sorte pareceu decidir-se por Joe e permanecer do seu lado. O carrapato tentou isto, isso, aquilo e mais aquilo, tão excitado e tão ansioso quanto os próprios meninos, mas, vezes sem conta, no momento em que sentia a vitória a seu alcance, no próprio instante em que os dedos de Tom já estavam coçando para começar a sua parte da tortura, o alfinete de Joe habilmente o afastava da linha central e conservava-lhe a posse. No fim, Tom não conseguiu resistir mais. A tentação era demasiado forte. Assim, ele esticou a mão e começou a puxar o carrapato

para o seu lado. Joe ficou furioso no mesmo instante. Protestou:

– Tom, deixe o bicho em paz!

– Eu só quis deixar ele um pouco mais animado, Joe.

– Não, senhor, não é justo. Ele está do meu lado. Não mexa nele.

– Ah, não chateie! Eu não vou machucar ele.

– Deixe ele em paz enquanto estiver do meu lado, estou lhe dizendo!

– Ah, é assim? Pois então, não deixo!

– Ah, mas tem de deixar, está do meu lado da linha!

– Olhe aqui, Joe Harper: quem é o dono do carrapato?

– Eu estou me lixando quem é o dono. Ele está do meu lado da linha e você não pode tocar nele, estou falando!

– Pois é, mas acontece que eu vou tocar. O carrapato é meu e quero cair morto se não fizer o que me agradar com ele!

Nesse momento, uma tremenda varada caiu sobre os ombros de Tom, seguida por uma duplicata nos de Joe; pelo espaço de dois minutos, a poeira continuou a voar dos dois casacos, enquanto a aula inteira gozava com o espetáculo. Os meninos estavam tão absorvidos na disputa que nem perceberam o súbito silêncio que se havia formado através da sala de aula alguns momentos antes, enquanto o mestre vinha caminhando

na ponta dos pés e ficava parado atrás deles. Ele tinha contemplado uma boa parte do desempenho, antes de acrescentar sua própria contribuição a fim de tornar o espetáculo mais animado. Quando a sineta da escola deu o sinal para o recreio do meio-dia, Tom saiu voando para o lugar em que se achava Becky Thatcher e sussurrou em seu ouvido:

– Coloque sua touca e finja que está indo para casa; ao dobrar a esquina, se separe das outras, atravesse a rua e volte pelo outro lado. Eu vou na outra direção, faço a mesma coisa e me encontro com você do outro lado da rua.

Assim, a menina saiu com um grupo de estudantes em uma direção e o rapazinho partiu com outro grupo na direção oposta. Dentro de algum tempo, os dois se encontraram no fim da rua e, quando retornaram ao pátio da escola, estavam completamente sozinhos. Então sentaram-se juntos, com uma lousa entre eles, e Tom entregou o lápis a Becky e segurou a mãozinha dela com a sua, indicando a direção de cada traço, criando assim outra casa surpreendente.

Quando o interesse pelas belas-artes diminuiu, os dois começaram a conversar

com a maior naturalidade. Tom estava nadando em felicidade. Ele indagou:

– Você gosta de ratos?

– Que horror! Eu odeio eles!

– Bem, eu também odeio – enquanto estão vivos. Mas estou falando de ratos mortos, para sacudir ao redor de sua cabeça na ponta de um barbante.

– Não, eu não gosto de ratos de jeito nenhum. O que eu gosto é de goma de mascar!

– Ah, eu também gosto! Gostaria de ter um pedaço agora!

– Ah, é? Pois eu tenho um pedaço no bolso. Eu deixo você mascar um pouquinho, mas depois tem de me devolver.

Os dois concordaram com a “divisão do trabalho” e, assim, cada um deles mastigava um pouco, depois trocavam, as pernas balançando contra o banco, cheios de contentamento.

– Você já foi ao circo? – perguntou Tom.

– Sim, e papai me prometeu que vai me levar de novo qualquer dia desses.

Desde que eu me porte bem.

– Eu já fui ao circo três ou quatro vezes – um monte de vezes. A igreja não tem graça nenhuma perto de um circo. No circo tem coisas acontecendo todo o tempo. Quando eu crescer, quero ser palhaço de circo.

– Você quer ser palhaço? Mas que bacana! Eles são tão bonitos, com aquelas caras pintadas e as roupas de todas as cores!

– Pois é. E eles ganham pilhas de dinheiro. Ben Rogers me disse que eles ganham mais de um dólar por dia. Me diga uma coisa, Becky, você já foi noiva?

– Mas o que é isso?

– Ué, noivar para se casar!...

– Não.

– E você gostaria?

– Acho que sim. Eu não sei. De que jeito é?

– De que jeito? Ora, não é de jeito nenhum. Você simplesmente diz para um menino que nunca, nunca, nunca mais vai querer saber de outro além dele e então vocês se beijam e está pronto. Qualquer pessoa pode fazer isso.

– Beijar? E para que a gente beija?

– Ué, bem, ora... Você sabe, é para... bem, todo mundo faz isso.

– Todo mundo?

– Pois é, todo mundo que está apaixonado um pelo outro. Você se lembra do que eu escrevi na minha lousa?

– Si... sim.

– Que foi que eu escrevi?

– Ah, não vou dizer.

– Quer que eu diga para você?

– Si... sim. Mas agora não. Me diga numa outra vez.

– Não. Vou dizer agora.

– Não, agora não. Diga amanhã.

– Oh, não, agora, por favor, Becky. Eu vou só murmurar. Vou só assoprar no seu ouvido, bem baixinho.

Becky hesitou. Tom entendeu que quem cala consente e passou seu braço

ao redor da cintura dela, murmurando a frase muito, muito baixinho, com sua boca bem perto da orelha dela. Depois, ele acrescentou:

– Agora, você assopra o mesmo para mim, como eu fiz. Ela resistiu por algum tempo e então disse:

– Vire o rosto para lá, para não ver nada, e então eu falo no seu ouvido.

Mas você não deve contar a ninguém, nunca, nunca, nunca mesmo! Promete que não conta? Ah, promete, Tom! Promete que não vai nunca jamais contar a ninguém? Promete?

– Não, mas é claro que não. Eu nunca vou contar a ninguém. Agora diga, Becky !

Ele virou o rosto para o outro lado. Ela se curvou timidamente para o lado dele, até que sua respiração sacudiu-lhe os cachos do cabelo e murmurou bem baixinho:

– Eu amo você!

Então levantou-se de um salto e começou a correr pela sala de aula, por entre os bancos e classes. Tom correu atrás dela, até que a menina se refugiou em um dos cantos, com o aventalzinho branco escondendo o rosto. Tom abraçou- a pelo pescoço e suplicou:

– Pronto, Becky, acabou. Agora, só falta o beijo. Não precisa ter medo disso. É uma coisinha de nada, não tira pedaço nenhum. Por favor, Becky !...

E começou a puxar as mãos que seguravam o avental.

Depois de algum tempo, ela desistiu e deixou caírem as mãos; seu rosto estava rosado e brilhante por causa da luta; então, ela ergueu a face e se submeteu. Tom beijou-lhe os lábios vermelhos e disse:

– Agora está pronto, Becky. Daqui para frente, você sabe, não pode amar mais ninguém exceto eu. E também não pode se casar com ninguém mais, só comigo, nunca, nunca e para sempre. Me promete?

– Não, eu nunca vou amar ninguém mais, só você, Tom; e nunca vou me casar com qualquer outra pessoa, só com você; mas você também não vai se casar com ninguém mais, só comigo.

– Naturalmente. É claro. Isso faz parte da coisa também. E sempre, quando você vier para a escola, e quando voltar para

casa, você vai caminhar junto comigo, desde que não tenha ninguém olhando. E quando a gente for brincar nas festinhas, você me escolhe para parceiro e eu escolho você e ninguém mais, porque é assim que a gente faz quando está noivo.

– Que lindo! Eu nunca tinha ouvido falar nisso antes...

– Ah, é sempre tão divertido! Ora, enquanto eu estava com Amy Lawrence...

Os grandes olhos da menina revelaram a Tom imediatamente o erro que havia cometido e ele parou de falar, confuso.

– Oh, Tom, Tom! Então eu não sou a primeira menina com quem você noivou?

A criança começou a chorar. Tom disse:

– Ora, não chore, Becky ! Eu não gosto mais dela!

– Não, você gosta, Tom. Você sabe que você gosta.

Tom tentou colocar de novo o braço ao redor do pescoço dela, mas a

menina o empurrou e virou o rosto para a parede, enquanto continuava a chorar. Tom tentou de novo, com palavras de consolo escorrendo como mel de sua boca, mas foi repelido de novo. Então, sentiu seu orgulho ferido, virou-lhe as costas e saiu caminhando para fora da escola. Ficou andando para cá e para lá por alguns momentos, inquieto e desapontado, olhando

para a porta de vez em quando, porque esperava que ela se arrependesse e viesse encontrá-lo. Mas o tempo foi passando e ela não saiu. Aí, ele começou a sentir-se mal, envergonhado e confuso, pensando que talvez fosse ele que estivesse errado. Foi uma terrível luta em seu interior até que se decidisse a se aproximar novamente dela, mas finalmente, criou coragem e entrou. Ela ainda estava parada no canto, soluçando com o rosto virado para a parede. O coração de Tom encheu-se de pena e de remorso. Foi até onde ela estava, ficou parado um momento, indeciso, sem saber exatamente o que fazer. Então falou, hesitantemente:

– Becky, eu – eu não gosto de ninguém mais, só de você. Nenhuma resposta – somente os soluços prosseguiram.

– Becky – falou, com uma voz suplicante. Os soluços continuaram.

– Becky, diga alguma coisa. Mais soluços.

Tom tirou do bolso seu maior tesouro, uma maçaneta de bronze que em melhores dias encabeçara um atiçador de lareira, estendeu a mão em direção à parede para que ela pudesse vê-la, e insistiu:

– Por favor, Becky, não quer ficar com isto?

Ela jogou a maçaneta no chão. Então Tom saiu de novo da escola, caminhou até as colinas que cercavam a cidadezinha, andou por muito tempo pelo meio do mato e não voltou mais à escola nesse dia. De repente, Becky começou a suspeitar. Ela

correu até a porta; não viu nem sinal dele; correu ao redor do pátio de recreio; ele não estava em parte alguma. Então, ela gritou:

– Tom! Volte, Tom!

Escutou com a maior atenção, mas não houve resposta. Seus únicos companheiros eram o silêncio e a solidão. Assim, ela se sentou de novo, para chorar outra vez, repreendendo a si mesma por sua teimosia. A esta altura, os escolares estavam retornando e ela teve de esconder seu sofrimento e acalmar seu coração partido, tomando sobre si a cruz de uma longa tarde monótona, sem uma única alma entre todos aqueles estranhos com quem pudesse compartilhar sua dor.

## C A P I T U L O VIII

Tom seguiu sem rumo certo, dobrando uma esquina e depois outra, percorrendo ruelas e becos até se encontrar bem distante do caminho habitual que os estudantes tomavam para retornar às suas casas; depois, pôs-se a caminhar lentamente, sentindo-se melancólico e de péssimo humor. Cruzou um pequeno riachinho duas ou três vezes, devido a uma superstição corrente entre os meninos de que atravessar um curso de água confundia os perseguidores. Meia hora mais tarde, ele havia desaparecido por trás da mansão Douglas, no alto da Colina de Cardiff, e mal conseguia enxergar a escola perdida no vale por detrás dele. Entrou em um bosque mais denso, que não era cortado pela menor senda, mas achou o caminho por entre as árvores que conduzia até o centro da mata e sentou-se em um trecho coberto de musgo debaixo de um carvalho de galhos muito compridos. Embora estivesse na sombra da árvore, nem o menor zéfiro cortava o ar parado; o calor amortalhante do meio-dia tinha até mesmo feito cessar o chilrear dos pássaros; a natureza jazia em um transe hipnótico que não era interrompido por som algum, exceto pelo martelar distante de um pica-pau – e este ruído parecia tornar o silêncio geral e a impressão de solidão ainda mais profundos. A alma do menino encheu-se de tristeza com o espetáculo e seus sentimentos estavam totalmente de acordo com o cenário que o rodeava.

Permaneceu sentado, durante longo tempo, os cotovelos fincados nos joelhos, o queixo preso nas palmas das mãos, imerso na mais dolorosa meditação. Tinha a impressão de que sua vida carecia de sentido, era um constante problema; e quase invejava o pobre Jimmy Hodges, que havia sido libertado das agruras do mundo há tão pouco tempo. Deveria ser tão pacífico, ele pensava, ficar deitado para sempre, dormir e sonhar para toda a eternidade, com o vento sussurrando por entre as árvores, acariciando o capim e as flores que cresciam sobre a tumba, sem nenhum problema para resolver, nada que causasse tristeza, nunca, nunca mais! Se pelo menos ele tivesse estudado mais e se comportado melhor na Escola Dominical, estaria perfeitamente disposto a partir e livrar-se de todo o sofrimento. E quanto à menina? O que é que ele tinha feito? Nada, absolutamente nada! Ele tinha desejado as melhores coisas do mundo para ela e tinha sido tratado como um cão – pior que um cachorro. Ela ia sentir um grande remorso algum dia, um tremendo arrependimento – mas talvez então fosse tarde demais. Ah, se ao menos ele pudesse morrer temporariamente!

Entretanto, o coração elástico da juventude não pode ser comprimido ou apertado por muito tempo. Logo, e de forma insensível, Tom começou a retornar às preocupações deste mundo. E se ele virasse as costas à cidadezinha agora mesmo e desaparecesse misteriosamente? E se ele fosse embora para bem longe, para países desconhecidos no além-mar? E se

nunca mais voltasse? Como ela se sentiria, então? A ideia de virar palhaço retornou à sua mente, mas somente lhe inspirou desgosto. Tinha a impressão de que a própria ideia de frivolidade e brincadeiras representada por uma roupa de calças folgadas e cheias de remendos transformava-se em uma ofensa ao tentar introduzir-se sobre seu espírito, que permanecia instalado no reino indistinto e exaltado do

romantismo. Não, ele ia ser soldado e retornar somente depois de longos anos, marcado pela guerra e cheio de glória. Não, melhor ainda, ele iria viver com os índios e caçar búfalos e seguir a trilha de guerra junto com eles, através dos maciços montanhosos e pelas grandes planícies sem estradas do Oeste Distante; depois, ele se tornaria um grande chefe e voltaria muito mais tarde, com um cocar cheio de penas, o rosto terrível pintado em uma máscara horrorosa. Então, ele entraria na Escola Dominical em uma sonolenta manhã de domingo, daria um grito de guerra de congelar o sangue e faria com que os olhos de todos os seus companheiros se arregalassem de inveja incontrolável. Em seu devaneio, não percebia que o tempo também passaria para eles. Mas não, havia uma coisa ainda maior do que isso. Ele seria um pirata! Era isso! Eis que agora seu futuro estava perfeitamente claro e aberto à sua frente, rebrilhando com um esplendor inimaginável. Seu nome encheria o mundo e as pessoas tremeriam quando o escutassem! Quanta glória ele conquistaria, cortando os mares

turbulentos, em seu rápido veleiro de amurada baixa, com o casco longo pintado de negro! Seu nome seria Espírito da Tempestade, e sua bandeira assustadora flutuaria no mastro de vante! E quando estivesse no apogeu de sua fama, ele apareceria na velha aldeia e entraria na igreja no meio do ofício religioso, bronzeado e batido pelos ventos, usando um longo casaco de veludo negro, calções pelos joelhos, longas botas que se dobravam na parte superior, uma faixa escarlate na cintura, um cinto estufado de pistolas de combate, um cutelo enferrujado pelo sangue de suas vítimas balançando das presilhas da bainha, junto à sua perna esquerda, um chapéu de feltro enfeitado de plumas, a bandeira da caveira e das tíbias cruzadas desfraldada sobre ele, tudo isto para escutar em perfeito êxtase os murmúrios assustados: "É Tom Sawy er, o Pirata! O Vingador Negro do Mar das Caraíbas!"

Sim, estava plenamente resolvido: sua carreira estava determinada. Ele ia

fugir de casa e engajar-se em um navio corsário. Ia partir amanhã de manhã mesmo. Portanto, tinha de começar a preparar-se. Iria arrumar a bagagem e reunir os seus recursos. Dirigiu-se a um tronco apodrecido que havia ali perto e começou a cavar embaixo dele com seu canivete Barlow. Logo em seguida, bateu em um pedaço de madeira que produziu um som oco. Colocou a mão dentro do buraco e proferiu um impressionante encantamento:

– O que não veio até aqui, venha agora! O que está aqui, permaneça nesta

hora!

Então, com os dedos e a lâmina, ele foi retirando a terra, até aparecer uma

ripa de madeira de pinho. Arrancou o objeto de dentro da cova e trouxe à luz uma bela arca de tesouro, na verdade uma caixinha feita de ripas de pinheiro. Abriu a tampa com facilidade (porque o objeto era bastante pequeno) e encontrou somente uma bolinha de gude. O espanto de Tom não teve limites! Coçou a cabeça com um ar perplexo e disse para si mesmo:

– Puxa vida, por essa eu não esperava!

Jogou fora a bolinha de gude, desapontado e aborrecido e ficou parado no mesmo lugar, pensando furiosamente. A verdade é que uma de suas superstições mais entranhadas tinha falhado aqui e agora. Tanto ele como seus companheiros sempre tinham imaginado que fosse infalível: se você enterrasse uma bolinha de gude (com certos encantamentos absolutamente necessários), deixasse sem

mexer por quinze dias e depois abrisse a cova com a fórmula mágica que ele tinha acabado de usar, você descobriria que todas as bolinhas de gude que tinha perdido em toda a sua

vida se haviam reunido misteriosamente dentro dessa mesma caixa, não importa onde se encontrassem, que distância as separasse ou o que tivesse acontecido com elas. Mas agora, o feitiço tinha falhado, sem a menor sombra de dúvida. Toda a estrutura das crenças de Tom sacudiu-se até os alicerces. Muitas vezes ele havia ouvido falar do completo sucesso do feitiço, nunca nenhum de seus companheiros lhe dissera que poderia falhar. Não lhe ocorreu, no momento, que ele próprio já havia feito a tentativa diversas vezes antes, só que nunca tinha conseguido encontrar de novo o lugar em que enterrara o tesouro. Ficou dando tratos à bola durante algum tempo e finalmente decidiu que alguma bruxa havia interferido e quebrado o encanto. Achou melhor investigar o assunto para ter certeza e assim procurou em volta do lugar até que encontrou um pequeno trecho coberto de areia com uma minúscula depressão em forma de funil. Deitou-se no chão, colocou a boca próximo à depressão e chamou:

Formiga-leão, formiga-leão, me diz agora quem foi o ladrão!

Formiga-leão, formiga-leão, me diz agora quem foi o ladrão![1]

A areia começou a mover-se e, no devido tempo, um bichinho preto botou a cabeça para fora por um segundo, investigou as cercanias e depois enfiou-se de novo em seu túnel, muito assustado.

– Ele não ousa dizer! Então foi uma feiticeira mesmo que fez a coisa! Bem que eu sabia!

Tom tinha plena consciência da inutilidade de tentar discutir com bruxas, e assim desistiu da façanha, desencorajado. Então lhe ocorreu que ele podia ao menos conservar a bolita que tinha acabado de jogar fora com tanto desprezo; percorreu a clareira, pesquisando pacientemente em busca da propriedade que havia perdido. Mas tudo em vão. Depois, voltou à sua "tesouraria", colocando-se cuidadosamente no lugar exato em que tinha estado quando jogou fora a bolinha de gude. A seguir, tirou outra bolinha de vidro do bolso e jogou-a na mesma direção, enquanto dizia:

– "Irmão, procura teu irmão!"

Ficou olhando com atenção o movimento da bolita, até notar exatamente o ponto em que havia parado, foi até lá e procurou. Mas devia ter caído muito perto ou longe demais – assim, tentou mais duas vezes. A última repetição foi coroada de sucesso. As duas bolinhas de gude estavam a uns trinta centímetros uma da outra.

Nesse momento, o som metálico de uma corneta de brinquedo ecoou fracamente pelas aleias verdes do bosque. Tom tirou o casaco e as calças, jogou- os para um lado, usou um suspensório como se fosse um cinto, remexeu em umas ervas por trás do tronco podre e encontrou um arco rudimentar com algumas flechas, uma espada de madeira e uma corneta de lata, e, em um piscar de olhos, tinha agarrado todos estes objetos de combate e saiu correndo aos pulos por entre as árvores, as pernas nuas e a longa camisa balançando ao vento.

Depois de afastar-se a uma distância conveniente de seu esconderijo, parou embaixo de um grande álamo, assoprou a própria corneta em resposta ao toque

anterior e passou a caminhar na ponta dos pés, olhando com o maior cuidado para um lado e para o outro, a fim de evitar uma possível emboscada. Como precaução adicional, ele comandou seus companheiros imaginários:

– Esperem, meus fiéis! Fiquem escondidos até que eu toque de novo!

Foi então que surgiu Joe Harper, vestido de forma tão sumária e armado tão elaboradamente como Tom. Este interpelou-o:

– Alto! Quem vem lá? Quem ingressa na floresta de Sherwood sem meu salvo-conduto?[2]

– Guy de Guisborne não precisa do salvo-conduto de ninguém! Quem és tu

que... que...

– "Que ousas interpelar-me com tal linguagem..." – disse Tom, como se fosse um "ponto" de teatro, porque eles "falavam pelo livro", repetindo um trecho que haviam mais ou menos decorado.

– Quem és tu que ousas interpelar-me com tal linguagem?

– Pois então indagas quem sou eu? Eu sou Robin Hood, como tua carcaça feita prisioneira logo há de saber!

– És tu então aquele famoso fora da lei? Com grande alegria, disputarei contigo pela passagem através desta alegre floresta. Em guarda!

Ambos sacaram as espadas de madeira, lançaram ao solo o restante de seu equipamento, assumiram uma atitude de batalha, frente a frente, com o pé direito encostado ao pé direito do outro e começaram um duelo cuidadoso e cheio de gravidade, “duas fintas para cima e duas fintas para baixo”. Num dado momento, disse Tom:

– Agora que você pegou o jeito, vamos pra valer!

Assim, eles “foram pra valer”, ofegando e suando com o esforço. Depois de algum tempo, Tom reclamou:

– Caia! Caia! Por que é que você não cai?

– Eu não vou cair! Caia você, se quiser! É você que está perdendo!

– Ora, não pode ser assim. Eu não posso perder. Não é assim que está no livro. O livro diz: “Então, com um poderoso contragolpe, ele matou o pobre Guy de Guisborne”. Você tem de se virar e deixar que eu lhe dê um golpe nas costas.

Não havia como contestar as autoridades. Joe suspirou, mas deu uma meia-volta, recebeu a pranchada nas costas e caiu morto.

– Agora – disse Joe, enquanto se levantava –, você tem de me deixar matar você. Justo é justo, agora é minha vez.

– Ora, mas não dá para ser assim. Não está no livro.

– É, pode ser, mas mesmo assim, não é justo. Por que só eu tenho de morrer? Ah, não está certo, não está certo mesmo.

– Bem, olhe aqui, Joe, você pode ser frei Tuck; ou então Much, o filho do moleiro[3], e ganhar de mim em uma luta de bastões. Ou então, eu ficava sendo o xerife de Nottingham e você ficava sendo Robin Hood por uns tempos e então me matava.

Este arranjo demonstrou-se satisfatório e assim, estas aventuras foram representadas com toda a seriedade. Depois, Tom virou Robin Hood de novo e desta vez foi ferido e levado a um convento, onde uma freira malvada deixou

que ele ficasse sangrando até perder as forças. Finalmente, Joe, representando a tribo inteira dos fora da lei lacrimosos, arrastou-o tristemente através da floresta, colocando-lhe o arco entre as mãos enfraquecidas, e Tom disse: “Onde esta seta cair, aí será enterrado o pobre Robin Hood, embaixo de um pinheiro de agulhas sempre verdes”. Então, ele disparou a flecha e caiu de costas, como se tivesse morrido, mas aterrissou em um pé de urtiga, levantando-se depressa demais para um cadáver.

Os meninos se vestiram, esconderam seus paramentos, cada um em seu lugar secreto, e voltaram para casa lamentando que não existissem mais os alegres bandidos de Robin Hood e imaginando o que a civilização moderna poderia alegar em seu favor para compensar por aquela perda. Os dois concordaram que preferiam passar um ano vivendo com os fora da lei da floresta de Sherwood do que serem eleitos Presidente dos Estados Unidos pela vida inteira.

[1]. No original, “Doodle-bug, doodle-bug, tell me what I want to know”, literalmente, “Formiga-leão, diga-me o que eu quero saber”. (N.T.)

[2]. Alusão à floresta em que se refugiava o semilendário herói inglês, Robin de Locksley, chamado Robin Hood, por volta do século XII. Os caracteres citados um pouco mais adiante também são personagens da mesma lenda. (N.T.)

[3]. Conhecido na versão portuguesa como João Pequeno, porque era um homem muito alto e de grande força e habilidade, que se torna mais tarde um dos principais colaboradores de Robin Hood. (N.T.)

## C A P I T U L O IX

Às nove e meia daquela noite, Tom e Sid foram mandados para a cama, de acordo com o costume da casa. Os dois se ajoelharam e fizeram suas orações e Sid logo adormeceu. Mas Tom ficou acordado, esperando inquieto e cheio de impaciência. Quando achou que já era quase de madrugada, escutou o relógio bater as dez horas! Isso lhe provocou um verdadeiro desespero. Tinha vontade de se revirar na cama, sacudir os braços e pernas e voltar-se constantemente para a direita e para a esquerda, conforme seus nervos exigiam, mas tinha medo de acordar Sid, que dormia com ele na mesma cama. Assim, forçou-se a permanecer parado e a olhar para o teto envolto em escuridão. A casa inteira estava desanimadoramente quieta. Mas, depois de algum tempo, a tranquilidade foi sendo interrompida por barulhinhos quase imperceptíveis. Primeiro, foi o tique-taque do relógio que se impôs à atenção. As traves velhas começaram a estalar misteriosamente. Um degrau da escada rangeu de leve. Era evidente que havia fantasmas à solta na casa. Então, um ronco compassado e quase inaudível veio do quarto de tia Polly. Depois, começou o cansativo zumbir de um grilo, que nenhum engenho humano poderia localizar. A seguir, escutou-se o som pavoroso

de um bicho-de-velório,[1] bem na parede que ficava por trás da cabeceira da cama de Tom, que teve um sobressalto,

porque esse barulho significava que os dias de alguém estavam contados. Mais adiante, ele ouviu o uivo distante de um cão, atravessando o ar da noite, sendo depois respondido pelo uivo de outro cachorro, que soava bem mais fraco e portanto deveria estar ainda mais distante. Tom estava aflito. Depois de um longo intervalo, ele teve certeza de que o tempo havia parado e que começara a eternidade. Apesar de toda a sua concentração, começou a cochilar; e quando o grande relógio do andar inferior tocou melodiosamente as onze horas, ele nem sequer escutou. Repentinamente, em meio aos seus sonhos ainda informes, um miado muito melancólico veio da rua. O miado foi se repetindo, cada vez mais penetrante. Mas foi o ruído da janela de um de seus vizinhos que o acordou. Um grito de – "Dá o fora, diabo!" – e o quebrar de uma garrafa vazia contra a parede dos fundos do galpão da lenha de sua tia fez com que despertasse imediatamente, e, dentro de um minuto, ele estava vestido e saindo pela janela, de onde se arrastou de quatro para o telhado do alpendre. Emitiu um ou dois miados cautelosos enquanto prosseguia; depois, pulou para o telhado do galpão e de lá para o chão. Huckleberry Finn estava à sua espera, o gato morto na mão. Os meninos se afastaram e desapareceram no lusco-fusco da noite. Depois de meia hora de marcha, estavam vadeando pelo capim alto que recobria o terreno do cemitério.

Era um cemitério bem antigo, comum no centro-oeste dos Estados Unidos.

Estava localizado em uma colina a mais ou menos dois quilômetros e meio da cidadezinha. Tinha uma cerca de tábuas verticais cravadas no solo, ligadas em certos lugares por travessas horizontais mais ou menos apodrecidas. A maioria das tábuas que permanecia em pé estava torta ou enviesada. A própria cerca pendia para dentro do terreno em alguns lugares e para fora na maior parte dos outros. Na verdade, se fossem examinar bem, a bendita cerca não estava

realmente na vertical em parte alguma. Capim grosso e ervas daninhas cresciam à vontade por todo o cemitério. Todos os túmulos antigos tinham afundado, deixando uma depressão retangular e abaulada, a mais ou menos um palmo e meio abaixo da superfície do solo. Não havia uma pedra tumular em todo o campo santo. O que havia eram pranchas de madeira grossa, com a parte superior arredondada, mas na maioria apodrecidas pelo tempo ou devoradas pelos insetos, que se balançavam sobre a cabeceira dos sepulcros, procurando um certo apoio e não encontrando nenhum. Em determinada época, os dizeres: “Dedicada à sagrada memória de Fulano ou de Sicrana” tinham sido pintados nessas tábuas, mas praticamente todas as inscrições estavam apagadas ou pelo menos ilegíveis, mesmo que houvesse luz àquela hora da noite.

Um ventinho fraco gemia por entre os ramos das árvores, e Tom ficou com medo que fossem os espíritos dos mortos protestando por serem perturbados. Os meninos falavam muito

pouco, bem baixinho, quase sem moverem os lábios, porque a hora, o lugar, a solenidade e o silêncio que os rodeavam pareciam apertar-lhes os corações. Logo descobriram o montão de

terra que recentemente tinha sido colocado para recobrir o lugar que buscavam e se esconderam sob a proteção de três grandes álamos, os quais cresciam juntos a pouca distância da sepultura.

Ficaram esperando em silêncio absoluto pelo que lhes pareceu um longo tempo. O piar de uma coruja distante era o único som que perturbava o silêncio mortal. Os pensamentos de Tom começaram a lhe pesar na mente. Foi obrigado  a iniciar uma conversação. Assim, falou em um murmúrio:

– Hucky, você acredita que os mortos gostam que a gente esteja por aqui? Huckleberry sussurrou de volta:

– Bem que eu queria saber. É um bocado solene por aqui, né?

– Aposto que sim.

Houve uma pausa considerável, enquanto os meninos examinavam o assunto dentro de suas mentes. Depois, Tom murmurou de novo:

– Me diz uma coisa, Hucky – você acha que Hoss Williams está escutando a nossa conversa?

– Mas é craro que está. Pelo menos o esprito dele escuita. Ele tá aí pertinho, não tá?

Tom acrescentou, depois de uma pausa cautelosa:

– Eu devia ter dito “senhor” Williams. Mas eu não fiz por mal. Todo mundo chamava ele de “Hoss”.[2] Será que ele se ofendeu?

– Todo o cuidado é pouco quando a gente fala sobre esses defunto, Tom.

Esta frase cortou uma boa parte do entusiasmo de Tom e a conversa cessou completamente. Mas, depois de passado algum tempo, Tom  agarrou seu camarada pelo braço e sibilou:

– Shssss... silêncio!...

– Que foi isso, Tom? – e os dois se abraçaram, com os corações aos pulos.

– Psiu! Olhe, veio de novo! Você escutou desta vez?

– Eu...

– De novo! Escutou agora?

– Deus do Céu, Tom, os diabo tão chegando! São eles que tão vindo, é

craro! O que é que nóis vai fazer?

– Eu é que não sei. Acha que eles vão nos ver?

– Oh, Tom, eles podem ver no escuro, o mermo que gatos. Ai, por que foi que você me convenceu a vir aqui?

– Ora, não tenha medo. Eu não acredito que eles vão se meter conosco. Não estamos fazendo mal a ninguém. Se nós ficarmos perfeitamente quietos, pode ser até que eles nem notem que nós estamos escondidos aqui.

– Eu vou tentá ficar o mais quieto que puder, Tom, mas o Senhor Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo que me ajude, eu estou tremendo de medo, da cabeça aos pé!

– Escute!...

Os meninos curvaram as cabeças bem perto uma da outra e praticamente pararam de respirar. Um som de vozes abafadas chegou até eles, flutuando pelo ar desde o outro lado do cemitério.

– Olhe! Olhe lá! – cochichou Tom. – O que é aquilo?

– É o fogo do diabo. Oh, Tom, que coisa mais pavorosa!

Algumas figuras vagas começaram a se aproximar deles através da escuridão, balançando uma antiga lanterna de estanho que recobria o solo com inumeráveis pontinhos de luz, provenientes de pequenos buracos que tinha dos lados. Passado algum tempo, Huckleberry sentiu um calafrio e estremeceu todo, enquanto sua voz saía em um silvo:

– São os diabo, craro que são. Vieram trêis! Ai, meu Deus, Tom, nóis temo ferrados! Você sabe arguma reza?

– Eu vou tentar fazer uma oração, mas não fique com tanto medo. Eles não vão nos fazer mal. “Com Deus me deito, com Deus me levanto, no amor e graça...”

– Shhhhhhhh!

– O que foi, Huck?

– Esses caras são humano! Pelo menos um deles é. Um deles é o velho Muff Potter, eu conheço a vóis dele!

– Não!... Não pode ser, pode?

– Aposto que reconheci o som da vóis dele. Mas olhe, fique bem quietinho, não se mexe nem se sacode. Ele não é esperto o bastante pra nos ver. Está borracho, como sempre – o que essa peste veio fazer por aqui?

– Tudo bem, eu vou ficar quieto. Mas espia só, eles pararam, será que se atolaram? Não conseguem encontrar o que estão procurando. E lá vêm eles de novo. Agora estão quentes. Esfriaram. Estão quentes de novo. Tão pegando fogo! Acho que encontraram o caminho, desta vez. Escute só, Huck, eu conheço outra daquelas vozes: é Injun Joe.

– Mas é craro que é! O que o danado desse mestiço meio-bugre tá fazendo por aqui? Esse cara é muito marvado, inté já matou gente! Oia, eu inté perferia que fossem diabos. Que será que eles quer aqui no sumitério?

Finalmente, os murmúrios cessaram, porque os três homens tinham chegado até a sepultura e estavam a poucos metros do lugar em que os meninos se haviam escondido.

– É aqui mesmo – disse a terceira voz. O proprietário dela ergueu a

lanterna mais alto e a luz revelou a face do jovem dr. Robinson.

Potter e Injun Joe estavam carregando uma padiola com uma corda e duas pás. Soltaram sua carga no chão e começaram a escavar o túmulo. O doutor colocou a lanterna na cabeceira da sepultura e caminhou até onde os meninos estavam. Sentou-se de costas contra um dos álamos. Estava tão perto, que, se um dos rapazinhos estendesse a mão, poderia tocar nele sem a menor dificuldade.

– Andem depressa, homens! – disse ele, em voz baixa. – A lua pode sair a qualquer momento. Depois, pode ficar perigoso.

Eles resmungaram uma resposta entre dentes e continuaram a abrir a cova. Por algum tempo, somente se escutou o barulho rascante das pás se enchendo com a terra solta e depois descarregando sua carga em um monte crescente de terra preta e cascalho. Era uma cena muito monótona. Finalmente, uma das pás bateu na tampa do ataúde com um sonido surdo de madeira oca; um

minuto ou dois após, os dois homens tinham puxado o caixão para fora do túmulo. Abriram a tampa com a lâmina das pás, retiraram o corpo e o jogaram rudemente no chão. A lua surgiu por detrás das nuvens e exibiu seu rosto pálido. A padiola foi trazida para perto e o cadáver jogado em cima dela, sem muita cerimônia, recoberto com um cobertor e amarrado no lugar com a corda. Potter sacou uma grande faca de caça, cortou a ponta da corda que estava sobrando e depois disse:

– Agora a coisa está feita, Serra-Ossos, e você vai comparecer com outra nota de cinco, senão ele fica aqui mesmo!

– É assim que se fala! – apoiou Injun Joe.

– Escutem aqui, que negócio é esse? – protestou o doutor. – Vocês pediram para receber adiantado e eu já paguei o que nós combinamos!...

– Sim, e você fez ainda mais que isso – disse Injun Joe, aproximando-se do doutor, que agora estava de pé. – Cinco anos atrás, você me correu da cozinha de seu pai uma noite em que eu fui pedir alguma coisa pra comer e disse que eu não estava lá por boa coisa, não; e quando eu jurei que ia me cobrar de você, nem que levasse cem anos, seu papai mandou me prender por vagabundagem. Você pensa que eu me esqueci? Não se lembra que eu tenho sangue de índio e que a

gente de minha mãe nunca se esquece? E agora, eu te peguei e você vai ter de acertar as contas comigo, entendeu?

Enquanto falava, ele foi se aproximando e agora seu punho balançava ameaçadoramente bem à frente do rosto do médico. Mas este lhe deu um soco de repente, fazendo o mestiço cair ao comprido no chão. Potter largou a faca e exclamou:

– Espere aí, não bata no meu parceiro!

No momento seguinte, estava atracado com o doutor e os dois lutavam com quantas forças tinham, esmagando a erva debaixo dos pés e marcando o chão macio com os calcanhares. Injun Joe saltou em pé, seus olhos inflamados de raiva, agarrou a faca que Potter tinha largado e foi avançando bem devagar, como se fosse um gato, movendo-se meio agachado ao redor dos dois combatentes, à espera de uma oportunidade. Subitamente, o doutor livrou-se do

abraço do outro, arrancou do chão a pesada prancha que servia de pedra tumular para Williams e derrubou Potter no chão com uma forte pancada no alto da

cabeça. Mas, no mesmo instante, o caboclo viu sua oportunidade e enfiou a faca até o cabo no peito do jovem. Ele balançou e depois caiu, parte do corpo por cima de Potter, cobrindo-o de sangue; no mesmo momento, as nuvens apagaram o terrível espetáculo e os dois meninos aproveitaram

esse instante para fugir a toda velocidade através da escuridão.

Pouco depois, quando a lua apareceu de novo, Injun Joe estava parado de pé sobre as duas formas imóveis, contemplando o resultado da refrega. O doutor murmurou de forma indistinta, deu um longo suspiro, seguido de um segundo, bem mais curto, e depois ficou perfeitamente quieto. O mestiço murmurou entre dentes:

– Agora que acertamos as contas, você pode ir para o inferno!

Então, ele revistou o cadáver e roubou o que havia de valioso. Depois, colocou a faca assassina na mão direita aberta de Potter e sentou-se sobre o ataúde desmantelado. Passaram-se três, quatro, cinco minutos e então Potter começou a mexer-se e a gemer. Sua mão fechou-se sobre o cabo da faca, ele levantou-a no ar, olhou o que era e deixou que caísse de novo no chão, enquanto um estremecimento lhe percorria todo o corpo. Depois sentou-se, empurrando o cadáver de cima das próprias pernas, olhou para ele e então girou os olhos em volta confusamente. Seus olhos encontraram os de Joe.

– Meu Deus do Céu, o que foi que aconteceu, Joe? – quis saber.

– Uma baita duma encrenca, camarada, um negócio muito sujo – respondeu Joe, sem se mover. – Por que foi que você fez isso?

– Eu? Mas não fui eu que fiz!

– Olhe aqui, esse tipo de papo não vai te levar a lugar nenhum. Potter tremeu e seu rosto ficou branco.

– Eu pensei que estava sóbrio. Eu não devia ter bebido hoje. Mas minha cabeça ainda está cheia, estou pior do que quando chegamos aqui. Estou meio confuso, companheiro, não me lembro de nada, quase não me lembro do que aconteceu. Me diga agora, Joe, honestamente, meu velho amigo, me diga agora: fui eu que fiz isso, Joe? Eu não pretendia, juro que não, palavra de honra, juro por minha alma que não tinha intenção, Joe. Agora me conte como foi, Joe. Oh, que coisa mais horrorosa, ele era tão jovem, prometia tanto!

– Ora, vocês dois estavam brigando e ele te bateu na cabeça com a prancha do túmulo e você caiu duro. E, então, você se levantou, girando e tropeçando, agarrou a faca do chão e enfiou dentro dele, foi isso que você fez, bem na hora em que ele te deu outro baita dum golpe que quase te partiu a cabeça em duas e aí você ficou caído no chão feito morto até agora.

– Oh, mas eu não sabia o que estava fazendo!... Quero cair morto agora mesmo se eu sabia!... Foi culpa do uísque e do meu mau gênio, acho eu. Eu nunca usei uma maldita arma contra ninguém em toda a minha vida, Joe; eu já briguei umas quantas vezes, mas nunca com arma. Todo mundo vai se lembrar disso! Joe, não conte! Diga que não vai contar a

ninguém, Joe, você é um bom sujeito, você é o meu camarada. Eu sempre gostei de você, Joe e sempre te defendi. Não se lembra? Você não vai me denunciar, vai, Joe?

A pobre criatura caiu de joelhos diante do perverso assassino, cruzando as mãos suplicantes em um apelo capaz de comover até as pedras.

– Não, você sempre me tratou bem e sempre se mostrou meu amigo, Muff Potter, não sou eu quem vai te prejudicar. Vai com calma, agora, sou tão justo como qualquer outro homem.

– Oh, Joe, você é um anjo de Deus! Vou te agradecer por isto enquanto viver!

As lágrimas escorreram pelo rosto de Potter.

– Tá. Agora chegou. Não é hora de ficar choramingando. Você vai embora prum lado e eu vou embora prum outro. Anda depressa, agora, e vê se não deixa rastro.

Potter saiu troteando e logo começou a correr. O mestiço ficou olhando.

Depois, resmungou:

– Hum! Se ele está tão tonto da batida e tão cheio de uísque como parece, nem vai pensar na faca até que esteja tão longe que não tenha mais coragem de voltar, especialmente a um lugar como este, inda mais sozinho. É um baita galinha-morta!

Dois ou três minutos depois, o homem assassinado, o cadáver coberto por um cobertor, o ataúde sem tampa e a cova aberta só eram contemplados pela luz  da lua. O silêncio do cemitério tinha voltado a ser completo.

[1]. Um caruncho de madeira cujas larvas muito vorazes provocam um estalido fraco que faz recordar o tanger de um dobre de finados. Também devoram  livros e papel. (N.T.)

[2]. O apelido é um diminutivo de horse (cavalo). (N.T.)

## C A P I T U L O X

Os dois meninos correram como se tivessem asas até chegarem ao vilarejo, completamente mudos de horror. De vez em quando, olhavam para trás por sobre os ombros, apreensivamente, como se estivessem com medo de serem seguidos. Cada tronco que encontravam no caminho parecia um homem ou um inimigo ainda pior e fazia com que prendessem a respiração; no momento em que passaram por algumas cabanas que ficavam nos arredores da aldeia, o latido dos cães de guarda despertados acrescentou ainda mais velocidade a seus pés.

– Vamos ver se ao menos a gente chega no curtume velho, antes de parar!

– sussurrou Tom nos intervalos de sua respiração ofegante.
– Eu já não aguento mais!

Os ofegos profundos de Huckleberry foram sua única resposta e os meninos fixaram os olhos no alvo de suas esperanças, forçando os joelhos a subir e a descer até atingi-lo. Foram-se aproximando cada vez mais e finalmente, lado a lado, lançaram-se como um furacão através do portão aberto e tombaram, exaustos, mas cheios de gratidão, no abrigo das sombras do interior do prédio. No devido tempo, sua pulsação foi ficando mais lenta, os corações bateram um pouco mais

devagar e Tom recobrou o controle de sua respiração, o suficiente para murmurar:

– Huckleberry, o que você acha que vai resultar disto?

– Se o Dr. Robinson morrer, acho que vai dar em enforcamento.

– Você acha, mesmo?

– Sim, eu sei que fazem ansim, Tom.

Tom pensou por algum tempo e depois disse:

– Mas quem é que vai contar? Nós?

– Océ tá louco ou o quê? E se o troço dá errado e Injun Joe não é enforcado, como é que fica? Ele vai matar nóis dois mais cedo ou mais tarde e nóis morremo tão seguro como nóis estemo deitado aqui no chão. Mas é craro que ele nos mata!

– Pois foi justamente o que eu estava pensando, Huck.

– Se arguém vai contar, deixe que Muff Potter conte, se ele for idiota o bastante. Em geral, ele está bêbado demais pra fazer quarquera coisa, que dirá contar uma história!

Tom não disse nada – prosseguiu em seus pensamentos. Depois de passado algum tempo, ele cochichou outra vez:

– Huck, Muff Potter não sabe da coisa. Como é que ele vai contar?

– Mas como é que ele não sabe?

– Porque ele tinha acabado de levar aquele pranchaço, na hora em que Injun Joe fez o negócio. Você acha que ele viu alguma coisa? Você acha que ele ficou sabendo de alguma coisa?

– Puxa vida, Tom, pois não é que você tem razão?

– E tem mais, olhe aqui: quem sabe se a batida acabou com ele?

– Ah, não, nessa eu não aquerdito. Não tem chance, Tom. Ele tava cheio das canha, quarquera um notava. Ele passa borracho mermo. Bem, quando meu

Papi está cheio das canha, você pode vir e bater com a bendita torre da igreja na cabeça dele que é o mermo que nada. E ele tamém diz essas coisa, quer dizer, que não sente nada quando está borracho, você sabe. Deve de ser o mermo com Muff Potter, é craro. Mas se um homem tivesse prefeitamente sóbrio, acho eu, aquela pranchada poderia ter acabado com a casca dele. Eu não sei.

Depois de um novo período de reflexão, Tom indagou:

– Hucky, você tem certeza de que consegue ficar de bico fechado?

– Tom, a gente tem de se fechar. Você sabe disso. Aquele diabo do Injun Joe não dá a mínima se tiver de nos afogar como dois gatinho num saco. Isso se a gente falar sobre o

troço que ele feiz e não enforcarem ele mas ele ficar sabendo que fumo nóis que dedamo. Agora vem cá, Tom, oie aqui, a gente tem de pegar e jurar um pro otro que não vai dizer nada mermo. É ansim que a gente tem de fazer, jurar que a gente vai se fechar e que não vai abrir o bico.

– Olhe, eu estou de acordo, Huck. É o melhor que a gente pode fazer.

Vamos apertar as mãos e jurar que nós...

– Ah, não, pra um troço como este, isso não chega! Isso de apertar as mão e prometer é bom pra coisinhas de toda a hora, pra uns trocinho sem importância que a gente inté esquece. É o tipo de coisa que a gente faiz com as guria, só pra impressionar elas, pruquê de quarquera jeito elas sempre quebra as palavra de honra que deram pra gente e contam pra meio mundo na primera chance. Tem umas que inté guardam segredo por uns tempo, mas aí abrem o bico da primera vez que ficam braba com a gente. Mas pra uns cara como nóis, com um troço tão perigoso, tem de ser por escrito, com tinta e papel. Ou então, escrito com sangue. Pelo menos, tem de ser assinado com sangue.

Tom aplaudiu esta ideia de corpo e alma. Era um juramento profundo, negro e terrível. Melhor ainda, a hora, as circunstâncias, até o lugar em que se achavam, tudo contribuía para a solenidade do ato. Ele pegou uma telha de madeira de pinheiro do chão, viu que estava bem limpa à luz da lua, tirou

um pequeno fragmento de ocre vermelho[1] que tinha em seu bolso, colocou a tábua em posição favorável à luz e, penosamente, começou a rabiscar algumas linhas com ele, enfatizando cada traço descendente com um apertão da língua entre os dentes, e diminuindo a pressão nos traços ascendentes:

Huckleberry ficou cheio de admiração pela facilidade com que Tom escrevia e mais ainda pela sublimidade da linguagem empregada.

Imediatamente pegou um distintivo que tinha pregado em sua lapela e ia furar a ponta do dedo, mas Tom disse:

– Espere aí! Não faça isso! O alfinete do distintivo é feito de latão. Pode ser que tenha azinhavre nele.

– O que é azinhavre?

– Azinhavre é o mesmo que zinabre ou cinábrio. É veneno. Isso é que é. Se você engolir um pouquinho, vai ver, tá acabado.

Assim, Tom desenrolou a linha que estava em volta de uma de suas agulhas, e cada um dos meninos perfurou a parte mais gorda do seu polegar esquerdo, apertando para fazer escorrer uma gota de sangue.

No devido tempo, depois de apertar umas quantas vezes, Tom conseguiu assinar as suas iniciais, usando a ponta do

minguinho direito como caneta. Então ele mostrou a Huckleberry como deveria fazer um H e um F, o outro menino repetiu a operação, usando os dedos correspondentes, e o juramento ficou completo. Enterraram a telha de madeira perto da parede, acrescentando de quebra algumas cerimônias tétricas e os encantamentos mais horrendos que lembraram, o que os levou a considerar que os grilhões que agora prendiam suas línguas tinham sido firmemente trancados e a chave jogada fora.

Uma figura deslizou silenciosamente através de uma fenda do outro lado do edifício arruinado, mas eles estavam tão absortos em suas feitiçarias que nem perceberam.

– Tom – sussurrou Huckleberry –, isto qué dizer que nóis não podemo contar nunca, em toda a nossa vida, para sempre mermo? Nem que batam na gente com um pau grosso? Mermo que venham com um ferro em brasa?

– Claro que é isso que quer dizer. Não vai fazer a menor diferença, qualquer coisa que aconteça, a gente fica de boca fechada. Se a gente falar, cai morto no chão na mesma hora, não lembra o que eu escrevi?

– É. Eu acho que é isso mermo.

Eles continuaram a falar baixinho por algum tempo. Pouco tempo depois, um cão iniciou um longo uivo lúgubre, quase do outro lado da parede, mais ou menos a uns três metros de onde

estavam. Os meninos se agarraram um ao outro, tremendamente assustados, em uma agonia de medo.

– Um de nóis vai morrer! Quar vai ser? – falou Huckleberry, com a voz meio engasgada.

– Eu não sei. Olhe pela fenda da parede. Depressa!

– Não, eu não me animo. Oie você, Tom!

– Eu não posso, eu não consigo, Huck!

– Por favor, Tom! Veja, ele começou de novo!

– Graças a Deus! – sussurrou Tom. – Eu conheço esse uivo. É o Bull Harbison.[2]

– Ah, que bom! Vou te contar, Tom, eu tava tão apavorado de medo que

quase morri. Ia apostar quarquera coisa como era um cão vadio.

O cachorro uivou novamente. Os corações dos meninos afundaram em seus peitos outra vez.

– Ai, meu bom Jesus! Esse não é o Bull Harbison, coisa nenhuma! – falou Huckleberry. – Vai lá e oia, Tom!

Tom concordou e aplicou um olho à fenda da parede. Seu murmúrio era quase inaudível quando ele disse:

– Oh, Huck, é mesmo UM CÃO VADIO!

– Depressa, Tom, depressa! Pra quar de nóis ele está apontando?

– Huck, ele deve estar apontando para nós dois, estamos bem juntos.

– Oh, Tom, acho que estemo perdido. Acho que não há dúvida sobre o lugar para onde eu vou. Eu sempre fui um menino mau.

– Deus que tenha piedade de minha alma! Foi meu pai que mandou esse cachorro me buscar![3] – lamentou-se Tom, aterrorizado. – A culpa é minha, por matar aula e fazer todas as coisas que dizem ao cara para não fazer. Eu poderia ter sido um bom menino, como Sid, se tivesse me esforçado, mas não, é claro que eu nem tentei. Mas se eu jamais conseguir me escapar desta, juro que vou levantar bem cedo para ir à Escola Dominical e vou decorar todos os versículos!

Tom começou a soluçar e a fungar.

– Você, um menino mau? – Huckleberry começou a fungar também. – Então, o que é que eu sou? Macacos me mordam, Tom Sawy er, você é um santo perto do que eu sou! Oh, Deus, Deus, Deus Nosso Senhor, eu gostaria de ter a metade das chance que você tem!

Tom emitiu um som sufocado e depois murmurou:

– Olhe, Hucky, olhe! Ele está de costas para nós!

Hucky chegou até a fenda e olhou, com o coração cheio de alegria.

– Pois é, está de costas! Pela luz que me alumia, estou vendo o rabo dele!

Ele já estava ansim antes? Na hora em que deu os uivo?

– Pois não é que estava? Só que eu estava louco de medo e banquei o bobo, nem notei. Ai, que alívio! Quem será que vai morrer, então?

Os uivos haviam parado. Tom ficou atento:

– Shhhhh! Que barulho é esse? – disse, num suspiro.

– Até parece... Parecem uns porco grunindo. Não... É arguém roncando,

Tom!

– Você jura que é? Mas onde, Huck, aí do outro lado da parede?

– Acho que não. Me parece que é aqui dentro mermo. Na outra ponta da

casa. Pelo menos, me parece que vem de lá. Papi costumava dormir por aqui, junto com os porco, mas, você sabe, quando ele ronca, só faiz baruio, não faiz mais nada. Além disso, acho que ele não vem mais pra esta cidade, nunca mais.

O espírito de aventura surgiu dentro das almas dos meninos mais uma vez.

– Hucky, você tem coragem de ir até lá, se eu for na frente?

– Oia, eu não gosto muito disso, não. Escute, Tom, e se for Injun Joe?

O espírito de aventura de Tom encolheu-se. Mas eventualmente, a tentação cresceu, foi ficando cada vez mais forte e os meninos concordaram em tentar, com a condição de que dariam nos calcanhares se por acaso o ronco parasse.

Assim foram eles, pé ante pé, disfarçadamente e no maior dos cuidados, um atrás do outro. Quando chegaram a uns cinco passos do roncador, Tom pisou em uma varinha e esta se quebrou com um estalo agudo. O homem gemeu, remexeu-se um pouco e seu rosto apareceu à luz da lua que atravessava o teto arruinado. Era Muff Potter. Quando o homem se moveu, os corações dos meninos pararam de bater e eles ficaram tão imóveis como duas estátuas, porém agora seu medo havia passado totalmente. Eles saíram na ponta dos pés, equilibrando-se sobre o que restava das tábuas do assoalho, atravessaram o portão escangalhado e pararam a uma certa distância a fim de trocarem mais algumas palavras em despedida. Pois não é que aquele longo uivo lúgubre ergueu-se novamente no ar noturno! Eles se viraram bem depressa, a ponto de verem o estranho cão parado a um ou dois metros do

lugar em que Potter estava deitado, a cara voltada para o dorminhoco, enquanto seu focinho apontava para o céu.

– Ai, Deus que me perdoe, é ele! – exclamaram os dois meninos em coro. Após uma breve pausa, Huckleberry falou:

– Sabe de um troço, Tom? Pois tão dizendo que um cão vadio andou uivando perto da casa de Johnny Miller mais ou menos pela meia-noite e já faiz duas semana; e despois veio um curiango e pousou nas trave do telhado e ficou cantando nessa merma madrugada; mas ainda não morreu ninguém da famia, nem ao menos um parente que nem morasse nas casa!

– Bem, eu sei disso. E daí que ninguém tenha morrido? Você não sabe que Gracie Miller levou um tombo na cozinha e caiu no fogo e se queimou toda logo no sábado seguinte?

– Pois é, mas ela não morreu. E tem mais, ela já tá ficando boa.

– Tudo bem, você não perde por esperar. Ela está perdida e já se foi, do

mesmo jeito que Muff Potter está marcado e vai também. É isso que os negros dizem e eles sabem muito bem desse tipo de coisas, Huck.

Só então eles se separaram, cada um mergulhado em seus próprios pensamentos.

Quando Tom se arrastou através da janela para dentro de seu quarto, a noite já estava quase no fim. Ele se despiu com o máximo de precaução e adormeceu congratulando-se, porque tinha passado a noite fora e ninguém tinha percebido sua escapada. Ele não se deu conta de que Sid, embora ressonasse delicadamente, estava muito bem desperto já fazia uma hora.

Mais tarde, quando Tom acordou, Sid já se havia vestido e não estava mais no quarto. A luz do sol dava a impressão de que o dia já havia avançado bastante

– de fato, havia uma atmosfera geral de atraso. O menino assustou-se. Por que não o haviam chamado? Por que não haviam insistido até que ele levantasse, como faziam sempre? O pensamento o encheu de inquietação, como um mau presságio. Em cinco minutos, estava vestido e já descera a escada, sentindo dores pelo corpo e ainda louco de sono. A família estava sentada à mesa, mas já haviam tomado o café. Não houve a menor palavra de reprovação, mas ninguém olhou para ele. Havia um silêncio sepulcral e o ar estava cheio de uma tal solenidade que o coração do criminoso foi ficando completamente gelado. Ele sentou-se em seu lugar costumeiro e tentou parecer alegre, mas era o mesmo que subir uma ladeira empurrando uma barrica cheia d'água. Ninguém retribuiu seus sorrisos, ninguém respondeu a suas perguntas, até que finalmente, também ele ficou silencioso e seu coração foi descendo no peito até mergulhar na inquietação e na tristeza.

Depois que tomou café, sua tia chamou-o e Tom quase se alegrou com a perspectiva de levar uns varaços; mas nada disso ocorreu. Sua tia chorou e lamentou-se, perguntando-lhe como ele tinha coragem de cortar-lhe a alma e partir-lhe o coração daquele jeito; finalmente, disse que ele podia ir embora e arruinar-se como melhor lhe agradasse, que não tinha a menor importância que ele fizesse seus cabelos brancos descerem à sepultura de tanta tristeza, que tudo era inútil, ela não iria mais tentar educá-lo; ao contrário, ia "largá-lo de mão". Isso era pior do que se tivesse levado mil chicotadas: o coração de Tom doía-lhe agora mais que todos os músculos de seu corpo. Ele chorou e pediu perdão, prometeu corrigir-se vezes sem conta, e então foi liberado, percebendo que havia recebido apenas uma absolvição parcial e que a confiança da tia em seu futuro comportamento permanecia ainda muito frágil.

Ele saiu da presença dela sentindo-se tão miserável que nem sequer sentiu raiva de Sid por havê-lo denunciado. Deste modo, a rápida retirada do outro através do portão dos fundos foi totalmente desnecessária. Tom foi caminhando lentamente para a escola, cheio de tristeza e melancolia e levou uma nova sova do professor com toda a humildade, junto com Joe Harper, por terem matado a aula no dia anterior. Seu aspecto era o de um pobre infeliz, que tem o coração sofrido demais para dar importância a uma coisa tão trivial quanto uma surra. Após sofrer o castigo em silêncio, foi para seu lugar, colocou os

cotovelos sobre a tábua, pôs o queixo nas palmas das mãos e ficou olhando para a parede com um olhar de sofrimento que parecia esculpido em pedra: uma tristeza tão intensa que

havia atingido o limite da capacidade humana e não podia mais ser suportada. Então percebeu que seu cotovelo estava apertado contra algum objeto bastante duro. Depois de um longo tempo, lenta e tristemente modificou sua posição e apanhou o referido objeto com um suspiro. Estava enrolado em um papel. Ele o desenrolou. Um suspiro ainda mais longo, comprido e lamentoso saiu de  seu peito, porque seu coração partido se havia quebrado em fragmentos ainda menores. Era justamente a sua maçaneta de bronze, que em outros tempos encabeçara um atiçador de lareira! Sentiu-se como se esta fosse a pena final que quebrou as costas do camelo.[4]

[1]. Variedade de argila que, entre outras coisas, é usada para fazer o lápis vermelho. Algumas pessoas ainda costumam chamá-lo de “giz de alfaiate”. Com referência à frase anterior, até hoje é comum nos Estados Unidos o emprego de retângulos de madeira como telhas. (N.T.)

[2]. Se o sr. Harbison fosse dono de um escravo chamado Bull (Touro), Tom teria falado dele como sendo “Harbison’s Bull” (o Bull de Harbison); porém um cachorro ou mesmo um filho que tivesse esse nome ou apelido seria chamado “Bull Harbison” (com o mesmo significado). (N.A.)

[3]. No original “Dad fetch it!” De acordo com o Dr. Frank H. Pollight, Ph. D. em Literatura Americana, esta expressão aparentemente incompreensível se refere a uma superstição vigente na época e no local de que os mortos (especialmente os parentes) podem vir nos buscar (ou mandar um cão vadio como mensageiro). Tom Sawy er é órfão e suspeita que seu pai mandou buscá-lo devido a seu mau comportamento. (N.T.)

[4]. Alusão à história das Mil e Uma Noites, em que um mercador carregara excessivamente um camelo e todavia o valente animal prosseguia transportando a carga; mas, no momento em que uma pena foi colocada sobre as mercadorias, a besta arriou o dorso e morreu. (N.T.)

## C A P I T U L O XI

Por volta do meio-dia, a aldeia inteira foi subitamente eletrizada pelas terríveis notícias. Não houve a menor necessidade de um telégrafo com que ninguém ainda sonhara e muito menos inventara; a notícia foi passando de boca em boca, de homem para homem, de grupo em grupo, de uma casa para outra, com uma velocidade muito pouco menor que a do telégrafo. Naturalmente, o mestre-escola deu feriado nesta tarde – a cidadezinha inteira iria ficar desconfiando dele se não suspendesse as aulas. Uma faca ensanguentada tinha sido encontrada próximo ao homem assassinado e alguém já a havia reconhecido como pertencente a Muff Potter – pelo menos era esta a história que corria. Também diziam que um cidadão que estava retornando para casa a uma hora muito tardia havia encontrado o próprio Potter "a lavar-se" em um riachinho, entre uma e duas horas da madrugada; mais ainda, dizia-se que imediatamente Potter tinha fugido para se esconder no meio do mato. Estas circunstâncias eram muito suspeitas, especialmente o fato de ele estar a lavar-se a uma hora dessas, logo Potter, que absolutamente não tinha o hábito de tomar banho, lavar as mãos ou coisa parecida. Também corria que haviam investigado toda a cidade em busca deste "assassino" (em casos como este, o público rapidamente avalia as evidências e chega a um veredicto), porém ele não pudera ser encontrado em parte alguma. Homens a cavalo tinham sido

despachados por todas as estradas, em todas as direções possíveis, e o xerife tinha certeza de que ele seria capturado antes do cair da noite.

Lentamente, toda a cidade se locomoveu para o cemitério. A melancolia de Tom desapareceu e ele se uniu à procissão; de fato, ele preferia mil vezes ir a qualquer outro lugar, mas uma fascinação terrível e inexplicável o atraía nessa direção. Ao chegar ao lugar tenebroso, ele esgueirou seu corpinho através da multidão, chegou até a primeira fila e avistou o desalentador espetáculo. Parecia que um século tinha passado desde que ele estivera ali na noite anterior. Alguém beliscou seu braço. Virou-se, um tanto zangado, encontrando o olhar de Huckleberry. Os dois desviaram os rostos imediatamente, imaginando que alguém poderia ter desconfiado dos olhares que lançaram um ao outro. Mas

todos estavam falando ao mesmo tempo, contemplando com olhos atentos o triste espetáculo à sua frente. As vozes se sucediam:

– Pobre camarada! Coitado, era tão jovem! Isto deveria servir de lição para toda essa gente que assalta os túmulos![1] Muff Potter vai ser enforcado por isso, se conseguirem pegá-lo! – estes eram os comentários mais comuns, e o Ministro acrescentou:

– Foi castigo de Deus! Sua própria Mão se encontra aqui!...

De repente, Tom tremeu da cabeça aos pés, porque seus olhos caíram sobre o rosto impassível de Injun Joe. Nesse mesmo momento, a multidão começou a se agitar e empurrar. Algumas vozes gritaram:

– É ele! É ele! Ele está vindo para cá! É ele mesmo!

– Quem? Quem? – indagaram vinte vozes.

– Muff Potter!

– Olhem, ele parou! Vejam, ele está virando! Não deixem ele fugir!

Mas algumas pessoas que estavam empoleiradas nos galhos das árvores acima da cabeça de Tom disseram que ele nem estava tentando fugir – só parecia perplexo e em dúvida sobre o que fazer.

– Mas esse cara tem um peito dos infernos! – disse um homem parado logo ali. – Pois não é que o sujeito queria dar uma espiada no resultado do seu serviço! Só que não estava esperando encontrar toda esta gente por aqui...

A turba abriu alas então e o xerife atravessou o caminho aberto, caminhando muito seguro de si, chegando até Potter e agarrando-o pelo braço. O rosto do pobre camarada estava desfigurado e seus olhos mostravam todo o medo que o invadira. No momento em que o fizeram parar diante do homem assassinado, ele começou a tremer como se tivesse um

ataque de malária, levou as mãos ao rosto e irrompeu numa torrente de lágrimas.

– Não fui eu, meus amigos! – soluçou. – Dou minha palavra de honra que não fui eu!

– E quem foi que o acusou? – gritou uma voz.

Esta advertência pareceu entrar-lhe até o fundo da alma. Potter ergueu a cabeça e lançou a vista ao redor com um olhar tão desesperançado que causava dó. Avistou Injun Joe e exclamou:

– Oh, Injun Joe, meu amigo, você prometeu que nunca...

– Esta faca é sua? – falou o xerife, estendendo o braço subitamente diante dos olhos de Potter, com a faca na palma da mão.

Nesse momento, o infeliz afrouxou as pernas e poderia ter tombado ao solo, se alguns dos presentes não o tivessem agarrado com todo o cuidado e não o ajudassem a sentar-se no chão. Então, ele disse:

– Bem que eu achava que se não voltasse pra pegar ela...

Seu corpo foi sacudido por um tremendo estremeção e então balançou a mão direita, que parecia completamente sem controle, em um gesto que revelava sua completa derrota e acrescentou:

– Conte a eles, Joe, conte a eles... Agora não adianta mais.

Foi então que Huckleberry e Tom ficaram parados ali, mudos e de olhar fixo, escutando aquele mentiroso de coração de pedra desfiar uma declaração serena, esperando a qualquer momento que o céu azul se abrisse e lançasse um dos raios de Deus sobre a cabeça do bandido, sem entender por que o castigo estava demorando tanto. E quando ele terminou o depoimento e continuou parado em pé, aparentemente gozando de perfeita saúde, o nobre mas vacilante impulso que haviam sentido para quebrar o juramento feito um ao outro a fim de salvar a vida do pobre prisioneiro traído foi se enfraquecendo cada vez mais, até que se desvaneceu completamente. Os meninos sentiram que não havia a menor dúvida de que aquele criminoso tinha vendido a alma a Satanás e seria fatal interferir com a propriedade de um ser tão poderoso.

– Por que você não fugiu? Por que resolveu voltar aqui? – indagou alguém.

– Não pude evitar, não pude evitar – gemeu Potter. – Bem que eu queria fugir, mas não conseguia ir a parte alguma e tive de voltar aqui – disse ele, explodindo novamente em soluços.

Alguns minutos mais tarde, durante o inquérito oficial, Injun Joe repetiu sua

declaração, com a mesma calma de antes e sob juramento; e os meninos, vendo que os relâmpagos ainda não haviam

coriscado nos céus, tiveram  confirmada sua crença de que Joe estava a serviço do Diabo. De fato, ele havia agora se transformado a seus olhos no objeto mais apavorantemente interessante que jamais tinham visto e não conseguiam afastar seus olhos fascinados de sua face. Intimamente, os dois resolveram vigiá-lo durante as noites, quando uma oportunidade se oferecesse, na esperança de darem uma espiadela em seu  terrível mestre.

Injun Joe ajudou a levantar o corpo do homem assassinado e a colocá-lo dentro de uma carroça a fim de ser removido; e foi murmurado através da multidão arrepiada que a ferida começara de novo a sangrar! Os meninos pensaram que esta feliz circunstância orientaria as suspeitas na direção correta; mas nisto ficaram desapontados, porque mais de um aldeão observou:

– Ele estava a um metro de distância de Muff Potter quando começou a sangrar!

O apavorante segredo e a consciência culpada de Tom perturbaram-lhe o sono por mais de uma semana a partir desse dia, até que, em certa manhã, Sid reclamou:

– Tom, você se remexe tanto na cama e não para de falar dormindo.

Metade do tempo, eu nem consigo mais dormir! Tom ficou muito branco e baixou os olhos.

– Mau sinal – disse tia Polly, com toda a gravidade. – O que você tem em mente, Tom? O que está a perturbá-lo?

– Nada. Nada que eu saiba.

Porém a mão que segurava a xícara tremeu ao ponto de derramar-lhe o

café.

– E você fala uns troços tão estranhos – disse Sid. – Na noite passada você

começou a dizer: “É sangue, é sangue, eu sei que é sangue”. Você falou isso uma porção de vezes. Ah, e você também disse: “Não me torture assim, prometo que vou contar”. Contar o quê? O que é que você prometeu que ia contar?

Tom teve a impressão de que a mesa, os armários, as pessoas e a sala inteira estavam girando ao redor dele, como se tudo estivesse flutuando dentro d’água. Qualquer coisa poderia ter ocorrido nesse momento, mas felizmente a preocupação desapareceu da face de tia Polly e ela veio aliviar o embaraço do menino, sem a menor noção do que estava fazendo. Ela disse:

– Ora! Foi esse horrível assassinato. Eu mesma estou sonhando com isso quase todas as noites. Houve até uma vez em que eu sonhei que era a assassina.

Mary acrescentou que ela mesma tinha sido afetada de uma forma semelhante. Sid pareceu satisfeito. Tom saiu da presença

da tia assim que pôde fazê-lo sem despertar mais suspeitas. Depois disso, queixou-se de dor de dente por uma semana, amarrando o queixo com um lenço antes de ir deitar-se. O que ele não sabia é que Sid o vigiava todas as noites e frequentemente desatava a bandagem, depois, apoiado nos cotovelos, escutava os delírios de Tom por longas horas, colocando novamente o lenço no lugar quando estava satisfeito. O sofrimento mental de Tom começou a desvanecer-se gradualmente e a pretensa dor de dente começou a chateá-lo e foi descartada, antes que sua tia pensasse em

arrancar mais um. Se Sid realmente conseguiu entender alguma coisa a partir dos balbucios incoerentes de Tom, manteve o segredo para si próprio. O problema é que seus colegas de classe começaram a inventar “inquéritos judiciais” sobre a morte de gatos assassinados. Os “julgamentos” se sucediam um ao outro e pareceu a Tom que não iam se cansar nunca da brincadeira, mantendo suas atribulações sempre presentes em seu espírito. Sid percebeu que Tom nunca quis assumir o papel de juiz nesses jogos, embora fosse seu hábito liderar todas as novas brincadeiras. Ele percebeu, também, que Tom nem ao menos quis participar como testemunha – isso era muito estranho; Sid tampouco deixou passar o fato de que Tom chegava a demonstrar uma aversão aberta a estes inquéritos. Na verdade, só chegava perto deles se não pudesse evitar. Sid ficou muito admirado, mas não disse nada. Todavia, até

mesmo interrogatórios judiciais saem de moda mais cedo ou mais tarde, e quando os colegas se cansaram da representação, a consciência de Tom também cessou de ser torturada.

Durante este tempo de tristeza, cada dois ou três dias Tom esperava uma oportunidade e então chegava até a janelinha gradeada da cela, contrabandeando pequenos confortos para o "assassino". A cadeia era uma pequena construção de tijolos que, na verdade, não apresentava muita segurança, nem teria prendido qualquer criminoso que estivesse determinado a fugir. Ficava localizada em um banhado nos arredores da cidadezinha e nem ao menos tinha guardas, mesmo porque raramente era ocupada. Estes pequenos presentes serviam mais para dar um pequeno alívio à consciência de Tom. Os aldeãos estavam com bastante vontade de agarrar Injun Joe e cobri-lo de alcatrão e penas (como era o costume da época) e atirá-lo em um vagão de carga que o levasse para bem longe, porque ninguém duvidava de sua participação no roubo do cadáver. Mas sua aparência era tão assustadora e seu caráter tão terrível que ninguém estava disposto a liderar a empreitada, de modo que a ideia foi posta de lado. Além disso, ele havia sido muito cuidadoso e começara tanto sua acusação como o depoimento no inquérito com a história da briga, sem realmente confessar a abertura do túmulo e a retirada do cadáver que a haviam precedido; portanto, nem

sequer valia a pena levá-lo ao tribunal para acusá-lo dessa parte.

[1]. A intenção do Dr. Robinson, naturalmente, era a de estudar o cadáver para desenvolver praticamente suas noções de anatomia, que nas escolas de Medicina daquela época eram ensinadas somente a partir de livros. (N.T.)

## C A P I T U L O XII

Uma das razões por que a mente de Tom se havia desviado de seus problemas secretos era que encontrara um novo assunto importante o suficiente para prender-lhe todo o interesse. Becky Thatcher tinha parado de vir à escola!... Tom lutara consigo mesmo durante alguns dias até vencer seu orgulho e depois fora até a casa dela e ficara assobiando para que saísse, mas sem resultado.

Começou a rondar a casa do pai dela durante as noites, sentindo-se totalmente miserável. Ficou sabendo que ela estava doente. E se a menina morresse? Esta possibilidade interferia em todos os seus pensamentos e impedia todas as suas distrações costumeiras. Não se interessava mais pelas guerras semanais e nem ao menos queria mais ser pirata. Todo o encanto da vida havia desaparecido, somente restava uma monotonia sem fim. Guardou o arco que costumava empurrar pelas ruas com uma varinha de ferro; esqueceu o bastão que usava para bater bola – não havia mais alegria nestes jogos infantis. Sua tia começou a se preocupar; pior ainda, começou a experimentar nele todos os tipos de remédios. Tia Polly era uma dessas pessoas que acreditava em remédios consagrados, mas ao mesmo tempo trazia para casa todas as novidades que apareciam no boticário para fortalecer a saúde ou para curar doenças. Ela era uma experimentadora inveterada de todas estas drogas. Quando aparecia um preparado novo, ela ficava

tremendamente ansiosa por uma oportunidade de aplicá-lo; não nela mesma, naturalmente, porque nunca adoecia nem sentia o menor incômodo, mas em qualquer paciente que lhe caísse nas mãos. Assinava todas as revistas "de saúde" e acreditava em todas as fraudes frenológicas; mas a solene ignorância de que estavam cheias estas doutrinas e publicações era como o mais puro oxigênio em suas narinas. Todas as tolices que elas continham a respeito de ventilação adequada, sobre a hora e maneira de ir para o leito, a hora e maneira de se levantar, o que comer, o que beber, qual a quantidade de exercício diário a realizar e qual a disposição do espírito a manter e que tipo de roupa se deveria usar – tudo lhe parecia tão certo como as verdades do

Evangelho, e nunca observava que as revistas de saúde do mês corrente em geral

contrariavam em tudo o que haviam recomendado no mês anterior. Como tinha um coração puro e era tão honesta como a luz do dia, era uma vítima fácil para estas vigarices. Ela colecionava suas revistas cheias de charlatanerias e seus sortimentos de remédios de fancaria; e assim armada para a luta contra a morte, "montava em seu pálido cavalo de batalha", falando metaforicamente, e saía a combater as forças malignas do Inferno, origem de todas as moléstias. Ela nunca suspeitava que seus vizinhos sofredores pudessem considerá-la uma coisa muito diferente do que o anjo da cura e a portadora do bálsamo de Gilead.[1]

O “Tratamento pela Água” era novo na época, e a infelicidade de Tom, que ela interpretava como um sinal de debilidade física, veio como uma bênção dos céus. Ela o fazia erguer-se da cama ao romper do dia, levava-o ao galpão da lenha e o afogava em um dilúvio de água fria derramada sobre sua cabeça; então, ela o esfregava com uma toalha grossa e áspera como uma lixa e assim o reanimava; depois o enrolava em um lençol úmido e o colocava de volta na

cama sob várias camadas de cobertores para que ele suasse até limpar a alma, “cujas manchas amarelas saíam por todos os meus poros”, conforme dizia Tom.

Apesar de todos estes esforços, o menino ficava cada vez mais melancólico, com o rosto pálido e a expressão tristonha. Ela adicionou banhos quentes, banhos de assento e até mergulhos na água fria. O garoto permaneceu tão lúgubre como um carro fúnebre. Ela começou a acompanhar o tratamento pela água com uma dieta de mingau de aveia aguado e cataplasmas. Calculava a capacidade do menino como se fosse uma jarra ou um bujão e o enchia todos os dias com os cura-tudos dos charlatães.

A essa altura dos acontecimentos, Tom se achava indiferente a todas as perseguições. Esta fase encheu o coração da velha senhora de consternação. A indiferença deveria ser quebrada a qualquer custo. Foi então que ela ouviu falar pela primeira vez

em um remédio chamado Pain-Killer.[2] Ela encomendou de imediato um sortimento de garrafas. Antes de aplicar, provou-o e sentiu-se cheia de gratidão. Era simplesmente fogo em forma líquida. Abandonou o tratamento pela água e tudo o mais, depositando sua fé no Pain-Killer. Administrou uma colher de chá a Tom e observou o resultado com a mais profunda ansiedade.

Imediatamente sua preocupação passou e sua alma retornou à paz, porque a "indiferença" do menino desapareceu num instante. O rapazinho não poderia ter demonstrado um interesse mais ardente, nem se manifestado de maneira mais forte, se ela tivesse acendido uma fogueira por baixo dele e não o deixasse sair do meio das chamas!...

Tom decidiu que estava na hora de despertar; este tipo de vida até poderia ser romântico em sua condição sofredora, mas havia nele muito pouco sentimento e demasiadas aflições materiais para seu gosto. Assim, ele ficou imaginando diversos planos para encontrar um certo alívio e finalmente chegou à conclusão de que o melhor era fingir que adorava tomar Pain-Killer. Começou a pedir colheradas do remédio com tanta frequência que a senhora ficou aborrecida com a insistência e acabou por dizer que ele mesmo se servisse e parasse de incomodar. Se fosse Sid, ela não teria nenhuma suspeita para perturbar seu prazer, mas como era Tom, ela observava a garrafa clandestinamente. Cada vez que examinava, percebia que o conteúdo havia diminuído, mas não lhe ocorreu que o

menino estava usando o remédio para cuidar da saúde de uma fenda entre as tábuas do assoalho da sala de estar.

Pois em um dia desses, Tom estava a ponto de derramar mais uma dose pela fenda do assoalho, quando chegou o gato amarelo de sua tia, ronronando e olhando cheio de gula para a colher de chá, pedindo para provar. Tom falou:

– Não peça esse negócio, se não quiser provar mesmo, Peter. Porém Peter demonstrou que realmente queria.

– Você tem mesmo certeza?

O gato garantiu que tinha certeza.

– Bem, foi você que pediu. Eu vou te dar um pouco porque eu não sou um cara mesquinho, mas se você não gostar, a culpa é toda sua.

Peter concordou plenamente e assim Tom abriu-lhe a boca e derramou-lhe uma colherada de Pain-Killer. Peter pulou dois metros no ar e então soltou “um grito de guerra” e pôs-se a correr à roda da sala, batendo contra os móveis,

derrubando vasos de flores e criando uma tremenda confusão. A seguir, ele ficou em pé nas patinhas traseiras e começou a caminhar em um frenesi de entusiasmo, com a cabecinha encostada em um dos ombros e sua voz proclamando sua felicidade total e inabalável. Depois, recomeçou a correr pela casa, espalhando o caos e a destruição em seu caminho. Tia

Polly entrou a tempo de vê-lo dar alguns saltos mortais duplos, proferir um portentoso hurra final e voar pela janela aberta, carregando com ele os vasos de flores que ainda não tinham sido derrubados. A velha senhora ficou petrificada de espanto, olhando por cima de seus óculos, enquanto Tom rolava no chão, morrendo de rir.

– Tom, o que foi que aconteceu com esse gato?

– Eu não sei, titia – respondeu o menino, no intervalo das gargalhadas.

– Ora, eu nunca vi uma coisa assim! O que foi que entrou nesse animal?

– Eu é que não sei, tia Polly. Os gatos sempre se portam assim quando estão se divertindo.

– Ah, é? É assim que eles se comportam?

Havia alguma coisa no timbre da voz de sua tia que deixou Tom bastante apreensivo.

– Sim, "siora". Quer dizer, eu acho que sim.

– Você acha?

– Sim, "siora".

A velha senhora começou a curvar-se. Tom ficou observando com um interesse enfatizado por sua ansiedade. Tarde demais, ele adivinhou sua intenção. O cabo da colher denunciadora estava visível sob a longa colcha da cama, que pendia quase

até o assoalho. Tia Polly agarrou o objeto e ficou segurando no ar. Tom franziu a testa como se tivesse sentido uma dor súbita e imediatamente baixou os olhos. Tia Polly  ergueu-o pela alça de costume – sua orelha esquerda –  e deu-lhe um croque no alto da cabeça com o dedal que sempre usava.

– Agora, senhor, por que razão você fez essa maldade com o pobre animal inocente?

– Ai! Eu fiz porque estava com pena dele! O coitado não tem tia!

– Como é que é? “O coitado não tem tia”??? Mas o que isso tem a ver com a história, seu patife atrevido?

– Tem um monte de coisas. Porque, se o gato tivesse uma tia, ela mesma teria queimado a língua dele! Teria assado as tripas dele com a mesma facilidade que se ele fosse um ser humano!

Tia Polly sentiu uma súbita pontada de remorso. Esta afirmação colocara todo o negócio sob uma nova luz. O que era crueldade para com um gato, poderia também ser crueldade com uma criança. Ela começou a afrouxar por dentro: estava começando a ficar arrependida. Um pouco de água subiu a seus olhos, ela colocou a mão sobre a cabeça de Tom e disse gentilmente:

– Eu tinha a melhor das intenções, Tom. Além disso, o remédio fez bem a

você.

Tom olhou para sua face com um brilho de sagacidade quase imperceptível atravessando a seriedade de sua expressão:

– Eu sei que a senhora tinha a melhor das intenções, titia. Foi o mesmo com Peter. Eu tinha a melhor das intenções e o remédio também fez bem a ele. Eu

nunca vi ele correndo e pulando com tanta animação e alegria...

– Ora, cale essa boca, Tom, antes que eu me zangue de novo. Se você conseguir ser um bom menino ao menos por algum tempo, não vai precisar tomar mais remédios.

Nesse dia, Tom chegou à escola bastante adiantado. Já tinha sido observado que este estranho fato vinha ocorrendo todos os dias ultimamente. E de novo, como vinha fazendo habitualmente, ele ficou parado no portão da escola, em vez de brincar com seus colegas. Quando o convidaram, disse que não estava se sentindo muito bem, e realmente até parecia não estar bem. Ele fingia estar olhando para todos os lados, menos para aquele que era de fato o alvo de sua atenção – rua abaixo. Logo, Jeff Thatcher surgiu ao longe e o rosto de Tom se iluminou. Ele perscrutou a rua por um momento e então virou o rosto tristemente. Quando Jeff Thatcher chegou ao portão, Tom o abordou e começou a conversar, conduzindo a “prosa” cuidadosamente para fazer alguma pergunta sobre Becky, mas

aquele tonto não mordeu a isca e finalmente se afastou. Tom ficou olhando e olhando, sua esperança crescendo a cada vez que um vestidinho cheio de babados se aproximava e odiando a proprietária assim que percebia que não era quem ele desejava. Finalmente, os vestidinhos pararam de chegar e ele afundou- se novamente em seu desgosto; entrou na sala de aula ainda vazia e sentou-se, sofrendo. No momento seguinte, um novo vestidinho passou pelo portão e o coração de Tom deu um salto. Em um instante, ele tinha saído e se portava feito um índio: gritava, corria, perseguia os outros meninos, pulava sobre a cerca da escola, arriscando quebrar o pescoço ou pelo menos uma perna, dava cambalhotas, caminhava sobre as mãos, com a cabeça para baixo – fazia todas as coisas heroicas de que conseguia se lembrar, mantendo todo o tempo um olhar furtivo sobre Becky Thatcher para ver se ela estava notando. Porém ela parecia perfeitamente inconsciente de suas proezas. Não dava a menor espiada para seu lado. Seria possível que ela nem percebesse que ele estava ali? Transferiu seus malabarismos para mais perto dela, deu gritos de guerra, arrancou o boné da cabeça de um menino e o jogou no telhado da escola, atirou-se contra um grupo de colegas, jogando-os em todas as direções e acabou por estirar-se no chão exatamente embaixo do nariz de Becky, quase a derrubando também. E ela apenas virou-se, com o nariz bem empinado, enquanto emitia um audível – “humpf!” – e acrescentava: “Têm certas pessoas que pensam que são muito espertas – estão sempre se mostrando!”

As bochechas de Tom ficaram vermelhas de vergonha. Ele se levantou

bem depressa e foi embora arrastando os pés, sentindo-se esmagado e completamente murcho.

[1]. Confusão com o “Bálsamo de Galahad”, um dos heróis da busca pelo Santo Graal. Em suas andanças, ele recebe, das mãos de um mago ou de uma dama misteriosa, um elixir capaz de curar todas as feridas. (N.T.)

[2]. Um analgésico feito à base de láudano (tintura de ópio) e aguardente,

## C A P I T U L O XIII

Tom havia tomado agora uma decisão inabalável. Sentia-se infeliz e desesperado. Era um menino abandonado por todos, sem um único amigo no mundo, segundo disse para si mesmo; ninguém o amava, quando descobrissem o que o tinha levado a tomar uma decisão tão drástica e portentosa, talvez se arrependessem; ele tinha tentado agir bem e acompanhar os ditames da sociedade, mas de fato, não o desejavam; a única coisa que agradaria a todos era livrar-se permanentemente dele. Pois, então, seria assim! Não importa que acabassem pondo nele mesmo a culpa pelas consequências – e por que não haveriam de culpá-lo? Que direito tem de queixar-se uma pessoa que não tem amigos? Sim, eram eles que o tinham forçado a agir, no final das contas: doravante, ele seguiria a vida dos criminosos. Ele simplesmente não tinha escolha. A essa altura, ele já se havia afastado da escola e caminhara uma boa distância por Meadow Lane, e a sineta para iniciar as aulas soava fracamente em seus ouvidos. Ele soluçou, então, ao reconhecer que nunca, nunca, nunca mais escutaria aquele som familiar – era muito duro, claro que era, mas ele estava sendo forçado a tomar essa atitude; ele estava sendo expulso para o mundo frio e mau e tinha de submeter-se à decisão do grupo – mas ele perdoava a todos. E então os soluços retornaram, as lágrimas escorrendo grossas e rápidas por seu rosto.

Foi neste ponto que ele encontrou seu amigo do peito e companheiro fiel, Joe Harper – com um brilho duro no olhar e evidentemente abrigando também um grande e terrível propósito no coração. Claramente achavam-se aqui "duas almas com um só pensamento". Tom, secando os olhos com a manga, começou a proclamar, em frases desencontradas e desconexas, alguma coisa sobre sua resolução de abandonar um local onde era tão maltratado, em que não encontrava a menor simpatia no lar e lançar-se à conquista do mundo para nunca mais retornar; e terminou suplicando a Joe que nunca o esquecesse.

Então veio à tona o fato de que este era justamente o pedido que Joe pretendia fazer a Tom – de que estava em busca dele precisamente com este propósito. Sua mãe tinha-lhe dado uma sova só porque ele tinha comido um creme que nunca havia provado antes e realmente não sabia que era tão bom; estava claro que ela se havia cansado dele e queria mesmo que ele fosse embora; se sua própria mãe o rejeitava, que podia ele fazer, senão realizar o seu desejo? Ele esperava que ela ficasse feliz com isso e que nunca se arrependesse de ter corrido de casa seu pobre filho para sofrer e morrer no mundo cruel e indiferente.

Os dois meninos caminharam tristemente juntos e fizeram um novo juramento de sempre apoiarem um ao outro e serem como irmãos e nunca se separarem até que a morte os aliviasse de seus sofrimentos. Então, começaram a fazer

planos. Joe desejava tornar-se um eremita e viver de cascas de frutas em uma caverna remota, até que finalmente morresse de frio, penúria e tristeza; porém, depois de escutar as sugestões de Tom, concluiu que uma vida de crimes era muito mais vantajosa, e assim consentiu em tornar-se um pirata também.

Cerca de cinco quilômetros além de St. Petersburg, em um ponto em que o rio Mississippi tinha pouco mais de um quilômetro e meio de largura, havia uma ilha comprida e estreita, coberta de árvores, com uma faixa de areia a alguns centímetros abaixo da linha d'água na ponta norte, do lado de onde descia o rio, que servia muito bem como um atracadouro. Não era exatamente desabitada, porque muitos a visitavam por um motivo ou outro, mas localizava-se bem além da metade do rio, próxima à margem oposta, junto a uma floresta densa que, esta sim, era muito pouco conhecida. Assim, escolheram a Ilha Jackson como seu esconderijo. As vítimas de sua pirataria não ficaram muito bem definidas – na verdade, o assunto nem sequer lhes ocorreu. Então eles caçaram Huckleberry Finn e este prontamente juntou-se a eles, porque todas as carreiras para ele eram a mesma coisa: ele era indiferente ao tipo de profissão que poderia adotar.

Depois de algum tempo, os três se separaram e marcaram um lugar solitário à beira do rio como ponto de encontro, uns três quilômetros acima da aldeia e determinaram a hora favorita,

que, naturalmente, era a meia-noite. Existia lá uma pequena jangada de troncos de madeira que eles pretendiam capturar.

Todos trariam anzóis e linha e todas as provisões que pudessem roubar da maneira mais furtiva e misteriosa, como ficava bem para aventureiros. Antes do final da tarde, todos tinham tido a doce glória de comunicar à aldeia que em breve "ficariam sabendo de alguma coisa". Mas todos os seus colegas e confidentes que receberam este aviso foram solicitados "a permanecer em silêncio e aguardar novas notícias".

Por volta da meia-noite, Tom chegou ao ponto marcado com um presunto cozido e algumas guloseimas e parou no meio do capim alto, subindo a um pequeno rochedo que dava para o lugar estabelecido. Havia somente a luz das estrelas e tudo estava muito quieto. O imenso rio jazia como um oceano em repouso. Tom escutou por um momento, mas nenhum som perturbou o silêncio. Então assobiou baixinho, mas clara e distintamente. Foi respondido por outro assobio que vinha de algum ponto abaixo do penhasco. Tom assobiou mais duas vezes; estes sinais foram respondidos da mesma maneira. Então, uma voz cautelosa disse:

– Quem vem lá?

– Tom Sawy er, o Vingador Negro do Mar das Caraíbas. Declarai vossos nomes.

– Huck Finn das Mãos Sangrentas e Joe Harper, o Terror dos Mares.

Fora o próprio Tom que lhes concedera estes títulos, retirados de sua literatura favorita.

– Certo está. Declarai a contrassenha!

Dois sussurros teatrais emitiram em coro a mesma palavra terrível, que ecoou através da noite adormecida:

– SANGUE!

Então Tom atirou seu presunto pela beirada do rochedo e pulou atrás dele, rasgando tanto suas roupas como sua pele durante a façanha. Havia um caminho fácil e agradável ao longo da praia, logo abaixo do penhasco, mas não apresentava as vantagens evidentes da dificuldade e do perigo que são tão caros aos corações de todos os piratas.

O Terror dos Mares tinha trazido um bom pedaço de toucinho e quase morrera de cansaço com o esforço de carregá-lo até ali. Finn das Mãos Sangrentas tinha roubado uma panela com um longo tripé que servia como frigideira e uma boa quantidade de folhas de tabaco curadas apenas pela metade, além de várias espigas de milho para preparar cachimbos de sabugo. Mas nenhum dos piratas fumava nem “mascava”, exceto ele mesmo. O Vingador Negro do Mar das Caraíbas disse que não ficava bem iniciarem suas aventuras sem um pouco de fogo. Esta havia sido uma excelente lembrança: naquela época, os fósforos ainda eram praticamente desconhecidos. Avistaram uma fogueira meio apagada em uma grande balsa ancorada

uns cem metros mais acima e foram furtivamente até lá para roubar uns tições. Tornaram o assalto em uma grandiosa aventura, dizendo “caluda!”[1] de vez em quando e parando

repetidas vezes com os dedos sobre os lábios; movendo as mãos sobre  os cabos de adagas imaginárias e emitindo ordens em murmúrios macabros: se “os inimigos” surgissem, deveriam “cravar as lâminas até o punho”, porque “os mortos não falam”. Eles sabiam perfeitamente bem que os balseiros estavam todos na aldeia, dormindo nos armazéns ou se divertindo, mas isto não era desculpa para conduzirem esta expedição de uma forma inadequada a autênticos piratas.

Logo depois, eles empurraram a jangada para o rio e Tom assumiu o comando. Huck pegou o remo esquerdo e Joe o remo dianteiro. Tom permaneceu parado no meio do navio, com uma expressão soturna no olhar e braços cruzados, dando as ordens em um tom baixo e austero:

– Toda força a vante e apanhem o vento!

– Sim, sim, senhor![2]

– Firmar, firma-a-a-ar!

– Está firme, senhor!

– Mudar o curso um ponto a bombordo!

– Um ponto a bombordo, senhor!

Uma vez que os meninos estavam firme e monotonamente remando a jangada para o meio da corrente do rio, sem a

menor dúvida todos entendiam que estas ordens eram emitidas somente por uma questão de “estilo” e que na verdade não significavam nada em particular e não se destinavam mesmo a serem cumpridas.

– Quais as velas que estão desfraldadas?

– A mezena, a vela principal e a bujarrona, senhor!

– Ergam os sobrejoanetes! Subam aos mastros depressa, meia dúzia de vocês! Ferrem as velas do mastro dianteiro! Agora, depressa!

– Sim, sim, senhor!

– Desfraldem bem a vela principal! Firmem as adriças e os estais! Agora, meus bravos!

– Sim, sim, senhor!

– Enfrentar a deriva! Tudo a bombordo! A postos para enfrentar a corrente quando ela chegar! Bombordo, bombordo! Agora, homens! Toda a força! Firmar o curso!

– Está firme, senhor!

A jangada passou além do meio do rio; os meninos apontaram a dianteira bem para frente e então aplicaram os remos. O rio não estava cheio e assim a corrente não era mais rápida que uns três ou quatro quilômetros por hora. Mas era necessário manter o curso, e deste modo os jovens aventureiros quase não

falaram durante os três quartos de hora seguintes. Eventualmente, a jangada passou pela frente da cidadezinha distante. Duas ou três luzes tremulantes mostraram onde ela ficava, pacificamente adormecida, além da amplidão vaga e cheia de reflexos de estrelas, seus habitantes perfeitamente inconscientes do tremendo evento que ocorria sobre as águas do rio. O Vingador Negro permaneceu parado no centro da jangada, com os braços cruzados, “dando um último olhar” para a cena de suas antigas alegrias e seus recentes sofrimentos, desejando que “ela” o pudesse ver agora, enfrentando os perigos e a morte com um coração inquebrantável, partindo para enfrentar seu destino com um sorriso feroz nos lábios. Sua imaginação não tinha grande dificuldade em descrever a Ilha Jackson como um lugar remoto, embora pudesse ser avistada da aldeia – e deste modo, pôde “olhar pela última vez” sua antiga morada por um longo tempo, com o coração partido, porém, na realidade, sentindo-se bastante satisfeito. Os outros piratas também estavam “olhando pela última vez”; e todos olharam por tanto tempo que a corrente quase os arrastou para longe, impedindo- os de atingir a ilha. Mas descobriram o perigo a tempo e desviaram para compensar. Mais ou menos pelas duas da manhã, a jangada encalhou na barra de areia a uns duzentos metros acima da ponta da ilha e eles tiveram de vadear para cá e para lá até descarregarem seus mantimentos. Parte dos pertences da pequena jangada consistia em uma vela gasta, que eles colocaram sobre alguns

arbustos, amarrando-lhe as pontas firmemente, a fim de formar uma tenda que abrigasse suas provisões; mas eles mesmos decidiram dormir ao ar livre enquanto durasse o bom tempo, como compete aos fora da lei.

Fizeram uma fogueira junto a um grande tronco caído a uns vinte ou trinta

passos dentro da sombra da floresta e então fritaram um pouco de toucinho na panela trazida por Huck, para a ceia; e consumiram cerca de metade do pão de milho que também haviam trazido. Pareceu-lhes a maior das diversões estarem fazendo um banquete na liberdade daquela floresta virgem de uma ilha inexplorada e sem habitantes, longe de todas as moradias dos homens – e juraram que jamais retornariam à civilização. As chamas do fogo brilhavam em seus rostos reluzentes e lançavam clarões avermelhados sobre os troncos que formavam os pilares de seu templo na floresta e sobre a folhagem que parecia envernizada por entre as guirlandas de cipós. Quando a última fatia crocante de toucinho tinha sido devorada, depois que a última ração de pão de milho tinha sido consumida, os meninos se esticaram sobre a relva, radiantes de contentamento. Poderiam ter encontrado um lugar mais fresco, mas não negariam a si próprios uma característica tão romântica como adormecer junto ao fogo do acampamento.

– Mas não está gostoso? – perguntou Joe.

– Está uma delícia – respondeu Tom.

– O que iam dizer os caras se pudessem nos ver agora?

– Dizer? Ora, eles iam morrer de vontade de estar aqui junto conosco!

Hein, Hucky ?

– Acho que sim – disse Huckleberry. – Seja como for, pra mim, está muito bom! Não perciso de nada melhó do que isto. Em geral, eu nem ao menos como tanto ansim. E, aqui, eles não podem vir chutar o cara e ficar dizendo coisas.

– Pra mim é a vida que eu pedi a Deus – comentou Tom. – Você não tem hora para se levantar de manhã e não tem de ir à escola, nem lavar a cara, nem todas essas besteiras.

Depois de uma pausa, acrescentou:

– Você vê, Joe, um pirata não tem de fazer nada, pelo menos quando está na praia; mas se você fosse um eremita, ia ter de rezar o tempo todo e, além do mais, eremitas não se divertem com nada, ainda mais que ficam mesmo sozinhos sem ninguém por perto para conversar.

– Pois é, você tem toda a razão – disse Joe –, mas eu não tinha pensado muito sobre essa coisa toda, sabe como é. Acho muito melhor ser um pirata, agora que experimentei.

– E tem mais – disse Tom. – As pessoas não respeitam muito os eremitas, hoje em dia, como costumavam fazer no tempo antigo, mas um pirata sempre é respeitado. Além disso, um eremita tem de dormir no lugar mais duro que puder achar, se vestir com estopa e esfregar cinza na cabeça e, quando chove, tem de ir para fora e ficar parado na chuva e...

– E por que eles se veste com estopa e derrama cinza nas cabeça? – quis saber Huck.

– Ué, eu é que não sei. Mas eles têm que fazer isso. Eremitas sempre se vestem de estopa e jogam cinza na cabeça. Você também teria de fazer isso se virasse um eremita.

– Pois sim, que eu virava! – protestou Huck.

– Bem, o que você faria se fosse um?

– Ah, num sei! Só sei que isso eu não fazia.

– Ora, Huck, você tinha de fazer. Como é que você ia ser eremita, se não fizesse?

– Ora, eu não ia aturar uma coisa dessas. Eu fugia...

– Fugia! Santa Mãe de Deus, você ia ser o pior dos eremitas. Você seria a desgraça da classe!

Desta vez, Finn das Mãos Sangrentas não respondeu, porque estava mais interessado em outra coisa. Ele tinha acabado de perfurar um sabugo e agora estava enfiando um canudo de palha em uma das pontas; depois carregou o bojo que havia

perfurado com  tabaco, apertou um  tição contra a carga, soprou, bufou, e então soltou uma baforada de fumo perfumado, seguida de outras, até estar envolto em uma fragrante nuvem de fumaça, sentindo o máximo de prazer e contentamento. Os outros piratas ficaram com inveja deste seu vício majestoso e secretamente decidiram adquiri-lo em breve. Daí a pouco, Huck falou:

– Que é que os pirata têm de fazer? Tom respondeu:

– Ora, eles se divertem o tempo todo. Tomam navios e depois os queimam, pegam um monte de dinheiro e enterram em lugares terríveis de sua ilha, onde

há fantasmas e esqueletos e outras coisas para cuidar do tesouro, e matam todas as pessoas que estão nos navios – fazem caminhar por uma prancha até caírem no mar das Caraíbas.

– E eles roubam as mulheres e carregam para a ilha também – disse Joe. – As mulheres, eles não matam.

– Não – concordou Tom –, eles não matam as mulheres. São pessoas muito nobres. E as mulheres que eles pegam são sempre muito bonitas, também.

– E eles vestem as roupas mais legais! – gritou Joe com entusiasmo. – Ah, sim! Bordadas a ouro, com enfeites de prata e botões de diamantes!

– Quem? – indagou Huck.

– Ora, os piratas.

Huck examinou suas próprias roupas com uma expressão de desânimo.

– Acho que eu não tou vestido do jeito certo prum pirata – admitiu, com um tom lamentoso e patético na voz. – Mas são só estas que eu tenho.

Porém os outros meninos lhe asseguraram que as roupas finas chegariam bem depressa, assim que eles iniciassem suas aventuras. Eles deixaram bem claro que seus pobres farrapos iam servir para começar, embora o costume dos piratas ricos já fosse principiar as viagens com um belo guarda-roupa.

Gradualmente, sua conversa foi morrendo e a sonolência começou a pesar sobre as pálpebras dos três fujões. O cachimbo caiu dos dedos de Finn das Mãos Sangrentas e ele dormiu o sono dos justos e dos cansados. O Terror dos Mares e o Vingador Negro do Mar das Caraíbas tiveram mais dificuldade para cair no sono. Fizeram suas preces silenciosamente, já deitados, porque não havia nenhuma autoridade para obrigá-los a ajoelhar e rezar em voz alta; para falar a verdade, eles não pretendiam mesmo fazer oração nenhuma, mas tinham medo de ousar tanto logo de saída; caso contrário, poderiam invocar um súbito relâmpago dos céus, dedicado especialmente a eles. Logo em seguida, todos os dois começaram a deslizar para aquelas regiões que pairam logo

acima do sono, mas um intruso apareceu e, por mais que insistissem, não parava de perturbá-los. Era a consciência. Eles começaram a sentir um medo vago de que tivessem agido mal ao fugir; e a seguir, pensaram na comida que haviam roubado; foi a partir desse ponto que chegou a verdadeira tortura. Tentaram argumentar, lembrando à consciência de que tinham surripiado bolos e maçãs dezenas de vezes; mas a consciência não se deixou acalmar com argumentos tão tênues. No final, lhes parecia que não havia como fugir ao fato importuno de que tirar um pedaço de doce ou uma fruta era apenas uma travessura, enquanto roubar presunto e  toucinho e outras coisas valiosas era furto simples e incontestável. O pior é que havia um mandamento na Bíblia que proibia furtar. Assim, internamente, eles decidiram que enquanto permanecessem nesse ramo, sua pirataria não seria novamente contaminada pelo crime de roubar. Só depois a consciência lhes concedeu um armistício e  estes piratas curiosamente  inconsistentes adormeceram e passaram a noite na maior paz.

[1]. Interjeição antiquada para impor silêncio. Hist!, no original inglês. (N.T.)

## C A P I T U L O XIV

Quando Tom se acordou na manhã seguinte, ficou por um momento imaginando onde estava. Sentou-se, esfregou os olhos e olhou em volta; só então compreendeu. Era uma aurora fresca e acinzentada, com um delicioso senso de repouso e de paz na calma e silêncio profundos que brotavam do meio das árvores. Nem uma só folha se movia; nem ao menos um som interferia com a grande meditação da Natureza. Gotas de orvalho como pequenas contas estavam depositadas sobre todas as folhas e pendiam dos talos de relva. Uma camada branca de cinzas cobria o fogo, do qual uma fina coluna de fumaça azul ainda se erguia pelo ar, diretamente em direção ao céu. Joe e Huck ainda estavam adormecidos. E agora, bem distante no meio da mata, um pássaro emitiu seu chamado; outro respondeu; depois de algum tempo escutou-se o martelar de um pica-pau. Gradualmente, o cinza-pálido da madrugada fresca foi se esbranquiçando e no mesmo ritmo os sons se multiplicaram e a vida começou a manifestar-se. A maravilha da Natureza afastando de si o sono e iniciando suas tarefas diárias desdobrou-se diante do menino admirado. Uma medideira, um pequeno verme verde, arrastou-se sobre uma folha orvalhada, erguendo dois terços de seu corpo no ar, "cheirando em volta" e então prosseguindo novamente, porque estava "medindo a folha", pensou Tom; e quando o vermezinho se aproximou dele voluntariamente, o menino

permaneceu sentado, quieto como uma pedra, sua esperança crescendo e diminuindo alternadamente, enquanto a criatura avançava para seu lado ou parecia decidida a mudar de direção e seguir para outra parte. E quando finalmente ela considerou as possibilidades durante um momento doloroso, com a maior parte de seu corpinho balançando no ar e então mergulhou decididamente sobre a perna de Tom e recomeçou sua jornada sobre ele, o coração do garoto encheu-se de alegria – porque isto significava que ele iria ganhar uma roupa nova – sem sombra de dúvida, um esplêndido uniforme de pirata. Depois, apareceu uma procissão de formigas, saída ninguém sabe de onde, prosseguindo com suas tarefas diárias; uma delas lutava magnificamente com a carga de uma aranha morta, cinco vezes maior do que ela e a mantinha presa nas minúsculas patinhas dianteiras, enquanto a carregava para cima, ao longo do tronco de uma árvore. Uma joaninha de pintas marrons ascendeu às alturas estonteantes de uma lâmina de capim e Tom curvou-se até perto dela e disse:

“Joaninha, voa, voa, sobre todos os caminhos,

Tua casa pegou fogo, teus filhotes tão sozinhos.”[1]

Ela alçou voo para verificar se era verdade – o que não surpreendeu o menino, porque ele sabia há muito tempo que este inseto acreditava sempre que lhe falavam em incêndios e

já havia testado sua ingenuidade muitas vezes. Um vira-bosta apareceu a seguir, empurrando sua bola de esterco com toda a pertinácia e Tom tocou nas costas da criatura, porque sabia que ela fecharia as pernas e ficaria imóvel, fingindo que estava morta. A essa altura, os pássaros

estavam fazendo o maior dos alaridos. Um tordo gateado, o imitador dos bosques setentrionais, pousou em um galho acima da cabeça de Tom e gorjeou suas imitações dos pássaros vizinhos em um êxtase de gozo de viver; depois apareceu um gaio com seu pio agudo, voou sobre eles como uma chama azul e parou em um galhinho seco, quase ao alcance do menino maravilhado, virou a cabeça de lado e ficou contemplando os estranhos com uma curiosidade invencível. Logo depois, um esquilo cinzento e uma criatura grande, que parecia ser parente das raposas, vieram correndo por entre as raízes, sentando-se sobre as patinhas traseiras nos intervalos entre as corridinhas a fim de inspecionar os meninos e lançar-lhes guinchos interrogativos, porque estes animaizinhos provavelmente nunca tinham visto seres humanos antes e mal sabiam se deveriam ter medo ou não. Toda a Natureza estava desperta e  em movimento agora: longas lanças de luz solar atravessavam a folhagem densa, algumas bem perto, outras mais longe, até que algumas borboletas começaram a flutuar sobre a cena.

Tom levantou os outros piratas e eles logo iniciaram uma tremenda algazarra, trocando gritos e desafios, e dentro de um

minuto os três tinham se despido e estavam perseguindo uns aos outros aos trancos e empurrões na água límpida e rasa que recobria o banco de areia branca. Não sentiam mais nenhuma saudade da pequena aldeia adormecida na distância, do outro lado do majestoso curso d'água. Uma corrente caprichosa ou um leve aumento no nível do rio tinha carregado sua jangada, mas isto somente aumentou sua alegria, porque seu desaparecimento significava alguma coisa como queimar as pontes entre eles mesmos e a civilização.

Voltaram para o acampamento maravilhosamente refrescados, com os corações cheios de entusiasmo e uma fome de lobos; sem grandes dificuldades, conseguiram reacender as brasas que estavam sob as cinzas e logo a fogueira crepitava de novo alegremente. Huck encontrou uma fonte de água fresca e clara, que ficava bem perto dali, e os meninos fizeram taças com folhas largas e grossas de carvalho ou de nogueira brava e logo descobriram que a água, adoçada por um encantamento dos bosques selvagens, tinha gosto melhor e substituía perfeitamente o café. Joe começou a cortar fatias de toucinho para a refeição, mas Tom e Huck lhe pediram para esperar um pouco: caminharam até um recanto prometedor na beira do rio e lançaram suas linhas. Quase imediatamente, foram recompensados. Joe nem teve tempo para ficar impaciente, porque eles logo retornaram com uma truta gorda, duas percas e um pequeno bagre – provisão suficiente até para uma família. Fritaram o pescado com toucinho e ficaram

assombrados, porque nunca antes haviam comido peixes tão deliciosos. Eles não sabiam ainda que quanto mais depressa um peixe de água doce é colocado no fogo após ser apanhado, melhor é seu gosto; e não refletiram que dormir ao ar livre, realizar uma série de exercícios saudáveis e banhar-se na água do rio é o melhor dos temperos, sem contar que a fome contribui grandemente para tornar os alimentos muito mais saborosos.

Depois da refeição, eles ficaram deitados na sombra, enquanto Huck fumava, e depois entraram pela floresta em uma expedição exploratória. Marcharam em frente alegremente, pulando troncos apodrecidos atravessados pelo chão, através de vegetação rasteira bastante cerrada, por entre os solenes

“monarcas do bosque”, recobertos desde as copas até o chão por dosséis pendentes de trepadeiras. De vez em quando, encontravam pequenas clareiras confortáveis, atapetadas de grama e enfeitadas de flores que mais pareciam joias.

Encontraram quantidade de coisas divertidas, mas realmente nada que lhes causasse espanto. Descobriram que a ilha tinha mais ou menos cinco quilômetros de comprimento e uns quatrocentos metros de largura; e que a praia mais próxima, na margem direita do rio, era separada dela somente por um estreito canal com menos de duzentos metros de largura. Mais ou menos de  hora  em hora desciam ao rio para nadar e assim

só retornaram ao acampamento pelo meio da tarde. Estavam famintos demais para pescar, mas alimentaram-se suntuosamente com presunto frio e então se atiraram novamente no capim fresco à sombra das árvores para conversar. Mas a conversa logo começou a se arrastar, até que morreu. O silêncio e a solenidade que reinavam nos bosques, a própria sensação de solidão resultante, começaram a invadir os espíritos dos meninos. Eles se puseram a pensar. Uma espécie de ansiedade indefinida foi se arrastando para dentro deles. E depois tomou uma forma mais ou menos vaga – estavam começando a sentir saudades de casa. Até mesmo Finn das Mãos Sangrentas estava sonhando com as soleiras das portas e barricas vazias. Mas todos os três se envergonharam de sua fraqueza e nenhum teve coragem de expor seus pensamentos.

Já desde algum tempo, os meninos vinham escutando inconscientemente um som peculiar e distante, do mesmo jeito que qualquer um de nós escuta o tique-taque de um relógio sem prestar muita atenção. Mas agora este som misterioso tornou-se mais premente e obrigou-os a reconhecê-lo. Os meninos se assustaram, olharam uns para os outros e depois cada um começou a escutar.

Seguiu-se um longo silêncio, profundo e ininterrupto; então um ribombar grave e soturno veio flutuando sobre as águas do rio desde a margem distante.

– Mas o que é isso? – indagou Joe, quase sem mexer os lábios.

– Não faço ideia – respondeu Tom, em um murmúrio.

– Trovão não é – disse Huckleberry, em um tom comedido – pruquê o trovão...

– Atenção! – falou Tom. – Escutem, em vez de falar.

Esperaram por um intervalo que pareceu um século e então o mesmo ribombar surdo perturbou o solene silêncio da ilha.

– Vamos ver o que é.

Levantaram-se depressa e correram para a margem que dava para a cidadezinha. Separaram os arbustos da beirada e olharam através da água. A pequena balsa a vapor encontrava-se a um quilômetro e meio abaixo da aldeia, deixando-se levar corrente abaixo. Seu tombadilho largo parecia cheio de gente. Havia uma porção de canoas sendo remadas ou simplesmente flutuando na mesma direção da corrente do rio, espalhadas por todos os lados da balsa, mas os meninos não podiam determinar a essa distância o que era que os homens dentro delas estavam fazendo. Depois de algum tempo, um grande jato de fumaça branca surgiu do lado da balsa; e, enquanto ele se expandia e subia em uma nuvem preguiçosa, o mesmo estrondo abafado veio pelo ar até seus ouvidos.

– Agora eu sei! – exclamou Tom. – Alguém se afogou!

– É isso mermo – disse Huck. – Eles fizero isso no verão passado, quando Bill Turner se afogou; eles dispararo um canhão sobre as água e isso feiz que o corpo dele aparecesse em cima do rio. Sim, foi isso mermo; e tem mais, eles pegam uns pãos intero e põem mercúrio dentro deles e jogam nas onda do rio e onde tiver um cara afogado, eles flutuam até lá e ficam todos parado.

– Pois é, eu também já ouvi falar nisso – afirmou Joe. – Gostaria de saber por que é que os pães fazem isso.

– Ora, eu não acho que seja mesmo o pão – disse Tom. – Calculo que seja principalmente o que eles dizem quando jogam os pães na água.

– Mas eles não diz nada quando jogam – disse Huck. – Eu vi quando eles jogava e não dissero nada, nada mermo.

– Bem, isso é muito gozado – disse Tom. – Pode ser que eles não digam alto, só falem para eles mesmos, dentro da cabeça. É claro que é isso que eles fazem. Todo mundo sabe.

Os outros concordaram que Tom deveria ter razão no que estava dizendo, porque como é que um pedaço de pão ignorante poderia agir de uma forma tão inteligente ao ser encarregado de um serviço de tanta importância, se não fosse guiado por um encantamento?

– Puxa vida, que coisa mais emocionante! Bem que eu queria estar lá agora! – disse Joe, cheio de inveja.

– Pois oia, eu tamém – concordou Huck. – Dava um monte de coisa só pra saber quem é.

Os meninos continuaram escutando e observando. De repente, um pensamento revelador passou como um relâmpago pela cabeça de Tom e ele exclamou:

– Rapazes, eu sei quem foi que se afogou – fomos nós!

Eles se sentiram como heróis no mesmo instante. Aqui estava um magnífico triunfo: estavam sentindo falta deles; estavam lamentando sua morte; uma porção de gente estava se sentindo de coração partido por causa deles; estavam até derramando lágrimas! As lembranças acusadoras das maldades que tinham sido feitas àqueles pobres meninos estavam vindo à tona e a tristeza e os remorsos que o pessoal estava sentindo pareciam agora totalmente inúteis.

Melhor que tudo, toda a cidade estava falando nos pobres rapazes falecidos e tinham certeza de que todos os outros meninos estavam cheios de inveja dessa deslumbrante notoriedade. Mas que coisa boa! Valia a pena ser pirata, no final das contas!...

Quando se aproximou o crepúsculo, a balsa voltou a atender seus negócios de costume e as canoas desapareceram. Os três piratas retornaram a seu acampamento. Estavam vaidosos com a recente notoriedade e com o tremendo incômodo que

estavam causando. Pegaram mais uns peixes, prepararam o jantar, comeram e então se puseram a adivinhar o que a aldeia estava pensando e dizendo a respeito deles; e o cenário que desenharam sobre o infortúnio coletivo provocado por seu falecimento era uma coisa extraordinariamente bela, de acordo com seu ponto de vista. Mas quando as sombras da noite se fecharam sobre eles, foram gradualmente cessando de conversar e ficaram sentados,

contemplando o fogo, seus pensamentos com toda a certeza ocupados em outra parte. Agora que a excitação tinha acabado, Tom e Joe não podiam afastar as lembranças de certas pessoas em suas casas que não estavam aproveitando aquela bela aventura com a mesma alegria que eles. Começaram a sentir dúvidas sobre seu procedimento; ficaram perturbados e infelizes; até mesmo um suspiro ou dois escapou sem que percebessem. Aos poucos, Joe aventurou-se, com bastante timidez, a uma sondagem cheia de rodeios sobre como os outros se sentiriam com relação a um retorno à civilização – não agora, é claro, mas...

Tom respondeu-lhe com tanta zombaria que ele se encolheu. Huck, que não tinha muita coisa para que voltar e não se sentia comprometido com nada, ficou do lado de Tom e o vacilante rapidamente "explicou" que não queria dizer bem isso, era só uma ideia; e alegrou-se por escapar da encrenca em que se havia metido com um mínimo de troça. Mesmo assim, teve de

engolir que “estava era com saudades de casa” e que não passava de “um pirata com coração de galinha”. O motim foi abafado, pelo menos temporariamente.

À medida que descia a noite, Huck começou a cabecear de sono e finalmente pôs-se a roncar; Joe foi o seguinte. Tom deitou-se imóvel, a cabeça apoiada ao cotovelo durante algum tempo, observando os dois colegas cuidadosamente. Finalmente, ele se ergueu com o maior cuidado sobre os joelhos e começou a procurar no meio do capim, sob a luz oscilante das chamas da fogueira. Ele apanhou e inspecionou diversos objetos grandes, que pareciam cilindros cortados ao meio, os quais eram produzidos pela casca branca dos sicômoros quando se desprendia e caía ao solo; finalmente, escolheu dois que pareceram servir para seu propósito. Então, agachou-se junto ao fogo e penosamente escreveu alguma coisa em cada um deles com seu pedaço de ocre vermelho; o primeiro, ele enrolou e guardou no bolso do casaco, enquanto colocava o segundo dentro do chapéu de Joe, que depositou a uma certa distância do proprietário. Também colocou dentro do chapéu certos tesouros, que para um menino de escola pareciam de inestimável valor, entre eles, um pedaço de giz, uma bolinha de borracha, três anzóis e uma bolinha de gude daquele tipo que era conhecido como “cristal de verdade”. Depois disso, ele saiu pé ante pé por entre as árvores até achar que não poderia mais ser escutado; de imediato pôs-se a correr diretamente para a restinga arenosa.

## C A P I T U L O XV

Alguns minutos depois, Tom estava na água rasa da ponta de areia, vadeando na direção da margem que ficava do lado do estado de Illinois. Antes que a profundidade fosse suficiente para lhe recobrir a cintura, ele já havia percorrido a metade do caminho; a corrente não permitiu que seguisse vadeando e, assim, ele começou confiantemente a nadar os cem metros que faltavam.

Nadava em diagonal para compensar a corrente, mas a força era maior do que esperava e começou a ser arrastado rio abaixo muito mais depressa do que pretendia. Entretanto, no devido tempo, ele chegou à praia e foi se deixando levar até que encontrou um lugar adequado em que subiu à margem. Colocou a mão dentro do bolso ensopado do casaco e descobriu que seu pedaço de casca de sicômoro estava em perfeitas condições; depois embrenhou-se na mata, seguindo ao longo da praia com as roupas pingando água. Um pouco antes das dez horas da noite, ele chegou a um ponto bem em frente à aldeia, em que havia um espaço aberto, e avistou a balsa atracada à sombra das árvores, junto à margem, que neste lugar era um pouco mais elevada. Tudo estava quieto sob as estrelas tremeluzentes. Ele desceu à margem, com os olhos bem abertos para qualquer surpresa, deslizou água adentro, deu três ou quatro braçadas e entrou na canoa que servia como escaler e estava amarrada à popa da balsa. Deitou-se

sob as tábuas atravessadas que serviam como assentos e esperou, sua respiração muito forte em seus próprios ouvidos. Em breve, a sineta rachada tocou e uma voz deu ordem para "fazer-se ao rio". Um minuto ou dois depois, a dianteira da canoa estava sendo erguida bem alto pela esteira da balsa e a viagem havia começado. Tom sentiu a maior felicidade pelo seu sucesso, porque sabia que esta era a última viagem do barco nessa noite. Depois de uns doze ou quinze minutos que pareceram muito longos, as rodas pararam de girar e Tom saltou pela amurada do bote, nadando para a margem no lusco-fusco da noite, dando à praia uns cinquenta metros corrente abaixo, para evitar o perigo de ser avistado por possíveis retardatários. Correu bem depressa pelos becos e ruelas menos frequentados e em breve estava junto à cerca que ficava nos fundos da casa de sua tia. Pulou por cima dela, aproximou-se do alpendre e olhou por uma janela da sala de estar, em que avistara uma luz brilhando. Havia um grupo de pessoas sentadas: tia Polly, Sid, Mary e a mãe de Joe Harper conversando em um grupinho apertado. Estavam junto à cama e esta ficava entre eles e a porta. Tom aproximou-se desta e começou a girar o trinco bem devagar e sem fazer barulho; então empurrou com todo o cuidado até que apareceu uma fresta junto ao batente; ele continuou empurrando cuidadosamente, todos os músculos tensos a cada vez que produzia um pequeno estalo, aumentando a fresta lentamente, até que achou que poderia esgueirar-se para dentro,

arrastando-se de gatinhas. Então enfiou a cabeça para dentro e iniciou a empresa, cheio de cautela.

– Por que a vela está bruxuleando tanto? – perguntou tia Polly. Tom

apressou-se a passar para dentro. – Ora, a porta se abriu, acho eu. Mas é claro que está aberta! Coisas estranhas não param de acontecer ultimamente. Vá até lá e feche a porta, Sid.

Tom desapareceu por baixo da cama justamente a tempo. Ficou bem quietinho, prendendo a respiração, escondido pelas beiradas pendentes da colcha, e depois se arrastou lentamente até um ponto em que quase podia tocar o pé de sua tia.

– Mas como eu estava dizendo – falou tia Polly –, ele não era um menino mau, por assim dizer, só era um bocado arteiro. E meio desatento e avoado, sabem? Não tinha mais responsabilidade que um potrinho. Nunca teve a intenção de fazer alguma coisa realmente má e tinha um coração de ouro, o menino mais bondoso que eu já vi – e ela começou a chorar.

– Foi a mesma coisa com meu Joe – sempre metido em confusões e travessuras, disposto a fazer qualquer tipo de arte, mas no fundo era um menino sem maldade, não era egoísta e era muito bom e gentil com os outros. Deus que me perdoe, fico arrependida cada vez que me lembro que dei uma sova nele por causa daquele creme, sem nem me dar de conta que eu ia

mesmo jogar fora, porque tinha ficado azedo; e agora não vou vê-lo nunca  mais neste  mundo, nunca, nunca, nunca mais, pobre  menino judiado!  – A sra. Harper soluçava como se seu coração estivesse a partir-se em dois.

– Espero que Tom esteja melhor no lugar para onde foi – disse Sid. – Mas eu teria mais certeza se ele tivesse sido um pouco melhor...

– Sid!

Tom sentiu o brilho de cólera nos olhos da velha senhora, embora não tivesse visto.

– Não diga uma só palavra contra o meu Tom, agora que ele partiu! Deus vai cuidar dele. Ele não precisa que o senhor tenha certeza de nada! Oh, sra.

Harper, eu não sei como vou viver sem ele! Ele era um conforto tão grande para mim, embora atormentasse tanto meu velho coração!

– O Senhor deu e o Senhor tirou, bendito seja o Nome do Senhor! Mas é tão difícil, oh, é tão difícil! Sábado passado meu Joe explodiu um busca-pé bem em frente de meu nariz e eu lhe dei um tapa tão forte que ele caiu de costas no chão! Mas como é que eu ia saber, na hora, que tão em breve – ai, se eu pudesse voltar atrás, eu lhe dava um abraço e ainda o abençoava por ter saúde e poder estar armando o tempo todo!

– Sim, sim, sim! Eu sei justamente como a senhora está se sentindo, sra. Harper. Agora eu sei exatamente como a senhora se sente. Olha, não faz muito tempo, dois dias só – foi ao meio-dia de anteontem, que o meu Tom agarrou a garrafa e encheu o pobre do gato com Pain-Killer. Eu pensei que a desgraçada da criatura ia fazer a casa em pedaços! E, Deus que me perdoe, eu bati na cabeça de Tom com meu dedal, pobre menino, pobre meninozinho afogado. Mas agora ele está livre de todos os problemas. E as últimas palavras que eu jamais ouvi saírem de sua boca foram de reprovação...

Esta lembrança era demais para a velha senhora e ela explodiu em um dilúvio de lágrimas. O próprio Tom estava fungando agora – mais com pena de si mesmo que de qualquer um dos outros. Ele podia escutar Mary chorando e dizendo palavras gentis a seu respeito nos intervalos. Ele começou a ter uma opinião mais nobre de si mesmo do que jamais tivera antes. Todavia, seu coração era generoso o bastante para sentir-se atingido pelo sofrimento de sua pobre tia e

ansiava por sair de baixo da cama para abraçá-la e deixá-la cheia de alegria. A magnificência teatral da cena apelava fortemente para sua natureza, mas ele resistiu e ficou bem quietinho. Continuou a escutar, e ficou sabendo, através de trechos da conversação, que, a princípio, haviam conjeturado que os meninos tinham saído para nadar no rio e se afogado; então, deram falta da pequena jangada; logo depois, alguns

dos outros meninos disseram que os desaparecidos haviam prometido que a cidade inteira em seguida “ia ficar sabendo de uma coisa”. As mentes mais sábias “haviam somado dois mais dois” e decidido que os meninos haviam fugido naquela jangada e em pouco tempo apareceriam na próxima cidade, rio abaixo. Só que, por volta do meio-dia, a jangada havia sido encontrada, presa contra uns galhos na margem que ficava do lado de Missouri (que era o lado em que moravam), uns oito ou dez quilômetros rio abaixo; a partir daí, perderam-se as esperanças: eles certamente tinham se afogado, caso contrário a fome os teria trazido de volta ao cair da noite, se não antes. Até mesmo se acreditava que a busca pelos corpos tinha sido um esforço infrutífero, porque os afogamentos deveriam ter ocorrido bem no meio do canal e os cadáveres arrastados pela força do rio; porque os meninos eram bons nadadores e se tivessem caído n’água mais perto da margem, teriam nadado até chegar à praia. Era a noite de quarta-feira. Se os corpos continuassem sumidos até o próximo domingo, toda esperança seria abandonada e os funerais (mesmo com os cadáveres ausentes) seriam realizados nessa manhã. Tom estremeceu.

A sra. Harper deu boa-noite entre prantos e dirigiu-se para a porta. Então, em um impulso recíproco, as duas mulheres aflitas se lançaram nos braços uma da outra e choraram copiosamente para consolo mútuo. Só depois disso é que a sra. Harper foi para casa. Tia Polly despediu-se de Sid e de Mary com uma ternura que era muito contrária à sua natureza

severa: Sid fungou um pouco e Mary foi para seu quarto, chorando de partir o coração.

Tia Polly ajoelhou-se e rezou pela alma de Tom de uma maneira tão tocante, tão comovedora, com um amor tão infinito em suas palavras e em sua velha voz trêmula, que o objeto das orações estava derretido em lágrimas muito antes que ela houvesse terminado.

Ele precisou permanecer imóvel por um longo tempo depois que ela subiu ao leito, porque a pobre senhora continuava a proferir exclamações sofridas de tempos em tempos, movia os braços e as pernas para todos os lados e se revirava sem parar na cama. Finalmente, ela se acalmou, somente emitindo uns pequenos gemidos em seu sono atribulado. Então, o menino foi saindo, ergueu-se gradualmente junto à cabeceira da cama, tapou parcialmente a luz do castiçal com a palma da mão e ficou parado, contemplando a tia adormecida. Seu coração estava cheio de piedade por ela. Tirou o seu pergaminho feito de casca de sicômoro do bolso e colocou-o na mesinha de cabeceira, junto à vela. Mas alguma coisa lhe ocorreu e ele permaneceu parado e indeciso por um longo tempo. Sua face iluminou-se com a feliz conclusão de seus pensamentos; colocou a casca rapidamente de volta no bolso; então se inclinou muito de mansinho e beijou os lábios pálidos; logo a seguir, saiu da sala-quarto o mais furtivamente que pôde, fechando o trinco da porta por detrás dele.

Atravessou a cidade cautelosamente, de novo tomando os caminhos menos

frequentados, até chegar ao atracadouro da balsa; não encontrou ninguém pelos arredores e abordou o barco com ousadia, porque sabia que ninguém ficava por lá exceto o vigia, e este, em vez de cuidar do barco, ia deitar-se em um beliche no porão e dormia como uma estátua de madeira. Desamarrou o bote que ficava junto à popa, desceu para dentro dele e logo estava remando vigorosamente contra a corrente. Quando tinha impulsionado a canoa até um quilômetro e meio acima da aldeia, começou a remar de viés, a fim de atravessar o rio. Desta vez, precisou de todas as suas forças para realizar a tarefa. Em breve, atingiu com precisão o desembarcadouro do lado oposto, porque estava acostumado a conduzir pequenos barcos. Por algum tempo, pensou em capturar o bote definitivamente, como convinha a um pirata, porque, embora fosse pequeno, não deixava de ser um navio e, portanto, era uma presa legítima. Mas lembrou-se de que o desaparecimento dele ocasionaria uma busca em larga escala, que poderia facilmente revelar o seu esconderijo. Assim, ele desembarcou na praia, abandonando a canoa, e entrou no bosque. Sentou-se e descansou por um longo tempo, fazendo o maior esforço para permanecer acordado. Depois, embora ainda se sentisse exausto, encetou a última etapa da jornada, caminhando o longo trecho que levava até a margem fronteira

à ilha. A noite quase havia terminado. O dia já estava claro quando ele se encontrou mais ou menos em frente à barra arenosa. Descansou de novo até que o sol se erguesse bem e fizesse com que o grande rio espelhasse seu esplendor; só então lançou-se na corrente. Pouco mais tarde ele fez uma nova pausa, suas roupas encharcadas e pingando, junto à entrada do acampamento, por haver escutado a voz de Joe:

– Não, Tom é um cara legal, Huck, ele vai voltar. Ele não vai desertar e nos

deixar sozinhos. Ele sabe que isso ia ficar muito mal para um pirata e Tom tem orgulho demais para se desgraçar. Ele está armando alguma coisa ou outra. Só imagino o quê!

– Bem, as coisas são nossa, de quarquera jeito, num são?

– Praticamente são, Huck, mas ainda não. O escrito diz que as coisas são nossas se ele não voltar para comer conosco.

– E ele já voltou! – exclamou Tom, causando o mais dramático dos efeitos, enquanto invadia o acampamento com a maior empáfia.

Em breve estava preparado um suntuoso desjejum de toucinho e peixe e os meninos dedicaram-se a ele enquanto Tom contava (e adornava) suas aventuras na praia. Quando a história acabou, os três fujões sentiam-se transformados em uma garbosa companhia de heróis, gabando-se alegremente da importância que tinham adquirido. Depois disso, Tom escondeu-se em uma clareira ensombreada a fim de dormir

até o meio-dia, enquanto os outros piratas decidiam se iam pescar ou explorar.

## C A P I T U L O XVI

Depois do almoço, todo o bando reuniu-se para procurar ovos de tartaruga na língua de areia. Foram andando para cá e para lá, enfiando galhos compridos e mais ou menos retos na areia; e, quando encontravam um lugar mais macio, ajoelhavam-se e começavam a cavar com as mãos. Algumas vezes, conseguiam tirar cinquenta e até sessenta ovos de um único buraco. Eram objetos perfeitamente brancos e redondos, um pouco menores que as nozes importadas da Inglaterra. Nessa noite, fizeram um banquete delicioso com os ovos fritos, repetido por outro na manhã de sexta-feira. Terminada a refeição, saíram a gritar e a pular sobre a faixa de areia, perseguindo uns aos outros sem parar, durante horas, tirando as roupas à medida que iam sentindo calor, até que os três ficaram completamente pelados. Depois, continuaram a brincadeira, avançando pela parte submersa da restinga, enfrentando a corrente, que nessa hora estava mais forte e um pouco mais adiante começou a derrubá-los na água, retirando a areia de baixo de seus pés, o que aumentou ainda mais o divertimento. De vez em quando, eles faziam uma roda e jogavam água uns nos outros com a palma das mãos, gritando ainda mais quando acertavam os rostos; gradualmente, iam se aproximando com as caras viradas para o lado, para evitar os jatos frios, e, finalmente, agarravam-se uns aos outros, empurravam e lutavam até que um deles derrubasse o outro,

e então jogavam-se todos juntos na água rasa, numa confusão branca de braços e pernas, que se projetavam para todos os lados, retornando à superfície soprando água, cuspindo e dando gargalhadas, ao mesmo tempo em que lutavam para respirar novamente.

Depois que ficavam completamente exaustos, eles corriam para fora da água se atiravam na areia seca e quente, ficavam estirados lá, cobriam-se com a areia, até que, eventualmente, um deles corria para a água de novo e repetiam todo o desempenho anterior com a maior desenvoltura. Finalmente, ocorreu a eles que suas peles, agora levemente avermelhadas, pareciam malhas cor de carne, então eles desenharam um círculo na areia para brincar de circo – uma companhia com três palhaços, porque nenhum deles iria querer interpretar um papel menos importante.

A seguir, praticaram "quicar" e "nicar" e "esvaziar o círculo" com as bolinhas de gude, mas em breve se cansaram. Depois Joe e Huck foram nadar de novo, mas Tom não quis entrar, porque percebeu que, ao tirar fora as calças, tinha chutado sua tornozeleira de chocalhos de cascavel que estava presa ao pé; na hora, não havia percebido nada, e não sabia como não havia tido câimbras por tanto tempo, sem a proteção de seu amuleto misterioso. Mas não se animou a entrar de novo até que tivesse encontrado o objeto e, quando conseguiu achar, os outros dois estavam cansados e só queriam se deitar um pouco. Gradualmente, passaram a pensar em outras coisas,

foram se sentindo “por baixo” e começaram a olhar com ansiedade através do rio para o local em que a aldeia cochilava à luz do sol. De repente, Tom surpreendeu-se escrevendo BECKY na areia com o dedão do pé direito; apagou bem depressa e ficou zangado consigo mesmo por sua fraqueza. Mesmo assim, daí a pouco escreveu de novo, sem

conseguir evitar. Apagou outra vez e evitou cair novamente em tentação através do expediente de fazer os outros meninos levantarem, correr atrás deles e recomeçar com todas as brincadeiras anteriores.

Mas o ânimo de Joe a essa altura tinha se enfraquecido a um ponto em que era quase impossível ressuscitá-lo. Ele estava com tanta saudade de casa, que quase não podia suportar o sofrimento. As lágrimas jaziam muito perto da superfície. Huck também estava um tanto melancólico. Tom estava com o coração pesado, mas fez o maior esforço para não demonstrar nada. Ele tinha um segredo que não estava ainda disposto a compartilhar, mas se esta depressão amotinadora não fosse quebrada em seguida, ele teria de revelar o mistério.

Mostrando o maior contentamento, ele falou:

– Aposto que já houve piratas nesta ilha antes, rapazes. Vamos explorar de novo. Eles devem ter escondido tesouros por aqui. Que é que vocês fariam se encontrássemos uma arca meio podre, cheia de ouro e de prata, hein?

Mas só conseguiu despertar um leve entusiasmo, que logo empalideceu sem provocar uma reação positiva. Tom experimentou uma ou duas outras seduções, mas estas também falharam. Já estava começando a sentir-se desencorajado. Joe remexia na areia com uma varinha e parecia realmente muito aborrecido. Finalmente, ele disse:

– Pessoal, vamos desistir. Quero ir para casa. Aqui é muito triste...

– Oh, não, Joe, você vai acabar sentindo-se melhor – disse Tom. – Lembre como a pesca é boa por aqui!

– Não quero mais saber de pescarias. Quero ir para casa.

– Mas, Joe, não existe outro lugar melhor para se nadar em parte alguma do mundo!

– Cansei de nadar, acho que nem gosto mais. O bom de ir para o fundo é quando tem alguma pessoa que fica dizendo para a gente não ir. Eu quero ir para casa.

– Mas que droga, bebezão! Você quer mesmo é ver a mamãe, não é?

– É isso mesmo. Eu estou louco de vontade de ver minha mãe e você também estaria, se tivesse uma. Eu não sou mais bebezão do que você.

Joe começou a fungar um pouquinho.

– Bem, vamos deixar o bebê chorão voltar para sua mamãezinha, não é, Huck? Coitadinho! Está louquinho para se

agarrar nas saias da mamãe! Pois então, pode ir! Você gosta daqui, não gosta, Huck? Ficamos só nós dois, não é?

– Pois é – respondeu Huck, mas sem o menor entusiasmo.

– Nunca mais vou falar com você em toda a minha vida – disse Joe, erguendo-se. – Pode ter certeza disso! – e afastou-se de mau humor, começando a colocar as roupas.

– Pelo muito que eu me importo! – disse Tom. – Não tenho o menor interesse em falar com você. Vá para casa e todo mundo vai rir de você. Belo pirata você me saiu! Huck e eu não somos bebês chorões. Vamos ficar, não vamos, Huck? Ele que vá embora, se quiser. Acho que podemos nos dar muito bem sem ele, quem sabe?

Não obstante suas palavras, Tom estava bastante inquieto, e ficou bem alarmado quando, apesar de suas zombarias, Joe continuou a vestir-se. O mais

inquietante é que Huck começou a olhar as preparações de Joe quase com inveja, mantendo um silêncio bastante preocupante. No devido tempo, sem uma palavra de adeus, Joe começou a vadear em direção à margem de Illinois. O coração de Tom ficou pequenininho e pareceu afundar em seu peito. Quando levantou a vista para Huck, este não pôde suportar-lhe o olhar e baixou a cabeça. Então, ele disse:

– Eu tamém quero ir, Tom. Por aqui tava ficando muito vazio mermo e agora que ele foi simbora, vai ficar pior ainda. Vamos junto, Tom.

– Eu não vou; vocês podem ir embora todos, se quiserem. Eu pretendo

ficar.

– Tom, é melhor ir simbora.

– Bom, então vá! Quem é que está agarrando você? Huck começou a apanhar suas roupas espalhadas. Falou:

– Tom, eu quiria que você viesse junto. Agora pense bem. Nós vamo

esperar por você quando chegarmos à praia.

– Pois vão ter de esperar por um tempo enorme, isso é que vão!

Huck partiu tristemente em direção à margem e Tom ficou olhando enquanto ele se afastava, um forte desejo crescendo em seu coração para desistir de seu orgulho e partir também. Tinha esperança de que os outros meninos parassem e mudassem de ideia, mas eles continuaram vadeando

lentamente o braço do rio. De repente, Tom percebeu que tudo estava ficando muito quieto e solitário. Seu orgulho perdeu o último combate e então ele se lançou atrás de seus companheiros, gritando:

– Esperem! Esperem! Eu quero lhes dizer uma coisa!

Demorou algum tempo, mas eles pararam e olharam para trás. Quando ele chegou ao ponto em que eles se achavam, começou a revelar seu segredo e eles ficaram escutando mal-humorados até que perceberam onde ele queria chegar e então soltaram gritos de guerra à guisa de aplauso e disseram que era “esplêndido!” e falaram que nem teriam arredado pé da ilha, se ele tivesse contado seu plano desde o princípio. Ele apresentou uma desculpa bastante plausível; mas sua razão real tinha sido o medo de que nem a revelação do segredo os reteria com ele por muito mais tempo e assim tinha guardado a história toda como uma reserva para ser usada só em último caso e como sedução final.

Os rapazes retornaram alegremente e recomeçaram suas atividades desportivas com novo entusiasmo, tagarelando o tempo todo sobre o plano estupendo de Tom e admirando sua genialidade. Depois de um delicioso almoço de ovos com peixe, Tom disse que queria aprender a fumar agora. Joe agarrou a ideia no ar e afirmou imediatamente que também queria experimentar. Assim, Huck fabricou dois novos cachimbos e encheu-lhes os bojos. Os recrutas nunca tinham fumado nada antes, exceto charutos de imitação, fabricados com folhas de

parreira enroladas, mas morderam as línguas e não contaram nada, porque aqueles charutinhos não eram considerados "coisa de homem" mesmo.

Então, eles se esticaram no chão, as cabeças sustentadas pelos cotovelos, e começaram a chupar e soprar cautelosamente, com um mínimo de confiança. A fumaça tinha um gosto desagradável e eles se engasgaram um pouco. Mas Tom

disse:

– Ora, até que é fácil! Se eu soubesse que era assim, já tinha aprendido há

muuuito tempo!

– Eu também – concordou Joe. – Não é nada difícil.

– Pois vejam só! Quantidade de vezes eu fiquei olhando as pessoas fumarem e pensava: "Gostaria de saber como é que se faz". Mas nunca pensei que eu conseguisse – disse Tom. – É sempre assim que acontece comigo, não é, Huck? Você já me ouviu falar isso antes, não é, Huck? Pergunte a Huck, Joe, que ele não me deixa mentir. Falei ou não falei?

– Montes de veis, falou, sim – disse Huck.

– Pois é, falei mesmo – insistiu Tom. – Falei, ora, centenas de vezes! Uma vez foi lá perto do matadouro. Você não lembra, Huck? Bob Tanner estava lá e Johnny Miller e até Jeff Thatcher,

quando eu falei. Você não se lembra, Huck? Como eu falei naquela vez?

– Sim, me alembro bem – disse Huck. – Foi um dia depois que eu perdi uma bolinha de gude de faixa branca. Não, foi no dia antes disso.

– Viu só, eu disse a você – falou Tom. – Huck se lembra.

– Acho que eu posso fumar este cachimbo o dia todo – interrompeu Joe. – Eu não estou ficando enjoado.

– Nem eu – disse Tom. – Eu também poderia fumar o dia todo, mas aposto que Jeff Thatcher não conseguia.

– Jeff Thatcher! Ora, ele ia desmaiar só com duas tragadas. Imagine se a gente deixasse ele experimentar! Ele ia cair duro!

– Aposto que caía, e Johnny Miller... Gostaria de ver Johnny Miller experimentar, nem que fosse uma vez!

– Ora, e eu, não? – disse Joe. – Ora, eu aposto que Johnny Miller não consegue tirar nem uma baforada desse negócio. Só uma cheiradinha e ele se entrega.

– Claro que sim, Joe. Sabe de um troço? Eu estava louco que os garotos estivessem aqui, só para nos ver!

– Eu também!

– Olha, pessoal, não falem nada a ninguém a respeito disso, mas um dia, quando a gente estiver com eles, você chega como quem não quer nada e eu me aproximo de você e digo: “Joe,

tem um cachimbo aí? Quero dar umas baforadas!" E você diz, com a maior naturalidade, como se fosse um troço que a gente faz todos os dias: "Sim, eu tenho meu cachimbo velho e mais um novo que eu fiz faz pouco, mas meu tabaco não é muito bom". Aí eu digo: "Ora, não faz mal! Desde que seja bem forte". E aí, você tira os dois cachimbos do bolso e nós arranjamos um tição e acendemos com toda a calma e imagine só a cara que eles todos vão ficar!

– Caramba, Tom, isso ia ser o máximo! Gostaria que fosse agora!

– Eu também! E imagine se a gente contasse que tinha aprendido a fazer isso quando estava fazendo pirataria, só pensa na inveja que eles todos iam ficar! Todo mundo ia querer ter estado aqui na ilha conosco!

– Acho que iam ficar morrendo de inveja! Mas não! Eu aposto qualquer coisa que eles todos iam ficar se mordendo!

E a conversa prosseguiu nesse estilo; mas logo começou a enfraquecer e, aos poucos, parou completamente. O silêncio se alargou e a vontade de expectorar aumentou espantosamente, sem que pudessem atinar com a espantosa razão. Cada poro dentro das bochechas dos aprendizes de fumantes se tornou um chafariz em plena atividade; a saliva se acumulava embaixo de suas línguas como vinho nas pipas de uma adega; mal tinham tempo de esvaziar as bocas a fim de prevenir uma

inundação e logo estavam tendo de engolir ou cuspir de novo. Dentro de pouco tempo, começaram a sentir fortes ânsias de vômito. Os dois meninos estavam muito pálidos e se sentindo muito mal. O cachimbo de Joe caiu de seus dedos sem força. Logo foi acompanhado pelo de Tom, que colocou o seu na areia com um certo cuidado. Ambos tinham a impressão de que dentro deles duas fontes estavam explodindo em fúria e os dois estavam dando às bombas para esgotar aquela pressão que não acabava mais. Após mais alguns minutos de luta, Joe disse fracamente:

– Acho que perdi meu canivete no mato. Acho melhor ir procurar agora mesmo.

Tom acrescentou, com os lábios trêmulos e as palavras entrecortadas:

– Eu vou te ajudar. Você procura daquele lado e eu vou ver se encontro lá por perto da fonte. Não, Huck, você não precisa vir junto. Nós podemos encontrar sozinhos.

Assim, Huck, que começara a se erguer, sentou-se de novo e esperou por uma hora. Aí começou a sentir-se sozinho e foi em busca de seus camaradas. Eles estavam em lugares muito distantes na floresta, ambos muito pálidos, os dois ferrados no sono. Mas algumas evidências muito claras o informaram de que ambos tinham tido um certo incômodo do qual se haviam livrado com bastante dificuldade.

Naquela noite, depois que todos retornaram, a conversa em torno ao jantar foi muito desanimada. Os dois pareciam muito mais humildes; e quando Huck preparou seu cachimbo após a refeição e estava se dispondo a encher os deles, os dois falaram de imediato que não, que não estavam se sentindo muito bem – alguma coisa que tinham comido no almoço lhes tinha feito mal.

## C A P I T U L O XVII

Por volta da meia-noite, Joe acordou-se e chamou os outros meninos. Havia uma opressão ameaçadora no ar, que parecia anunciar alguma coisa desagradável. Os três aventureiros ficaram muito perto uns dos outros e procuraram a companhia amiga do fogo, embora o calor úmido e enjoativo da atmosfera quase irrespirável fosse sufocante. Permaneceram sentados, atentos e à espera. Além da luz do fogo, tudo estava engolido pelo negrume da escuridão. De repente, surgiu um brilho tremeluzente que, por alguns instantes, foi refletido pela folhagem e então desapareceu. Um pouco mais adiante, novamente surgiu uma luminescência, desta vez mais forte. Foi seguida por outra, quase um clarão. Então um leve gemido suspirou através dos ramos da floresta, e os meninos sentiram uma leve brisa assoprando em suas faces. Os três estremeceram, envoltos na fantasia de que um Espírito das Trevas os tocara de passagem.

Seguiu-se uma pausa envolta em escuridão. Então, um brilho estranho tornou a noite em dia e mostrou cada pequena lâmina de relva de forma separada, individual e distinta, delineada claramente ao redor de seus pés. Iluminou também três rostinhos brancos muito assustados. Um grande ribombar de trovão correu e retumbou através dos céus, enfraquecendo aos poucos, até terminar em resmungos distantes, que pareciam cheios de uma raiva reprimida. Uma lufada de ar gelado

sacudiu os galhos, abanou todas as folhas, remexeu nas abas de seus casacos e ergueu no ar as cinzas que estavam espalhadas ao redor da fogueira, depositando-as de volta no capim e em suas roupas como se fossem outros tantos flocos de neve. Outro clarão feroz iluminou a floresta, seguido de um estrondo que parecia provocado pela queda simultânea de todas as árvores que se erguiam ao redor dos meninos. Estes se abraçaram aterrorizados, na escuridão que se seguiu ao relâmpago. Algumas gotas de chuva bem grossas começaram a tamborilar sobre as folhas.

– Rápido, pessoal, vamos para a tenda! – exclamou Tom.

Saltaram desajeitadamente, tropeçando em raízes e trepadeiras no escuro, cada um se precipitando em uma direção diferente. Um vendaval furioso irrompeu por entre as árvores, com um barulho tal que dava a impressão de que a floresta entoava um grande coro à sua passagem. Seguiu-se um relâmpago cegante após o outro e golpe após golpe de trovões ensurdecedores. Logo depois, veio uma chuvarada encharcante, enquanto o tufão erguia e lançava os lençóis de água em todas as direções, rente ao solo. Os meninos gritavam uns pelos outros, mas o rugir do vento e os trovões ribombantes encobriam totalmente suas vozes. Entretanto, um a um, eles foram se aproximando e encontraram abrigo embaixo da lona que fora estendida sobre os arbustos para servir como tenda, gelados, apavorados e escorrendo água; mas, em seu desespero, a companhia uns dos outros lhes

trouxe um certo consolo. Nem podiam falar: a gasta vela de lona drapejava furiosamente e só este ruído lhes abafava as vozes, mesmo que a tempestade não rugisse ao seu redor. A borrasca foi ficando cada vez mais forte, cada vez mais bravia, até que, finalmente, a vela foi arrancada de suas presilhas improvisadas e saiu voando carregada pelo furor do vento. Os meninos deram-se

as mãos e fugiram, com muitos tombos e ainda mais arranhões, para o abrigo de um grande carvalho que se erguia à margem do rio. A batalha seguiu num crescendo, até um clímax enfurecido. Sob a conflagração incessante dos raios que inflamavam os céus, todos os objetos abaixo estavam delineados distintamente, sem a menor sombra e com todos os detalhes visíveis: as árvores que se encurvavam sob o ímpeto do vento, o rio encapelado branco de espuma, o borrifar cortante da crista das ondas e até mesmo os contornos escarpados dos altos rochedos do outro lado do rio, entrevistos através das velozes colunas de nuvens e dos véus enviesados da chuva. A cada momento, uma das árvores gigantes cedia ante o impacto do turbilhão e caía estrondosamente, esmagando a vegetação rasteira a seus pés; e os trovões incessantes chegavam agora bem perto, como explosões incontidas, estrugindo ensurdecedoramente a ponto de furar os tímpanos, emitindo sons agudos e estridentes, que os enchiam de um pavor indescritível. A tempestade culminou em um

esforço tremendo, que parecia rasgar a ilha em pedaços, queimar cada tronco ainda em pé, afogá-la até o topo das árvores, arrancá-la do leito do rio e arrastá-la para longe ao sabor do vento, ensurdecendo cada criatura que se encontrasse nela, em um único instante terrível. Foi uma noite horrorosa, especialmente para as três cabecinhas apavoradas que tiveram de enfrentá-la sem o menor abrigo.

Mas, finalmente, terminou a batalha, os exércitos combatentes retiraram suas forças, ainda murmurando ameaças e resmungos cada vez mais fracos, até que a paz reinou novamente. Os meninos retornaram ainda apavorados para o lugar onde estivera seu acampamento, mas descobriram que, apesar de tudo, havia um bom motivo para se sentirem agradecidos, porque o grande sicômoro, que havia abrigado suas camas de folhagens, não era agora mais que uma ruína, queimado que fora até as raízes por um dos relâmpagos; e quando a catástrofe ocorrera, por um triz eles não se achavam debaixo de seus galhos.

Todo o acampamento estava empapado, a fogueira encharcada, reduzida a uns restos de cinza e pontas úmidas de achas de lenha; afinal, como toda criança, eles eram meninos imprevidentes, e não haviam tomado a menor precaução contra uma possível chuva; não que precauções comuns tivessem ajudado muito sob um ciclone como o que havia passado. Mas agora sentiam-se profundamente desanimados, porque suas roupas estavam ensopadas e eles mesmos

gelados até a medula dos ossos. Foram bastante eloquentes na expressão de seus lamentos; porém, depois de algum tempo, descobriram que sua fogueira tinha devorado profundamente o tronco contra a qual fora erguida (bem no ponto em que ele se curvava para cima e se separava do solo) e mais ou menos um palmo das brasas da fogueira tinha escapado à enxurrada. Deste modo, pacientemente e com o máximo de cuidado, reunindo fragmentos de galhos arrancados e pedaços de casca trazidos de lugares mais abrigados, eles conseguiram fazer brotar uma fumacinha, que se transformou em uma pequena chama e depois em um fogo brilhante e alegre. Então, eles empilharam uma grande quantidade de galhos quebrados até originarem uma fornalha crepitante, se bem que cheia de fumaça, que lhes encheu novamente os corações de alegria. Secaram seu presunto defumado e se banquetearam com ele; depois, sentaram-se à beira do fogo e expandiram e glorificaram sua aventura da meia-noite até o nascer do dia,

mesmo porque não existia nenhum lugar seco no chão em que pudessem dormir.

Mas quando o sol começou a derramar seus primeiros raios sobre os meninos, a sonolência os sobrepujou e caminharam até a barra de areia e deitaram-se para dormir. Algumas horas depois, quando o calor do sol começou a torrá-los, ergueram-se pesadamente e começaram a preparar a primeira refeição do dia. Depois de comer, ainda se sentiam exaustos, com as

articulações meio emperradas e dores por todo o corpo; logo, um pouco de saudade começou a infiltrar-se novamente. Tom observou os sinais e tentou alegrar os piratas o melhor que pôde. Mas eles não queriam brincar com as bolinhas de gude, nem

de circo, nem nadar, nem coisa nenhuma. Como último recurso, ele lhes recordou seu imponente segredo e fez despertar um pequeno assomo de entusiasmo. Enquanto este durava, conseguiu interessá-los em uma nova proeza. Consistia em deixarem de ser piratas por algum tempo e virarem índios. A ideia atraiu os outros dois; logo tiraram as roupas e pintaram tiras de barro preto por todo o corpo, da cabeça aos calcanhares, e ficaram como se fossem três zebrinhas; naturalmente, todos os três eram chefes e de imediato se puseram a atravessar os bosques, em busca de uma colônia inglesa que pudessem atacar e destruir.

Mais adiante, resolveram separar-se em três tribos hostis, lançando-se uns sobre os outros a partir de emboscadas, emitindo gritos de guerra de gelar o sangue, matando e escalpelando uns aos outros pelo menos mil vezes. Foi um dia extremamente sanguinolento. Em consequência, extremamente satisfatório.

Reuniram-se no acampamento na hora em que sentiram fome e decidiram que era hora do almoço, esfaimados e felizes. Todavia, surgiu uma dificuldade – índios de tribos inimigas não podiam partir o pão da hospitalidade juntos sem antes

fazerem as pazes e isto era totalmente impossível, a não ser que fumassem o cachimbo da paz. Nunca haviam ouvido falar de qualquer outro processo através do qual os índios norte-americanos interrompessem suas guerras. Dois dos selvagens quase desejaram ter permanecido piratas. Entretanto, não havia outra saída; e assim, mostrando exteriormente uma animação que estavam longe de sentir, pediram o cachimbo da paz e cada um tirou umas baforadas, cujos resultados não causaram maiores danos.

Ficaram agradavelmente surpreendidos por se haverem entregue à selvageria, porque fizeram uma interessante descoberta – agora que eram índios, podiam fumar um pouquinho, sem precisarem ir para o mato em busca de um canivete perdido; não ficaram nauseados o suficiente para sentirem um verdadeiro incômodo. Nem tampouco estavam dispostos a desperdiçar esta nova descoberta por falta de esforço. Muito pelo contrário, praticaram cautelosamente após o almoço, com relativo sucesso, e assim passaram uma tarde jubilosa.

Ficaram mais orgulhosos e mais felizes com sua nova aquisição do que teriam ficado depois de escalpelar e esfolar todos os bravos das Seis Nações dos Iroqueses. E agora, vamos deixá-los fumando, tagarelando e dizendo gabolices, já que não temos mais nada a descrever sobre suas aventuras nesse dia.

## C A P I T U L O XVIII

Mas não havia qualquer alegria na cidadezinha durante aquela tarde tranquila de sábado. A família Harper e os familiares da tia Polly estavam pondo luto com grande tristeza e muitas lágrimas. A aldeia estava cheia de uma calma fora do comum, mesmo para um lugar que habitualmente não era muito movimentado. Os habitantes realizavam seus negócios com um ar meio distraído e falavam pouco, mas muita gente suspirava sem motivo aparente. Para as crianças, a folga de sábado parecia mais uma carga que um feriado. Não sentiam o menor entusiasmo para brincar ou jogar e, finalmente, foram sentando aqui e ali, trocando uma palavra que outra.

Nessa mesma tarde, Becky Thatcher se encontrou a caminhar desconsoladamente pelo pátio deserto da escola, sentindo uma grande melancolia. Mas não encontrou nada por lá que pudesse servir-lhe de consolo. Ela iniciou um monólogo:

– Ai, se ao menos eu ainda tivesse aquela maçaneta de latão tirada de um atiçador de lareira que ele me deu! Mas eu inventei de devolver e, agora, não tenho mais nenhuma recordação dele!...

Interrompeu-se para reprimir as lágrimas, sem grande sucesso. Depois de algum tempo, ela parou e voltou a falar sozinha:

– Foi bem aqui. Ah, se eu pudesse voltar atrás e fazer tudo de novo, eu não ia dizer aquelas coisas. Não ia dizer nada que

pudesse magoá-lo, por nada neste mundo, mesmo que me oferecessem a terra inteira! Mas agora ele foi embora e nunca, nunca, nunca mais vou vê-lo de novo.

Este pensamento a desanimou e ela saiu a caminhar sem destino, com as lágrimas rolando pelas faces. Então, um grupo grande de meninos e meninas – todos companheiros de folguedos de Tom e de Joe – foi se reunindo aos poucos e ficaram parados, olhando por cima da cerca, enquanto falavam em tons reverentes de como Tom tinha feito isto ou aquilo da última vez em que o tinham visto; e como Joe tinha dito uma coisa e outra, e finalmente lembraram daquelas insinuações (cheias de uma terrível profecia, como podiam perceber agora!) que haviam escutado na véspera do desaparecimento. Cada menino ou menina apontava o lugar exato em que os meninos perdidos tinham estado nessas ocasiões e então acrescentavam qualquer coisa como: "Pois eu estava parado bem aqui – aqui neste mesmo lugar em que estou agora e ele estava bem aí onde você está – nós estávamos bem pertinho e ele sorriu bem assim – e então alguma coisa pareceu passar por mim, um negócio – assustador, você sabe –, mas é claro que na hora eu não fazia a menor ideia do que podia ser, só que agora, eu sei".

Então houve uma discussão sobre quem tinha visto os meninos mortos pela

última vez e muitos disputaram essa distinção tão duvidosa; e ofereceram provas, mais ou menos confirmadas, mais ou menos contrariadas pelas testemunhas.

Quando foi finalmente decidido quem dera a última olhada sobre os companheiros falecidos e quem trocara as últimas palavras com eles, os felizes escolhidos assumiram uma espécie de importância sagrada, enquanto os outros

os observavam com os lábios entreabertos de admiração e inveja. Um pobre sujeitinho, que não tinha nada mais grandioso para oferecer, chegou a afirmar, com visível orgulho:

– Ora, Tom Sawy er uma vez brigou comigo e me deu uma sova!

Mas esta tentativa de obter um pouco de glória foi um fracasso. A maioria dos meninos podia dizer a mesma coisa, e isto barateou muito aquela distinção. Aos poucos, o grupo foi se afastando para uma direção e outra, ainda murmurando lembranças dos heróis perdidos em vozes cheias de assombro.

Quando a Escola Dominical terminou na manhã do domingo seguinte, o sino rachado da igrejinha começou a dobrar o toque de finados, em vez de badalar conforme o costume. O Dia do Senhor estava cheio de solenidade e de tristeza; e o som melancólico parecia de acordo com o silêncio meditativo que invadia a Natureza. Os paroquianos começaram a se reunir, demorando-se um pouco no pequeno saguão a fim de

conversar sobre o triste evento em tons murmurantes. Mas dentro da casa de oração, absolutamente ninguém cochichava: ouvia-se somente o rocegar funéreo das saias das senhoras, quando elas as arrepanhavam para sentar-se nos bancos. Nada mais perturbava o silêncio opressivo. Ninguém podia recordar um dia em que a igrejinha tivesse ficado tão cheia. Houve finalmente, uma pausa prenhe de espera, uma mudez expectante, até que entrou tia Polly, seguida de Sid e de Mary, e logo depois pela família Harper, todos cobertos de negro da cabeça aos pés. Quando eles entraram, a congregação inteira, juntamente com o velho pároco, ergueu-se reverentemente e ficou parada aguardando, até que todos os enlutados se tivessem sentado no banco da frente. Houve outro silêncio cheio de simpatia, quebrado a intervalos por soluços entrecortados e então o ministro abriu largamente os braços e começou a orar. Um hino comovente foi interpretado pelo coro e acompanhado, com um certo embaraço, pela maioria dos presentes. Seguiu-se a leitura bíblica, iniciando pelo texto: “Eu sou a ressurreição e a vida”.

À medida que o ofício prosseguia, o clérigo traçou tais retratos das qualidades, do bom comportamento e das prometedoras potencialidades dos meninos afogados, que cada alma presente, pensando reconhecer estas descrições, sentiu um peso no coração ao lembrar-se de que jamais haviam conseguido enxergar tantas promessas e valores nas atitudes habituais dos meninos. Simplesmente não conseguiam saber

como é que tão persistentemente tinham visto neles apenas falhas e defeitos. O ministro relatou muitos incidentes comovedores sobre as vidas dos defuntos, ilustrando de tal maneira suas naturezas doces e generosas, que as pessoas podiam perfeitamente ver agora como esses episódios tinham sido nobres e belos. Ao mesmo tempo elas recordavam, cheias de tristeza e de remorsos, que, na ocasião em que tinham transcorrido, estas ações tinham lhes parecido mais patifarias e atrevimentos merecedores, em vez de elogios, de uma bela sova com um chicote de couro trançado. À medida que a trágica descrição prosseguia, a congregação foi ficando cada vez mais entristecida, até que, finalmente, o povo inteiro foi incapaz de resistir, e acompanhou os enlutados soluçantes em um coro de ais angustiados, chegando a um ponto em que o próprio pregador se deixou levar pelas descrições arrebatadoras e teatrais que entretecia e se pôs a chorar copiosamente no púlpito.

Precisamente nesse momento, houve um ruído leve no alpendre da igrejinha, tão fraco que ninguém percebeu; no instante seguinte, a porta principal do templo abriu-se com um rangido. O ministro ergueu seus olhos lacrimejantes acima de seu lenço e ficou tão imóvel como se tivesse sido pregado a uma cruz! Primeiro um e depois outro par de olhos seguiu a direção do olhar do Reverendo e, então, como se levada por um único impulso, a congregação ergueu-se ao mesmo tempo, fitando

com os olhos esbugalhados os três meninos que avançavam pelo corredor central. Tom  vinha na frente, Joe a seguir; e, finalmente, Huck, uma ruína de  farrapos pendurados, caminhando timidamente na retaguarda. Eles tinham estado escondidos na galeria que ficava por cima do saguão, onde não havia mais ninguém, escutando todo o tempo os discursos funerários oferecidos em sua honra!

Tia Polly, Mary e os Harpers lançaram-se de imediato sobre seus entes queridos que lhes tinham sido tão miraculosamente devolvidos, sufocaram-nos com beijos e manifestaram tão expansivamente seu contentamento, que pareciam estar entoando um coral de ações de graças, enquanto o pobre Huck permanecia um pouco atrás, humilde e muito pouco à vontade, sem saber exatamente o que deveria fazer ou onde poderia esconder-se de tantos olhares constrangedores. Ele hesitou, cheio de acanhamento, e já estava começando a sair disfarçadamente da igreja, quando Tom o agarrou e disse:

– Tia Polly, não é justo. Alguém devia demonstrar que estava feliz por ver Huck!

– Tem toda a razão! Estou muito feliz por vê-lo de novo, pobre criaturinha sem mãe!

E as atenções amorosas que tia Polly lhe demonstrou de imediato foram a única coisa capaz de fazer o pobre Huck sentir-se ainda mais envergonhado do que antes.

Subitamente, o Ministro recobrou o controle da situação e gritou em alta

voz:

– Abençoado seja o Senhor de Quem se derramam todas as bênçãos!

VAMOS TODOS CANTAR! Derramai vossos corações em uma prece de alegria!

Foi o que eles fizeram. O hino Old Hundred ergueu-se num esplendor triunfante. Enquanto o som sacudia os barrotes do telhado, Tom Sawy er, o Pirata, relanceou os olhos ao redor, a fim de passar em revista os olhares invejosos dos jovens que se espalhavam pela igreja, confessando a si mesmo, em seu coração, que este era o momento de maior orgulho de sua vida.

Quando a congregação enganada saiu da igreja, eles diziam que estavam quase dispostos a passar outro ridículo desses, somente para ter o prazer de escutar o hino ser cantado novamente com tanto entusiasmo!

Tom levou mais bofetadas e beijos nesse dia – de acordo com as variações de humor de tia Polly – do que tinha recebido durante um ano qualquer antes. Ele não sabia mais se eram as bofetadas ou os beijos que expressavam maior gratidão a Deus e mais afeição por ele próprio.

## C A P I T U L O XIX

Era esse o grande segredo de Tom – o esquema para retornar a casa com seus irmãos piratas e assistir a seus próprios funerais. Tinham arrastado até o rio um tronco que a tempestade derrubara e remado com pés e mãos até chegar à margem de Missouri, justamente no crepúsculo de sábado, dando à praia cinco  ou seis milhas abaixo da aldeia. Tinham dormido nos bosques próximos à cidadezinha até quase o nascer do sol e então tinham percorrido as sendas e becos secundários até chegarem à igreja, que em geral ficava aberta, tendo acabado de dormir na galeria, deitados em um caos de bancos quebrados e capengas.

Durante o café da manhã de segunda-feira, tia Polly e Mary foram muito amorosas com Tom e fizeram-lhe todas as vontades. A conversa esteve extremamente animada. Em determinado momento, tia Polly falou:

– Bem, eu não posso dizer que não tenha sido belo gracejo, Tom, manter todo mundo se lamentando por quase uma semana só para que vocês, meninos arteiros, pudessem se divertir bastante, mas realmente, foi uma pena que você tivesse um coração tão duro que me deixasse sofrer tanto. Se você pôde atravessar o rio em um tronco de árvore para assistir ao próprio funeral, você poderia ter vindo até aqui rapidamente e

deixado alguma pista de que não tinha morrido, mas apenas fugido de casa.

– Sim, você poderia ter feito isso, Tom – disse Mary. – Acho até que teria feito, só que a ideia nem lhe passou pela cabeça.

– Você teria feito isso, Tom? – indagou tia Polly, seu rosto se iluminando em busca de consolo. – Vamos, diga, você faria, se ao menos tivesse se lembrado?

– Eu... bem, eu não sei. Teria estragado tudo, não é?

– Tom, eu esperava que você me amasse pelo menos o suficiente para fazer isso – disse tia Polly, em um tom de voz tão entristecido que desconcertou o menino. – Teria sido um grande consolo, se você tivesse demonstrado que gostava de nós o suficiente para nos avisar, se ao menos tivesse lembrado, mesmo que de fato não tenha dito nada.

– Agora, titia, deixe disso – pediu Mary. – Ele não fez por mal. Tom é mesmo um tontinho, sempre algariado, sempre com tanta pressa que nunca se lembra de nada.

– Tanto pior. Sid teria lembrado. E tem mais, Sid teria vindo e deixado um aviso. Tom, um dia você vai olhar para trás, quando for tarde demais, e vai desejar ter demonstrado um pouco mais de afeição por mim. Custa tão pouco!

– Ora, titia, a senhora sabe que eu gosto da senhora – disse Tom.

– Eu saberia melhor se você demonstrasse mais.

– Gostaria de ter pensado nisso – disse Tom, com arrependimento na voz. – Seja como for, eu sonhei com a senhora. Sempre é alguma coisa, não é?

– A mim não me parece que seja grande coisa. Garanto que um gato pode sonhar comigo. Mas sempre é melhor do que nada. O que foi que você sonhou?

– Ora, na quarta-feira de noite, eu sonhei que a senhora estava sentada ao lado da cama e que Sid estava sentado junto à caixa da lenha e Mary do lado

dele.

– Pois veja só! Foi exatamente o que nós fizemos! Mas não tem nada de

extraordinário, todas as noites nós fazemos isso... Mesmo assim, acho que estou contente porque seus sonhos tiveram todo esse trabalho conosco.

– E eu sonhei que a mãe de Joe Harper estava aqui.

– Ora, mas ela esteve aqui! Você sonhou alguma coisa mais?

– Ah, quantidade! Mas agora não me lembro mais direito.

– Bem, tente se lembrar. Não consegue? Faça uma forcinha.

– Acho que me lembro que o vento – que o vento assoprou a... a...

– Faça um esforço, Tom! O vento assoprou alguma coisa, e daí?...

Tom apertou os dedos contra a testa durante um minuto, demonstrando bastante ansiedade e concentração e depois disse:

– Lembrei agora! Lembrei agora! O vento assoprou a vela!

– Deus tenha misericórdia de nós! Continue, Tom, continue!

– Aí eu tive a impressão de que a senhora disse qualquer coisa como: – “Ora, eu acho que aquela porta...”

– Prossiga, Tom!

– Ah, pare! A senhora me deixe pensar um momento. Só um momento...

Ah, sim! A senhora disse que achava que a porta estava aberta.

– Jesus, Maria, José! Pois eu disse, eu disse mesmo! É tão verdade como eu estar sentada aqui nesta cadeira! Eu disse, não disse, Mary ? Continue!

– E então... e então... bem, eu não tenho certeza, mas acho que a senhora mandou o Sid se levantar e depois... e depois...

– Depois o quê? Hein? Hein? O que foi que eu mandei o Sid fazer, Tom? O que foi que eu mandei ele fazer?

– A senhora mandou... a senhora... Ora, a senhora mandou ele fechar a porta, não foi?

– Santo Deus de Misericórdia! Nunca ouvi contar uma história semelhante em toda a minha vida! Que ninguém mais se atreva a me dizer que sonhar é bobagem! Vou contar a Sereny Harper agora mesmo, antes que eu fique uma hora mais velha! Só quero ver o que ela vai dizer agora, com todas aquelas histórias dela sobre crendices e superstições! Vá em frente, Tom!

– Ah, agora estou me lembrando melhor. Vejo tudo como se fosse dia claro. Depois a senhora disse que eu não era um menino mau, só muito arteiro e desatento e que não tinha mais responsabilidade do que... do que... acho que foi um potrinho, ou coisa assim.

– Mas foi isso mesmo que eu disse! Mas que coisa! A graça divina que nos proteja a todos! Prossiga, Tom!

– E depois a senhora começou a chorar.

– Pois chorei. Chorei mesmo. E não foi da primeira vez. E então...

– Então a sra. Harper começou a chorar igual à senhora. Ela disse que Joe era a mesma coisa, e que estava muito triste e queria não ter batido nele só porque comeu um creme que ela mesma tinha jogado fora...

– Tom! O espírito de Deus se derramou sobre você! Você estava profetizando! Não era um sonho comum, era um sonho profético! Pelo chão que estou pisando! Continue, Tom!

– Então Sid, ele disse... ele disse...

– Eu não disse coisa nenhuma – reclamou Sid.

– Não, você falou, sim, Sid – disse Mary.

– Calem a boca e deixem Tom falar! O que foi que o Sid disse, Tom?

– Ele disse qualquer coisa assim... Eu acho que ele disse que esperava que eu estivesse melhor no lugar para onde tinha ido, mas que, se eu tivesse me comportado melhor, ele teria mais certeza...

– Viram só? Eu não falei? Foram essas palavras exatas que ele disse!

– E a senhora deu um corridão nele e mandou que ele calasse a boca.

– Mas é claro que eu dei! Foi um anjo! Só podia ser um anjo que estava aqui na sala e que mostrou a você tudo igual como aconteceu! Tenho certeza de que foi um anjo escondido em algum lugar da sala!

– E a sra. Harper contou uma história sobre um susto que tinha levado por causa de Joe. Parece que ele estourou um busca-pé na cara dela. E depois a senhora falou um troço sobre Peter e sobre aquele remédio ardido, o Pain- Killer...

– Mas é a pura verdade! Tão certo quanto estou viva e escutando!

– E aí houve uma confusão, uma conversa comprida sobre dragar o rio para nos achar e sobre o funeral que ia ser no domingo e então a senhora e a sra. Harper se abraçaram e choraram e aí ela foi embora...

– Mas foi exatamente o que aconteceu! Aconteceu assim mesmo, nesta mesma sala, como você sonhou! Essa é a verdade exata, tão verdadeira como eu estar sentada aqui. Tom, você não poderia descrever melhor a cena se tivesse visto tudo! E depois, e depois? Prossiga, Tom!

– Depois, eu acho que a senhora rezou por mim, não foi? Eu podia ver a senhora e todas as palavras que dizia. E a senhora foi para a cama e eu fiquei com tanta pena que peguei em um pedaço de casca de sicômoro e escrevi: “Nós não estamos mortos – estamos só brincando de piratas.” E coloquei o pedaço de casca na mesa que fica do lado da cama, perto da vela; e então, a senhora parecia tão boa, deitada ali dormindo, que eu acho que me inclinei e até beijei a senhora bem nos lábios.

– Você fez isso, Tom? Você fez isso? Ah, eu lhe perdoo tudo, se você fez

isso!

Ela agarrou o menino em um abraço esmagador, que fez com que ele se

sentisse como o mais culpado de todos os vilões.

– Foi muito gentil da parte dele – monologou Sid, baixinho mas audivelmente. – Mesmo que tenha sido somente... um sonho.

– Cale a boca, Sid! O que uma pessoa faz em um sonho é o mesmo que teria feito se estivesse acordada. Aqui está uma das grandes maçãs premiadas do sr. Millum, que eu estava guardando para você, Tom – no caso de ser encontrado. Agora vá para a escola, você já perdeu muitas aulas. Estou muito grata ao bondoso Deus, o Pai de todos nós, porque tenho você de novo. Deus suporta todas as nossas ofensas e é misericordioso para com aqueles que Nele creem e cumprem os Seus Mandamentos, embora eu mesma saiba que não mereço a bondade divina. Mas se apenas os merecedores recebessem as bênçãos de Deus e tivessem Sua divina mão para ajudá-los a cruzar os trechos mais difíceis do

caminho, haveria muito poucos que poderiam sorrir neste mundo ou jamais entrar no Descanso do Senhor quando chega a longa noite. Agora vão, Sid, Mary e Tom – vocês estão bem atrasados e já me prenderam por tempo demais.

As crianças saíram para a escola e a velha senhora foi visitar a sra.

Harper, cheia de contentamento, a fim de derrotar seu realismo com o sonho maravilhoso de Tom. Sid era um garoto bastante

sensato e desistiu de proferir o julgamento que surgiu em sua mente bem na hora em que estavam saindo de casa. Mas o que ele pensou foi: “Muito estranho, um sonho comprido desses, com tantos detalhes, tudo certo e sem o menor errinho!”

Mas que herói Tom se havia tornado agora! Ele não saiu pelas ruas pulando e saltando, mas movia-se com um balanço muito digno, como convém a um pirata sabedor de que as vistas do público estão sobre ele. E realmente estavam. Ele fingia não perceber os olhares ou escutar as observações à medida que passava pelas pessoas, mas sentia-se como se estivesse comendo o manjar e bebendo o néctar dos deuses. Os meninos menores do que ele corriam atrás de seus calcanhares, tão orgulhosos de serem vistos a seu lado e tolerados por ele como se fosse o tocador de tambor no início de uma parada, ou o elefante que introduz um circo na cidade. Os meninos de seu tamanho fingiam não haver percebido que ele estivera ausente, mas tudo em sua maneira indicava que eles estavam se roendo de ciúmes. Eles teriam dado qualquer coisa para ostentar sua pele escura e seu rosto queimado do sol e partilhar de sua brilhante notoriedade; quanto a Tom, não se separaria de nenhum destes atributos, nem que lhe dessem um circo inteiro de presente.

Na escola, as crianças estavam tão impressionadas com ele e com Joe que derramavam uma admiração perfeitamente visível através de seus olhares, de tal modo que os dois heróis, sem perda de tempo, se transformaram em dois “convencidos”

insuportáveis. Eles começaram a contar suas aventuras aos ouvintes ávidos – mas de fato, apenas começaram, porque a narrativa parecia não ter mais fim, especialmente porque sua imaginação fornecia constantes detalhes adicionais. E finalmente, quando tiraram dos bolsos os cachimbos e se puseram a dar serenas baforadas por todo o pátio da escola, alcançaram os píncaros da glória.

Tom decidiu que agora poderia ser independente de Becky Thatcher. A glória era suficiente. Ele viveria em função de seus méritos. Agora que ele era tão importante, pode ser que ela se aproximasse para "fazer as pazes". Bem, pois que viesse – ia descobrir que ele podia ser tão indiferente como ela tinha sido com ele. Em breve, ela apareceu. Tom fingiu não tê-la visto. Ele caminhou para mais longe e reuniu-se com um grupo de meninos e meninas, começando a falar em voz bem alta. Mas, pelo rabo do olho, ele logo observou que ela não parecia estar prestando a menor atenção – ao contrário, estava dando pulinhos alegres para a frente e para trás, com o rosto corado e olhos tão brilhantes que pareciam dançar. A seguir, a menina fingiu que estava muito ocupada perseguindo as coleguinhas e dando gargalhadas agudas quando conseguia capturar uma delas. Mas ele foi esperto o bastante para perceber que ela sempre dava um jeito de capturar as vítimas nas proximidades dele e que um olhar mais ou menos culpado brotava de seu rosto e vinha em sua direção quando isto acontecia. Isto

só fez crescer mais ainda a vaidade cruel de que ele estava cheio; e, deste modo, os olhares furtivos da menina, em vez de conquistá-lo, somente o deixaram mais “cheio de vento” do que antes e ele realizou os maiores esforços para não deixar escapar que sabia muito bem o que ela estava fazendo. Depois de alguns minutos, ela parou com as travessuras e começou a mover-se irresolutamente pelo pátio, suspirando uma ou duas vezes e lançando olhares furtivos, ansiosos e até suplicantes para Tom. Então, ela observou que agora Tom estava conversando mais com Amy Lawrence do que com qualquer outra pessoa. Sentiu uma dor aguda no peito e imediatamente ficou inquieta e perturbada. Tentou ir embora, mas seus pés a traíram, e em vez disso, a levaram diretamente ao grupo em que Tom estava. Com uma vivacidade falsa, ela disse a uma menina que estava quase junto ao cotovelo de Tom:

– Mas então, Mary Austin! Sua menina arteira, por que você não foi à Escola Dominical no domingo passado?

– Mas eu fui! Você não me viu?

– Claro que não! Você foi mesmo? Onde é que se sentou?

– Eu estava na classe da srta. Peters, como sempre. Eu vi você.

– Você me viu? Mas que gozado! Não sei por que, mas eu não vi você.

Queria lhe contar a respeito do piquenique.

– Ah, mas que bom! Quem é que vai dar um piquenique?

– Minha mãe vai organizar um piquenique para mim.

– Que lindo! Espero que ela me convide!

– Mas é claro que vai convidar você. O piquenique vai ser para mim. Ela vai convidar todas as pessoas que eu quiser e eu quero que você venha.

– Ah, vai ser ótimo! E quando será?

– Eu aviso você. Pode ser que seja nas férias.

– Ah, mas vai ser muito divertido! Você vai convidar todos os meninos e meninas?

– Claro, todos os que forem meus amigos. Ou que quiserem ser.

Ela lançou um olhar esquivo para Tom, mas ele continuou a conversar animadamente com Amy Lawrence sobre a terrível tempestade que o havia atingido na ilha e como o raio tinha acertado o grande sicômoro e deixara a pobre árvore "em lascas" bem na hora em que ele estava parado "a menos de um metro de distância".

– Eu posso ir ao piquenique? – indagou Gracie Miller.

– Sim.

– E eu? – quis saber Sally Rogers.

– Também.

– E eu também? – falou Susy Harper. – E posso levar o Joe?

– Mas é claro!

E a coisa prosseguiu nesse tom, mãos batendo palmas alegremente, até que todo o grupo tinha suplicado um convite para a festinha, menos Tom e Amy.

Então Tom deu-lhes as costas friamente, sem parar de conversar e levou Amy junto com ele. Os lábios de Becky tremeram e as lágrimas subiram a seus olhos; ela escondeu estes sinais com uma alegria forçada e continuou tagarelando, mas agora todo o entusiasmo provocado pela ideia do piquenique tinha desaparecido;

na verdade, tudo quanto a rodeava parecia ter perdido a vida e a cor; assim que pôde, ela se afastou dos colegas e foi esconder-se para poder chorar à vontade. Esgotadas as lágrimas, ela sentou-se a um canto, muito mal-humorada, seu orgulho ferido profundamente, até que a sineta tocou para começarem as aulas. Então ela se ergueu, a vingança entrincheirada firmemente em seus olhos, sacudindo as tranças e resolvendo consigo mesma o que deveria fazer.

Na hora do recreio, Tom continuou em seu flerte com Amy, muito satisfeito consigo mesmo. E continuou a dar voltas pelo pátio, até chegar perto de Becky e arrasá-la com seu desempenho. Finalmente, ele deu uma espiadela para seu lado e, de repente, sentiu um friozinho na boca do estômago e seu entusiasmo se dissipou. Ela estava sentada tranquilamente em

um banco que ficava atrás da escola, olhando as figuras de um livro com Alfred Temple!... Pior ainda, eles estavam tão absorvidos, as cabeças tão juntinhas sobre o livro, que não pareciam ter consciência de nada mais no mundo. O ciúme correu pelas veias de Tom como se fosse uma corrente de fogo. Começou a se odiar por haver jogado fora a oportunidade que Becky lhe tinha oferecido para uma reconciliação. Chamou a si mesmo de idiota, e acrescentou todos os nomes feios de que pôde se lembrar. Estava tão chateado que ficou com vontade de chorar. Amy continuava a conversar alegremente, enquanto os dois caminhavam lado a lado, porque seu coraçãozinho estava cantando, mas a língua de Tom parecia estar travada. Ele nem ao menos escutava o que Amy estava dizendo; sempre que ela fazia uma pausa na expectativa de uma resposta, ele só conseguia gaguejar uma ou duas palavras desajeitadas, como se concordasse com ela, mas de tal maneira confusas, que às vezes davam a impressão de que ele queria dizer justamente o contrário. Em suas voltas, ele continuava a se dirigir para a parte de trás da escola, a fim de queimar os olhos com o odioso espetáculo que se desenrolava lá. Não tinha como evitar. E o que mais o enfurecia era perceber – pelo menos era a impressão que tinha – que Becky Thatcher nem por um momento suspeitava de que ele sequer habitasse a terra dos viventes. Mas é claro que ela estava vendo tudo e sabia muito bem que agora era ela quem estava ganhando a disputa, muito contente ao perceber que ele estava sofrendo como ela tinha sofrido antes. A conversa

alegre de Amy tornou-se intolerável. Tom deu a entender que tinha de fazer outras coisas, coisas importantes que tinham de ser realizadas de imediato e o recreio já estava acabando. Mas tudo em vão – a garota continuava chilreando como um passarinho. Tom pensava: “Mas que droga, será que não tem um jeito de eu me livrar dessa chata?” Finalmente, ele se afastou para atender a seus compromissos e ela disse, sem malícia alguma, que estaria “por perto” quando as aulas acabassem. E ele se afastou depressa, odiando-a de todo o coração.

– Qualquer outro menino! – pensava Tom, rangendo os dentes. – Qualquer

outro menino da cidade, menos aquele almofadinha de Saint Louis, que pensa que se veste tão bem e vive bancando o aristocrata para cima de nós! Ah, tudo bem! Eu já lhe dei uma sova no primeiro dia em que chegou à cidade, senhor, e desta vez vou lhe dar uma sova com um motivo muito melhor! Só espere até eu pegar você de jeito! Eu vou agarrar você e bater até...

E continuou a ensaiar o que faria com um menino imaginário – dando socos no ar, chutando e lançando os dedos esticados, como se quisesse furar-lhe

os olhos.

– Ah, quer briga, não quer? Acha que não levou o bastante, é? Pois vamos ver agora! Desta vez, você leva uma lição de que não vai esquecer para o resto da vida!

E continuou nessa linha, até que a sova foi concluída para sua satisfação.

Ao meio-dia, Tom fugiu para casa. Sua consciência não podia mais suportar a felicidade cheia de gratidão de Amy. Seus ciúmes tampouco podiam suportar o desgosto causado pela outra. Becky, em vez de ir para casa, retomou sua inspeção de figuras junto com Alfred. Porém, à medida que os minutos se arrastavam e Tom não aparecia para uma nova dose de sofrimento, seu triunfo começou a empanar-se e ela perdeu todo o interesse no que estava fazendo.

Ficou muito séria, depois meio distraída e, finalmente, cheia de melancolia. Duas ou três vezes, ela aguçou os ouvidos ao escutar passos, mas era ideal desfeito. Sua esperança se demonstrava falsa, porque Tom não aparecia. Finalmente, ela começou a sentir-se totalmente infeliz, desejando não ter levado a farsa tão longe. Quando o pobre Alfred, percebendo que a estava perdendo sem saber como nem por quê, começou a exclamar: “Olhe só para esta! Veja como é bonita!” – ela perdeu o restinho de paciência que ainda tinha e gritou com o menino espantado: “Ah, não enche! Não estou nem um pouquinho interessada nessas besteiras!” A seguir, explodiu em lágrimas, levantou-se e foi embora.

Alfred juntou suas coisas, correu atrás dela, tentando consolá-la sem saber bem de que, mas ela respondeu violentamente:

– Vá embora e me deixe em paz! Será que não entende? Eu odeio você!

Assim, o menino parou na calçada, sem entender o que havia feito. Afinal de contas, ela havia prometido olhar suas gravuras durante toda a folga do meio- dia!... E agora, ela saía aos prantos!... Alfred ficou refletindo no pátio deserto da escola. Sentia-se humilhado e com raiva. Como era um menino esperto, rapidamente adivinhou a verdade – a garota simplesmente o tinha usado como se fosse uma ferramenta, só para deixar Tom Sawy er com ciúmes. O seu ódio pelo outro não diminuiu nem um pouco quando este pensamento lhe ocorreu. Ficou imaginando uma forma de meter aquele sem-vergonha em algum tipo de complicação, sem que ele mesmo se arriscasse muito. Entrou na escola e encontrou o livro de leitura de Tom, colocado sobre o banco, onde aquele o deixara. Ali estava sua oportunidade! Cheio de gratidão, abriu o livro na lição marcada pelo professor para essa mesma tarde e derramou tinta por toda a página. Mas aconteceu que Becky não tinha ido para casa e estava justamente olhando por uma das janelas para dentro da sala de aula e pegou-o em flagrante. Decidiu não fazer nada no momento e afastou-se sem chamar-lhe a atenção.

Desta vez, saiu mesmo do pátio da escola, caminhando para casa, com a melhor das intenções de encontrar Tom no

caminho e contar-lhe o que havia sucedido. Tom ficaria agradecido e assim resolveriam seus problemas. Porém, antes de chegar à metade do caminho até sua própria casa, ela já havia mudado de ideia. Ao lembrar-se da maneira como Tom a havia tratado durante toda a manhã, seu desprezo quando ela inventara o piquenique tão cheia de esperança, seus namoricos com a outra, tudo retornou à sua mente como um ferro em brasa e ela se encheu de vergonha. Era bem-feito deixar que ele levasse umas varadas

por causa do livro estragado, e, ainda mais, ia odiá-lo pelo resto da vida!...

## C A P I T U L O XX

Tom chegou em casa de péssimo humor e a primeira coisa que sua tia lhe disse demonstrou-lhe plenamente que tinha levado suas tristezas a um par de ouvidos bastante antipático.

– Tom, estou com vontade de esfolá-lo vivo!

– Mas, titia, o que foi que eu fiz?

– Fique sabendo que fez até demais. Aqui estou eu, indo até a casa de Sereny Harper como uma velha caduca, para contar-lhe todas aquelas baboseiras que você inventou a respeito do sonho, para fazer com que ela parasse de me chamar de supersticiosa e passasse a acreditar em certas coisas e fico sabendo, na maior das inocências, que Joe já havia contado a ela que você esteve aqui na quarta-feira e se escondeu e escutou toda a nossa conversa como se fosse um patife de um espião inglês! Tom, eu não sei o que poderá acontecer com um menino que faz essas coisas e mente de uma forma tão descarada. Estou me sentindo tão mal, só de pensar que você me deixou ir até a casa de Sereny Harper e passar essa vergonha toda, fazer o papel de uma velha idiota, sem me dar o menor aviso.

Este aspecto da questão era inteiramente novo. Sua esperteza naquela manhã tinha parecido a Tom uma excelente brincadeira, muito inteligente até. Mas agora, parecia uma coisa mesquinha e baixa. Ele baixou a cabeça e não pôde

pensar em nada que pudesse dizer em seu favor. Mas, após um momento, ele alegou:

– Titia, eu gostaria de não ter feito isso, mas na hora, eu nem pensei...

– Ai, menino, você nunca pensa antes de fazer as coisas. Você é uma criança egoísta e nunca pensa em nada senão em seu próprio interesse. Você conseguiu pensar em fazer todo o percurso, e de noite, ainda por cima!, desde a Ilha Jackson, só para ficar rindo de nossa angústia, e depois conseguiu pensar em me enganar com uma história absurda de um sonho, por pura maldade; e eu, velha burra e inocente, acreditei em tudo! Mas você não conseguiu pensar nunca em ter pena de nós e evitar que passássemos por tanta tristeza!...

– Titia, agora eu me dou conta que agi muito mal. Mas eu não pretendia ser mesquinho com a senhora. Não pretendia mesmo, honestamente. E depois, não foi por isso que eu vim. Eu não vim aqui de noite para rir da senhora. E não ri nem um pouquinho.

– E por que foi que você veio, então?

– Eu vim só para dizer à senhora que não se preocupasse, porque nós não tínhamos nos afogado, mas só estávamos brincando de piratas.

– Tom, Tom, eu seria a alma mais grata deste mundo se pudesse acreditar que você teve um pensamento tão bondoso como esse. Mas você sabe que não era isso que pretendia. E o

pior é que eu sei também. Uma ideia dessas nem passaria por sua cabeça!

– Juro e dou minha palavra que era isso que eu queria fazer, titia. Quero ficar “paralético” e nunca mais me mexer se estou mentindo.

– Ai, Tom, não me minta mais! Não faça mais isso! Só está piorando as

coisas, estou me sentindo cem vezes pior!

– Mas não é mentira, titia, é verdade. Eu queria fazer que a senhora parasse de ficar triste. Foi só por isso que eu vim.

– Pois eu daria tudo o que tenho no mundo, só para poder acreditar nisso. Isso ia apagar uma multidão de pecados, Tom. Eu quase ficaria feliz por você ter fugido e se portado tão mal e nos dado um susto tão grande. Mas não posso acreditar, minha razão não aceita isso. Se era o que pretendia, por que então não me contou, criança?

– Ora, a senhora sabe, titia, foi quando a senhora começou a falar a respeito do funeral. Aí eu fiquei tomado da ideia de vir me esconder na igreja e aparecer bem na hora e simplesmente não pude fazer nada que estragasse a surpresa. Aí eu peguei o pedaço de casca e coloquei de volta no meu bolso e fiquei quieto.

– Mas que casca? Do que você está falando?

– Ora, da casca em que eu tinha escrito para lhe contar que tinha ido ser pirata. Eu gostaria que a senhora tivesse se acordado quando eu lhe dei o beijo. Sério mesmo, até preferia.

As linhas duras ao redor da boca de sua tia relaxaram e uma súbita ternura assomou-lhe ao olhar.

– Você me beijou mesmo, Tom? Ou isso é outra mentira?

– Ué, mas é claro que eu beijei.

– Tem certeza de que fez isso, Tom?

– Ora, mas é claro que eu fiz, titia. Garantido. Por que é que eu ia inventar

isso?

– E por que você me beijou, Tom?

– Porque eu amo muito a senhora e a senhora estava deitada lá gemendo e

eu fiquei com tanta pena, que não me aguentei.

As palavras soavam como se fossem a expressão da verdade. A velha senhora não pôde esconder um tremor em sua voz, quando falou:

– Então me beije de novo, Tom! E volte para a escola em seguida, que já está ficando tarde. E pelo amor de Deus, pare de me incomodar tanto.

No momento em que ele saiu, ela correu até um guarda-roupa e retirou os restos mortais do casaco com o qual Tom tinha ido piratear. Depois hesitou, com os farrapos da roupa nos braços, dizendo para si mesma:

– Ai, eu não me atrevo! O pobre menino, calculo que mentiu sobre isso também. Mas foi uma mentira muito gentil, uma mentira abençoada, me reconfortou tanto. Eu espero que o Senhor – eu sei que o Senhor vai perdoá-lo porque ele só mentiu por ter um coração de ouro e querer me consolar. Mas eu não quero ficar sabendo com certeza que era uma mentira. Não vou nem olhar.

Ela guardou de novo o casaco e ficou parada, refletindo por alguns instantes. Duas vezes ela estendeu a mão para pegar de novo a vestimenta esfarrapada e duas vezes refreou-se. Uma vez mais ela estendeu a mão e desta vez fortificou a própria resolução com um pensamento confortador: “Foi mentira, mas foi uma mentira boa, foi uma mentira generosa, não vou deixar que isso me entristeça”. Então se decidiu e revistou os bolsos do casaco. Um momento depois, estava lendo a mensagem que Tom escrevera no pedaço de

casca de sicômoro, as lágrimas fluindo abundantes por seu rosto, enquanto murmurava:

– Agora eu posso realmente perdoar esse menino, mesmo que tenha cometido um milhão de pecados!

## C A P I T U L O XXI

Houve alguma coisa nos modos de tia Polly, especialmente no instante em que beijara Tom, que afastou por completo o desânimo do garoto e deixou-o mais uma vez feliz e de coração leve. Ele começou a caminhar em direção à escola e teve a sorte de encontrar Becky Thatcher no caminho, bem na entrada de Meadow Lane. Seu estado de espírito mais uma vez dominou suas maneiras. Sem hesitar um só momento, ele correu até onde ela se achava e falou:

– Becky, hoje de manhã eu me portei muito mal com você e estou muito arrependido. Prometo que nunca, nunca, nunca mais vou agir assim de novo enquanto eu viver. Por favor, vamos fazer as pazes, está bem?

A menina parou e olhou-o de cima a baixo, com o máximo de desprezo estampado em seu rostinho bonito:

– Eu lhe agradeceria se o senhor tomasse conta de seus próprios negócios e não interferisse mais nos meus, sr. Thomas Sawy er. Nunca mais vou falar com o senhor.

Ela sacudiu a cabeça altaneiramente e seguiu seu caminho. Tom ficou tão abalado que nem sequer teve presença de espírito para responder alguma coisa como: – “E quem se importa, Srta. Espertinha?” Na verdade, só se lembrou de uma resposta depois que a ocasião tinha passado. E assim, ficou calado e não disse nada, o que não significa que não tenha

ficado totalmente enfurecido. Ele ficou andando cabisbaixo pelo pátio da escola, desejando que ela fosse um menino, porque aí seria perfeitamente legítimo desafiá-la e dar-lhe uma boa lição. Finalmente, encontrou-a de novo e desta vez conseguiu proferir uma observação mordaz enquanto ela passava. Ela respondeu na mesma altura e a brecha entre os dois permaneceu aberta, alimentada pela cólera mútua. Em seu profundo ressentimento, pareceu a Becky que mal podia esperar para começarem as aulas, de tão impaciente que estava por ver Tom ser espancado como castigo pelo livro estragado. Se ela tivesse a menor intenção de expor a mesquinharia de Alfred Temple, a frase ofensiva que Tom lhe havia lançado a teria destruído completamente.

A pobre garotinha não fazia ideia de como ela mesma estava perto de uma tremenda complicação. O mestre-escola, sr. Dobbins, tinha atingido a meia-idade sem haver satisfeito nenhuma de suas ambições. Seu maior desejo era ter cursado Medicina, mas a pobreza havia decretado que ele não fosse mais que um professorzinho de aldeia. Todos os dias, ele retirava um livro misterioso de sua escrivaninha e nele se absorvia quando não tinha de dar atenção imediata às classes. Mantinha este livro em uma gaveta da escrivaninha, trancada com cadeado. Não havia um só menino ou menina na escola que não estivesse disposto a oferecer qualquer coisa em troca de uma oportunidade de dar uma espiadela no famoso livro, mas nunca ninguém teve a menor chance. Cada menino e cada

menina tinha uma teoria a respeito da natureza do tal livro; porém, não existiam duas teorias iguais e não havia a menor maneira de obter evidências e fatos que pudessem comprovar qualquer uma delas. Mas no momento em que Becky estava passando pela escrivaninha do professor, que,

devido à disposição da classe, ficava perto da porta, ela percebeu que a chave estava no cadeado! Era um momento da maior preciosidade. Ela olhou em volta, percebeu que se achava inteiramente sozinha. No instante seguinte, o livro estava em suas mãos. O título impresso na capa, Anatomia do Professor Fulano, não tinha o menor significado para ela; assim, começou a virar as páginas.

Imediatamente seu olhar recaiu sobre uma gravura colorida e primorosamente desenhada... de uma figura humana. Foi nesse mesmo momento que uma sombra caiu sobre a página e Tom Sawy er entrou pela porta, enxergando imediatamente a gravura. Becky deu um puxão no livro a fim de fechá-lo e teve a má sorte de rasgar logo a página em que estava o desenho, um rasgão feio, que cortou a página pela metade, desde a parte superior até mais ou menos o centro. Ela jogou o volume apressadamente dentro da gaveta da escrivaninha, girou a chave e explodiu em lágrimas de vergonha e consternação.

– Tom Sawy er, você é a pessoa mais ardilosa que eu conheço. Olha só o que fez! Veio chegando por trás de mim só para olhar o que é que eu estava olhando!

– E como é que eu ia saber que você estava olhando para alguma coisa?

– Você devia se envergonhar, Tom Sawy er. Agora eu sei que você vai contar que fui eu que mexi no livro. E o que é que eu vou fazer? Eu vou levar umas varadas, e até hoje não apanhei nem uma vez na escola!

Então, ela bateu com o pezinho no chão e acrescentou:

– Pois então mostre que é tão malvado como eu sei que você é! Fique sabendo que eu também sei de uma coisa que vai lhe acontecer! Só espere para ver! Ai, que ódio, que ódio, que ódio!

E ela saiu correndo pela porta em uma nova explosão de choro.

Tom ficou completamente imóvel, sem entender direito a história e bastante espantado com a investida de que fora objeto. Depois de algum tempo, murmurou para si mesmo:

– Mas que bobas são essas gurias! Que coisa mais estranha! Nunca nenhum dos meninos me bateu na escola e agora me parece que acabei de apanhar um sova dela! Puxa vida, como são essas meninas! Têm um chilique

por qualquer coisinha, têm a pele mais fina que papel de seda e se assustam mais que uma galinha! Bem, é claro que eu não

vou contar ao velho Dobbins o que essa idiotinha fez, porque há muitas outras maneiras de me cobrar dessa exibida, sem precisar fazer uma sujeira dessas!

Em seguida, começou a calcular:

– E agora, como é que vai ser? É claro que o velho Dobbins vai perguntar quem foi que rasgou o livro dele! Ninguém vai responder, ela muito menos.

Então ele vai fazer o que faz sempre: vai de classe em classe, perguntando a um por um, e quando ele chegar no lugar dela, vai perguntar e a garota vai se atrapalhar toda, ficar vermelha e com vergonha, e ele vai ficar sabendo muito bem que foi ela, sem que ninguém precise contar que foi. As caras das meninas sempre mostram o que elas fizeram. Elas não têm a menor fibra, até parece que não têm nenhum osso... Ela vai levar uma sova... Pois é, acho que Becky Thatcher se meteu mesmo numa fria, porque não tem jeito dela escapar.

Tom ficou matutando por mais um momento ou dois e depois acrescentou:

– Ora, tudo bem, o problema é dela. Pelo que ela disse, até que gostaria que eu me metesse em uma encrenca e apanhasse! Pois então, ela que se vire!

Tom foi reunir-se com o grupo de meninos que corriam e pulavam para cá e para lá no pátio da escola. Depois de

alguns minutos, o professor chegou e as aulas recomeçaram. Tom não sentia um interesse lá muito forte por seus estudos. Cada vez que ele lançava a vista para o lado das meninas, o rosto de Becky o deixava cheio de perturbação. Considerando todas as coisas, ele não tinha vontade de ter pena dela; entretanto, estava sentindo pena o tempo todo. Está certo, o problema era dela e ela merecia ser castigada, mas Tom não conseguia sentir a menor alegria por isso. Finalmente, foi descoberto o estrago produzido em seu próprio livro e, por algum tempo, Tom ficou ocupado demais com seus próprios problemas para pensar nas dificuldades alheias. Becky pareceu despertar da letargia provocada por seu medo e angústia e demonstrou grande interesse pelos acontecimentos. Ela não esperava que Tom pudesse sair da encrenca simplesmente negando ter sido ele quem derramara a tinta no livro; e tinha toda a razão. A negativa pareceu apenas tornar as coisas ainda piores para o menino. Becky achava que ia ficar contente com o resultado e até mesmo tentou fingir que estava contente, mas descobriu que de fato não tinha certeza se estava feliz ou não. Quando a conclusão inevitável da questão foram mais uns varaços nas costas de Tom, ela sentiu um impulso para se levantar e denunciar Alfred Temple. Mas fez um esforço e obrigou-se a permanecer bem quietinha, porque, como disse para si própria: “Ele vai mesmo contar que fui eu que rasguei a figura, é claro que vai. Eu não vou dizer uma só palavra, mesmo que seja para salvar a vida dele!”

Tom apanhou suas varadas sem reclamar muito e voltou para seu lugar com um pouco de ressentimento, mas não demais. Na verdade, até achou que pudesse ter virado o tinteiro na página sem querer, no meio de alguma brincadeira, e nem se lembrasse mais. Ele só tinha negado porque era o costume, a gente nunca confessava mesmo nada para o professor; e manteve sua negativa até o final por uma questão de princípio. E depois, não era a primeira e não ia ser a última vez que o professor lhe batia, com ou sem razão.

Uma hora foi se passando lentamente; o professor começou a cochilar em seu trono, enquanto o ar da sala de aula adquiria uma atmosfera sonolenta com o murmúrio dos estudantes lendo suas lições a meia-voz. Passado algum tempo, o sr. Dobbins endireitou-se no cadeirão, bocejou, destrancou sua gaveta e estendeu a mão para pegar seu livro, embora parecesse um tanto indeciso se ia abrir ou não. A maior parte dos alunos ergueu a vista languidamente, manifestando somente uma curiosidade passageira, mas havia dois entre eles que contemplavam os movimentos do professor com olhos muito mais atentos. O sr. Dobbins folheou seu livro distraidamente por alguns minutos, então escolheu uma página e acomodou-se no assento para ler melhor.

Nesse momento, Tom lançou um olhar para Becky. Uma vez, ele tinha visto um coelho encurralado que mostrava exatamente a mesma expressão no momento em que uma espingarda fora apontada para sua cabeça. Em um segundo ele esqueceu

todas as brigas com ela. Depressa, alguma coisa tinha de ser feita! Tinha de ser feita com a rapidez de um relâmpago! Mas a própria

imediatez da emergência paralisou seus pensamentos. Uma inspiração louca perpassou-lhe o espírito!... Ele podia correr até a escrivaninha do professor, agarrar o livro, sair correndo pela porta e fugir! Mas hesitou antes de tomar esta resolução desesperada e a ocasião se perdeu. O mestre-escola abriu o livro na própria página fatídica! Tom sentiu o maior desconsolo – se ao menos tivesse aproveitado a oportunidade... Agora era tarde demais, nada podia ser feito em favor de Becky, disse consigo mesmo. No momento seguinte, o mestre ergueu os olhos furiosos para a classe inteira. Todos os olhares se abaixaram diante de sua expressão enraivecida: era tal a cólera contida nela que até os mais inocentes encheram-se de medo. O silêncio durou por tanto tempo, que teria dado para contar até dez bem devagar. O professor estava deixando sua raiva crescer até o auge. Então, ele falou:

– Quem rasgou este livro?

Não se ouviu o menor som. Dava para se escutar um alfinete caindo no assoalho. A quietude perdurou, enquanto o professor examinava rosto após rosto, em busca de uma expressão que denunciasse a própria culpa.

– Benjamin Rogers, você rasgou este livro? Uma negativa. Outra pausa.

– Joseph Harper, foi você?

Outra negativa. O desconforto de Tom foi ficando cada vez mais intenso sob a tortura lenta do ritual. O professor foi olhando as filas de meninos, considerou por um momento e voltou-se para as meninas do outro lado da sala.

– Amy Lawrence, foi você? Ela sacudiu a cabeça.

– Gracie Miller?

O mesmo gesto de um rostinho assustado.

– Susan Harper, foi você que fez isto?

Mais uma negativa. A menina seguinte era Becky Thatcher. Tom tremia dos pés à cabeça com a excitação do momento e a desesperança incontrolável da situação.

– Rebecca Thatcher – (Tom olhou para o rosto dela, que estava branco de terror) –, foi você que rasgou... Não! Olhe diretamente  para meu rosto! Olhe para mim, estou dizendo! (As mãozinhas dela se ergueram em um apelo mudo.) Foi você que rasgou este livro?

Um pensamento brilhou como um raio através do cérebro de Tom.

Ergueu-se de um pulo e gritou o mais alto que pôde:

– FUI EU QUE RASGUEI!...

A classe inteira arregalou os olhos em sua direção, no maior dos espantos por este ato incrível de loucura. Tom respirou fundo a fim de recuperar o movimento de seus membros. E quando avançou para o professor, a fim de receber o devido castigo, a surpresa, a gratidão, a verdadeira adoração que brilhou nos olhos de Becky pareceu-lhe pagamento suficiente por até cem chicoteadas. Inspirado pelo esplendor de seu ato de bravura, ele aguentou sem um ai a sova mais cruel que até mesmo o sr. Dobbins já havia administrado. Também recebeu com indiferença a maldosa punição adicional de ter de permanecer na escola por duas horas de castigo depois que a classe fosse

dispensada, porque sabia muito bem quem ia esperar por ele do lado de fora até que terminasse seu cativeiro. Desse modo, não considerou o tedioso tempo gasto como perdido, mas antes como ganho.

Naquela noite, Tom foi para a cama planejando vingança contra Alfred Temple, porque Becky, cheia de vergonha e de arrependimento, tinha lhe contado tudo, não esquecendo de revelar a própria traição. Mas mesmo o desejo de vingança logo deu lugar a meditações mais agradáveis, e quando adormeceu, foi com as últimas palavras de Becky ressoando como um sonho em seus ouvidos:

– Tom, como você pôde ser tão nobre!?...

## C A P I T U L O XXII

As férias se aproximavam. O mestre-escola, sempre severo, tornou-se mais severo ainda, exigindo dos alunos muito mais aplicação do que era de costume, porque ele queria que a escola se apresentasse bem nos “Exames”, que eram um espetáculo aberto ao público. Sua vara e sua palmatória raramente permaneciam sem uso – pelo menos entre os alunos mais moços. Somente os rapazes mais velhos escapavam de umas varadas, juntamente com certas alunas, que já eram senhoritas de dezoito e até vinte anos. As sovas do sr. Dobbins eram agora mais vigorosas, também porque, embora ele carregasse, sob sua peruca empoada, uma cabeça perfeitamente calva e brilhante, era apenas um homem de meia-idade, e seus músculos não apresentavam ainda sinais de fraqueza. À medida que o grande dia se aproximava, toda a sua inerente tirania veio à superfície; ele parecia sentir prazer na punição das menores faltas, como se estivesse se vingando. A consequência imediata foi que os meninos mais jovens passavam os dias imersos em terror e sofrimento e planejavam sua própria vingança durante noites inteiras. Não perdiam a menor oportunidade de tornar o mestre alvo de alguma pequena trapaça. Mas ele estava sempre um passo à frente. A retribuição que se seguia a cada pequena vingança executada pelos meninos era de uma natureza tão ampla e majestosa

que os pequenos adversários sempre abandonavam o campo na mais vergonhosa derrota.

Finalmente, um grupo deles organizou uma "inconfidência" e maquinou um plano que prometia uma brilhante vitória. Eles convocaram o filho do pintor de cartazes, explicaram-lhe o esquema e conseguiram seu auxílio. Aquele tinha suas razões particulares para aderir à conspiração, porque o professor alugava um quarto na casa de seu pai e tinha dado ao menino amplos motivos para odiá-lo. A esposa do professor ia fazer uma visita dentro de poucos dias a alguns amigos que moravam em uma fazendola e assim, não havia ninguém que pudesse interferir no plano. O mestre-escola sempre se preparava para as grandes ocasiões tomando coragem emprestada do fundo de uma garrafa, o que o deixava mais do que levemente tonto, e o filho do pintor de cartazes disse que, quando o professor tivesse atingido a condição adequada na tarde dos "Exames", ele iria "dar um jeito na coisa", enquanto ele cochilava sentado em uma cadeira no seu quarto; então, ele o acordaria justamente na hora exata para que ele saísse às pressas para a escola.

No cumprimento dos tempos chegou a empolgante ocasião. Às oito da noite a escola estava brilhantemente iluminada e adornada com guirlandas e festões de folhagens e de flores. O professor sentou-se entronizado em seu cadeirão, erguido sobre uma plataforma, em frente ao quadro-negro. Sua

aparência era a de quem está levemente embriagado, naquela fase da alegria,

em que se encara o mundo com uma jovial bonomia e cordialidade. Três filas de bancos de cada lado da escola e as seis filas que ficavam logo à sua frente estavam ocupadas pelos dignitários da cidade e pelos pais dos alunos. À sua esquerda, por trás das fileiras de cidadãos, encontrava-se uma espaçosa plataforma temporária sobre a qual se assentavam os escolares que deveriam

participar dos exercícios dessa noite. Eram filas e filas de garotinhos, lavados, escovados e vestidos até um grau intolerável de desconforto. Seguiam-se fileiras de rapazes que ainda sentiam os braços e pernas grandes demais para um controle adequado. Depois vários bancos que pareciam recobertos de neve, devido aos vestidos das meninas e adolescentes, que eram feitos em tons claros de algodão e musselina, a maior parte delas sentindo-se pouco à vontade com os braços desnudos, os enfeites antigos de suas avós, suas profusas fitas cor-de-rosa e azuis e as flores que as mães tinham enfiado carinhosamente em seus cabelos. Todo o restante do prédio estava tomado pelos colegas que não tinham sido considerados aptos para participar da verificação.[1]

Os exercícios começaram. Um menino bem pequeno ergueu-se e recitou timidamente uma elaborada alocução que começava por “dificilmente os senhores esperariam que alguém da minha idade pudesse falar em público desde esta plataforma” etc., acompanhando-se pelos gestos penosamente exatos e espasmódicos que uma máquina poderia ter usado para proferir um discurso – desde que a máquina estivesse levemente estragada. Mas ele conseguiu “atravessar o pântano” em segurança, ainda que permanecesse cruelmente assustado durante todo o tempo; e, assim, recebeu uma bela salva de palmas, quando fez uma curvatura ensaiada durante muito tempo e depois sentou-se, com um suspiro de alívio.

Uma garotinha, com a vergonha estampada no rosto, declamou “Mary tinha um Cordeirinho”, com uma voz afetada por um incipiente ceceio; a seguir, fez uma curvatura capaz de inspirar a compaixão de todos, recebeu sua medida de aplausos e sentou-se, com a carinha muito vermelha, mas cheia de felicidade.

Tom Sawy er avançou, cheio de confiança e vaidade, e lançou-se no discurso memorável e indestrutível que começa por “Concedam-me a Liberdade ou então me deem a Morte!”[2] com um furor bravio na voz e gestos frenéticos... só que parou no meio do texto. Foi invadido por um terrível “medo do palco”, suas pernas começaram a tremer e tinha a impressão de que ia se engasgar. É claro que ele tinha a simpatia manifesta do auditório inteiro – mas também tinha o silêncio

esperançoso de todos os presentes, que era ainda pior do que teria sido sua antipatia. O professor franziu a testa e isto completou o desastre. Tom lutou por mais algum tempo e então retirou-se, totalmente derrotado. Houve uma tentativa fraca de aplauso, mas morreu ingloriamente.

Seguiu-se “O Grumete permaneceu no Tombadilho em Chamas” e “Os Assírios desceram”, juntamente com outras gemas do repertório da declamação. A seguir, exercícios de leitura e um concurso para demonstrar quem era capaz de soletrar melhor. A minúscula classe de Latim recitou honrosamente citações dos clássicos. Chegou o momento para a principal apresentação da noite – “composições” originais das jovens senhoras. Cada uma, por sua vez, avançou para a frente da plataforma, limpou a garganta, ergueu seu manuscrito (amarrado com fitinhas elegantes) e começou a ler, dando uma atenção trabalhosa à “expressão” e à pontuação. Os temas eram os mesmos que haviam sido agraciados em ocasiões semelhantes pelas mães das donzelas, por suas avozinhas, e sem a menor dúvida, por todas as suas ascendentes e ancestrais na

linha materna desde o tempo das Cruzadas. Um dos temas era, naturalmente, “Amizade”; outro era “Recordações de minha Infância”; seguia-se “A Religião através da História”, logo depois “A Terra dos Sonhos” e “As Aventuras da Cultura”; então, um pouco mais pretensiosamente, “Formas de Governo Político

Comparadas e Contrastadas", uma poética "Melancolia", um piedoso "Amor Filial"; um esperançoso "Anseios de meu Coração" etc., etc.

Se havia uma característica comum a todas estas composições era uma doce tristeza cuidadosamente nutrida e acariciada; outra, era uma torrente pródiga e opulenta de "linguagem fina"; outra ainda, era agarrar pelas orelhas palavras e expressões particularmente apreciadas até que se desgastassem inteiramente. Uma peculiaridade que marcava e aleijava violentamente cada uma dessas composições era uma tendência inveterada a proferir um sermão intolerável, que sacudia sua cauda monstruosa no final de cada uma delas, sem qualquer exceção. Não importa qual fosse o assunto, um esforço de rasgar os miolos era sempre feito a fim de arrancar do fundo do cérebro um panegírico ou uma prédica, referente a um aspecto ou outro do texto que pudesse ser retorcido de modo a favorecer a edificação de todas as mentes por meio de uma mensagem religiosa e moral. A insinceridade gritante destas homilias não era suficiente para banir esse modismo das apresentações escolares. Na verdade, a tendência permanece até os dias de hoje. Talvez seja justamente essa absoluta falta de sinceridade que impede que sejam banidas enquanto durar o mundo.

Não há escola em todas as nossas terras em que as jovens donzelas não se sintam compelidas a encerrar suas redações com um edificante sermão; e se examinarmos de perto, será

fácil verificar que o sermão da garota mais frívola e menos religiosa da escola é sempre o mais longo e mais inchado de piedade. Mas chega deste comentário. As verdades medíocres são sempre intragáveis. Vamos retornar aos “Exames”. A primeira composição que foi lida era intitulada: “Então isto é a Vida?” Talvez o leitor possa suportar um trecho dela:

“Nas sendas comuns da vida, com que emoções deliciosas a mente juvenil anseia por algum sentido antecipado de festividade! A imaginação ocupa-se frequentemente em delinear quadros de alegria em tons rosa e carmesim. Na sua fantasia, a voluptuosa devota dos modismos vê a si mesma de permeio à multidão festiva como ‘a observada de todos os observadores’. Suas formas graciosas, adornadas em mantos brancos como neve, serpenteiam como um turbilhão através do labirinto das danças alegres; seus olhos são os mais

brilhantes, seu andar o mais leve dentre a multidão feliz. Contido em tais fantasias deliciosas, o tempo desliza vertiginosamente, até que a hora esperada chega para seu ingresso no mundo do Elísio[3] sobre o qual já entreteceu tantos sonhos brilhantes. Todas as coisas se arrojam sobre sua visão encantada como paisagens de um país de fadas! Cada nova cena que se lhe antepara é mais encantadora

que a anterior. Porém, depois de algum tempo, ela percebe que, por baixo do exterior coruscante de lantejoulas, tudo é vaidade. Os elogios e adulações que anteriormente enchiam de orgulho sua alma fútil, agora se esfregam asperamente contra seus

ouvidos; o salão de baile perdeu todos os seus encantos; e com a saúde comprometida e o coração amargo, ela dá as costas a todas estas ilusões, senhora da convicção de que todos os prazeres da Terra não podem

satisfazer os mais modestos anseios da alma!"

E assim por diante e assim por conseguinte. Havia um zumbido de aprovação em determinados momentos da leitura, acompanhado por exclamações sussurradas do tipo "Que doçura!", "Como é eloquente!", "É a pura verdade!" etc. e, depois que a peça de oratória tinha sido encerrada por um sermão particularmente aborrecido, os aplausos eram entusiásticos.

Ergueu-se então uma menina esbelta e melancólica, cujo rosto ostentava a palidez "interessante" que deriva de pílulas e indigestão, a qual leu "um poema" de sua própria lavra. Duas estrofes deste atentado poético bastarão:

O ADEUS AO ALABAMA DE UMA DONZELA DE MISSOURI

"Oh, Alabama, adeus! Como eu te amo! Todavia, por um momento, vou deixar-te! De tristes pensamentos meu coração recamo E em lembranças ardentes vou guardar-te!

Por teus bosques floridos tantas vezes eu vagueei; Escutei do Talasee a furiosa corrente;

Os raios da Aurora em Coosa adorei

E em Tallapoosa eu li, junto à bela torrente.

De um coração saudoso eu não me envergonho, Nem coro ao volver olhares chorosos;

Da terra se afasta meu peito tristonho – Amigos eu deixo, sem conta, amorosos, Nos vales alegres, na igreja, no lar:

Fui sempre bem-vinda no solo do Estado:

Teria alma ingrata e gelo no olhar

Se minha tête[4] esquecesse o Alabama sagrado!”

Muito poucos entre os presentes faziam a menor ideia do que significasse

tête, mas, não obstante, acharam o poema muito lindo e ficaram satisfeitos.

A seguir apareceu uma jovem donzela de pele morena, olhos e cabelos negros, que iniciou com uma impressionante pausa dramática, assumiu uma expressão trágica e começou a ler em tons firmes e compassados:

UMA VISÃO

“Negra e tempestuosa era a noite. Ao redor do trono altíssimo nem sequer uma estrela tremia; porém as invocações profundas de poderosas trovoadas constantemente vibravam nos ouvidos; enquanto os aterrorizantes relâmpagos

coriscavam  seu humor furioso através das câmaras nubladas dos céus, parecendo desprezar o poder exercido sobre o terror que brandiam pela ilustre invenção de Benjamin Franklin![5] Mesmo os ventos ruidosos unanimemente brotavam de seus lares místicos e embarafustavam por todos os cantos da atmosfera como se pretendessem enriquecer com seu apoio a selvageria  da cena. Em um tempo assim, tão escuro, tão assustador, pela simpatia humana suspirava minh'alma; mas em vez disso,

Meu mais caro amigo, meu conselheiro, confortador e guia,

Minha alegria é o luto, minha felicidade, a luz que me alumia!

"Ela se movia como um desses seres brilhantes que são desenhados nos caminhos cheios de sol do Éden da fantasia pelos jovens e  românticos, uma rainha de beleza, sem portar nenhum adorno exceto sua própria formosura transcendente. Tão leve era seu passo que não causava o menor som; e, se não fosse pela emoção mágica produzida por seu toque jovial, como tantas outras criaturas lindas envoltas em modéstia, ela teria  deslizado sem  ser percebida – nem tampouco buscada e cortejada. Uma singular tristeza repousava em seus traços, como lágrimas de gelo sobre o manto de  dezembro, enquanto

ela apontava para os elementos engajados em batalha e me fazia contemplar os dois seres que se haviam apresentado."

Este pesadelo ocupou dez páginas de manuscrito, encerrando-se por um sermão tão destrutivo de toda esperança para os que não fossem presbiterianos, que ganhou o primeiro prêmio. Esta "composição" foi considerada como o mais belo esforço literário de toda a noite. O prefeito da cidadezinha, ao entregar o prêmio às mãos da autora, proferiu um cálido discurso, no qual asseverou que era de longe "a peça oratória mais eloquente que jamais havia escutado e que o próprio Daniel Webster[6] teria motivos para se orgulhar dela".

Deve ser observado de passagem que o número de composições em que a palavra "belíssimo" era empregada com volúpia e a experiência humana designada como "uma página da Vida" correspondia e até mesmo superava a média nacional.

Então o professor, que estava tão bem-humorado que quase parecia jovial, empurrou o cadeirão, deu as costas à audiência e começou a desenhar um mapa da América sobre o quadro-negro a fim de examinar as habilidades dos alunos em geografia. Mas ele fez um péssimo desenho, porque sua mão estava trêmula em consequência de toda a bebida que havia ingerido anteriormente e um coro de risadinhas abafadas começou a percorrer a escola como círculos concêntricos após

a queda de uma pedra em um lago tranquilo. Ele estava sóbrio o bastante para perceber logo qual era o problema e esforçou-se para corrigi-lo. Passava a esponja sobre determinadas linhas e as corrigia, mas somente conseguia

distorcê-las ainda mais, e o riso começou a ficar mais pronunciado. Espicaçado, projetou inteiramente sua atenção sobre o trabalho, totalmente determinado a não se deixar derrotar pela alegria da assembleia. Sentia que todos os olhos estavam sobre ele; imaginava que o mapa estava agora ficando corretamente desenhado, todavia, as risadinhas continuavam; de fato, estavam se transformando em um riso manifesto. Só que a causa era muito diferente do que ele imaginava. Havia um sótão acima de sua cabeça, no qual estava aberto um alçapão. E através desta abertura começou a aparecer uma gata suspensa pelas ancas por meio de um barbante grosso; a pobre bichana tinha um trapo amarrado firmemente no focinho, prendendo a queixada ao alto da cabeça, de tal modo que não conseguia miar e nem ao menos respirar muito bem. Ela foi descendo lentamente, curvando o corpo para cima enquanto tentava romper o barbante com as unhas; mas o laço estava tão benfeito, que só conseguia balançar de volta

para baixo a cada impulso, esperneando inutilmente no ar intangível. As risadas foram ficando cada vez mais altas, pois a gatinha estava agora a um palmo da cabeça do mestre-escola

totalmente absorvido em sua tarefa titânica. E foi descendo mais, mais, um pouco mais baixo, até que agarrou-lhe a peruca com suas garras desesperadas; e quando suas unhas estavam fincadas firmemente nela, o pobre animal foi puxado subitamente de volta pelo alçapão, carregando possessivamente seu troféu! E agora a luz brilhava esplendorosamente na careca do professor, porque o filho do pintor de cartazes tinha passado tinta dourada nela, enquanto o mestre-escola cochilava!

A reunião encerrou-se às gargalhadas. Os meninos sentiram-se plenamente vingados. As férias tinham chegado.[7]

[1]. Neste capítulo, Mark Twain parece descrever um número de alunos muito superior aos “vinte e cinco” anteriormente mencionados, sem que haja qualquer referência a outras classes ou outras salas de aula na mesma escola. (N.T.)

[2]. Peça de oratória atribuída a Nathan Hale (1755-1776), herói da Guerra da Independência dos Estados Unidos, que teria sido proferida pelo patriota antes de ser enforcado como rebelde pelos ingleses. (N.T.)

[3]. O Elísio, Eliseu, ou ainda, Campos Elísios, na Mitologia Greco-Romana, é um lugar de delícias que faz parte dos

Infernos, ou antes, do Hades, a Mansão dos Mortos, destinado às almas dos heróis e dos homens virtuosos. (N.T.)

[4]. “Cabeça”, com a intenção de significar “mente” ou “espírito”. Em francês no original. (N.T.)

[5]. Benjamin Franklin (1706-1790), político, físico e filósofo americano, um dos “pais fundadores” da Independência dos Estados Unidos. A invenção referida é, naturalmente, o para-raios. (N.T.)

[6]. Referência ao estadista e orador norte-americano Daniel Webster, 1782- 1852. Não confundir com seu contemporâneo, o literato, gramático e dicionarista Noah Webster, 1758-1843. (N.T.)

[7]. As pretensas “composições” citadas acima foram retiradas sem a menor alteração de um volume intitulado Poesia e Prosa de uma Dama do Centro-Oeste, mas são exemplos exatos e precisos dos padrões seguidos pelas meninas de  escola dessa época e deste modo representam descrições muito mais felizes do que qualquer imitação que o autor pudesse redigir. (N.A.)

## C A P I T U L O XXIII

Tom ingressou na ordem recém-fundada dos Cadetes da Temperança, sendo atraído principalmente pelo brilho e extravagância de seus distintivos e uniformes. Prometeu abster-se de fumar, mascar fumo, tomar bebidas alcoólicas e dizer palavras obscenas ou ofensivas, enquanto durasse sua participação como membro da Ordem. E agora fez uma nova descoberta sobre a natureza humana, a saber, que a promessa de não fazer determinada coisa é a maneira mais garantida que existe neste mundo de querer fazer justamente aquilo. Nem bem Tom tinha proferido seus votos, descobriu que estava sendo atormentado por um desejo constante de beber água que passarinho não bebe e praguejar com a maior constância e convicção. A ansiedade foi crescendo lentamente, foi ficando cada vez mais intensa, até que chegou a um ponto em que o menino só não abandonava a Ordem por causa da atração igualmente forte de exibir-se em público com seus companheiros, ostentando seus lenços de pano

vermelho. No outro mês chegaria o Quatro de Julho[1] e os desfiles; mas ele logo desistiu de esperar por essa data tão distante – desistiu antes mesmo que tivesse usado seus novos grilhões por quarenta e oito horas. Para falar a verdade, passou a depositar suas esperanças sobre o velho juiz Frazer, o juiz de Paz da aldeia, que aparentemente estava em seu leito de morte e teria um grande funeral de que participaria

certamente toda a população. Afinal de contas, ele era uma autoridade muito importante no lugarejo. Durante três dias, Tom preocupou-se profundamente com o estado de saúde do pobre juiz de Paz e estava sempre ansioso por novas notícias. Algumas vezes, suas esperanças pairavam bem alto, tão alto, realmente, que ele até chegava a retirar da gaveta as insígnias de sua elevada posição, e ficava horas diante do espelho, experimentando a melhor maneira de exibi-las. Mas a saúde do juiz de Paz tinha umas flutuações muito desconcertantes. Finalmente, os médicos declararam que ele estava melhorando, e então o paciente teve o mau gosto de entrar em convalescença. Tom ficou profundamente desapontado e sentiu-se até mesmo ofendido, como se tivesse sido enganado. Imediatamente demitiu-se da Ordem dos Cadetes da Temperança. Só que, nessa mesma noite, o juiz Frazer sofreu uma recaída e morreu. Tom resolveu que nunca mais confiaria nos homens. O funeral foi uma ocasião de estado. Os cadetes desfilaram com um estilo calculado para matar o desertor de inveja.

Seja como for, Tom era novamente um menino livre. Sempre era uma vantagem. Agora podia praguejar e dizer nomes à vontade e até mesmo provar um copinho de canha, se lhe desse vontade; para surpresa sua, descobriu que o desejo irresistível tinha desaparecido completamente. O simples fato de que agora ele podia fazer essas coisas afastou o desejo e tirou todo o encanto delas.

Passados alguns dias, Tom descobriu, com maior surpresa ainda, que as férias que tinha cobiçado tanto estavam começando a pesar-lhe nas mãos.

Tentou iniciar um diário, mas nada de importante lhe aconteceu durante três dias e acabou por deixar o projeto morrer à míngua.

Daí a algum tempo, uma companhia de cantores e dançarinos negros veio

exibir-se na cidadezinha e fez um grande sucesso. Tom e Joe Harper reuniram um grupo de intérpretes e sentiram-se felizes durante dois dias.

Mesmo o glorioso Quatro de Julho até  certo ponto fracassou, porque choveu pesadamente nesse dia; como resultado, não houve parada, mas o maior homem do mundo (pelo menos conforme Tom encarava as coisas), que era o sr. Benton, um verdadeiro Senador dos Estados Unidos, demonstrou-se um desapontamento total, porque ele não tinha seis metros de altura; de fato, não chegava nem perto disso.

Então chegou um circo. Depois que partiu, os meninos brincaram de circo por três dias seguidos, em tendas feitas de farrapos e tapetes velhos. O preço do ingresso para os meninos eram três alfinetes com distintivos, que estavam muito em voga e todos colecionavam, enquanto as meninas só

precisavam pagar dois. Mas logo as atividades circenses foram abandonadas.

Um frenologista e um mesmerizador chegaram à cidadezinha – mas logo foram embora e deixaram a aldeia ainda mais monótona e aborrecida do que antes.

Houve algumas festinhas de meninos ou meninas, mas eram tão espaçadas entre si e tão deliciosas enquanto duravam que só faziam  os dolorosos vazios entre elas doer mais ainda.

Becky Thatcher tinha voltado para a casa de seus pais em Constantinople, a fim de permanecer com eles durante as férias – quando a vida é chata, fica realmente aborrecida: não tem o menor sinal de brilho, nem nada que possa despertar o interesse.

O terrível segredo de Tom e Huck a respeito do assassinato era uma angústia crônica em seus corações. Era um verdadeiro câncer, pela dor que causava e por sua persistência.

Foi então que o sarampo chegou.

Durante duas longas semanas, Tom permaneceu prisioneiro em sua cama, morto para o mundo e seus acontecimentos monótonos ou excitantes. Estava muito doente e não se interessava por nada. Quando finalmente se levantou da cama, movimentando-se debilmente em direção ao centro da aldeia, uma mudança melancólica tinha ocorrido em toda a comunidade e em cada ser humano que a ela pertencia. Tinha havido um “reavivamento” e todo mundo “tinha pegado

religião"; não somente os adultos, mas até os meninos e meninas. Tom caminhou por toda parte, esperando contra a esperança encontrar a face alegre de um abençoado pecador, mas o desapontamento cruzava seu caminho por onde quer que fosse. Descobriu que seu amigo do peito Joe Harper estava estudando o Novo Testamento. Cheio de tristeza, afastou-se do espetáculo deprimente. Procurou Ben Rogers e o encontrou em um dos bairros pobres, carregando uma cestinha cheia de sermões impressos, que distribuía de porta em porta. Caçou Jim Hollis, e este lhe chamou a atenção para a preciosa bênção que tinha sido seu ataque de sarampo, na opinião do colega um disfarçado aviso de Deus para que emendasse sua conduta pecaminosa. Todos os meninos que ele encontrava adicionavam mais um grau à sua depressão. Em seu desespero, ele finalmente foi refugiar-se no peito amigo de Huckleberry Finn e, para sua total consternação, foi recebido com uma citação das Escrituras. Seu coração ficou

pequenininho dentro do peito e ele se arrastou silenciosamente para o abrigo do leito, percebendo que era o único habitante da cidadezinha que estava perdido para toda a eternidade.

E justamente nessa noite sobreveio uma terrível tempestade, com uma chuva fortíssima, pavorosos estrondos de trovão e luzes cegantes na explosão dos raios. Ele cobriu a cabeça com os cobertores e, num horror de apreensão, aguardou sua condenação final; porque não tinha a menor dúvida de que

toda aquela cólera estava sendo desencadeada especialmente para ele. Ele acreditou que tinha forçado a tolerância dos poderes celestes a um extremo tal que não seria mais perdoado. Todo aquele dilúvio e as trovoadas que o acompanhavam eram os espantosos resultados disso. Talvez lhe tivesse ocorrido que era um desperdício de pompa, circunstância e munição matar um besourinho com uma bateria de artilharia, porém não lhe pareceu que houvesse nada de estranho no acúmulo de tantas nuvens dispendiosas e trovões tão caros para arrancar a terra de sob os pés de um inseto insignificante como ele.

No devido tempo, a tempestade gastou sua fúria inútil e pereceu sem alcançar seu objetivo primordial. O primeiro impulso do menino foi o de demonstrar gratidão e corrigir suas atitudes ímpias. Mas o segundo foi o de esperar só mais um pouquinho – quem sabe não haveria mais tempestades depois dessa.

No dia seguinte, os médicos foram chamados de volta: Tom tivera uma recaída. Desta vez, as três semanas que passou deitado de costas pareceram durar séculos. Quando finalmente ele conseguiu levantar-se e caminhar por perto de casa, não se sentia lá muito grato por ter sido poupado, lembrando de sua solidão e de como tinha sido abandonado por seus companheiros. Foi caminhando lentamente e sem o menor entusiasmo pelas calçadas, até que encontrou Jim Hollis fazendo o papel de juiz em um tribunal juvenil que

estava  julgando um gato por assassinato, na presença do corpo de sua vítima, um desventurado passarinho. Mais adiante, encontrou Joe Harper e Huckleberry Finn em um beco escondido, comendo um melão roubado. Pobres sujeitinhos! Eles, como Tom, haviam sofrido uma recaída.

[1]. Dia da Proclamação da Independência dos Estados Unidos, em 1776. (N.T.)

## C A P I T U L O XXIV

Finalmente, a atmosfera adormecida da aldeia foi despertada – e com muito vigor. Chegou a ocasião do assassinato ser levado a julgamento no tribunal. Tornou-se imediatamente o tópico central de todas as conversas, que absorveu todos os demais assuntos na cidadezinha. Não havia maneira de Tom escapar-se das referências e alusões à questão. E cada menção do assassinato lhe provocava um estremecimento por todo o corpo, que ia até o coração, porque sua consciência culpada e seus temores quase o persuadiam de que todas as observações eram lançadas diretamente em sua direção como "iscas", só para ver como ele reagiria. Naturalmente, o garoto não fazia a menor ideia de como alguém poderia suspeitar que ele soubesse qualquer coisa a respeito do crime, quanto mais ser testemunha ocular dele; porém, ainda assim, não conseguia sentir-se confortável no meio de todo o falatório. Parecia sentir arrepios gelados dia e noite. Levou Huck a um lugar solitário a fim de bater um papo com ele.

Seria alguma espécie de alívio conseguir quebrar os selos de sua boca por algum tempo, dividir sua carga de angústia com outro sofredor. Mas, acima de tudo, queria certificar-se de que Huck havia mantido o segredo.

– Huck, me diga um troço, você já contou a alguém sobre aquilo?

– Aquilo o quê?

– Você sabe muito bem o quê.

– Ah, aquilo! Mas é craro que eu não falei.

– Nem uma só palavra?

– Nunca, nem uma palavra solitária, juro por Deus. E pruquê você está preguntando?

– Bem, eu estava com medo.

– Ora, Tom Sawy er, nós não ia continuar vivo mais que uns dois dia, se ficassem sabendo que a gente sabe. Você sabe disso tão bem como eu.

Tom começou a sentir-se um pouco mais confortável. Depois de uma pausa, falou:

– Huck, ninguém... eles não podiam fazer você falar, podiam?

– Me fazer falar? Ora, se eu quisesse que aquele mestiço me afogasse, então podiam me fazer falar. Não tem outro jeito mermo.

– Bem, então acho que está certo. Calculo que estamos em segurança se ficarmos de bico calado. Mas vamos jurar de novo, só para ter certeza!

– Por mim, tudo bem.

Assim, eles renovaram o juramento com terrível solenidade.

– E essa conversalhada toda por aí, Huck? Passo escutando todo o tempo!

– Conversaiada? Ora, é só Muff Potter, Muff Potter, Muff Potter o tempo todo. Sabe de um troço? Eu passo assustado e suando o tempo todo, constante. Dá vontade de me esconder num buraco.

– Pois é justamente assim que eles fazem ao redor de mim. Não param de falar o tempo todo. Acho que ele está ferrado. Às vezes, você não sente pena dele?

– Pois é. Quase sempre. O tempo todo. Ele não presta pra nada, mas nem

ansim feiz quarquera coisa pra perjudicar ninguém. Só pesca um pouquinho pra ganhar um pouco de grana pra se emborrachar, o resto do tempo não faiz nada. Mas no fim das contas, o Senhor Deus sabe que todos nóis semos ansim, pelo menos a maioria, especialmente os pregador e essa gente otra que não trabaia. Mas ele é um cara inté bom. Uma vez me deu meio peixe e oia que era um peixinho bem pequeno que não chegava para matar a fome dele sozinho; pois é, uma porção de veiz ele meio que me ajudou, quando eu andava meio caipora.

– Sabe, Huck, mais de uma vez ele consertou as minhas pandorgas e até me ensinou a prender os anzóis na linha. Gostaria de descobrir um jeito de tirá-lo dessa cadeia.

– Deus Nosso Senhor! Mas não tem jeito de tirar ele dessa fria, Tom. Não ia adiantar de nada. Se a gente desse um jeito de tirar ele de lá, os caras iam pegar ele de novo.

– Acho que sim... Acho que pegavam ele de novo. Mas eu odeio ficar ouvindo essa gente toda falar o diabo dele, quando nós dois sabemos que ele não fez nada.

– Eu odeio tamém, Tom. Eu ouço eles dizer que ele é o patife mais sangrento do país. Ficam recramando porque ele não foi enforcado antes.

– Sim, é isso que eles dizem o tempo todo. E tem mais, ouvi uns caras dizerem que, se por acaso ele se escapar do tribunal, eles vão agarrar o coitado de novo e fazer um linchamento.

– E eu acho que eles fazia isso mermo.

Os meninos tiveram uma longa conversa, mas não lhes serviu de grande conforto. Por uma dessas coincidências, quando se aproximava o crepúsculo, eles descobriram que estavam bem perto da pequena prisão isolada. Por algum tempo chegaram a entreter uma esperança indefinida de que alguma coisa ia acontecer para libertá-los de suas dificuldades. Porém nada ocorreu: aparentemente, nem os anjos nem as fadas estavam interessados no infeliz cativo.

Os meninos fizeram o que tinham feito muitas vezes antes – caminharam até a gradezinha da cela e deram a Potter um pouco de tabaco e fósforos. Ele estava no andar térreo e não havia guardas.

Sua gratidão por seus pequenos presentes havia sempre ferido profundamente suas consciências – mas desta vez, o corte foi muito mais fundo. Sentiram que eram covardes e traiçoeiros até a medula dos ossos quando Potter disse:

– Garotos, vocês foram extremamente bons para mim, melhores que

qualquer outra pessoa em toda esta bendita cidade. Eu não me esqueço disso, eu não. Muitas vezes eu digo pra mim mesmo, sim, eu digo: "Eu costumava consertar as pandorgas de todos os meninos e outros brinquedos também, e ainda lhes mostrava os lugares onde a pescaria era melhor, e demonstrava amizade por todos eles sempre que podia, e agora que o velho Muff Potter se meteu em uma baita duma encrenca, todos esqueceram dele, menos Tom; e Huck, que também não me esquece – estes dois não se esquecem do velho Muff". É o que eu digo e eu digo ainda por cima: "Pois eu não me esqueço deles tampouco!" Pois muito bem, meninos, eu fiz uma maldita de uma coisa terrível, mesmo que eu não me

lembre de ter feito nada. Bêbado e louco que eu estava naquela hora, é a única forma como explico o que aconteceu, e agora eu tenho de balançar na forca por causa disso e está certo. Está certo e é o melhor também, calculo eu. Pelo menos espero que seja o certo e o melhor.

Após uma pequena pausa, prosseguiu:

– Bem, não adianta nós ficarmos falando sobre isso, eu estou vendo pelas carinhas de vocês que estão ficando tristes e eu não quero que logo vocês dois, os meus únicos amigos, se sintam mal. Foram vocês que mostraram que eram meus amigos de verdade, mais ninguém. Mas o que eu quero dizer pra vocês é: nunca fiquem bêbados e assim nunca vão parar no lugar em que eu estou. Agora vocês caminhem um pouco mais para o lado oeste: assim mesmo, assim eu posso ver melhor as carinhas de vocês. É um grande conforto enxergar faces amigas, quando um sujeito está afundado até o pescoço na lama de uma complicação como esta que eu arranjei e ninguém mais vem aqui me ver senão vocês. Bons rostos amigos – bons rostos amigos. Agora vejam se um de vocês sobe nas costas do outro, para eu poder tocá-lo. Isso mesmo. Agora, vamos apertar as mãos como bons amigos fazem. As mãozinhas de vocês atravessam as barras, mas as minhas são grandes demais. São mãozinhas pequenas e fracas, mas foram essas mãozinhas que ajudaram tanto o pobre Muff Potter e tenho certeza de que ajudariam ainda mais se pudessem!

Tom voltou para casa sentindo-se o mais abjeto dos miseráveis e naquela noite seus sonhos se transformaram em pesadelos cheios de horror. No dia seguinte e também no outro, ele rondou o tribunal, arrastado por um impulso quase irresistível de entrar, mas forçando-se a permanecer do lado de fora. Huck estava passando por uma experiência semelhante. Embora se encontrassem quando iam lá, eles faziam o maior esforço para

não serem vistos na presença um do outro. Ambos se afastavam periodicamente, mas a mesma fascinação tétrica sempre acabava por trazê-los de volta. Tom mantinha os ouvidos bem abertos quando os passantes entravam e saíam do tribunal, conversando preguiçosamente; mas, de forma invariável, as notícias que ouvia o deixavam ainda mais angustiado. Os resultados do inquérito se concentravam cada vez mais na pessoa do pobre Potter. No final do segundo dia, a opinião geral da cidadezinha era a de que o depoimento de Injun Joe permanecia firme e inabalado, sem nada que pudesse contrariá-lo, e que não havia a menor dúvida sobre qual veredito seria proferido pelo júri.

Tom ficou na rua até tarde essa noite e voltou para a cama pulando a janela. Estava tomado de uma excitação tremenda. Levou horas antes de conseguir dormir. Toda a aldeia dirigiu-se como um rebanho para o tribunal na manhã seguinte, porque este seria o grande dia. Ambos os sexos estavam quase igualmente representados no salão de audiências apinhado. Depois de uma longa espera, os jurados entraram em fila e tomaram seus lugares. Dentro de pouco tempo, Potter foi trazido pelos guardas, com o rosto muito branco e muito magro, tímido e sem esperanças, carregado de correntes, e foi levado a sentar em um lugar bem destacado, à vista de todos os olhares curiosos; e nenhum olhar se fixava nele mais fixamente que o de Injun Joe, com a mesma expressão

indiferente de sempre. Houve uma outra pausa e então o juiz chegou e o xerife,

na ausência de um oficial de justiça, proclamou que a sessão estava aberta. Seguiram-se os murmúrios habituais entre os advogados, que não paravam de folhear e de ajuntar papéis. Estes detalhes e os atrasos que os acompanhavam funcionavam dentro de uma atmosfera de preparação que era tão impressionante quanto cheia de fascínio.

Logo foi chamada uma testemunha que declarou haver encontrado Muff Potter enquanto este se lavava em um riacho, ainda de madrugada, justamente na manhã em que o assassinato fora descoberto, e que, no momento em que ele percebera que estava sendo observado, o acusado fugira para o mato. Depois de algumas outras perguntas, o promotor disse:

– A testemunha está à sua disposição.

O prisioneiro ergueu seus olhos por um momento, mas deixou a vista recair sobre o colo quando seu próprio advogado disse:

– Não tenho quaisquer perguntas a lhe fazer.

A próxima testemunha depôs ter encontrado a faca próximo ao cadáver. O promotor emitiu as questões de praxe e, em seguida, falou:

– A testemunha está à sua disposição.

– Não tenho quaisquer perguntas a lhe fazer – replicou o advogado de Potter.

Uma terceira testemunha jurou ter visto com frequência essa mesma faca nas mãos de Potter.

– A testemunha está à sua disposição.

O advogado de Potter abriu mão do direito de questioná-la.

A essa altura, os rostos da audiência começaram a trair seu aborrecimento. Será que este advogadozinho pretendia jogar fora a vida de seu cliente, sem fazer o menor esforço para salvá-la?

Diversas testemunhas prestaram depoimento com referência ao comportamento culpado de Potter quando trazido à cena do assassinato. O advogado dele permitiu que deixassem o assento das testemunhas sem serem questionadas.

Todos os detalhes das circunstâncias comprometedoras que ocorreram no cemitério durante aquela manhã, que todos os presentes recordavam tão bem, foram expostos por testemunhas dignas de crédito – e nenhuma delas foi questionada pelo advogado de Potter! A perplexidade e insatisfação de todos os presentes no salão de audiências começaram a expressar-se através de cochichos bastante altos e provocou uma repreensão do juiz. Então o promotor disse:

– De acordo com os testemunhos juramentados de cidadãos cuja palavra ilibada se encontra acima de suspeita,

ligamos este crime terrível, além de toda a possibilidade de questionamento, à pessoa do infeliz prisioneiro que se encontra perante a barra. Concluímos assim a acusação.

Um gemido escapou-se dos lábios do pobre Potter, que enterrou o rosto nas mãos e começou a balançar o corpo lentamente para a frente e para trás, enquanto um penoso silêncio reinava no tribunal. Muitos homens sentiam-se comovidos e a compaixão de muitas mulheres era comprovada por suas lágrimas. O advogado de defesa ergueu-se e declarou:

– Meritíssimo, em nossas observações iniciais, durante a abertura deste julgamento, apresentamos nossa intenção de provar que nosso cliente somente realizou este ato apavorante sob a influência de um delírio cego e irresponsável, produzido pelo excesso de bebidas alcoólicas. Porém mudamos de opinião e não vamos mais oferecer esta declaração...

Suspendeu sua defesa com uma pausa dramática e dirigiu-se ao meirinho:

– Chame Thomas Sawy er, por favor.

Espanto e confusão se estamparam em todos os rostos dos presentes, inclusive no de Potter. Cada olhar fixou-se com interesse maravilhado sobre a figura de Tom, enquanto este se erguia e tomava lugar no assento das testemunhas. O menino

parecia muito agitado, porque, verdade seja dita, estava tremendamente assustado. O juramento foi administrado.

– Thomas Sawy er, onde você se encontrava no sétimo dia de junho, em torno da meia-noite?

Tom lançou a vista para a cara de Injun Joe e sua língua ficou completamente presa. A audiência escutava quase sem respirar, mas as palavras se recusavam a sair. Depois de alguns momentos, entretanto, o menino recobrou um pouco de suas forças e conseguiu colocar resolução suficiente em sua voz para que parte da sala apinhada pudesse escutar:

– Eu estava no cemitério!...

– Um pouco mais alto, por favor. Não tenha medo. Onde você se encontrava?

– No cemitério.

Um sorriso de desprezo percorreu o rosto até então apático de Injun Joe.

– Você se encontrava em algum ponto próximo à sepultura de Horse Williams?

– Estava, sim, senhor.

– Faça o favor de falar um pouquinho mais alto. A que distância você estava?

– Mais ou menos à mesma que estou do senhor.

– Estava escondido ou à vista?

– Eu estava escondido.

– Onde?

– Por trás dos álamos que ficam do lado da sepultura.

Injun Joe teve um leve estremecimento, quase imperceptível.

– Havia alguém com você ou estava sozinho?

– Sim, senhor. Eu estava lá com...

– Espere! Espere um momento. Não há necessidade de mencionar o nome de seu companheiro. Vamos apresentá-lo no momento preciso. Vocês levaram alguma coisa para o cemitério junto com vocês?

Tom hesitou e pareceu confuso.

– Fale sem medo, meu amiguinho. Não precisa ter vergonha. A verdade sempre é respeitável. O que foi que vocês levaram para lá?

– Só levamos um... um gato morto.

Houve uma onda de risos, que o juiz silenciou com seu martelo.

– Nós apresentaremos o esqueleto desse gato no devido tempo. Agora, meu

amiguinho, conte-nos tudo o que aconteceu – conte com suas próprias palavras – não pule nada e não tenha medo.

Tom começou – hesitantemente a princípio, porém, à medida que se entusiasmava com o assunto, sua voz fluía cada vez com maior facilidade. Dentro de pouco tempo, todos os sons cessaram no tribunal, exceto pela voz agora firme do menino. Todos os olhos estavam cravados nele; a audiência parecia estar pendurada em cada palavra que ele proferia e escutava com os lábios entreabertos e a respiração contida, sem perceber o tempo que se passava, embevecida pela terrível fascinação da narrativa. A pressão sobre as emoções suspensas da assembleia chegou a seu clímax quando o menino declarou:

– E quando o doutor agarrou a prancha e deu com toda força na cabeça de Muff Potter e Muff Potter caiu desmaiado, Injun Joe pulou com a faca na mão e...

Um estrondo! Rápido como um raio, o mestiço saltou em direção a uma janela, afastou de seu caminho todos os oponentes, rebentou a vidraça e pulou para fora!

## C A P I T U L O XXV

Tom voltara a ser um herói de armadura brilhante – o favorito dos velhos e a inveja dos jovens. Seu nome foi até publicado na imprensa imortal, porque o jornal local teceu-lhe muitos elogios. Houve até algumas pessoas que proclamaram que ele ainda havia de ser presidente dos Estados Unidos, desde que não fosse enforcado antes.

Como de costume, o mundo irracional e inconstante tomou Muff Potter para o mais íntimo do peito, elogiando-o com a mesma prodigalidade com que o tinha condenado anteriormente. Mas neste caso, este tipo de conduta vem em favor da opinião pública, portanto, é melhor não criticá-lo por isso.

Os dias de Tom eram cheios de esplendor e exultação, mas suas noites eram plenas de horror. Injun Joe infestava todos os seus sonhos, mesmo os mais inocentes, que dirá os pesadelos – e trazia sempre uma cruel expressão de vingança no olhar. Nenhuma tentação, por mais sedutora que fosse, persuadiria o rapazinho a passear depois do cair da noite. O pobre Huck estava no mesmo estado de terror e angústia, porque Tom havia contado a história inteira ao advogado na noite anterior ao grande dia do julgamento e Huck estava tremendamente assustado porque sua participação na empresa ainda poderia vir à tona, mesmo que a fuga de Injun Joe o tivesse liberado do

sofrimento de testemunhar no tribunal. O pobre camaradinha tinha pedido encarecidamente ao advogado que prometesse segredo, mas e daí? Quem confiava em advogados? Uma vez que a consciência atormentada de Tom o tinha espicaçado até o ponto em que ele não resistira mais e fora de noite até a casa do advogado e arrancara a pavorosa narrativa de lábios que haviam sido selados com o juramento mais formidável e atemorizante, a confiança de Huck na raça humana tinha murchado consideravelmente. A gratidão de Muff Potter, manifesta diariamente, deixava Tom feliz por ter falado; mas a cada noite ele se reprovava pela temeridade e desejava mil vezes não ter dado com a língua nos dentes. Metade do tempo, Tom vivia no pavor de que Injun Joe nunca fosse capturado; e, na outra metade, tinha medo que fosse. Tinha certeza de que jamais conseguiria respirar em segurança de novo enquanto aquele homem terrível não estivesse morto e ele mesmo tivesse visto e tocado no cadáver para ficar mais garantido.

Uma recompensa tinha sido oferecida, as matas e campos de todo o município tinham sido exploradas, grupos de busca tinham cruzado o rio, mas ninguém conseguira encontrar Injun Joe. Mas como sua cabeça estivesse a prêmio, uma dessas maravilhas modernas que inspiram tanto respeito, um detetive veio de Saint Louis, remexeu por toda a parte, como se fosse um camundongo, depois sacudiu a cabeça, assumiu uma expressão de grande experiência e sabedoria e declarou já

haver obtido aquela espécie de sucesso impressionante que os membros dessa profissão em geral conseguem. Isto é, afirmou "ter achado uma pista". O diabo é que não se pode enforcar uma pista por um crime de morte; e, assim, depois que o detetive terminou sua investigação e foi para casa sem o menor sucesso nem qualquer consequência, Tom sentiu-se tão pouco seguro como antes.

Os dias foram-se passando lentamente e cada um deles deixou em sua esteira um peso de apreensão que poucas coisas podiam aliviar.

## C A P I T U L O XXVI

Existe uma época na vida de qualquer menino bem-formado, em que ele adquire um desejo avassalador de ir a alguma parte a fim de caçar tesouros escondidos. Um dia, este desejo explodiu subitamente dentro da cabeça de Tom. De imediato ele foi em busca de Joe Harper, mas não conseguiu encontrá-lo. A seguir, procurou Ben Rogers, mas este tinha saído para pescar. Em breve, encontrou-se com Huck Finn das Mãos Sangrentas. Huck entrou logo no espírito da coisa. Tom levou-o até um lugar em que não podiam ser escutados e expôs- lhe seus planos muito confidencialmente. Huck estava perfeitamente disposto. Huck estava sempre disposto a participar de qualquer empresa que oferecesse algum tipo de diversão e não necessitasse de emprego de capital, porque, no seu caso, tempo não era dinheiro e ele realmente dispunha de uma quantidade muito grande de horas vagas, porque não tinha mesmo a menor obrigação de fazer nada.

– Onde é que nós vai cavar?

– Ah, pode ser praticamente em qualquer lugar.

– Ué, por que, tem tesouro enterrado em toda parte?

– Não, é claro que não. Está escondido em lugares extremamente especiais, Huck. Às vezes em ilhas, algumas vezes dentro de arcas de tesouro apodrecidas pelo tempo embaixo da ponta do galho de uma árvore morta, justamente

no ponto em que a luz da lua faz cair a sombra à meia-noite; mas a maioria está enterrada embaixo do assoalho ou no porão de casas mal- assombradas.

– E quem é que enterra?

– Ora, ladrões, naturalmente. Quem você acha que ia ser? O "Superindentente" da Escola Dominical?

– Ah, não sei! Se fosse dinheiro meu, eu não escondia. Gastava todo e me divertia bastante.

– Bom, é o que eu faria também. Mas ladrões não fazem assim: eles sempre escondem o tesouro e deixam enterrado lá.

– E eles nunca  mais vêm buscar?

– Não é bem assim. Eles pretendem vir buscar mais tarde, mas em geral esquecem as marcas que deixaram para mostrar o lugar – ou então, morrem. Seja como for, o tesouro fica lá um montão de tempo enferrujando. Até que um dia alguém acha um papel velho todo amarelado que diz como encontrar as pistas que eles deixaram. Só que não dá para ir lendo assim de saída, não. É um papel que tem de ser decifrado por quase uma semana, até que se consiga entender onde é, porque as marcas são uns sinais difíceis de entender e tem também uns "hieroglíficos".

– Hiro... o quê?

– Hiroglíficos ou hieroglíficos, não sei bem – são uns desenhos e coisas, você sabe, que quando você olha parece que não significam nada.

– E você arranjou um desses papéis, Tom?

– Não.

– Bem, então, como é que você vai achar as marca?

– Eu não preciso de marcas. Eles sempre enterram por baixo de uma casa mal-assombrada ou em uma ilha ou em um lugar que fique debaixo de uma árvore morta que tenha um ramo se esticando para fora para fazer sombra no lugar quando for meia-noite. Bem, nós já exploramos um pouco a Ilha Jackson e dava para experimentar lá de novo, desta vez com mais cuidado, porque da outra vez nós éramos piratas e não caçadores de tesouros e não procuramos para valer. Mas existe a casa mal-assombrada que fica no beco Still-House[1] e há uma porção de árvores mortas por toda a parte com galhos apontando para fora. Tem montões delas por aqui.

– E o tesouro está embaixo de todas ela?

– Ai, como você pergunta! É claro que não!

– Então, como é que você vai saber qual é a certa?

– Vamos examinar uma por uma, ora!

– Mas, Tom, isso vai levar o verão entêro!

– Ora, e daí? Que é que tem? Suponhamos que a gente encontre  uma panela de bronze com cem dólares dentro dela, em moedas meio enferrujadas e meio esverdeadas; ou então uma arca podre cheia de brilhantes. Que tal?

Os olhos de Huck brilharam tanto quanto os hipotéticos diamantes.

– Mas isso é grana, um monte de grana, muito mais do que eu posso gastar.

Faiz ansim, você me dá os cem dólar e fica com todos os brilhante.

– Tudo bem. Mas aposto que eu não vou jogar fora os diamantes. Tem até uns que valem vinte dólares cada um. E olhe que é difícil encontrar um diamante que não valha pelo menos uns sessenta centavos ou um dólar.

– Não diga! É mermo?

– Certamente que é. Qualquer pessoa vai lhe dizer a mesma coisa. Você nunca viu um brilhante, Huck?

– Acho que não me alembro.

– Ora, os reis tem eles às pilhas.

– E onde é que tem reis por aqui, Tom? Eu nunca conheci nenhum.

– Calculo que não, porque por estas bandas não tem mesmo. Mas se você for à Europa, ia encontrar um bando deles pulando por toda a parte.

– Ah, os reis pulam?

– Quem pula é a vovozinha. Claro que não!

– Então, por que você disse que eles pulava?

– Mas que droga! Eu só quis dizer que se você fosse à Europa, ia ver reis o tempo todo. Mas é claro que não ia ver os reis pulando. Para que eles iam pular? Mas eu quero dizer que você ia ver quantidade deles – espalhados por toda a parte, você sabe. Eu só falei em caráter geral. Como aquele rei corcunda, o Ricardo.[2]

– Ricardo? E qual é o outro nome dele?

– Ele não tinha outro nome. Os reis só têm o nome de batismo.

– Só? Mas não pode ser!

– Pois não têm.

– Bem, se eles gosta assim, tudo bem, Tom, cada um tem seu gosto. Mas eu

não quero ser rei e ter só um nome, que nem um negro escravo. Mas diga logo – onde é que nóis vai cavar primero?

– Ora, eu não sei bem. Quem sabe a gente experimenta aquela velha árvore morta cheia de galhos que fica do outro lado do beco Still-House?

– Por mim, tudo bem.

Assim, eles arranjaram uma picareta estragada e uma pá com um ou dois furos e iniciaram uma alegre jornada de cinco quilômetros... Chegaram suados e ofegantes e se jogaram na sombra de um álamo para descansar e dar umas baforadas.

– Gostei daqui – disse Tom.

– Eu tamém.

– Diga uma coisa, Huck, se nós encontrarmos um tesouro aqui, o que você vai fazer com a sua parte, com o dinheiro que ficar para você?

– Bem, primero eu vou comprar uma torta de maçã e comer toda sozinho, junto com um  copo de refrigerante, e vou fazer a merma coisa uma vez por dia! E eu vou assistir todos os circo que vierem na cidade. Acho que vou me divertir muito!

– E não pretende guardar nada para depois?

– Guardar? Pra quê?

– Ora, para ter umas economias para se sustentar depois.

– Ah, isso é bobage! Meu Papi vortava pra esta cidade daqui no otro dia e metia as pata no dinhero, se eu não gastasse bem depressa. E vou te dizer que, se eu não gastasse,

era ele que gastava tudo e muito mais depressa ainda. O que você vai fazer com a sua, Tom?

– Eu vou comprar um tambor novo e uma espada de verdade e um lenço vermelho para colocar no pescoço e mais um filhote de buldogue e aí eu vou me casar.

– Você vai se casar!?

– Isso mesmo.

– Tom, você... você... você não está pensando dereito!

– Espere para ver.

– Puxa vida, essa é a coisa mais boba que você poderia fazer! Nossa, Tom! Veja só como era com meu Papi e minha mãe. Brigavam todo tempo! Pois é, eles costumava brigar o dia todo, só não brigava quando o Papi não estava em casa. Eu me alembro, ah, se alembro! Me alembro muito bem!

– Não tem nada a ver. A menina com quem eu vou casar não vai brigar comigo.

– Tom, sabe, eu carculo que são todas iguar. Todas ela só querem mandar no cara. Acho melhó você pensar um pouco nesse troço, hein? Tou lhe dizendo que é muito melhó. Como é o nome da guria?

– Não é uma guria. É uma menina.

– Dá tudo na merma, carculo eu. Uns diz guria, outros diz menina, outros diz garota, acho que todos eles tão certo,

provavermente. Pronto, diga logo o nome dela, Tom. Quar é o nome dela?

– Qualquer dia desses, eu lhe digo. Mas agora não.

– Tudo bem, se perfere ansim. Só que tem que se você se casar eu vou

ficar ainda mais sozinho no mundo do que já sou agora.

– Não, não vai. Você vem morar na minha casa. Agora desmanche essa cara e vamos cavar.

Eles trabalharam e suaram durante meia-hora. Nenhum resultado. Labutaram por mais meia-hora. Ainda nenhum resultado. Huck falou:

– Eles sempre enterra ansim tão fundo?

– É, algumas vezes. Mas nem sempre. Em geral, não, acho eu. Calculo que nós não encontramos ainda o lugar certo.

Assim, escolheram um novo lugar e começaram de novo. O labor começou a arrastar-se, mas mesmo assim fizeram um certo progresso. Cavaram e palearam em silêncio por algum tempo. Finalmente, Huck apoiou-se no cabo da pá, secou uma porção de gotinhas de suor em sua testa, que lembravam um colar de contas, com a manga do casaco, e depois disse:

– Onde é que nós vai cavar despois, quando a gente acabar de esburacar este lugar aqui?

– Acho que vamos tentar aquela árvore velha que fica na ponta da Colina de Cardiff, perto dos fundos da casa da viúva Douglas.

– Carculo que seja um bom lugar, tão bom como quarquera otro. Mas será que a viúva Douglas não vai nos tomar o tesouro, Tom? Afinar de conta, fica nas terra dela.

– Ela, tomar de nós? Pois sim! Bem, ela que experimente e vai ver só! Quem achar um desses tesouros enterrados é o único e legítimo e verdadeiro dono. Não faz a menor diferença de quem for a terra em que encontrar.

Esta resposta foi satisfatória. O trabalho prosseguiu. Depois de algum tempo, Huck falou:

– A curpa não é minha, mas eu acho que nóis temo no lugar errado de novo. O que você acha?

– É uma coisa muito curiosa, Huck. Sabe que não estou entendendo?

Algumas vezes as bruxas interferem, sabe? Calculo que seja este o problema agora.

– Que nada! As bruxa não têm poder de dia claro!

– Está certo, você tem razão. Eu não tinha pensado nessa parte. Ah, já sei qual é o problema! Mas veja só! Nós somos mesmo um par de patetas! Você  tem de descobrir onde é que a sombra do galho toca o chão exatamente à meia- noite! Eu sempre soube disso, não sei porque não me dei conta! A gente

tem de olhar onde toca a ponta da sombra do galho bem à meia-noite, quando a lua está brilhando e é exatamente nesse lugar que a gente cava.

– Mas que droga! Quer dizer que nóis banquemo os bobo todo o dia e trabaiamo tanto a troco de nada? E o pior é que não vai adiantar nada mermo, já temo cansado e ainda temo de vortar à meia-noite. E é um enorme dum caminho comprido. Você pode sair de noite?

– Sem dúvida! E vamos ter de fazer esta noite mesmo, também, porque se alguém passar e olhar esses buracos, em um minuto vai ficar sabendo que aqui existe um tesouro e vai começar a cavar também e quem sabe acham primeiro que nós!

– Bem, eu chego na tua casa e começo a miar como antes.

– Tudo bem. Vamos esconder as ferramentas naqueles arbustos.

Os meninos cumpriram a palavra e voltaram naquela mesma noite, justamente na hora marcada. Ficaram sentados em meio às sombras, esperando. Era um lugar muito solitário e a hora era tornada ainda mais solene por uma velha tradição. Era justamente quando os espíritos sussurravam do meio das folhas farfalhantes e os fantasmas se escondiam nos cantinhos mais escuros do bosque. Os latidos graves de um galgo vieram flutuando pelo ar e uma coruja respondeu com um tom

sepulcral. Os meninos estavam muito compenetrados pela solenidade da hora e pelas cerimônias que haviam executado para quebrar algum possível feitiço e conversavam pouco. Logo decidiram que as doze horas tinham chegado. Marcaram o ponto em que se projetava a sombra do galho seco e começaram a cavar. Sua esperança chegou às alturas, seu interesse foi ficando mais forte e seu empenho assumiu o mesmo ritmo. A cova foi ficando mais funda, mais funda, cada vez mais funda, mas seus corações continuavam a dar um salto cada vez que a pá ou a picareta batia em alguma coisa... só que, a cada ocasião, sofriam um novo desapontamento. Era somente uma pedra ou um pedaço de madeira dura.
Finalmente, Tom disse:

– Não adianta mais, Huck. Nós erramos de novo.

– Tudo bem, mas eu acho que desta veiz a gente não podemo ter errado.

Nóis marquemo a sombra bem marcadinha.

– Pois é, eu sei. Mas tem outra coisa.

– O que é?

– Ora, nós só adivinhamos a hora. É provável que fosse cedo demais ou muito tarde.

Huck largou a pá, cheio de desânimo.

– Mas é isso, craro que é isso! – falou. – Esse que é o probrema. A gente vai ter de desistir deste buraco tamém. Oia,

Tom, carculo que nóis vai ter de desistir dessa história de tesouro. Nóis nunca pode dizer a hora certa e despois este tipo de coisa é muito horroroso, logo nesta hora da noite, com um monte de bruxa e de fantasma tudo voando à nossa vorta. Tenho a impressão de que tem um troço se mexendo atrás de mim o tempo todo; e o pió é que tenho medo de me virar, pruquê pode ser que tenha otros na frente, esperando uma chance de agarrar nóis. Estou todo arrepiado desde que nóis cheguemo aqui.

– Sabe de uma coisa? Eu também estou me sentindo desse jeito, bem igualzinho a você, Huck. Tem mais uma coisa. Quase sempre eles põem um homem morto dentro da cova quando enterram um tesouro. Ele é o encarregado de cuidar, só para que ninguém venha e pegue.

– Ai, meu Deus!

– Pois é, eu sei que eles fazem isso. Sempre ouvi falar.

– Tom, eu não gosto de remexer muito nesses lugar que tem gente morta.

Oia, uns guri feito nóis vai acabar arranjando uns probrema sério com eles, garanto que vai.

– Eu também não gosto de mexer com essas coisas, Huck. Suponha que o cara que eles enterraram aqui mostre a caveira de repente aí no fundo do buraco  e diga alguma coisa!

– Não fala essas coisa, Tom! É horríver!

– Bem, é assim que é, Huck. Eu não estou me sentindo nem um pouquinho à vontade.

– Espere aí, Tom, vamo desistir deste lugar. Vamo tentar em otra parte.

– Tudo bem. Acho que é melhor.

– Onde é que nóis vamo?

Tom considerou por algum tempo e depois disse:

– A casa mal-assombrada. É lá que deve estar.

– Ai, caramba, Tom! Eu tamém não gosto de casas mal-assombrada. Ora, elas são muito pió que gente morta. Gente morta pode ser que fale, talveiz, mas eles não vêm deslizando dentro de uma mortalha quando você está de costas, nem espia por riba do ombro do cara de repente e rilha os dente do jeito que um esprito faiz. Ai, eu não ia poder aguentar uma coisa dessas, Tom – ninguém aguenta!

– Sim, mas lembre-se, Huck, os fantasmas só viajam por aí de noite. Eles não vão atrapalhar enquanto a gente estiver cavando lá de dia claro.

– Bem, ansim tá certo. Mas você sabe muito bem que o povo da cidade não chega perto daquela casa nem de dia, nem de noite.

– Bem, isso é principalmente porque as pessoas não gostam muito de se meter em um lugar onde um homem foi assassinado. Mas nunca viram nada assustador de verdade naquela casa, nem de dia e nem de noite. Era só uma luz azul que aparecia nas janelas. Não era um fantasma de verdade.

– É, mas donde você vê uma dessas mardita luiz azul se acendendo e se apagando o tempo todo, Tom, pode apostar que tem um fantasma bem pertinho por detráis dela. Quarquera um sabe disso, é uma questão de lógica. Pruquê você sabe que ninguém usa essas luiz azul, são só os fantasma que acende elas.

Verdade, Tom!

– Sim, decerto é assim. Mas seja como for, eles só viram as luzes azuis de noite. Portanto os fantasmas não aparecem de dia, quando está claro. Então, por que nós vamos ter medo?

– Bem, tá certo, tudo bem. Vamos exprimentar na casa mal-assombrada se você quer tanto mermo ir até lá. Mas eu ainda acho que a gente vamo nos arriscar.

A essa altura da conversa, eles já tinham escondido as ferramentas e estavam descendo a colina. Bem adiante deles, no meio do vale iluminado pela luz da lua, erguia-se a casa "visitada" pelas assombrações. Era completamente isolada, suas cercas tinham sido derrubadas pelo vento há muitos anos, havia ervas altas sufocando até mesmo a soleira da porta da frente, a chaminé tinha parcialmente desabado, os

marcos da janelas abriam-se vazios e até mesmo um canto do telhado em ruínas tinha afundado. Os meninos ficaram parados, esperando durante algum tempo, numa certa expectativa de verem uma luz azul dançar por trás dos buracos das janelas. Depois, falando em tons baixos, como convinha à hora e às circunstâncias, dobraram bem para a direita, a fim de pegar uma boa distância da casa mal-assombrada e tomaram o caminho da aldeia através dos bosques que adornavam o lado mais distante da Colina de Cardiff.

## C A P I T U L O XXVII

Ao redor do meio-dia, os meninos retornaram à arvore seca; tinham vindo buscar suas ferramentas. Tom estava impaciente para ir até a casa mal- assombrada; o entusiasmo de Huck era bem mais comedido. De repente, ele disse:

– Oia aqui, Tom, você sabe que dia é hoje?

Tom percorreu mentalmente os dias da semana em curso e então levantou rapidamente os olhos com uma expressão bastante surpresa.

– Pela misericórdia divina! Pois não é que eu nem tinha me lembrado, Huck!

– Bem, eu tamém não lembrei antes, né? Mas ansim de repente estourou na minha cabeça que hoje é sexta-feira. Logo o pió dos dia.

– Mas que droga! A gente tem de tomar muito cuidado, Huck. Podemos nos meter numa encrenca muito séria se tentarmos fazer uma coisa dessas logo numa sexta-feira.

– Como, podemo? Melhó a gente dizer que não vai se meter em encrenca nenhuma! Pode inté ser que alguns dias tragam sorte, mas é muito garantido que a sexta só faiz dá azar!

– Qualquer idiota sabe disso. Você não acha que é o primeiro a descobrir que a sexta-feira é um dia azarado, acha, Huck?

– Bem, eu nunca disse que era eu que tinha descobrido, disse? E a coisa não fica só na sexta-feira, não. Eu tive um horror de pesadelo a noite passada. Sonhei com ratos.

– Não diga! Sonhar com ratos é garantia de que uma coisa ruim vai acontecer. Me diga uma coisa, Huck – os ratos do seu sonho... estavam brigando?

– Não. Brigando não estavam.

– Bem, essa é a nossa sorte, Huck. Quando eles não brigam, sonhar com ratos é só um sinal de que existem complicações por perto, sabe? Não quer dizer que vai acontecer com a gente, desde que a gente preste muita atenção e evite arranjar uma encrenca. Vamos esquecer essa coisa toda por hoje e vamos só brincar. Você sabe brincar de Robin Hood, Huck?

– Não. Quem é Robin Hood?

– Ora, ele foi um dos maiores homens que já viveram na Inglaterra – o melhor de todos. Ele era um salteador... um ladrão de estrada.

– Que bacana! Eu tamém queria ser um salteador. O que ele roubava?

– Ele somente roubava dos xerifes e dos bispos e dos ricos e dos reis, gente assim, com bastante dinheiro. Mas ele nunca incomodava os pobres. Ele até os amava. Ele sempre dividia o produto dos roubos com os pobres, metade e metade, com a maior justiça.

– Bem, ele deve ter sido um cara legal.

– Garanto que ele era, Huck. Ah, ele foi o homem mais nobre que já existiu! Não existem mais homens como ele nos dias de hoje, posso lhe dizer. Ele podia bater em qualquer outro homem da Inglaterra com uma das mãos atada por trás das costas. E ele podia pegar o seu arco de madeira de teixo e atravessar

com uma flecha uma moedinha de dez centavos a dois quilômetros e meio de distância!

– E o que é um arco de madeira de teixo?

– Bem, eu não sei exatamente. É um tipo de arco, naturalmente. E se por acaso ele atingisse a tal moedinha de dez centavos na beirada e não no meio, ele se sentava e chorava – e depois ficava xingando. Bem, vamos brincar de Robin Hood – é a melhor brincadeira que existe. Eu ensino você.

– Por mim, tá tudo bem.

Assim, eles brincaram de Robin Hood a tarde toda, lançando de vez em quando um olhar cobiçoso para a casa mal-assombrada e trocando observações sobre as perspectivas para a expedição planejada para o dia seguinte e quais as possibilidades de se encontrar um grande tesouro escondido lá. Assim que o sol começou a afundar para as bandas do poente, eles retomaram o caminho de volta para a aldeia,

atravessaram as longas sombras das árvores e logo se embrenharam nas florestas da Colina de Cardiff.

No sábado, logo depois do meio-dia, os meninos chegaram de novo ao pé da árvore morta. Fumaram um pouco e bateram um papo na sombra e então escavaram um pouco mais em seu último buraco, sem grandes esperanças, mas somente porque Tom comentara que havia muitos casos em que as pessoas desistiam de encontrar um tesouro depois de chegarem a um palmo de distância de onde estava enterrado, e então alguém mais tinha chegado e visto a cova aberta, cavado um pouquinho no fundo e descoberto o tesouro no momento em que retirava a primeira pá de terra. Todavia, a empresa falhou desta vez, e, assim, os meninos colocaram as ferramentas nos ombros e se retiraram do "local arqueológico", sentindo que não haviam brincado com a fortuna, mas preenchido todos os requisitos que correspondem à arte de caçar tesouros.

Quando chegaram à casa mal-assombrada, havia alguma coisa tão estranha e macabra no silêncio mortal que reinava em torno dela, mesmo debaixo do sol abrasador, alguma coisa tão deprimente e solitária na desolação do lugar, que, por um momento, tiveram medo de entrar. Então foram pé ante pé até a porta e deram uma espiadela para dentro, enquanto tremores lhes percorriam os membros. Só avistaram uma sala sem reboco, sem assoalho, cheia de trepadeiras e ervas daninhas que cresciam à vontade desde os alicerces. Havia uma lareira antiga e arruinada, buracos vazios onde teriam

estado as janelas, uma escada caindo aos pedaços. De todos os lados, para completar o quadro, pendiam teias de aranha meio rasgadas pelo vento e aparentemente abandonadas por suas construtoras. Depois de algum tempo, criaram um pouco de coragem e entraram quase sem fazer barulho, escutando somente o pulsar apressado de seus corações, falando em murmúrios, os ouvidos em alerta para apanhar o menor som, enquanto os músculos permaneciam tensos e preparados para uma retirada instantânea.

Dentro de pouco tempo, a familiaridade abrandou seu medo e fizeram um exame crítico e cheio de interesse de todas as acomodações, muito orgulhosos de sua própria audácia e até mesmo surpreendidos por ela. A seguir, quiseram olhar o andar de cima. Ora, esta já era uma atitude que requeria um pouco mais de bravura, porque estariam cortando a própria retirada ao subirem os degraus

tortos e frouxos. Mas começaram a desafiar um ao outro e, naturalmente, só poderia haver um resultado: jogaram suas ferramentas em um canto e iniciaram a ascensão. No andar de cima, encontravam-se os mesmos sinais de decadência e de ruína. Em um dos cantos, chegaram a encontrar um armário que prometia algum mistério, mas a promessa era fraudulenta – estava completamente vazio, sem nada dentro dele, nem ao menos um farrapo pendurado. Sua coragem havia atingido

agora um alto nível e estavam preparados para tudo. Tinham decidido descer e começar a cavar quando...

– Shhhhhhh! – sibilou Tom.

– Que foi? – murmurou Huck, empalidecendo de susto.

– Shhhhhhh! Preste atenção! Escutou?

– Sim! Ai, meu Deus! Vamos correr!

– Fique quieto! Nem se mexa! Alguém está vindo em direção à porta.

Os meninos se esticaram no chão sobre o assoalho meio podre e colocaram os olhos nos buracos e frestas que havia nas tábuas, enquanto esperavam, cheios de angústia e de medo.

– Pararam. Não, estão vindo. Aqui estão eles. Não murmure nem uma só palavra mais, Huck. Ai, meu Deus, gostaria de não ter entrado aqui!

Dois homens entraram. Os meninos reconheceram um deles em seguida e cada um disse para si mesmo:

– Aquele é o espanhol surdo-mudo que tem aparecido na cidade ultimamente. Mas nunca vi esse outro antes.

"Esse outro" era uma criatura suja e esfarrapada, com um rosto nada agradável. O espanhol estava enrolado em um serape;[1] usava bigodes grossos e brancos e cabelos longos e malcuidados, também brancos, que brotavam de seu sombrero em todas as direções.[2] Trazia sobre os olhos um par de

óculos de lentes verdes e grossas. Quando eles entraram, “o outro” estava falando em voz baixa; sentaram-se no chão do andar térreo, de frente para a porta, as costas apoiadas na parede, e o que falava prosseguiu em suas observações inaudíveis. À medida que continuava, seus modos foram ficando menos tensos e as palavras mais distintas.

– Não – disse ele. – Já pensei bem no assunto e não gostei nada. É perigoso.

– Perigoso! – grunhiu o espanhol “surdo-mudo”, para a imensa surpresa dos meninos. – Pare de bancar o mariquinhas!

Esta voz fez os meninos engolirem em seco e tremerem dos pés à cabeça. O “espanhol surdo-mudo” tinha a voz de Injun Joe! Houve um curto período de silêncio. Então, Joe disse:

– Não tem maior perigo que o trabalho que fizemos lá fora. E não nos aconteceu nada.

– Aquilo foi diferente. Ficava longe, na margem do rio, sem nenhuma outra casa por perto. E ninguém vai ficar sabendo que fomos nós, mesmo porque não tivemos sorte nenhuma.

– Bem, o que é mais perigoso que vir até aqui em plena luz do dia?

Qualquer pessoa que nos visse entrar aqui ficaria com suspeitas.

– Eu sei disso. Mas não havia nenhum outro lugar à mão para a gente se

esconder, depois daquele trabalho besta. Eu quero mesmo é ir embora deste barraco. Queria ter ido embora ontem, só que a gente não ia conseguir sair daqui com os diabos daqueles guris brincando o dia todo na colina aí em frente. Se a gente aparecesse, eles nos veriam em seguida.

"Os diabos daqueles guris" tremeram novamente dos pés à cabeça diante dessa observação, e deram graças a Deus pela sua boa sorte da véspera, quando lembraram que era sexta-feira e resolveram esperar um dia antes de invadirem a casa. Em seus corações estavam desejando ter esperado um ano inteiro. Os dois homens retiraram um pouco de comida dos bolsos e fizeram uma refeição rápida. Depois de um longo e pensativo silêncio, Injun Joe falou:

– Olhe aqui, rapaz, o melhor que tem a fazer é subir o rio e voltar pra sua terra. Espere por lá até receber notícias minhas. Eu vou tentar a minha sorte de novo, vou entrar nessa porcaria de cidade uma vez mais, para ver como as coisas estão paradas. Vamos fazer juntos esse trabalho "perigoso", como você chama, depois que eu tiver espiado um pouco e concluir que dá para fazer. Então, com dinheiro no bolso, vamos pro Texas! Nem que a gente tenha de caminhar até lá.

Esta proposta foi considerada satisfatória. Depois de algum tempo, ambos os homens começaram a bocejar e Injun Joe falou:

– Estou morto de sono! É a sua vez de ficar de vigia.

Ele se enroscou sobre o capim alto e logo começou a roncar. Seu camarada o sacudiu uma vez ou duas até que ele ficou mais silencioso. Mas em seguida, o vigia começou a cabecear de sono; sua cabeça caía cada vez mais baixo, depois se levantava com um arranco assustado, até que baixou a cabeça uma vez mais e pôs-se a roncar como o outro.

Os meninos respiraram profunda e longamente, cheios de gratidão. Tom murmurou:

– É agora a nossa chance – vamos!

– Não posso – gemeu Huck. – Se eles se acorda, eu morro!

Tom insistiu, com urgência na voz. Huck continuou a resistir. Finalmente, Tom se ergueu lenta e silenciosamente e começou a sair sozinho. Mas o primeiro passo que deu produziu um estalo tão forte e horrível nas tábuas empenadas que ele mergulhou no chão, quase morto de susto. Não conseguiu reunir coragem para uma segunda tentativa. Os meninos ficaram deitados lá, contando os momentos que se arrastavam até que lhes pareceu que o tempo tinha morrido e a eternidade ficado grisalha. Depois, sentiram uma espécie de alívio e gratidão ao verem que o sol estava começando a se pôr.

A essa altura, um dos roncos se interrompeu. Injun Joe sentou-se, olhou em volta, esfregando os olhos com o ar de quem ainda está meio dormindo, lançou um sorriso mau sobre seu

camarada adormecido, cuja cabeça pendia por entre os joelhos, chutou-o com o pé e disse:

– Acorde, sua besta! Que espécie de vigia você me saiu!

– Tudo bem, eu peguei no sono. Tudo bem! Mas não aconteceu nada, aconteceu?

– Se não aconteceu, não foi por sua causa.

– Minha Nossa! Eu estava meio dormindo, mesmo?

– É, estava meio dormindo e dormindo pela metade. Está na hora da gente

se mexer, parceiro. O que vamos fazer com esse resto de grana que nos sobrou?

– Não sei. Podemos deixar aqui, como sempre fizemos, acho eu. Não há razão pra gente carregar conosco até o dia em que formos embora para o sul. Seiscentos e cinquenta dólares em prata são uma carga meio pesada.

– Bem... tudo bem. Tanto faz se a gente tiver de voltar aqui mais uma vez.

– Não. Mas não como hoje. Vamos chegar de noite como a gente sempre fez antes. É melhor e menos perigoso.

– Sim, mas olhe aqui: pode ser que passe um bocado de tempo antes que a gente tenha a oportunidade certa pra fazer aquele trabalho; e podem acontecer acidentes; depois, este

lugar não é realmente dos melhores. Temos de enterrar a grana para maior segurança, e vamos enterrar bem fundo.

– Boa ideia – disse o outro camarada, que caminhou através da sala, ajoelhou-se, ergueu uma das pedras do chão da lareira, que ficava bem no fundo, e retirou uma bolsa que tilintou agradavelmente. Retirou dela cerca de vinte ou trinta dólares para si mesmo e outro tanto para Injun Joe, entregando a bolsa ainda bem cheia para o último, que estava ajoelhado em um dos cantos, cavando laboriosamente com sua faca de caçador.

No mesmo instante, os meninos esqueceram todos os seus medos e toda a angústia por que tinham passado... Observaram cada movimento com olhares cobiçosos. Mas que sorte! O esplendor do achado ia além de qualquer voo de suas imaginações! Seiscentos dólares eram dinheiro mais que suficiente para deixar ricos meia dúzia de meninos, que dirá só dois! Aqui a sua caça ao tesouro terminava com o mais feliz dos resultados – não haveria nenhuma incerteza aborrecida sobre o lugar em que deveriam cavar. Começaram a se acotovelar a todo o momento – seus cotovelos eram eloquentes e facilmente compreensíveis, porque simplesmente significavam: – “Rapaz, que sorte nós tivemos de estar aqui!”

A faca de Joe bateu em alguma coisa.

– Opa! – disse ele.

– O que foi? – indagou seu camarada.

– Uma tábua meio podre. Não, é uma caixa. Acho que é uma caixa. Venha cá e me dê uma mão e em seguida a gente fica sabendo por que está enterrada aqui. Ah, nem precisa, fiz um buraco na tampa.

Enfiou a mão através da tábua e depois a retirou.

– Homem, é dinheiro!

Os dois homens examinaram atentamente o punhado de moedas. Eram moedas de ouro. Os meninos no andar de cima estavam tão excitados quanto eles e igualmente contentes com o achado.

O companheiro de Joe disse:

– Vamos desenterrar isso depressa. Há uma picareta velha meio enferrujada no meio das ervas ali do canto, do outro lado da lareira. Não faz muito eu achei.

Ele saiu depressa e trouxe a pá e a picareta dos meninos. Injun Joe agarrou a picareta, examinou-a criticamente, sacudiu a cabeça, resmungou alguma coisa para si mesmo e então começou a usá-la.

Logo a caixa foi desenterrada. Não era muito grande. Tinha um reforço de

barras de ferro e devia ter sido muito forte antes que os anos a destruíssem lentamente. Os dois homens contemplaram o

tesouro por alguns momentos, em um silêncio cheio de felicidade.

– Parceiro, tem milhares de dólares aqui – falou Injun Joe.

– Sempre falaram que a gangue do Murrell andou se escondendo por aqui durante um verão – observou o estranho.

– Eu sei – concordou Injun Joe. – Acho que isto era deles. Acho mesmo.

– Agora, você não precisa mais fazer aquele trabalho. O mestiço franziu a testa. Depois, disse:

– Você não me conhece. Ou, pelo menos, não sabe nada sobre meu plano.

Não é só assaltar e roubar a casa: é vingança! – exclamou, com um brilho perverso no olhar. – Eu vou precisar de sua ajuda para me vingar. Quando tiver acabado, vamos para o Texas. Por enquanto, você vai pra casa, pra sua Nancy e pras suas crias, e espere até receber notícias minhas.

– Tudo bem, se é assim que você quer. Que é que vamos fazer com isto?

Enterrar de novo?

– Sim. (Um frenesi de prazer no andar superior.) Não. Com mil diabos, não! Pelo grande Sacham, claro que não![3] (Profunda tristeza no andar superior.) Eu quase me esqueci. Essa picareta tinha terra úmida nela! (Os meninos ficaram gelados de terror no mesmo momento.) A troco de que alguém

ia deixar uma pá e uma picareta aqui? E por que ainda tinha terra úmida nela? Quem foi que trouxe isso pra cá e pra onde eles foram? Você escutou alguém? Viu alguém? Pois então! O que você quer? Enterrar de novo e deixar que eles voltem e percebam que o chão foi remexido? Não mesmo! De jeito nenhum!

Vamos levar para o meu esconderijo.

– Ora, é claro! Devia ter pensado nisso antes. Quer dizer, o número um?

– Não, o número dois, debaixo da cruz. O outro lugar não serve, é muito comum e não falta quem se lembre de procurar por ali.

– Tudo bem. Está quase escuro. Em seguida podemos sair e levar a grana pra lá.

Injun Joe levantou-se e começou a caminhar de janela em janela, olhando para fora cuidadosamente, evitando se mostrar. Acabado o exame, voltou-se para o companheiro e disse:

– Pois muito bem: quem poderia ter trazido estas ferramentas pra cá?

Quem sabe se ainda não foram embora e estão escondidos lá em cima?

Os meninos levaram um susto tão grande que ficaram sem ar. Injun Joe colocou a mão no cabo da faca, hesitou por um

momento, indeciso; e então, tomou a direção da escada. Os meninos pensaram em se esconder no armário, mas suas pernas não tinham força nenhuma. Os passos vieram subindo pela escada, enquanto os degraus estalavam em protesto. A angústia intolerável da situação despertou a resolução abalada dos rapazes. Já estavam a ponto de pular para o armário – quem sabe dava para se trancar por dentro? –, quando ouviram um tremendo estrondo lá fora, um crepitar de madeira apodrecida estalando e quebrando, um grito de susto e o som da queda de Injun Joe no chão por entre os fragmentos da escada destruída. Ele se levantou, lançando palavrões horríveis, mas seu camarada disse:

– Esqueça isso, companheiro, não adianta pra nada! Se foi alguém e se está ainda lá em cima, deixe que fique. Quem se importa? Se eles quiserem pular pra baixo e se encrencar conosco, o problema é deles. A gente dá um jeito neles em seguida. Dentro de quinze minutos vai estar escuro e ninguém vai conseguir nos seguir. Se mesmo assim a gente vir alguém, eu mesmo dou cabo seja lá de quem for. Se quer a minha opinião, essa gente que deixou essas coisas aqui nos ouviu ou nos enxergou e pensou que nós fôssemos fantasmas ou diabos ou qualquer coisa. Aposto que estão correndo até agora.

Joe resmungou um pouco; então, concordou com seu amigo que o pouco de luz que ainda restava deveria ser utilizado para preparar as coisas que tinham de carregar. Pouco depois, eles

saíram da casa, no crepúsculo quase transformado em noite, e se moveram em direção ao rio com a preciosa caixa.

Tom e Huck se ergueram, ainda fracos de medo, mas tremendamente aliviados, e ficaram olhando para eles através das frestas que existiam entre os troncos tortos e meio podres que formavam as paredes da casa. Seguir aqueles dois? Mas nunca na vida! Eles nem pensavam na possibilidade. Ficaram muito contentes quando conseguiram chegar ao solo sem quebrar os pescoços, saíram da casa e tomaram o caminho que levava até a cidadezinha do outro lado da colina. Mas não falaram muito – estavam ocupados demais odiando cada um a si próprio, odiando a falta de sorte que os tinha levado a deixar a pá e a picareta naquele canto do andar térreo. Se não fosse por isso, Injun Joe nem sequer teria suspeitado. Teria escondido a própria prata com o ouro para esperarem por ele até que sua "vingança" estivesse satisfeita. Só então ele voltaria e sentiria na carne o infortúnio de descobrir que o dinheiro não estava mais lá. Ai, que má sorte, que porcaria de sorte, pensavam amargamente, por que foi que deixamos as ferramentas lá embaixo? De qualquer modo, resolveram ficar vigiando o "espanhol" quando ele resolvesse aparecer pela cidadezinha a fim de estudar a melhor oportunidade para a execução de sua vingança. Aí então, eles iriam atrás dele e encontrariam o esconderijo "número dois", onde quer que ficasse. Foi então que um pensamento muito desagradável ocorreu a Tom.

– Vingança! Mas o que ele quer dizer com isso, Huck?

– Ah, não! – exclamou Huck, afrouxando as pernas e quase desmaiando.

Conversaram por um bom pedaço de tempo e, mais ou menos na hora em que entraram na aldeia, já haviam decidido acreditar que era possível que o malvado quisesse se vingar de outra pessoa. No máximo, ele queria vingar-se apenas de Tom, porque somente este havia testemunhado.

Para Tom, o fato de ser o único em perigo não foi absolutamente confortador. Uma companhia seria um grande progresso.

[1]. Tipo de poncho pequeno, geralmente fino e multicolorido, usado com maior frequência pelos mexicanos, embora seja bastante comum no sudoeste dos Estados Unidos. (N.T.)

[2]. Chapéu de feltro ou palha, de copa alta e abas largas, usado especialmente

## C A P I T U L O XXVIII

As aventuras do dia perturbaram terrivelmente os sonhos de Tom nessa noite. Quatro vezes ele conseguiu botar as mãos sobre aquele rico tesouro e quatro vezes ele se foi dissipando até ficar em nada no meio de seus dedos vazios. O sono o abandonou e o despertar trouxe de novo a dura realidade de seu infortúnio. Enquanto ele permanecia deitado durante as primeiras horas da manhã, recordando os incidentes de sua grande aventura, percebeu que estes pareciam estranhamente esmaecidos e distantes, como se tivessem ocorrido em outro mundo ou em um tempo muito distante. Então ocorreu-lhe que a própria grande aventura poderia ter sido apenas um sonho!

Havia um argumento muito forte em favor desta ideia, ou seja, que a quantidade de moedas que ele tinha enxergado era grande demais para ser real. Ele nunca tinha visto sequer cinquenta dólares de uma só vez; e, como todos os meninos de sua idade e classe social, ele imaginava que todas as referências a “centenas” e a “milhares” eram apenas maneiras de falar, figuras literárias, por assim dizer, porque somas assim nem sequer existiam no mundo. Ele nunca tinha imaginado por um só momento que uma soma tão grande como cem dólares pudesse ser encontrada nas mãos de qualquer pessoa como dinheiro vivo. Se suas noções de tesouros escondidos tivessem sido analisadas, provavelmente consistiriam em um punhado

real de moedinhas de dez centavos, e um esplêndido barril cheio de moedas vagas, intocáveis e até mesmo invisíveis.

Mas os incidentes de sua aventura foram ficando sensivelmente mais nítidos e mais claros à medida que o menino pensava neles, até que chegou um momento em que sua opinião começou a mudar e ele principiou a inclinar-se para a impressão de que a coisa toda não tinha sido absolutamente um sonho. Esta incerteza tinha de ser dissipada. Ele ia tomar café bem depressa e correr para se encontrar com Huck.

Huck estava sentado na amurada de um barco de fundo chato, balançando distraidamente os pés dentro da água e parecendo tomado de grande melancolia. Tom achou melhor deixar que Huck conduzisse a conversa para o assunto que mais o preocupava. Se ele nem falasse naquele tema, então era certo que a aventura era somente um sonho.

– Alô, Huck!

– Dê alô para você mermo e veja se gosta.

Houve um silêncio embaraçado que durou um minuto.

– Tom, se nóis não tivesse deixado as marditas ferramenta dentro da casa...

Quer dizer, se a gente tivesse deixado as ferramenta embaixo daquela árvore morta, a gente tinha pegado o dinheiro, não tinha? Ai, que coisa mais triste!

– Então não foi um sonho. Eu até pensei que tinha sonhado com tudo. Eu estava até querendo que fosse um sonho! Macacos me mordam, se eu não queria!

– O que não é um sonho?

– Ora, aquela coisa toda de ontem. Eu já estava meio pensando que tinha sonhado tudo.

– Sonho! Se aquela escada podre não tivesse se quebrado, você veria que  tipo de sonho que era! Eu tive sonhos de sobra a noite toda, com aquele diabo espanhol com um dos olhos tapado como se fosse um  pirata me perseguindo toda a noite. Tomara que ele morra e apodreça!

– Não, a gente não quer que ele apodreça. O que nós queremos é segui-lo!

Ir atrás dele e descobrir onde escondeu todo aquele dinheiro!

– Tom, nós nunca vamo achar ele. Um cara só tem uma chance em toda a vida de pegar uma pilha de dinhero como aquela e nóis perdemo a chance. E despois, eu ia me sentir muito assustado só de ver a cara dele de novo, juro que ia.

– Bem, assustado eu também ficava. Mas eu quero vê-lo de qualquer jeito e dar um jeito de segui-lo até seu esconderijo número dois.

– Número dois. Pois é, foi isso que ele disse. Eu tive pensando sobre isso, mas não faço a menor ideia de onde possa estar. Onde você carcula que é?

– Eu é que não sei. Se soubesse, não precisava ir atrás dele. Diga uma coisa, Huck, não será o número de uma casa?

– Dessa eu gostei! Não, Tom, craro que não é isso. Se fosse, não podia ser nesta cidadezinha onde mal cabe um cavalo. Nenhuma casa tem número por aqui.

– Bem, é isso mesmo, você tem razão. Deixe-me pensar um minuto. Pronto, achei! É o número de um quarto – em uma hospedaria, você sabe.

– Ah, essa é bem melhor! Só tem mermo duas hospedaria na cidade. Nóis pode descobrir quar delas é em dois tempo.

– Fique me esperando aqui, Huck, até que eu volte.

Tom saiu por uns minutos. Para falar a verdade, ele não gostava da companhia de Huck quando estava em lugares públicos. Demorou meia hora. Descobriu que o quarto número dois da melhor pensão da cidadezinha vinha sendo ocupado há muitos meses por um jovem advogado, que ainda estava lá. Na pensão seguinte, que era muito mais pobre e mais barata, o número dois era um mistério. O filho mais moço do dono da hospedaria disse que o tal quarto era mantido trancado o tempo todo e que nunca tinha visto ninguém entrar nem sair dele, exceto de noite. Ele não fazia a menor ideia sobre a razão deste estranho estado de coisas. Tinha uma certa curiosidade,

mas nunca fora muito forte. Na verdade, ele até mesmo acreditava que aquele quarto fosse mal-assombrado – tinha percebido uma luz dentro dele na noite anterior.

– Foi o que eu descobri, Huck. Calculo que seja exatamente esse o Número Dois que nós estávamos procurando.

– Carculo tamém que seja, Tom. E o que você vai fazer agora?

– Ainda não sei. Deixe-me pensar um pouco. Tom pensou por um longo tempo. Depois, falou:

– Já vou contar a você. A porta traseira daquele Número Dois é aquela que dá para o beco sem saída entre a hospedaria e aquele depósito de tijolos velho, que está sempre fechado. Faça o seguinte: consiga todas as chaves de porta que puder encontrar, enquanto eu surripio todas as da titia e na primeira noite escura nós vamos lá e experimentamos para ver se alguma abre a porta. Enquanto isso, fique de olhos abertos para ver se enxerga Injun Joe, porque o desgraçado disse

que ia voltar à cidade e dar mais uma espiada para ver se conseguia uma oportunidade de se vingar. Se você o enxergar, não faça nada, só vá andando atrás dele, sem deixar que ele veja você; e se por acaso ele não for até aquele Número Dois, então nós estamos perdendo tempo, porque aquele não é o lugar.

– Santo Deus, eu não quero seguir aquele fulano sozinho!

– Ora, por quê? É certo que vai ser de noite. Pode ser que ele nem veja você. E se ele por acaso vir, pode ser que nem pense em nada.

– Bem, se tiver bem escuro, carculo eu que posso seguir ele. Mas não sei.

Eu não sei. Oia aí, hein? Mas eu vou tentar.

– Mas se estiver escuro, é justamente a hora em que se tem de seguir o homem, Huck! Ora, ele pode decidir que não dá mais para concretizar a vingança e voltar direto para pegar o dinheiro.

– Tem razão, Tom, é isso mermo. Eu vou seguir ele. Eu vou, juro por tudo que é sagrado.

– Assim é que se fala! Não vacile, Huck, porque eu não vou fraquejar!

## C A P I T U L O XXIX

Naquela noite, Tom e Huck estavam a postos para a nova aventura. Ficaram rodeando pelas vizinhanças da hospedaria até depois das nove, um cuidando de longe o beco para onde dava a porta dos fundos e o outro cuidando a porta da frente. Ninguém entrou no beco, nem saiu por ele. Ninguém parecido com o falso espanhol entrou ou saiu pela porta da frente da hospedaria. A noite prometia tempo bom; assim, Tom voltou para casa com a combinação de que, se ficasse bem escuro, Huck iria até lá e se anunciaria com um sonoro "miau!" – em seguida, ele sairia e iriam juntos experimentar as chaves. Porém a noite continuou enluarada e, finalmente, Huck encerrou seu turno de guarda e por volta da meia-noite retirou-se para dormir em uma barrica de açúcar vazia.

Na terça-feira os meninos tiveram a mesma falta de sorte. A mesma coisa aconteceu na quarta-feira. Mas a noite de quinta pareceu mais prometedora.

Tom saiu de casa, no devido tempo, carregando a velha lanterna de estanho de sua tia, um molho de chaves e uma toalha grande para enrolar na lanterna a fim de que a luz só brilhasse na direção desejada. Ele escondeu a lanterna na barrica de açúcar de Huck e os dois iniciaram a vigília. Uma hora antes da meia-noite, a porta da pensão foi fechada e suas luzes (que eram as únicas acesas naquela rua) foram

apagadas. Nenhum “espanhol” tinha sido visto. Ninguém tinha entrado ou saído do beco. Tudo parecia auspicioso para sua empresa. Reinava o negror da escuridão mais completa e a tranquilidade perfeita só era interrompida por resmungos ocasionais de trovões distantes.

Tom pegou sua lanterna, acendeu-a dentro da barrica, enrolou-a cuidadosamente na toalha e os dois aventureiros caminharam em absoluto silêncio através das ruas estreitas da cidadezinha adormecida até chegarem na hospedaria. Huck ficou de sentinela e Tom foi tateando pelo beco para achar o caminho. Então o primeiro ficou aguardando e teve a impressão de que se tinham passado meses inteiros de espera e ansiedade, que pesavam sobre o espírito de Huck como se fossem duas montanhas. Ele começou a desejar que fosse ao menos possível ver um lampejo da lanterna – ia ficar assustado, mas pelo menos ficaria sabendo que Tom ainda estava vivo.

Parecia que várias horas já se tinham passado desde que Tom havia desaparecido dentro daquele beco sem saída. Quem sabe, ele havia desmaiado? Talvez estivesse até morto! Talvez seu coração tivesse explodido com o terror e a excitação. Em sua inquietude, Huck descobriu-se chegando cada vez mais perto da entrada do beco, temendo todo o tipo de coisas pavorosas, esperando por um momento fatal em que ocorreria alguma catástrofe – só o fato de pensar nesta possibilidade já lhe cortava a respiração. E olhe que não havia muito para ser cortado, porque a impressão que ele tinha era que não era

capaz de inalar senão uma quantidade mínima de ar de cada vez, não mais que o oxigênio contido em um dedal. Do jeito que estava batendo, logo seu coração ia gastar. Subitamente, houve um reflexo de luz e Tom passou às carreiras junto dele.

– Corra! – disse ele. – Corra para salvar a vida!

Não foi preciso repetir: uma vez foi o bastante. Huck já estava fazendo

cinquenta ou sessenta quilômetros por hora antes que Tom repetisse o aviso. Os meninos não pararam nem uma só vez, até que atingiram o galpão de um matadouro deserto na parte mais baixa da aldeia. Assim que eles entraram no abrigo, a tempestade explodiu e a chuva caiu em catadupas. Passado algum tempo, Tom recuperou o fôlego e falou:

– Huck, foi horrível! Experimentei duas das chaves fazendo o mínimo de barulho que podia. Mas elas rangiam tanto na fechadura que eu mal podia respirar. Fiquei com tanto medo!... O pior é que nenhuma das duas girava na fechadura. Bem, sem perceber o que eu estava fazendo, agarrei a maçaneta, girei e a porta se abriu! Não estava trancada! Eu pulei para dentro, retirei a toalha da lanterna e, pelo espírito do grande Júlio César[1]!...

– O que...? O que foi que você viu, Tom?

– Huck, eu quase pisoteei a mão de Injun Joe!

– Jesus!

– Pois foi. Ele estava deitado lá no assoalho, ferrado no sono. Tinha um pacho velho de pano preto tapando um olho e os dois braços bem abertos e esticados.

– Senhor Deus, o que você fez então? Ele se acordou?

– Não, nem se mexeu. Estava bêbado, acho eu. Eu só peguei a toalha de volta e disparei!

– Puxa vida, garanto que eu nem me lembrava da toaia! Aposto que não!

– Bem, eu me lembrei. Minha tia ia me esfolar o couro se eu perdesse uma toalha dela.

– Diga, Tom, você viu aquela caixa?

– Huck, mas se eu nem  parei para olhar em  volta. Eu não vi caixa nenhuma. Eu não vi cruz nenhuma. Eu não vi nada, só uma garrafa vazia e uma caneca de estanho caídas no chão perto de Injun Joe! Pois é. Ah, eu vi também dois barris e um monte de outras garrafas dentro do quarto. Você descobriu agora qual era o mistério do quarto mal-assombrado?

– Eu não. Qual era?

– Ora, o quarto é mal-assombrado pelo uísque! Aquela pensão tem o nome de Hospedaria da Temperança e eles dizem que não vendem bebidas alcoólicas, mas o quarto estava cheio delas... Quem sabe todas essas hospedarias que

dizem não vender bebida têm um quarto mal-assombrado, hein, Huck?

– Bem, carculo que seja ansim. Quem sabe? Quem havera de pensar numa coisa dessas? Mas diga, Tom, você não acha que agora é uma ótima ocasião para a gente pegar aquela caixa, agora que Injun Joe está borracho?

– Ah, é? Então, experimente você! Huck estremeceu.

– É... não, eu acho que não.

– E eu também acho que não, Huck. Só uma garrafa caída no chão ao lado de Injun Joe não é suficiente. Se eu tivesse visto três, todas vazias, então eu acho que ele estaria bêbado o suficiente para eu mesmo experimentar.

Houve uma longa “pausa para reflexão” e então, Tom disse:

– Escute só, Huck, não vamos mais tentar nenhuma coisa assim, até que a gente tenha certeza de que Injun Joe não está lá dentro. Eu levei um baita susto.

Mas se nós cuidarmos todas as noites, estou certíssimo de que uma noite ou outra a gente vê ele saindo e, então, nós entramos e pegamos aquela caixa mais depressa que um relâmpago!

– Bem, eu tou de acordo. Eu vigio a noite toda. E posso fazer isso todas as noite, sem piscar um olho, desde que você se encarregue do resto.

– Está certo, eu aceito. Tudo o que você tem de fazer é correr um quarteirão pela rua Hooper e soltar um miado. Se eu não aparecer logo, pode ser que eu esteja ferrado no sono, então você joga um pouco de cascalho na minha janela e aí é certo que me acordo.

– Concordo, por mim tá tudo bem!

– Agora, Huck, a tempestade passou e eu vou voltar para casa. Daqui a umas duas horas o sol vai nascer. Você volta e fica cuidando durante esse tempo, certo?

– Eu disse que ficava, Tom, e vou ficar. Eu vou espiar aquela pensão iguar que nem um fantasma todas as noite, nem que leve um ano. Basta que eu fique drumindo todos os dia e despois eu posso vigiar prefeitamente todas as noite.

– Assim está ótimo. Agora, me diga uma coisa: onde é que você vai dormir?

– No celeiro de Ben Rogers, lá no meio do feno. Ele me deixa de boa vontade e o negro do papi dele, o tio Jake, nunca diz nada. Eu carrego água para o tio Jake, sempre que ele me pede, e de cada vez que eu peço a ele alguma coisa pra comer, ele me dá umas coisinha, sempre que tem. Aquele negro é um poder de bom, Tom. Ele gosta de mim, pruquê eu nunca me porto como se fosse melhó do que ele. Tem até veiz que eu me sento e como junto com ele. Mas, por favor, não conte isso a ninguém. Um cara tem de fazer certas coisa quando está com

muita fome que ele nunca faria se tivesse de fazer o tempo todo.

– Bem, se eu não precisar de você durante o dia, Huck, eu vou deixar você dormir. Prometo que não vou incomodar por qualquer coisinha. Mas qualquer noite dessas em que você veja alguma coisa de particular, dê um pulo até a minha casa e solte um miau.

[1]. Referência a Caius Julius Caesar (101-44 a. C.), general romano e o conquistador da Gália. César governou como ditador e cônsul vitalício e foi o primeiro governante a receber o título de Imperator, que significava comandante supremo dos exércitos. Tom Sawy er provavelmente está apenas repetindo uma invocação escutada dos adultos, exprimindo grande admiração. (N.T.)

## C A P I T U L O XXX

A primeira coisa que Tom ficou sabendo na manhã de sexta-feira foi uma ótima notícia – a família do juiz Thatcher tinha voltado para a cidadezinha na noite anterior. Tanto Injun Joe como o tesouro afundaram para um nível de interesse secundário e Becky reassumiu o papel mais importante na vida do menino. Logo ele foi encontrá-la e passaram várias horas cansativas mas deliciosas brincando de "caça-espião" e "aí vem o dono", junto com uma porção de seus colegas de escola. O dia foi completado de uma maneira muito satisfatória: Becky incomodou sua mãe até que ela concordasse em designar o dia seguinte para o piquenique prometido há tanto tempo e por tanto tempo adiado. A alegria da criança não teve limites e a de Tom não foi muito menor.

Todos os convites foram enviados antes do pôr do sol e imediatamente o povinho jovem da aldeia lançou-se em uma febre de preparação e de prazenteira antecipação. A excitação de Tom permitiu que ele permanecesse acordado até uma hora bem tardia, pois tinha grande esperança de escutar um "miau!" de Huck e poder apresentar o tesouro no dia seguinte para ter o prazer de ver a cara de espanto de Becky e de todos os outros meninos e meninas que tinham sido convidados para o piquenique; mas ficou decepcionado. Nenhum sinal veio nessa noite. E então chegou a manhã, e pelas dez ou onze horas uma companhia algariada e ruidosa

estava reunida no gramado do juiz Thatcher e tudo estava pronto para começar. Na época, não era costume os velhos perturbarem um piquenique com sua presença. Considerava-se que as crianças estavam em perfeita segurança sob as asas de algumas jovens damas de dezoito anos e a proteção de alguns jovens cavalheiros cuja idade oscilava em torno de vinte e três. A velha balsa a vapor foi contratada para a ocasião; no devido tempo, a multidão alegre percorreu a rua principal da cidadezinha, carregada com cestos de provisões. Sid estava doente e perdeu a diversão. Mary decidiu ficar

em casa para distraí-lo. A última coisa que a sra. Thatcher disse a Becky foi:

– Você só vai retornar bem tarde. Talvez seja melhor que passe a noite em casa de alguma das meninas que moram perto do atracadouro das balsas, minha filha!

– Então eu falo com Susy Harper, mamãe, para ficar com ela.

– Muito bem. E tenha o cuidado de se portar muito bem e não causar incômodos a ninguém.

Mais adiante, enquanto viajavam juntos, Tom disse a Becky :

– Quem sabe a gente faz outra coisa... Em vez de ir à casa de Joe Harper, vamos subir pela colina até a casa da viúva Douglas. Ela costuma ter sorvete! Ela tem sorvete quase todos os dias, pilhas de sorvete! E tenho certeza de que ela vai gostar muito de nos ver.

– Ah, vai ser divertido!

Depois, Becky refletiu um momento e falou:

– Mas o que é que a mamãe vai dizer?

– E como é que ela vai saber?

A menina revolveu a ideia dentro de sua cabecinha e falou com relutância:

– Eu acho que não está certo... mas...

– Mas nada! Sua mãe nem vai saber. E que mal tem? Tudo o que ela quer é que você fique em segurança. Aposto que ela teria dito que você fosse passar a noite lá, se tivesse pensado no assunto. Tenho certeza de que ela diria.

A esplêndida hospitalidade da viúva Douglas era uma isca tentadora.

Dentro de mais algum tempo, a ideia, bastante reforçada pela insistência de Tom, acabou vencendo a luta interna da menina. Desse modo, decidiram não falar nada a ninguém sobre o programa noturno.

Um pouco mais tarde, ocorreu a Tom que talvez fosse justamente nessa noite que Huck aparecesse para dar o sinal. O pensamento tirou um pouco do entusiasmo de sua expectativa. Mesmo assim, ele não podia desistir de todos os divertimentos que o aguardavam na casa da viúva Douglas. E por que ele

deveria abrir mão disso, raciocinou muito convenientemente, uma vez que o sinal não tinha vindo na noite anterior e por que deveria chegar logo nesta? O divertimento garantido dessa noite pesou mais que o tesouro incerto; afinal de contas, Tom era apenas um menino e assim decidiu ceder à sua inclinação mais forte e não se permitiu pensar na caixa de dinheiro nem mais uma só vez durante o dia todo.

Uns cinco quilômetros abaixo da cidade, a balsa parou junto a uma clareira cercada de árvores e lançou âncora e amarras. A multidão de crianças e jovens saltou para a margem como um enxame de abelhas e logo os bosques ao redor e os penhascos alcantilados que ficavam um pouco mais além  ecoavam com gritos e risos. As crianças descobriram todas as maneiras possíveis de sentirem calor, suarem e ficarem  cansadas e assim, no devido tempo, os exploradores retornaram ao acampamento um a um, acompanhados de apetites respeitáveis e deram início à destruição das boas iguarias que tinham sido levadas. Depois do festim, houve um período repousante de descanso e conversa à sombra de carvalhos com ramos cheios de folhas protetoras. Daí a pouco, alguém gritou:

– Quem está pronto para ir à caverna?

Todo mundo estava. Foram retirados pacotes de velas e imediatamente as crianças começaram a apostar corrida pela encosta da colina. A entrada da caverna ficava bem no alto da encosta, uma abertura mais ou menos no formato da letra A.

Uma porta maciça de carvalho estava aberta de par em par. Dentro, havia uma pequena câmara, fria como um depósito de gelo, cujas paredes tinham sido formadas pela Natureza com sólida pedra calcária, que, ao ser tocada, se mostrava orvalhada de gotas frescas, como se estivesse recoberta por um suor frio. Era muito romântico e misterioso ficar em pé no meio da profunda obscuridade e olhar para o vale verde reluzindo ao sol. Mas a novidade da situação, a princípio impressionante, logo se foi esvanecendo e a brincadeira recomeçou. No momento em que cada vela era acesa, havia um movimento geral das crianças em direção a seu proprietário; seguia-se uma batalha e uma corajosa defesa, mas logo a vela era jogada no chão ou assoprada, com o acompanhamento de um alegre clamor, muitas gargalhadas e uma nova corrida em direção à vela seguinte. Mas todas as coisas têm fim. Aos poucos, formou-se uma procissão e começaram a descer a ladeira íngreme da galeria principal da caverna, enquanto a tremulante fila de luzes revelava fracamente as altivas paredes de rocha quase até o ponto em que se uniam ao teto, uns dezoito ou vinte

metros acima de suas cabeças. Esta avenida principal não tinha mais que uns dois metros e meio a três de largura. A intervalos de poucos passos, outras galerias altas e ainda mais estreitas se abriam para cada lado da passagem principal, porque a Caverna de McDougal era um vasto labirinto de

corredores retorcidos e intrincados que se abriam em todas as direções, desembocavam uns nos outros, separavam-se novamente e não conduziam a parte alguma. Segundo se dizia, uma pessoa que se perdesse lá dentro poderia vaguear por dias e noites sem

conta através de um complicado sistema de fendas e abismos e nunca encontrar o fim da caverna. Também diziam que essa pessoa poderia descer, descer, descer cada vez mais para as entranhas da terra e o cenário continuaria sendo exatamente o mesmo – labirinto por baixo de labirinto, sem que qualquer deles tivesse um fim aparente. Homem algum "conhecia" as cavernas. Isso era totalmente impossível. A maior parte dos jovens da região conhecia uma parte delas e ninguém tinha o costume de se aventurar muito além da região conhecida. Tom Sawy er, que já havia estado ali antes, conhecia as cavernas tão bem ou tão mal quanto qualquer outro, pelo menos tão bem quanto os rapazes e moças que eram responsáveis pela segurança das crianças.

O préstito moveu-se ao longo da avenida principal por uns mil ou mil e duzentos metros e então grupos ou pares começaram a embrenhar-se pelas galerias laterais, correndo ao longo dos tétricos corredores e saltando uns sobre os outros de surpresa, pregando sustos de brincadeira, em pontos em que as bifurcações se encontravam novamente. Havia certos grupos que eram capazes de se esconder pelo espaço de até meia

hora, não sendo jamais encontrados pelos demais, tudo isso sem saírem do terreno “conhecido”.

Pouco a pouco, um após outro destes grupos aventureiros encontrou seu próprio caminho até a boca da caverna, ofegando, às gargalhadas, sujos da cabeça aos pés com o sebo das velas, cobertos de argila e de calcário, inteiramente deliciados pelos acontecimentos do dia. Então, eles perceberam que não estavam dando atenção ao passar do tempo e que a noite já se aproximava. O sino da balsa já estava chamando há meia hora. Todavia, este tipo de encerramento das atividades do dia era romântico e portanto bastante satisfatório. Quando a balsa, carregada com seus passageiros ruidosos, retornou à corrente do rio, ninguém dava a menor bola para o tempo que fora perdido, exceto o capitão do barco, que fora contratado para a viagem completa e não pelo tempo que gastasse.

Huck já estava realizando sua vigília quando as luzes da balsa começaram a rebrilhar ao longo do cais. Ele não escutou a algazarra que tinha havido anteriormente a bordo, porque a criançada estava abatida e quieta, como ficam as pessoas em geral quando estão morrendo de cansadas. Como ele não sabia da expedição, ficou imaginando que barco seria aquele e por que não tinha parado no cais, como costumavam fazer os navios a vapor que ligavam entre si as diversas cidades e povoações às margens do grande rio. Mas logo esqueceu o assunto e recomeçou a prestar a devida atenção à sua tarefa.

A noite estava ficando escura e o céu aos poucos se recobria de nuvens negras. Chegaram as dez horas, o ruído dos veículos foi diminuindo, as poucas luzes externas foram se apagando, seguidas pelas que brilhavam por detrás das vidraças. Os transeuntes

que passavam de vez em quando a pé desapareceram e a aldeia retomou seu habitual e profundo sono noturno, deixando o pequeno vigia sozinho com o silêncio e os fantasmas. Chegaram as onze horas e as luzes da hospedaria foram apagadas; a escuridão reinava agora por todos os lados. Huck aguardou pelo que parecia um período de tempo tão cansativo quanto longo, porém nada aconteceu. Sua fé estava enfraquecendo. Será que adiantava para qualquer coisa todo aquele esforço? Será que alguma coisa iria resultar de tanto trabalho? Por que não desistir e ir dormir também?

Nesse momento, um barulho chegou a seus ouvidos. Em um instante, toda a sua atenção foi despertada. A porta que dava para o beco fechou-se quase sem

ruído. Ele escondeu-se no canto do depósito de tijolos. No momento seguinte, dois homens passaram por ele, quase roçando em suas roupas largas. Um deles parecia levar uma coisa debaixo do braço. Deveria ser aquela caixa! Pois então eles pretendiam remover o tesouro! Mas para onde? Ele não podia chamar Tom agora, seria absurdo! Enquanto ele fosse e

voltasse, os homens teriam desaparecido com a caixa e nunca mais seriam encontrados. Não, o que ele tinha de fazer, mesmo que tivesse um pouquinho de medo, era colar-se no seu rastro e segui-los aonde quer que fossem. Afinal, estava tão escuro que dificilmente ele poderia ser descoberto. Raciocinando assim com seus botões, mesmo que estes infelizmente não fossem muitos, Huck saiu de seu esconderijo e deslizou atrás dos dois homens como se fosse um gato, seus pés descalços completamente silenciosos na rua sem calçamento, permitindo-lhes apenas a distância suficiente para que não os perdesse de vista.

Eles caminharam três quarteirões, subindo a rua que ficava paralela ao rio, e depois dobraram à esquerda em uma das travessas. Seguiram diretamente em frente a partir daí, até atingirem a senda que conduzia à Colina de Cardiff, entrando por ela sem hesitação. Passaram pela casa do velho galês, que ficava na metade da altura do outeiro, sem fazer qualquer pausa; e prosseguiram na subida para o alto do monte. “Certo” – pensou Huck – “eles pretendem enterrar o tesouro na pedreira velha.” Mas os dois não pararam na pedreira tampouco.

Seguiram em frente, até o cume. Mergulharam no caminho estreito que passava por entre os altos arbustos de sumagre e logo a escuridão impenetrável da noite os escondeu. Huck apressou-se e diminuiu a distância, sabendo que agora seria impossível que eles pudessem vê-lo. Chegou mesmo a trotear um pouco, mas depois diminuiu a marcha, com medo de estar

chegando perto demais. Começou a caminhar com cuidado durante algum tempo e então parou completamente.

Escutou e não percebeu o menor som; se houvesse, seria abafado pelas batidas de seu próprio coração. Do outro lado da colina chegou o ulular de uma coruja – um som assustador! Mas nem sinal de passadas. Deus do Céu, será que tudo estava perdido? Estava a ponto de dar um pulo, como se seus pés tivessem molas, quando ouviu o som de um homem pigarreando a um metro de distância dele! O coração de Huck pulou até a garganta, mas ele conseguiu engoli-lo de volta; e ficou parado ali, tremendo como se tivesse doze ataques de febre ao mesmo tempo, sentindo as pernas tão fracas que achava que ia acabar por cair no chão. Ele sabia onde estava. Encontrava-se a uma distância de cinco passos da borboleta que atravessava a cerca do terreno da viúva Douglas. “Ótimo”, pensou

ele. “Tomara que enterrem o tesouro aí dentro: não vai ser difícil de achar!” Logo depois, ouviram-se algumas palavras pronunciadas em voz baixa –

muito baixa, quase um sussurro: era a voz de Injun Joe:

– Diabo de velha, acho que ela tem visitas – a luz está acesa até esta hora.

– Eu não estou vendo luz nenhuma.

Esta era a voz do estranho – o mesmo estranho que estivera na casa mal- assombrada. Um frio mortal chegou ao coração de Huck – era este, então, o trabalho e a "vingança" que haviam planejado! Seu primeiro pensamento foi fugir. Então, ele se recordou de que a viúva Douglas tinha sido boa para ele mais de uma vez e talvez estes homens pretendessem matá-la. Desejou sentir coragem suficiente para ultrapassá-los e ir dar o aviso; mas ele percebeu logo que não ousaria – eles poderiam escutar, correr mais depressa e agarrá-lo. Todos estes pensamentos e muitos outros parecidos passaram por sua cabeça, atropelando-se entre o instante em que o estranho fizera sua afirmação e o próximo comentário de Injun Joe, que foi o seguinte:

– Não está vendo porque tem um arbusto entre você e a casa. Caminhe até aqui, pra este lado. Agora está vendo, não está?

– Sim, estou. Bem, tem mais gente lá, calculo eu. Melhor desistirmos.

– Desistir, agora que eu pretendo sair deste estado para sempre? Desistir, e talvez nunca mais conseguir outra chance? Eu lhe digo de novo, já lhe disse antes, não dou a mínima pra grana dela, pode ficar com tudo, se quiser. Mas o marido dela me maltratou muito, umas quantas vezes me ofendeu e me destratou.

Especialmente quando ele era juiz de Paz e presidiu o tribunal que me condenou à cadeia por vagabundagem. E não foi só isso! Não é nem a milionésima parte disso! Ele mandou me chicotearem e logo com um rabo-de-cavalo! Me chicotearam em frente à cadeia, pra todo mundo ver, como se eu fosse o danado de um negro! A cidade inteira estava olhando! Me chicotearam com um açoite feito de rabo-de-cavalo trançado! Você entende agora? Mas o desgraçado me passou a perna e morreu antes que eu pudesse me vingar! Agora, eu vou me cobrar nela!

– Ah, mas você não vai matá-la! Ah, não! Não faça isso!

– Matar? E quem falou em matar? Se ele estivesse aqui, é claro que ele, sim, eu matava; mas ela não. Não tem por quê. Quando a gente quer se vingar de uma mulher, a gente não mata, a gente faz uma coisa muito diferente! Sabe o que é? A gente estraga a cara dela! Vou lhe cortar fora o nariz! Vou lhe cortar as orelhas, como se fosse uma porca!

– Meu Deus, mas isso...

– Guarde sua opinião pra você mesmo! Vai ser mais seguro e ninguém vai machucar você, entendeu? Eu vou amarrar aquela vaca na cama. Se depois que eu acabar com ela, ela sangrar até morrer, a culpa não é minha! Só que tem que eu não vou chorar se ela morrer. Meu amigo, você vai me ajudar a fazer isso – por minha causa, porque somos parceiros –, foi justamente pra isso que você veio. Se eu estivesse sozinho,

talvez não conseguisse. Agora, entenda bem uma coisa: se você se recusar, eu te mato primeiro! Dá para entender o que eu lhe disse? E se eu tiver de te matar, então é certo que eu mato ela também! Assim ninguém vai ficar sabendo quem fez o negócio.

– Tudo bem, se tem de ser assim, então vamos fazer logo. Quanto mais depressa, melhor. Eu estou tremendo de excitação – não é de medo.

– Fazer agora? Enquanto as visitas estiverem lá? Escute aqui, qual é o negócio? Estou começando a suspeitar de você... Não, vamos esperar até que apaguem as luzes. Não tem pressa.

Huck percebeu que o silêncio ia durar bastante tempo – uma coisa ainda mais difícil de suportar do que qualquer tipo de conversa de assassinos; assim, ele prendeu a respiração e começou a recuar de costas, desajeitadamente; plantou os pés no chão com todo o cuidado, firmemente, para não fazer o menor barulho; de fato, em seu temor estava até exagerando: balançou no ar uma perna após a outra, equilibrou-se de maneira precária e acabou quase caindo, primeiro para o lado direito e depois para o esquerdo, antes de recuperar o equilíbrio. Deu outra passada para trás com a mesma cuidado e correndo os mesmos riscos de uma queda desastrosa. Depois deu outra e mais uma – e um graveto estalou debaixo de seu

pé! Sua respiração parou imediatamente e ele ficou imóvel, escutando.

Nenhum som veio do lado dos bandidos – o silêncio era perfeito. Sua gratidão não teve medida. Então ele recuou por onde tinha vindo, pelo meio dos arbustos de sumagre – fez a volta tão cuidadosamente como se fosse um grande navio a vapor – e depois, pôs-se a caminhar rápida mas cuidadosamente. Quando ele chegou à altura da pedreira velha, sentiu-se finalmente em segurança e assim empregou seus calcanhares ágeis em uma bela corrida. Correu para baixo, sem parar, até que chegou na casa do galês. Bateu com força na porta e, depois de algum tempo, as cabeças do velho imigrante e de seus dois robustos filhos surgiram por janelas diferentes.

– Mas que barulheira é essa agora? Quem está batendo? O que você quer a esta hora?

– Deixem eu entrar! Depressa! Eu vou contar tudo!

– Ora essa! E quem é você?

– Huckleberry Finn! Depressa, deixem eu entrar!

– Huckleberry Finn, mas quem diria! Acho que seu nome não costuma abrir muitas portas, ou muito me engano! Mas deixem-no entrar, rapazes. Vamos ver qual é o problema dele!

– Por favor, não contem a ninguém o que eu vou dizer – foram as primeiras palavras de Huck, assim que passou pela

porta. – Por favor, não contem, senão, vão me matar! Mas a viúva Douglas foi sempre boa comigo, pelo menos algumas veiz ela foi e eu quero contar. Eu vou contar se  vocês promete que nunca vão dizer que fui eu.

– Por São Jorge, esse rapazinho tem mesmo alguma coisa para contar, senão não ia estar agindo dessa maneira! – exclamou o velho. – Desembuche de uma vez, ninguém aqui vai contar nada a ninguém, rapaz!

Três minutos depois, o velho galês e seus dois filhos, bem armados, tinham subido a colina e estavam  entrando pelo caminho que conduzia entre os sumagres, andando na ponta dos pés, com as armas prontas para disparar. Huck os acompanhou até ali, mas não se animou a ir mais adiante. Escondeu-se por trás de um grande rochedo e pôs-se a escutar. Houve um silêncio prolongado e cheio de angústia e então, subitamente, houve uma explosão de estampidos e um

grito. Huck não esperou para saber dos detalhes. Deu um salto e desceu correndo a colina o mais depressa que suas pernas podiam levá-lo.

## C A P I T U L O XXXI

Tão logo a primeira suspeita de aurora apareceu na manhã de domingo, Huck subiu a colina, meio tonto de sono e tropeçando pelo caminho, batendo gentilmente na porta do velho galês. Os moradores ainda estavam dormindo, mas seu sono estava agitado, devido ao excitante episódio da noite anterior, e se ergueram de imediato. De uma das janelas veio um chamado:

– Quem está batendo?

A voz assustada de Huck respondeu em tom baixo:

– Por favor, deixem  eu entrar! É só Huck Finn!

– Pois este nome pode abrir esta porta a qualquer hora do dia e da noite, meu rapaz. Seja muito bem-vindo!

Estas palavras soaram bastante estranhas aos ouvidos do pobre vagabundinho; de fato, esta era a melhor acolhida que jamais tivera. Não podia lembrar-se de nenhuma ocasião anterior em que a palavra “bem-vindo!” lhe tivesse sido dirigida.

A porta foi destrancada rapidamente e ele entrou. Deram uma cadeira a Huck e o velho e seus filhos altos e robustos rapidamente se vestiram.

– Agora, meu rapaz, espero que você esteja bem e com fome, porque o café da manhã vai ser servido assim que sair o sol e vai estar bem quentinho, também. Fique bem à vontade.

Eu e os meninos estávamos esperando que você voltasse a noite passada por aqui.

– Eu tava muito apavorado – disse Huck – e corri até a cidade. Dei o fora ansim que ouvi as pistola e não parei por cinco quilômetro. Só vim agora pruquê eu queria saber o que aconteceu, sabe? E eu vim antes do dia raiar pruquê eu não queria me encontrar com aqueles diabo, mermo que tivessem todos morto.

– Bem, pobrezinho de você, parece que passou uma noite muito difícil. Mas nós temos uma cama sobrando aqui em casa e você pode dormir nela depois do café. Não, eles não estão mortos, rapaz! Se quiser saber, lamentamos muito não termos podido rebentar a casca deles. Você vê, nós fomos diretamente ao lugar, porque sua descrição foi muito exata, e nós sabíamos exatamente onde eles estavam; assim, fomos indo bem devagar, na ponta dos pés, até chegarmos a uns cinco metros deles. Aquele caminho pelo meio dos sumagres estava mais escuro que um porão! Foi então que eu inventei de ficar com vontade de espirrar! Foi a maior falta de sorte! Tentei prender o espirro, mas que nada! Tinha resolvido sair e saiu com vontade! Eu estava na frente, com minha pistola na mão; e quando eu espirrei, os desgraçados se assustaram e começaram a correr para sair do caminho. Aí eu gritei: “Fogo, rapazes!”, e disparei para o lugar onde havia escutado o barulho deles. Meus meninos atiraram também. Mas eles dispararam como lebres, aqueles vilões; e lá fomos nós, atrás deles, cruzando o mato.

Mas acho que nem sequer os tocamos de raspão. Cada um deles deu um tiro de volta, quando começaram a correr, mas suas balas passaram zunindo por nós e não nos fizeram mal algum. Assim que paramos de escutar o barulho da corrida deles, desistimos da caçada, fomos até a cidade, acordamos a polícia e botamos eles a caçar. Eles convocaram uma porção de gente, formaram uma força civil e

foram guardar as margens do rio; assim que estiver claro o suficiente, o xerife e um bando de gente vão bater as florestas atrás deles. Daqui a pouco meus rapazes vão descer para ajudar. Eu só queria ter uma espécie de descrição daqueles patifes. Ia ajudar bastante. Mas você não conseguiu ver o jeito deles no escuro, meu rapaz, suponho eu. Ou conseguiu?

– Craro que sim! Eu encontrei eles lá no centro e vim de atrás!

– Esplêndido! Então, descreva a turma! Descreva-os, meu menino!

– Um deles é o velho espanhol surdo-mudo que tem andado por aqui urtimamente, e o outro é um fulano com cara de mau, todo esfarrapado...

– É quanto basta, rapaz, nós conhecemos esses homens! Nós os surpreendemos na floresta, nos fundos da casa da viúva Douglas um desses dias e eles saíram na disparada. Andem

duma vez, meninos; e deem a descrição ao xerife. Amanhã de manhã vocês tomam café!

Os filhos do galês partiram de imediato. Quando estavam saindo da sala, Huck levantou-se bem depressa e exclamou:

– Oh, por favor, não contem a ninguém que fui eu que dedurei eles! Por favor!

– Tudo bem, se é o que você deseja, Huck, mas você devia receber o devido crédito pelo seu ato de coragem!

– Ah, não e não! Por favor, não contem!

Depois que os jovens partiram, disse o velho galês:

– Eles não vão contar, fique tranquilo. E eu não pretendia contar mesmo.

Mas por que você não quer que ninguém saiba?

Huck não quis explicar muita coisa, exceto que já sabia demais sobre um desses homens e não queria que o tal homem soubesse que ele sabia de nada a respeito dele, por nada desse mundo, porque se o homem soubesse, iria certamente matá-lo.

O velho prometeu segredo uma vez mais e depois disse:

– E como foi que você começou a seguir esses bandidos, rapaz? O aspecto deles lhe pareceu meio suspeito?

Huck permaneceu silencioso, enquanto preparava uma resposta que fosse cautelosa o suficiente. Então, disse:

– Bem, o senhor sabe... Eu sou um sujeitinho mau, pelo menos é o que todo mundo diz e eu não posso contrariar mermo. E tem umas veiz que eu não consigo dormir muito, pensando que não presto e sem saber como é que eu posso mudar. Foi o que teve na noite passada. Eu não conseguia dormir e saí pra rua pela meia- noite, remexendo essas coisa na cabeça, e quando eu cheguei naquele depósito de tijolo caindo aos pedaço que tem junto da Hospedaria Temperança, me encostei nas parede e fiquei girando a bola. Bem, foi aí que esses dois cara viero caminhando ansim de levezinho, pra que ninguém ouvisse eles, passaro bem pertinho de mim com um troço embaixo do braço e eu carculei que tinham roubado arguma coisa. Um estava fumando e o outro pediu fogo; ansim eles pararo bem na minha frente e os cigarro acendero as cara deles e aí eu vi que o grande era o espanhol surdo-mudo, pruquê tinha cabelos branco e um pacho nos zoio, e o outro tinha cara de diabo, todo sujo e esfarrapado, ansim que nem eu.

– E você conseguiu divisar os farrapos só com a luz dos cigarros?

Isso engasgou Huck por um momento. Então, ele respondeu:

– Bem, eu não sei. Acho que sim... me parece que eu vi ansim mermo.

– Então eles foram em frente e você...

– Fui atrás deles... sim, foi isso mermo. Eu queria ver o que eles pretendia fazer. Eles estavam se escondendo tanto. Eu peguei o rastro deles até a borboleta que tem na cerca da viúva Douglas e fiquei parado no escuro e iscutei quando o esfarrapado pediu que o outro não fizesse mal pra viúva e o espanhol jurou que ia estragar a beleza dela, como eu contei ao senhor e aos seus dois...

– Espere aí! O surdo-mudo falou tudo isso...?

Huck tinha cometido outro erro terrível! Ele estava tentando o melhor que podia evitar que o velho tivesse a menor ideia de quem o espanhol realmente era; todavia, sua língua parecia determinada a metê-lo em complicações apesar de todas as precauções que tomava. Fez várias tentativas para se escapar da encrenca em que se havia metido, mas os olhos argutos do velho estavam sobre seu rosto e ele foi cometendo erro em cima de erro. Depois de algum tempo, o galês disse:

– Menino, não tenha medo de mim. Eu não ia sequer arrancar um cabelo de sua cabeça, nem que me pagassem todo o dinheiro do mundo. Não, eu vou te proteger, é isso que vou fazer, eu vou proteger você, meu menino. Este espanhol não é em absoluto um surdo-mudo; essa você já revelou sem querer e  não dá para voltar atrás: você está fazendo um belo esforço, mas não vai conseguir me enganar. Você sabe alguma coisa bastante importante sobre esse espanhol, que prefere não revelar. Agora, confie em mim, conte-me o que é. Confie em mim, que não vou traí-lo.

Huck olhou por um momento para os olhos honestos do velho; então, aproximou-se e murmurou em seu ouvido:

– Esse cara não é espanhol, é Injun Joe disfarçado.

O galês quase pulou da cadeira. Depois de um momento, continuou:

– Agora está tudo claro. Quando você falou em arrancar orelhas e cortar narizes, eu julguei que você estava enfeitando a história, porque homens brancos não se vingam dessa maneira. Mas um índio! É uma questão completamente diferente!

A conversa prosseguiu durante o café e, no decurso dela, o velho relatou que a última coisa que ele mesmo e seus filhos tinham feito, antes de voltarem para suas camas, tinha sido pegar uma lanterna, voltar até a borboleta do aramado e examinar o lugar e as vizinhanças em busca de sangue. Eles não haviam encontrado mancha nenhuma, mas em compensação capturaram uma trouxa pesada de...

– DE QUÊ?

Se as palavras fossem um relâmpago, não poderiam ter surgido com uma velocidade mais espantosa dos lábios pálidos de Huck. Seus olhos ficaram arregalados e ele prendeu a respiração, enquanto esperava pela resposta. O galês chegou a se assustar com a exclamação do menino e depois permaneceu calado, cheio de surpresa, por três segundos, cinco, dez, até que replicou:

– De ferramentas de arrombador. Mas o que há com você? Huck desabou na cadeira, ofegando silenciosa mas profundamente,

sentindo uma gratidão inexprimível. O galês ficou a olhá-lo, gravemente e com curiosidade. Depois de algum tempo, repetiu:

– Sim, ferramentas de arrombador. Mas como você ficou aliviado! Por que se assustou tanto? O que você pensou que nós havíamos encontrado?

Agora, Huck tinha realmente se metido em uma fresta apertada demais; os olhos inquiridores estavam fixos sobre ele – teria dado qualquer coisa no mundo por uma resposta plausível. Mas sua mente não lhe fez nenhuma sugestão. Os olhos curiosos pareciam furar os seus e penetrar cada vez mais fundo. Só conseguiu lembrar de uma resposta boba, mas não havia tempo para sopesá-la e assim, o menino pronunciou fracamente:

– Ora, livros da Escola Dominical, quem sabe...?

O pobre Huck estava perturbado demais até para fingir um sorriso, mas o velho riu em alto e bom som, uma gargalhada cheia de alegria, que sacudiu-lhe o corpo inteiro, da cabeça aos pés, acabando por declarar que um riso tão gostoso era como dinheiro sonante no bolso de um homem, porque era a melhor

maneira de diminuir as contas do médico. Mas, depois, acrescentou:

– Coitadinho, você está branco e trêmulo. Não parece estar nada bem. Não é de espantar que esteja um pouco amedrontado e sem saber direito o que responder. Mas daqui a pouco você vai ficar melhor. Um pouco de descanso e bastante sono vão deixá-lo perfeitamente bem, espero eu.

Huck estava irritado por ter sido tão ingênuo e traído seu maior segredo através de uma exclamação capaz de despertar tantas suspeitas; porque, de fato, já tinha descartado sua ideia inicial de que o pacote trazido da hospedaria fosse o tesouro, desde o momento em que começou a escutar a conversa junto à borboleta do aramado da viúva Douglas. Entretanto, ele apenas tinha pensado que não fosse; não tinha certeza de que não era; assim, a sugestão de uma trouxa capturada foi demais para seu autocontrole. Mas, tudo considerado, estava feliz de que o episódio tivesse ocorrido, porque agora ele sabia além de qualquer dúvida que a trouxa não era a caixa e assim sua mente descansou e ele se sentiu bastante confortado. Na verdade, tudo parecia estar indo na direção certa agora: o tesouro continuava escondido no quarto Número Dois, os homens seriam capturados e postos na cadeia nesse mesmo dia e ele e Tom poderiam pegar o ouro naquela noite, sem qualquer problema nem medo de serem interrogados.

No momento em que estavam acabando de tomar café, escutou-se uma batida à porta. Huck pulou, procurando um

lugar para se esconder, porque não tinha a intenção de ser ligado, nem remotamente, com os eventos da noite anterior. O galês deu entrada a diversas damas e cavalheiros, entre eles a viúva Douglas, e através da porta do outro quarto, para onde tinha se refugiado, o menino notou que diversos grupos de cidadãos estavam subindo a colina para dar uma espiada na borboleta fatídica. Portanto a notícia já se havia espalhado.

O galês teve de contar a história da noite passada a seus visitantes. A gratidão da viúva Douglas pela própria preservação era indescritível.

– Madame, não diga mais uma só palavra sobre esse assunto. Existe outra pessoa a quem a senhora deve muito mais gratidão do que a mim e a meus filhos, muito provavelmente. Mas ele não quer permitir que eu comunique seu nome. Nós só fomos até lá, porque ele nos avisou.

É claro que isto excitou uma curiosidade que quase obscureceu o assunto principal; mas o galês deixou que a ânsia de conhecer a novidade continuasse a devorar as entranhas de seus visitantes; só que, através deles, ele contagiou a cidade inteira com a mesma curiosidade, porque se recusou terminantemente a revelar o segredo. Quando tudo o mais tinha sido relatado, falou a viúva:

– Pois sabe o senhor que eu levei um livro para a cama, adormeci durante a leitura e dormi a noite toda, sem nem

escutar aquele escarcéu todo. Por que vocês não vieram me despertar?

– Ora, nós achamos que nem valia a pena incomodá-la, senhora.

Dificilmente aqueles camaradas iriam voltar. Tinham até perdido as ferramentas e não tinham mais com que arrombar-lhe a casa. De que adiantaria acordá-la e deixá-la morta de medo? Especialmente porque eu mandei os meus três negros montarem guarda em sua casa pelo resto da noite. Eles acabaram de voltar.

Chegaram mais visitantes e a história teve de ser contada e recontada durante várias horas.

Não havia Escola Dominical durante as férias escolares, mas todo mundo ia cedo para a igreja. O evento estarrecedor foi muito bem analisado pela aldeia inteira enquanto aguardavam no pátio do templo. Chegou notícia de que nenhum sinal dos vilões havia sido descoberto. Quando o sermão terminou, a esposa do juiz Thatcher chegou junto da sra. Harper, enquanto esta se movia pelo corredor central com a multidão que se retirava, e perguntou:

– Minha Becky vai dormir o dia todo? Bem, a verdade é que eu já esperava mesmo que ela fosse ficar morta de cansada...

– Sua Becky ?

– Sim – disse a senhora com um olhar meio assustado. – Ela não ficou a noite passada em sua casa?

– Ora, não ficou, não.

A sra. Thatcher empalideceu e desabou em um dos bancos, bem no momento em que tia Polly passou por elas, conversando animadamente com uma amiga. Então, tia Polly comentou:

– Bom dia, sra. Thatcher. Bom dia, sra. Harper. Eu tenho um menino que desapareceu de novo. Calculo que meu Tom tenha passado a noite em sua casa, na casa de uma de vocês. E agora, ele está com medo de vir à igreja, porque eu tenho de acertar essa conta com ele.

A sra. Thatcher sacudiu a cabeça fracamente e ficou ainda mais pálida.

– Conosco, ele não ficou – disse a sra. Harper, começando a ficar inquieta. Uma ansiedade profunda começou a surgir no rosto de tia Polly.

– Joe Harper, você não viu meu Tom hoje de manhã?

– Não, “siora”.

– Quando você o viu pela última vez?

Joe tentou lembrar-se, mas não foi capaz de dizer com certeza. A essa altura, as pessoas tinham parado de sair da igreja. Começaram a circular uns murmúrios e uma inquietude perturbadora principiou a surgir em cada face. Iniciaram um

inquérito ansioso entre todas as crianças que haviam estado no piquenique e interrogaram as jovens professoras e seus acompanhantes. Todos disseram não ter percebido se Tom e Becky estavam a bordo da balsa na viagem

de volta. Estava escuro, ninguém se lembrou de perguntar se havia alguém faltando. Finalmente, um jovem expressou o medo que estava na mente de todos

– e se eles ainda estivessem na caverna? A sra. Thatcher desmaiou, todos ficaram muito abalados, e tia Polly começou a chorar e a torcer as mãos em desespero.

O alarma passou de boca em boca, de grupo a grupo, de uma rua para outra. Dentro de cinco minutos, os sinos estavam dobrando ferozmente e a cidade inteira se alarmou! O episódio da Colina de Cardiff afundou para uma insignificância instantânea, os assaltantes foram esquecidos, selaram-se cavalos, tripularam-se barcos, convocou-se a balsa de seu ancoradouro e antes que o horror tivesse uma hora de idade, duzentos homens estavam se precipitando pela estrada e pelo rio em direção à caverna.

Durante toda a longa tarde, a aldeia pareceu vazia e morta. Muitas mulheres foram visitar a sra. Thatcher e tia Polly, tentando confortá-las. Também choraram um pouco, junto com elas, o que demonstrou ser melhor do que palavras.

Durante toda a noite tediosa a cidade ficou esperando receber notícias; porém, quando finalmente raiou a aurora, a única mensagem que chegou foi: “Mandem mais velas e bastante comida!” A sra. Thatcher estava quase louca e tia Polly ia pelo mesmo caminho. Mais tarde, o juiz Thatcher enviou mensagens de esperança e de encorajamento desde a caverna, mas não conseguiu despertar a menor alegria.

O velho galês chegou em casa com a primeira luz do dia, coberto de sebo de vela, sujo de argila e de calcário e quase exaurido. Descobriu que Huck ainda se encontrava na cama que lhe tinham emprestado, delirando de febre. Todos os médicos estavam na caverna e, assim, a viúva Douglas, que era a vizinha mais próxima, veio tomar conta do paciente. Ela garantiu que faria o melhor possível, porque, fosse o menino bom, mau ou indiferente, era um filho do Senhor, e ninguém que pertencesse a Deus deveria ser desprezado. O galês afirmou que Huck tinha algumas boas qualidades e a viúva Douglas disse:

– Mas é claro que deve ter! É a marca de Deus. Ele não deixa ninguém sem uma marca Sua. Nunca, de maneira alguma. Sempre a põe em algum lugar, em cada criatura que veio de Suas Mãos!

No final da manhã, grupos de homens exaustos começaram a aparecer pela aldeia, porém os cidadãos mais fortes continuaram a busca. A única notícia que se obteve, foi que a caverna estava sendo explorada até os pontos mais remotos,

lugares que nunca tinham  sido visitados antes; cada canto e cada nicho ia ser investigado cuidadosamente de novo; por onde quer que alguém andasse através do labirinto de passagens, podia ver  luzes tremulando aqui e  ali a distância, enquanto gritos e tiros de pistola reverberavam com ecos profundos através dos corredores sombrios. Em um determinado lugar, muito além das seções que em geral eram visitadas pelos turistas, os nomes “BECKY” e “TOM” tinham sido encontrados escritos na parede rochosa com a fuligem de uma vela e bem perto dali fora achada uma fita de cabelo toda suja de graxa. A sra.

Thatcher reconheceu a fita e chorou desesperadamente, agarrada a ela. Ela disse que era a última relíquia que jamais receberia de sua filha perdida, e que

nenhuma outra lembrança dela jamais poderia ser tão preciosa, porque fora esta que se separara pela última vez do corpo vivo da menina, antes que ela sofresse uma morte tão terrível. Alguns disseram que, bem distante nas galerias mais afastadas da caverna, podiam avistar de vez em quando um leve pontinho de luz, então soava um glorioso grito de alegria e vinte homens saíam correndo pela vereda ribombante de ecos – porém sempre se seguia um triste desapontamento, porque as crianças não se achavam lá, era apenas a luz da vela ou da lanterna de um outro que também estava buscando.

Três dias e noites pavorosos se arrastaram em horas monótonas e entediantes, até que a aldeia toda tombou em um estupor desesperançado. Ninguém tinha vontade de fazer nada. A descoberta acidental, recentemente feita, de que o proprietário da Hospedaria da Temperança guardava bebidas alcoólicas em um de seus quartos, mal fez acelerar a pulsação do público, mesmo que fosse um fato que normalmente seria tido como da maior importância. Em um intervalo de lucidez, Huck começou a conversar, embora ainda estivesse muito fraco, e foi conduzindo a palestra para o assunto da hospedaria. Finalmente indagou diretamente, com um temor indefinido de que o pior tivesse sucedido, se alguma coisa tinha sido descoberta na Hospedaria da Temperança durante sua doença.

– Sim – respondeu a viúva Douglas, tranquilamente. Huck sentou-se na cama, uma expressão selvagem no olhar:

– O quê? O que foi que acharo?

– Bebida! E fecharam o lugar. Deite-se, criança, você acabou de me dar um susto!

– Só me conte mais uma coisa. Só uma coisinha, por favor! Foi Tom Sawy er que encontrou?

A viúva explodiu em lágrimas.

– Shhh, shhh, criança, fique quieto! Já lhe disse antes, você não deve falar.

Você está muito, muito doente!

Então nada tinha sido encontrado exceto as bebidas que o dono da pensão guardava para vender disfarçadamente. Teria havido uma tremenda algazarra se tivessem encontrado o ouro. Deste modo, o tesouro estava perdido para sempre – perdido para sempre. Mas por que será que ela estava chorando tanto? Que coisa mais curiosa que ela chorasse tanto, só porque acharam bebida na hospedaria.

Estes pensamentos foram se infiltrando indistintamente na cabeça de Huck. Em breve, ele ficou cansado demais pelo esforço mental e adormeceu. A viúva falou baixinho:

– Pronto... dormiu, o infelizinho. Imagine, perguntar se foi Tom Sawy er que encontrou aquelas coisas! Quem me dera que alguém pudesse encontrar o pobre Tom Sawy er! Ah, já não há muita gente na aldeia que tenha esperança suficiente – ou que ainda tenha força – para seguir procurando...

## C A P I T U L O XXXII

Agora retornaremos à participação de Tom e Becky no piquenique. Eles saíram a correr pelos caminhos subterrâneos cheios de sombras, juntamente com o resto dos convidados, visitando as maravilhas mais conhecidas da caverna

– maravilhas apelidadas com nomes pomposos e exagerados que descreviam em termos fantásticos os diversos recintos, tais como “A Sala de Visitas”, “A Catedral”, “O Palácio de Aladim” e assim por diante. Depois, começaram as brincadeiras de esconder e pegador e Tom e Becky participaram delas com o maior dos entusiasmos, até que o esforço começou a ficar um tanto cansativo.

Então, eles desceram por uma avenida sinuosa, segurando suas velas bem alto e lendo em voz alta a teia emaranhada de nomes, datas, endereços postais e dísticos com que as paredes rochosas tinham sido decoradas (todos escritos com fuligem de vela). Ainda passeando descuidadamente e conversando na maior animação, eles mal perceberam que estavam agora em uma parte das cavernas cujas paredes não tinham sido riscadas. Encontrando o espaço em branco, só pensaram em aproveitar a fumaça das próprias velas para colocar seus nomes por baixo de uma plataforma rochosa que se projetava sobre suas cabeças e depois seguiram em frente. Após alguns minutos, chegaram a um lugar em que um riachinho de água

fresca, escorrendo por cima de uma lajota e carregando consigo um sedimento de calcário, tinha, ao longo das eras, esculpido uma Niágara[1] em miniatura, cheia de rendas e babados, em pedra brilhante e

imperecível. Tom espremeu seu corpo franzino por trás da cascata, a fim de colocar a luz da vela de modo a iluminar os cristais para alegria de Becky. Foi então que ele descobriu que a escultura da pequena cachoeira escondia uma espécie de escada natural muito íngreme, imprensada entre paredes estreitas; no mesmo instante a ambição de tornar-se um descobridor, de pisar onde ninguém pisara antes, assumiu pleno controle de sua mente. Becky respondeu a seu chamado e eles fizeram uma marca de fuligem para orientação posterior, iniciando sua missão gloriosa. Viraram para este lado e para aquele, penetrando profundamente nas entranhas secretas das cavernas, depois deixaram outra marca e tomaram por uma abertura lateral em busca de novidades que pudessem contar quando retornassem ao mundo superior. Em determinado lugar, a caverna abriu-se em uma câmara espaçosa, de cujo teto pendia uma multidão de estalactites brilhantes, com o comprimento e aspecto das pernas de um homem adulto; caminharam por toda ela, imaginando e fantasiando, até que acabaram por deixar essa câmara por uma das numerosas passagens que se abriam em suas paredes. Em breve, este caminho os levou a uma fonte encantadora, cuja bacia estava incrustada com um rendilhado de pedra formado por cristais

reluzentes. Esta fonte se encontrava no meio de outra caverna, cujas paredes eram suportadas por muitos pilares fantasmagóricos que se haviam formado pela união de grandes estalactites e estalagmites, resultantes do pingar permanente e incessante de milhões de gotas d'água carregadas de sedimentos de calcário, que se foram depositando no decorrer dos séculos. Sob o teto deste aposento, vastos bandos de morcegos se penduravam juntos, como frutas escuras

e peludas, milhares em cada grupo. As luzes das velas perturbaram as criaturas, que começaram a se agitar e a adejar às centenas, guinchando e lançando-se furiosamente contra as velas. Tom sabia como eles se portavam e o perigo que representavam quando estavam assustados. Agarrou com força a mão de Becky e lançou-se com ela para a primeira abertura que enxergou; e não foi cedo demais, porque mesmo assim um dos morcegos apagou a luz da vela de Becky com um golpe de sua asa coriácea, bem no momento em que a menina estava saindo do grande salão e entrando na nova caverna. Os morcegos perseguiram os meninos por uma boa distância, mas os fugitivos mergulharam em cada nova passagem que se oferecia e finalmente se livraram daquelas perigosas criaturas. Pouco depois, Tom descobriu um lago subterrâneo que se estendia indistintamente, até que seus contornos se perdessem

nas sombras. Ele queria explorar suas margens, mas concluiu que seria melhor que os dois se

assentassem para descansar um pouco primeiro. Depois de alguns instantes, pela primeira vez a quietude e a solidão do lugar lançaram mãos frias e úmidas, cujos dedos de gelo tocaram profundamente nos espíritos das crianças. Becky falou:

– Ora, eu não tinha percebido antes, mas parece que faz horas desde que eu escutei as vozes de qualquer um dos outros...

– Já que pensou nisso, Becky, nós descemos muito abaixo do nível em que eles estão e, na verdade, eu não sei quantos quilômetros ao norte ou ao sul ou a leste deles nós estamos. Não faço a menor ideia da direção em que estão os outros. É impossível escutá-los daqui.

Becky ficou apreensiva:

– Fico pensando há quanto tempo estamos aqui embaixo, Tom. Acho que é melhor voltarmos.

– Sim, calculo que é melhor. Talvez seja melhor mesmo.

– Você consegue encontrar o caminho de volta, Tom? Para mim, tudo é uma confusão retorcida e eu nunca conseguiria voltar sozinha.

– Calculo que eu consiga, só que tem que os morcegos estão bem  no meio do caminho. Desta vez, eles podem apagar

as duas velas em vez de uma só e se fizerem isso e nos deixarem no escuro, vai ser uma encrenca danada encontrar a saída sem termos luz. Vamos tentar outro caminho, para não ter de atravessar por lá de novo.

– Por mim, está bem, mas espero que não fiquemos perdidos. Seria uma coisa horrível! – e a menina estremeceu só de pensar nas terríveis possibilidades.

Eles começaram a percorrer um corredor e viajaram por ele em silêncio através de uma longa distância, lançando olhares para cada nova abertura que surgia à direita ou à esquerda, para ver se havia alguma coisa familiar em seu aspecto; mas todas eram totalmente estranhas. Cada vez que via Tom examinando uma galeria, Becky contemplava-lhe o rosto em busca de algum sinal encorajador e ele sempre dizia alegremente:

– Ora, está tudo bem, Becky, este aqui não é o certo, mas em seguida nós chegaremos nele!

Porém os desapontamentos foram se multiplicando e finalmente o próprio Tom cada vez sentia menos esperanças; com o passar do tempo, começou a dobrar em avenidas divergentes na mais completa casualidade, com a esperança

do desespero, pensando que assim poderia encontrar a passagem que buscava. Ele ainda dizia que “estava tudo bem”, mas um pavor de chumbo habitava em seu peito e suas palavras tinham perdido o tom de leveza e entusiasmo; na

verdade, soavam mais como se ele  dissesse: “Estamos completamente perdidos!” Becky se mantinha a seu lado, cheia de angústia e medo, fazendo um bravo esforço para não se debulhar em lágrimas, mas estas teimavam em brotar de seus olhos. Finalmente, ela disse:

– Oh, Tom, os morcegos não têm importância! Vamos voltar por aquele caminho mesmo! Parece que, deste lado, as coisas só fazem piorar!

Tom parou.

– Escute! – disse ele.

Um silêncio profundo; um silêncio tão absoluto que até o ruído de suas respirações parecia alto dentro da mudez das galerias silenciosas. Tom gritou. O chamado lançou-se através das aleias vazias, ecoando e ribombando de parede em parede, finalmente morrendo a distância em um som zombeteiro que lembrava uma assuada de risos sarcásticos.

– Ah, não grite de novo, Tom! Isso é horrível! – disse Becky.

– Pode ser horrível, mas é melhor que eu dê sinal, Becky ; Pode ser que eles nos escutem, sabe? – respondeu ele, gritando de novo.

Aquele pode ser lúgubre demonstrou ser um horror ainda mais enregelante que o riso fantasmagórico, pois era a confissão de uma esperança perdida. As crianças ficaram paradas onde estavam e escutaram, mas não houve o menor resultado. De

imediato, Tom retraçou seus passos por onde tinha vindo e apressou-se o máximo possível. Mas não demorou muito tempo até que uma certa indecisão em seu jeito revelasse a Becky um outro fato apavorante – ele não sabia como voltar!

– Ai, Tom, por que você não fez outras marcas?

– Becky, eu fui tão idiota! Fui tão idiota! Nem pensei que a gente fosse precisar voltar por este caminho, por causa dos morcegos! Não, eu não consigo encontrar o caminho. Isso é tudo tão misturado, tão confuso!

– Tom, Tom, estamos perdidos! Estamos perdidos! Nós nunca, nunca, nunca mais vamos conseguir sair deste lugar horrível! Ai, por que foi que nós nos separamos dos outros!?

Ela desabou no chão e explodiu em um frenesi de lágrimas tão intenso que Tom ficou apavorado com a ideia de que ela poderia morrer ou ficar louca.

Sentou-se ao lado dela e colocou-lhe os braços ao redor. Ela escondeu a face em seu peito, agarrou-se firmemente a ele, derramou em lágrimas os seus terrores e seus remorsos inúteis, enquanto, todo o tempo, o eco distante devolvia o som de sua voz na forma de gargalhadas sarcásticas. Tom suplicou-lhe que fizesse um esforço para recobrar a coragem, mas ela disse que não podia. Ele começou a culpar-se e a dizer desaforos para si mesmo, por tê-la metido nesta situação miserável. Por estranho que pareça, isto teve um efeito mais calmante sobre ela do que suas tentativas de consolação. A menina declarou que ia

tentar recobrar uma pouco de esperança, que se levantaria e o seguiria onde quer que ele fosse, desde que ele parasse de xingar tanto a si mesmo. Ela era tão culpada quanto ele, ou pelo menos foi o que disse.

Assim, eles recomeçaram a jornada, ainda que sem destino certo, simplesmente ao acaso – tudo o que podiam fazer era continuar caminhando, manter-se em movimento. Por algum tempo, a esperança ressurgiu, não que houvesse alguma razão aparente para isso, mas só porque está na natureza humana reviver e lutar pela sobrevivência, desde que o desânimo da idade ou a familiaridade com o fracasso não a tenham acostumado com a derrota.

Depois de algum tempo, Tom decidiu pegar a vela de Becky e assoprá-la. Esta economia pareceu profundamente significativa. Não foi necessária a menor explicação. Becky entendeu perfeitamente, e sua esperança morreu novamente. Ela sabia muito bem que Tom tinha guardados no bolso uma vela inteira e três ou quatro pedaços de outras, que tinha achado pelo caminho – e  mesmo assim, agora ele achava que era melhor economizar, por medo de acabarem no escuro.

E dentro em breve, foi a fadiga que começou a exigir os seus direitos; as crianças tentaram não dar muita atenção a seu cansaço, porque era pavoroso só pensar em sentar-se ou deitar-se para repousar, quando o tempo se  media pela luz das

velas e era tão precioso. Enquanto se movimentavam, fosse em que direção fosse, pelo menos estavam fazendo algum progresso que eventualmente poderia dar algum resultado; mas sentar-se ou deitar-se era o mesmo que fazer um convite à morte e esperar até que ela chegasse.

Finalmente, as perninhas mais frágeis de Becky se recusaram a levá-la adiante. Ela se sentou. Tom descansou com ela e ficaram conversando sobre as respectivas casas, os amigos que tinham deixado para trás, o conforto de suas caminhas e sobretudo, sobre a luz do dia! Becky começou a chorar de novo, enquanto Tom pensava em uma forma de confortá-la outra vez, mas todas as frases de encorajamento em que conseguiu pensar estavam esfiapadas como tapetes velhos, gastas por terem sido usadas tantas vezes antes. O pior é que se pareciam mais com sarcasmos do que com palavras de consolo. A fadiga pesou tão fortemente sobre Becky, que ela foi escorregando para um cochilo e logo estava adormecida profundamente. Tom até se sentiu grato. Ficou olhando para seu rostinho cansado e viu que começava a recuperar a naturalidade e a maciez, sob a influência de sonhos alegres, até que um sorriso surgiu-lhe nos lábios e continuou ali. O rosto tranquilo refletiu um pouco de paz e vigor para seu próprio espírito, enquanto seus pensamentos se deixavam levar para o passado e suas lembranças mais agradáveis. E, enquanto ele estava se entregando assim à meditação, Becky acordou-se com um riso

alegre e ligeiro – mas logo este morreu em seus lábios e foi substituído por um angustiado gemido.

– Oh, como foi que eu pude dormir! Ai, eu queria nunca, nunca, nunca ter acordado! Não, não, não, Tom, por favor! Não faça essa cara! Eu não vou dizer isso outra vez, prometo!

– Estou contente que você tenha dormido, Becky. Você deve estar mais descansada agora. Não se preocupe, que ainda vamos achar o caminho e sair daqui.

– Vamos tentar, Tom. Mas em meu sonho eu vi um país tão bonito! Acho que é para lá que nós vamos em breve.

– Talvez sim, talvez não. Se anime, Becky e vamos tentar de novo!

Os dois se levantaram e recomeçaram a vaguear pelas galerias sem fim,

de mãos dadas, mas sem grandes expectativas. Tentaram calcular por quanto tempo tinham estado no labirinto, mas a impressão dos dois era a de que vários dias se haviam passado, até mesmo semanas, embora racionalmente soubessem que isso não podia ser verdade, porque as velas ainda não tinham terminado.

Muito tempo depois disso – eles não poderiam calcular quantas horas ou minutos haviam passado –, Tom disse que deveriam caminhar sem fazer muito barulho, para poderem escutar os

pingos d'água de uma vertente ou o borbulhar de uma fonte – logo teriam de beber. Daí a pouco, encontraram uma, e Tom disse que era hora de descansarem de novo. Ambos estavam cruelmente cansados, todavia Becky aventurou que poderia caminhar um pouquinho mais.

Ela ficou surpresa, quando Tom discordou. Dessa vez, não conseguiu entender. Os dois sentaram no chão e Tom prendeu sua vela em um nicho da parede que ficava bem à frente deles, usando um pouco de barro. Logo os dois estavam pensando furiosamente e nada disseram por algum tempo. Então, Becky quebrou o silêncio:

– Tom, estou com tanta fome!

Tom tirou alguma coisa de seu bolso.

– Você se lembra disto? – indagou. Becky quase sorriu.

– É o nosso bolo de casamento, Tom.

– Pois é. Eu gostaria que fosse do tamanho de uma barrica, porque é só isso que nós temos.

– Eu separei um pedaço no piquenique para que a gente pudesse sonhar com ele, Tom, do jeito que as pessoas adultas fazem com os seus bolos de casamento – mas vai ser o nosso último...

Ela interrompeu a sentença no lugar em que havia parado. Tom dividiu o bolo e Becky comeu com grande apetite, enquanto Tom somente mordiscava a sua metade. Por sorte, havia

abundância de água fresca para encher o estômago  e encerrar o banquete. Dentro em breve, Becky  sugeriu que eles podiam começar a andar de novo. Tom guardou silêncio por um momento. Então, falou:

– Becky, será que você aguenta uma coisa que eu tenho de lhe dizer?

O rostinho bonito de Becky empalideceu, mas ela disse que achava que podia.

– Bem, então, Becky, acho que devemos ficar por aqui mesmo, onde existe água para beber. Aquele pedacinho ali é a nossa última vela.

Becky recomeçou a chorar e a se lamentar. Tom fez o que podia para confortá-la, mas com muito pouco resultado. Finalmente, Becky disse:

– Tom!

– Que foi, Becky ?

– Eles vão dar falta de nós e nos procurar!

– Sim, eles vão! É claro que vão!

– Pode ser que já estejam nos procurando agora mesmo, Tom!

– Ora, eu calculo que talvez já estejam... Espero que estejam.

– Quando você acha que eles vão sentir a nossa falta, Tom?

– Bem, eu acho que vai ser na hora em que voltarem ao barco.

– Tom, e se estiver escuro a essa hora? Será que eles vão perceber que nós

não estamos junto?

– Eu não sei. De qualquer maneira, sua mãe vai dar falta assim que eles chegarem na aldeia e você não estiver com o resto da turma.

Um olhar assustado no rosto de Becky despertou o menino de sua distração e ele percebeu que havia cometido um erro. Becky não era esperada em casa essa noite! As crianças ficaram silenciosas e pensativas. Depois de um momento, um novo acesso de tristeza de Becky demonstrou a Tom que o pensamento que o estava incomodando tinha entrado também na mente dela – que poderia passar a manhã inteira de domingo, antes que a sra. Thatcher descobrisse que Becky não se achava em casa da sra. Harper. As crianças grudaram os olhos em seu pedacinho de vela e observaram, enquanto ela se derretia lenta e cruelmente, até ficar em nada. Finalmente, só restava pouco mais de um centímetro de pavio meio queimado, sua chama fraca erguia-se e descia, aumentava e diminuía, até que, no que parecia ser um último esforço, levantou-se ao longo da fina coluna de fumaça, permaneceu

no topo por um momento, lançou uma última centelha luminosa e então – reinou o horror da escuridão completa.

Quanto tempo se passou até que Becky percebesse que estava chorando nos braços de Tom, nenhum dos dois era capaz de dizer. Tudo o que sabiam era que, depois do que tinha parecido um imenso intervalo de tempo, os dois se acordaram mais ou menos ao mesmo tempo de um estupor de sono semelhante à morte e retomaram a consciência de sua triste condição. Tom disse que poderia ser domingo agora, ou, talvez, até segunda-feira. Procurou coversar com Becky, mas seu sofrimento era tão intenso que nem conseguia falar, tinha perdido toda a esperança. Tom disse que achava que haviam dado falta deles há muito tempo e que, sem dúvida, a busca já fora iniciada. Ele ia gritar de vez em quando e talvez alguém viesse em busca deles. Experimentou; porém, no meio das trevas, os ecos distantes respondiam de uma forma tão horrível e tão sinistra que ele achou melhor ficar bem quietinho.

As horas passaram, e a fome veio atormentar os cativos novamente. A metade do bolo que tinha ficado para Tom tinha sido guardada de novo em seu bolso; assim, eles dividiram de novo o que restava e comeram. Mas ficaram com a impressão de estarem com mais fome do que antes. Uma porção tão pequena de comida somente despertou-lhes o apetite.

Daí a pouco, Tom falou:

– Escute! Você ouviu isso?

Os dois prenderam a respiração e escutaram. Havia realmente um som, como se fosse o levíssimo eco de um grito distante. Imediatamente, Tom respondeu e, conduzindo Becky pela mão, começou a tatear pelo corredor na direção de onde viera o barulho. Depois, parou para escutar. Novamente ouviu-se o mesmo som, dando a impressão de estar mais perto.

– São eles! – disse Tom. – Estão vindo nos buscar! Venha comigo, Becky, está tudo bem, estamos no caminho certo!

A alegria dos prisioneiros era quase insuportável. Mas seu progresso era lento, mesmo assim, porque havia muitos buracos no chão da vereda e, na escuridão total, era muito difícil evitá-los. Em breve chegaram a uma abertura que parecia uma fenda e tiveram de parar. Poderia ter um metro de fundura,

poderia ter trinta – de qualquer maneira, não havia como atravessá-la no meio das trevas. Tom deitou-se de bruços e estendeu os braços o máximo que podia. Não conseguiu encontrar o fundo. Tinham de permanecer ali e esperar até que chegassem aqueles que os procuravam!... Eles escutaram: os gritos, em vez de se aproximarem, pareciam estar ficando mais distantes! Depois de alguns momentos, nem se escutavam mais... Que tristeza! Tom gritou o mais alto que pôde, até ficar completamente rouco, porém de nada adiantou. Ele tentou

demonstrar esperança para Becky. Mais um século de espera ansiosa foi passando, sem que qualquer som se repetisse.

Silenciosamente, as crianças tatearam o caminho de volta até a fonte. O tempo se arrastava com uma lentidão cansativa. Dormiram de novo e se acordaram esfaimados e abatidos. Tom pensou que a essa altura, já poderia ser terça-feira!

Foi então que teve uma ideia. Havia algumas passagens laterais bem perto dali. Seria melhor explorar algumas delas, mesmo no escuro completo, do que suportar o peso do transcorrer do tempo sem fazer nada. Retirou uma fiada de pandorga de seu bolso, amarrou-a firmemente em uma projeção da rocha e ele e Becky começaram a andar, Tom na frente, desfiando a meada à medida em que avançavam lentamente. Depois de uns vinte passos, a passagem terminou em "um lugar de pular". Tom ajoelhou-se e apalpou com as mãos até onde conseguiu, primeiro para baixo e depois ao redor da abertura, indo o mais distante que podia dos dois lados, estendendo os braços sem sair do lugar. Fez um esforço para se esticar ainda um pouco mais para a direita e, no mesmo instante, a menos de vinte metros de distância, apareceu um braço humano, a mão segurando uma vela, por trás de uma dobra da rocha! Tom ergueu a voz em um grito de glória e instantaneamente o braço foi seguido pelo corpo a que pertencia

– era Injun Joe! Tom ficou paralisado – não conseguia mover um dedo. Ficou tremendamente aliviado quando, no

momento seguinte, o “espanhol” deu nos calcanhares e saiu totalmente de seu campo de visão. Tom ficou imaginando por que Joe não havia reconhecido sua voz e se aproximado para matá-lo por haver testemunhado contra ele no tribunal. Mas os ecos poderiam ter disfarçado a voz. Sem dúvida, tinha sido isso, raciocinou o menino. O susto que Tom havia levado enfraqueceu cada músculo de seu corpo. Disse para si mesmo que, se tivesse força suficiente para tanto, ia voltar para a fonte e ficar lá mesmo, sem que nada  o tentasse a correr o risco de encontrar Injun Joe de novo. Teve o maior cuidado de não contar a Becky o que havia visto. Inventou uma história que só havia gritado “para dar sorte”.

Mas, com o passar do tempo, a fome e a infelicidade superaram os medos. Outra longa e cansativa espera junto à fonte e novo prolongado período de sono causaram a mudança. As crianças se acordaram, torturadas por uma fome de lobo. Tom acreditava que já fosse quarta ou quinta-feira, ou até mesmo sexta ou sábado, e que a busca tivesse sido encerrada. Propôs que explorassem outra passagem. Estava disposto a enfrentar Injun Joe e todos os demais terrores. Mas Becky estava muito fraca. Tinha mergulhado em uma apatia enfadonha e não queria ser despertada dela. Disse que preferia esperar onde estava, até morrer – não ia demorar muito mesmo. Se Tom quisesse, podia pegar o rolo de barbante e

explorar sozinho, mas suplicou-lhe que voltasse de vez em quando para falar com ela, e fez com que ele prometesse que, quando chegasse a hora apavorante, ele ficaria a seu lado, segurando-lhe a mão até que tudo tivesse terminado. Tom beijou-a, sentindo sufocar-se-lhe a garganta, e demonstrou, o mais alegremente que podia, ter confiança de encontrar os exploradores ou então um caminho que lhes permitiria escaparem sozinhos da caverna. Então, prendendo de novo a ponta do fio em uma projeção de rocha, tomou a fiada em sua mão e saiu tateando por uma das muitas passagens, desta vez andando de quatro, esfolando as mãos e os joelhos, atormentado pela fome e perseguido pela ideia de um desfecho melancólico.

[1]. Cachoeira de 47 metros de altura e 900 metros de largura, a mais famosa da América do Norte, no curso do rio do mesmo nome, que separa o Canadá do estado de Nova York, nos Estados Unidos. Por extensão, qualquer torrente caudalosa. (N.T.)

## C A P I T U L O XXXII

Chegou a tarde de terça-feira e foi se escoando até o crepúsculo. A aldeia de St. Petersburg ainda estava de luto. As crianças perdidas não haviam sido encontradas. Foram organizadas orações públicas em seu favor e muitas preces particulares também subiram aos céus, vindas do fundo dos corações dos crentes que as ofereciam; porém, mesmo assim, nenhuma boa notícia veio das cavernas. A maioria dos homens tinha desistido da busca e retornado para suas tarefas diárias, dizendo não terem a menor dúvida de que aquelas crianças não seriam encontradas nunca mais. A sra. Thatcher estava muito doente e passava delirando a maior parte do tempo. As pessoas que escutavam diziam que era de partir o coração a maneira como ela chamava pela menina perdida, erguendo a cabeça e escutando às vezes por um minuto inteiro, para depois deixá-la cair novamente sobre o travesseiro com um gemido. Tia Polly tinha caído em uma séria melancolia, e seus cabelos grisalhos tinham se tornado quase brancos. Na noite de terça-feira, a aldeia inteira foi dormir cheia de tristeza e desamparo.

Mas pela metade da noite, um violento dobre de sinos explodiu do campanário da igrejinha e, em um momento, as ruas estavam cheias de pessoas semivestidas, que gritavam freneticamente: “Venham todos! Venham todos! Eles foram encontrados! Eles foram encontrados!” Panelas de estanho e

cornetas foram acrescentadas ao pandemônio, a população inteira comprimiu-se nas ruas e marchou em direção ao rio, encontrando as crianças dentro de uma carruagem aberta, puxada pelos próprios cidadãos, que davam gritos de alegria e de triunfo. As pessoas se amontoaram ao redor do veículo, acompanharam-no em sua marcha para o centro da cidadezinha e desfilaram magnificamente pela rua principal, explodindo em vivas e mais vivas que pareciam rugidos.

A aldeia foi iluminada, ninguém mais voltou para a cama. Foi a noite mais importante que a aldeia já havia conhecido. Durante a primeira meia hora, uma procissão de aldeões sucedeu-se através das salas da casa do juiz Thatcher, agarrando as crianças que haviam sido salvas, cobrindo-as de beijos, segurando as mãos da sra. Thatcher, e balbuciando, porque não conseguiam falar direito, de tanta emoção. Depois saíam novamente às ruas, cobrindo as calçadas de lágrimas.

A felicidade de tia Polly era completa e a da sra. Thatcher quase era também. Só ficaria completa quando os mensageiros despachados de volta à caverna com a grande notícia transmitissem as boas novas para seu marido e este retornasse.

Tom ficou deitado em um sofá com um auditório ansioso ao seu redor, enquanto contava a história da maravilhosa aventura, acrescentando uma porção de detalhes magníficos a fim de embelezá-la ainda mais. Encerrou o relato com a descrição de como ele havia deixado Becky e partido em uma

expedição exploratória; como havia encontrado e seguido por duas avenidas, até o limite da linha da fiada de sua pandorga e fora obrigado a retornar; como ele seguira uma terceira, novamente até o alcance final de seu barbante, e como estava a ponto de abandonar esta também, quando avistou um ponto de luz a distância, que lhe

pareceu a luz do dia; e como largara o cordão e avançara às apalpadelas em direção à luzinha, até que conseguiu enfiar a cabeça e os ombros por uma pequena abertura e avistou as águas tranquilas do rio Mississippi bem à sua frente! E que se fosse de noite, ele não teria visto aquele ponto de luz e não teria explorado a passagem salvadora! Ele contou também como retornara até o local em que Becky jazia e lhe contara a boa notícia; então a menina pediu que não a incomodasse com bobagens, porque ela estava cansada, sabia que ia morrer e até queria. Ele descreveu a maneira como insistiu com ela até convencê-la e como a menina quase morrera de alegria depois de ter tateado no escuro até que realmente pudera contemplar o ponto de luz azul; como ele se arrastou através da abertura e depois ajudou-a a passar também; como os dois ficaram sentados do lado de fora, chorando de alegria, até que alguns homens passaram dentro de um barquinho, e como Tom os chamara e lhes contara sobre a situação em que se encontravam e como eles estavam famintos; como os homens não queriam

acreditar em sua estranha história no começo, “porque” – disseram eles – “vocês estão quase dez quilômetros rio abaixo além do vale em que fica a caverna”; então colocaram os dois no barco e remaram até uma casa, onde lhes deram de comer e os fizeram descansar até umas duas ou três horas depois do pôr do sol e, finalmente, os trouxeram para casa.

Antes da aurora, o juiz Thatcher e o punhado de homens que ainda estavam na busca foram localizados dentro da caverna, através do barbante que haviam desenrolado para não se perderem e foram informados da boa notícia.

Três dias e três noites de fome e miséria dentro da caverna não seriam afastados assim tão facilmente, como Tom e Becky logo descobriram. Eles ficaram de cama toda a quarta e toda a quinta-feira; e tinham a impressão de que ficavam cada vez mais cansados em vez de se recobrarem. Tom levantou-se um pouco na quinta-feira, foi passear no centro na sexta e já estava plenamente recuperado no sábado; porém Becky não saiu do quarto até chegar o domingo e, mesmo então, parecia estar apenas se recuperando de uma doença muito grave.

Tom ficou sabendo da doença de Huck e foi visitá-lo na sexta-feira, mas não deixaram que entrasse no quarto. Também não permitiram seu ingresso no sábado ou no domingo. Depois disso, concordaram que ele fizesse uma visitinha por dia, mas foi advertido severamente para não falar a respeito de suas aventuras nem introduzir qualquer outro assunto que excitasse o doente. A viúva Douglas permanecia no quarto, para ter

certeza de que ele obedeceria. Foi em sua própria casa que Tom ficou sabendo dos eventos transcorridos na Colina de Cardiff; e também que o corpo do homem esfarrapado tinha acabado de ser encontrado flutuando no rio, perto do ancoradouro das balsas; talvez ele tivesse se afogado enquanto tentava fugir.

Mais ou menos quinze dias depois do resgate de Tom, ele saiu um dia para visitar Huck, que agora já estava bastante recuperado e forte o suficiente para conversas mais excitantes. Tom tinha umas quantas notícias que certamente iam despertar o seu interesse, ou pelo menos era o que ele pensava. Como a casa do juiz Thatcher ficava no caminho, ele parou para visitar Becky. O juiz e alguns amigos puxaram conversa com Tom e um deles indagou ironicamente se ele pretendia visitar a caverna de novo. Tom respondeu que sim, na sua opinião era

um lugar muito bonito e gostaria mesmo de ir visitá-la mais algumas vezes.

O juiz disse:

– Bem, existem outras pessoas como você, Tom, não tenho a menor dúvida. Mas nós tomamos uma providência a respeito disso. Ninguém mais vai se perder naquela caverna.

– Por quê?

– Porque eu mandei trancar o portão da frente e recobri-lo com um outro portão de ferro fundido, da grossura de ferro de caldeira, e ainda colocar três cadeados muito fortes, para que ninguém conseguisse abri-los; e as chaves ficaram comigo.

Tom ficou branco como um lençol.

– Qual é o problema com você, menino? Depressa! Alguém traga um copo de água!

A água foi trazida e jogada no rosto de Tom.

– Bem, você parece estar melhor agora. Qual foi o problema, Tom, por que se assustou tanto?

– Ah, juiz, Injun Joe está dentro da caverna!

## C A P I T U L O XXXIV

Dentro de poucos minutos, a notícia já se havia espalhado e uma dúzia de botes carregados de homens estava a caminho da Caverna de McDougal, enquanto a balsa, atopetada de passageiros, logo foi em seu encalço. Tom Sawy er estava no mesmo bote que levava o juiz Thatcher. Quando a porta da caverna foi destrancada, uma visão lamentável se apresentou aos espectadores no lusco-fusco sombrio da entrada. Injun Joe jazia morto, esticado no chão, com o rosto encostado na fresta da porta, como se sua vista ansiosa estivesse fixa até o derradeiro momento sobre a luz e a alegria da liberdade do mundo exterior. Tom ficou comovido, porque sabia, por sua própria experiência, como o desgraçado havia sofrido. Sua piedade foi despertada, mas não obstante, sentiu um grande alívio e experimentou uma sensação de segurança. Somente agora conseguia avaliar completamente a imensidão da carga de horror que tinha pesado sobre ele desde o dia em que tinha erguido a voz no tribunal contra o proscrito sanguinário.

A faca de caça de Injun Joe jazia próxima ao cadáver, sua lâmina partida em duas. A grande trave que formava a soleira da porta tinha sido picada e talhada laboriosamente a uma profundidade que revelava o tremendo esforço despendido na tarefa monótona, pois o infeliz conseguira desgastar a madeira de um lado ao outro; trabalho, aliás, completamente inútil, porque quando haviam construído a porta, tinham deixado

uma barreira horizontal na rocha nativa que formava uma espécie de degrau por fora do marco de madeira, e sobre este material resistente, a faca só tivera o efeito de fazer alguns arranhões e retirar algumas lascas: todo o dano fora causado à própria faca. E se não houvesse aquela obstrução de pedra, mesmo assim o esforço teria sido inútil, porque ainda que a trave tivesse sido inteira e pacientemente cortada, jamais Injun Joe teria conseguido arrastar seu corpo sob a porta e sabia muito bem disso. Assim, ele tinha perfurado lasca após lasca aquele grosso barrote de madeira somente para fazer alguma coisa – para passar o longo tempo de espera – a fim de empregar de alguma forma seus músculos e mente torturados. Ordinariamente, era possível encontrar meia dúzia de pedaços de vela presos entre os escaninhos das paredes do vestíbulo, ali deixados pelos turistas. Mas desta vez, não havia nada. O prisioneiro tinha procurado todos os restos de vela para comer! Ele também tinha conseguido capturar alguns morcegos, que comera crus, deixando somente os dedos, o pobre coitado tinha morrido de fome. Em um lugar próximo à entrada, uma estalagmite vinha crescendo lentamente desde o solo da caverna, erguendo- se milímetro após milímetro durante séculos, construída pelos pingos d'água que caíam de uma estalactite que descia do teto. O cativo tinha quebrado a ponta desta estalagmite e, sobre o toco, colocara uma pedra na qual escavara um côncavo de pouca profundidade, a fim de apanhar a preciosa gota d'água que caía uma vez a cada vinte minutos, com a regularidade monótona de um relógio

– no total, uma colher de sobremesa a cada vinte e quatro horas. Aquela gota já

caía quando as Pirâmides do Egito eram uma construção recente;[1] quando Troia foi tomada pelos gregos; quando foram lançados os alicerces de Roma;

quando Cristo foi crucificado; quando o Conquistador deu origem ao Império Britânico; quando Colombo se pôs ao mar; quando o massacre de Lexington era ainda uma notícia, em vez de um detalhe histórico. A mesma gota está caindo até hoje; e ainda estará caindo, com a mesma tediosa precisão, quando todos estes marcos históricos tiverem afundado no crepúsculo da história e na obscuridade da tradição, engolidos finalmente pela espessa noite do esquecimento. Será que realmente todas as coisas têm um propósito e uma missão a cumprir? Teria esta gota caído pacientemente durante cinco mil anos a fim de estar preparada para a necessidade transitória deste inseto humano, ou terá ainda algum objetivo significativo a atingir dentro de dez mil anos? Bem, isto já não mais importa. São tantos os anos que se passaram desde que o infeliz mestiço escavou a pedra para apanhar aquelas gotas de valor incalculável... Mesmo assim, até hoje, os turistas que visitam as maravilhas da Caverna de McDougal contemplam por longo tempo esta pedra tão evocativa e a água que pinga lentamente sobre ela. A “Taça de Injun Joe” foi colocada em primeiro lugar na lista das maravilhas da caverna, e até

mesmo “O Palácio de Aladim” não consegue rivalizar com ela em fama.

Injun Joe foi enterrado próximo à boca da caverna; e muitas pessoas se reuniram lá, vindas de bote e de carroça desde a cidadezinha e de todas as granjas e vilarejos circunvizinhos até uma distância de doze quilômetros.

Traziam os filhos e todo tipo de provisões, e depois confessaram que tinham se divertido quase tanto no funeral quanto poderiam ter se divertido no enforcamento.

Este funeral impediu o crescimento posterior de um certo negócio – uma petição ao Governador do Estado pelo perdão de Injun Joe. A petição tinha angariado grande número de assinaturas; muitas reuniões eloquentes e lacrimosas tinham sido organizadas e uma comissão de mulheres mais fúteis do que tolas tinha nomeado a si próprias para colocar luto completo e ir gemer nos ouvidos do governador, a fim de implorar-lhe que fosse um idiota misericordioso e pisoteasse o cumprimento de seu dever. Segundo se acreditava, Injun Joe havia matado cinco dos cidadãos da aldeia, mas e daí? Mesmo que ele tivesse sido o próprio Satanás, sempre teria havido uma quantidade suficiente de corações moles para garatujar seus nomes em uma petição de perdão e derramar uma gota ou duas de seus canais lacrimais permanentemente defeituosos e gotejantes.

Na manhã que se seguiu ao funeral, Tom levou Huck a um lugar onde não poderiam ser escutados, para terem uma importante conversa. Huck já tinha ouvido tudo a respeito das aventuras de Tom dos lábios do galês e da viúva Douglas, mas Tom disse achar que pelo menos uma coisa eles não lhe haviam contado; era sobre isto que ele queria conversar agora. O rosto de Huck entristeceu-se e ele disse:

– Eu já sei. Você entrou no quarto Número Dois e não encontrou nada lá, senão uísque. Ninguém me contou que tivesse sido você, mas eu sabia que tinha de ser você, assim que ouvi falar na história do uísque; e eu sabia tamém que você não tinha encontrado o dinhero, pruquê você teria dado um jeito de me encontrar, fosse como fosse, e me contar sobre isso, mermo que você não contasse pra mais ninguém. Tom, arguma coisa me disse que nóis nunca ia poder agarrar aquela grana.

– Mas, Huck, não fui eu. Eu nunca denunciei o dono da pensão. Você sabe que não tinham descoberto nada na hospedaria até o sábado em que eu fui ao piquenique. Você não se lembra que tinha de ficar vigiando naquela noite?

– Ah, sim! Ora, me parece que já passou quase um ano. Foi naquela merma noite que eu fui detrás de Injun Joe até a casa da viúva.

– Você o seguiu?

– Pois segui. Mas você fique quieto e não diga nada. Eu carculo que Injun Joe tinha amigos que ficavam junto com ele. Eu não quero que ninhum desses venha atráis de mim pra me fazer umas marvadezas. Se não tivesse sido por minha causa, a essa artura ele já tava no Texas, craro que sim!

Foi então que Huck contou toda a sua aventura a Tom, na mais estrita confiança, pois este só havia escutado a parte narrada anteriormente pelo galês.

– Bem – disse Huck, retornando ao assunto principal –, seja lá quem for que descobriu o uísque no Número Dois, tamém descobriu o dinhero. Carculo que pra nóis já se perdeu de um tudo, Tom.

– Huck, aquele dinheiro nunca esteve no quarto Número Dois!

– O quê? – Huck examinou atentamente o rosto de seu camarada. – Tom, por acaso você pegou o rastro daquele dinheiro de novo?

– Huck, está dentro da caverna!

Os olhos de Huck reluziram como duas brasas.

– Diga de novo, Tom!

– O dinheiro está dentro da caverna!

– Tom – por favor, seja honesto comigo –, está brincando ou é pra valer?

– Estou falando sério, Huck. Nunca falei mais sério em minha vida. Você vai lá comigo, para me ajudar a trazer?

– Com certeza! Quer dizer, eu vou, se estiver em um lugar em que a gente possa pegar ele sem se perder lá dentro!

– Huck, nós podemos pegar o dinheiro sem a menor dificuldade neste mundo!

– Mas isso é ótimo! Por que você pensa que o dinhero...

– Huck, espere só até que a gente esteja lá. Se nós não acharmos, eu prometo que dou a você meu tambor e tudo o mais que eu tiver nesse mundo. Ah, dou mesmo, palavra!

– Tudo bem, vamo logo. Quer dizer, quando você quer ir?

– Agora mesmo, se você estiver de acordo. Já está forte o suficiente?

– É muito longe na caverna? Eu tou usando as minhas vareta faiz uns três ou quatro dia e já estou andando muito bem, inté, mas acho que não posso caminhar mais de um quilômetro, um quilômetro e meio de cada veiz, Tom. No mínimo é o que eu penso.

– Olha, fica mais ou menos há uns oito quilômetros a partir da entrada, pelo menos do jeito que todo mundo iria. Só que eu vou diferente, Huck. Existe um atalho muito bom que ninguém conhece, exceto eu. Huck, eu levo você até lá de barco, eu mesmo vou remando. Quer dizer, na ida, o barco vai pela

corrente mesmo, nem precisa remar; mas na volta, eu venho remando sozinho. Você nem precisa me dar uma mão.

– Então vamo começar agora mermo, Tom.

– Tudo bem. Vamos precisar de um pouco de pão e de carne, nossos cachimbos, um saco ou dois dos pequenos, duas ou três fiadas de pandorga e algumas dessas coisas novas que eles chamam de fósforos. Vou lhe contar, uma porção de vezes eu desejei ter alguns desses no meu bolso, quando fiquei preso lá dentro.

Um pouco depois do meio-dia, os meninos tomaram emprestado um barquinho de um cidadão que se achava ausente na ocasião, e de imediato puseram-se a derivar com a corrente. Quando eles estavam diversos quilômetros além do "Fundão da Caverna", Tom disse:

– Agora você vê que esta ribanceira aqui parece completamente igual desde a clareira em que fica a caverna. Não há casas nem serrarias, os arbustos são todos iguais. Mas você está vendo aquela mancha branca lá adiante, onde houve um desmoronamento de terra? Ora, pois esta é uma das minhas marcas. Vamos para a margem agora.

Eles desembarcaram.

– Agora, Huck, deste lugar em que nós estamos parados, você pode tocar no buraco por onde eu saí, basta esticar uma vara de pescar. Veja se consegue encontrá-lo.

Huck examinou todas as cercanias, mas não conseguiu achar nada. Tom orgulhosamente marchou até uma touceira grossa de arbustos de sumagre e disse:

– Olhe só aqui! Olhe bem, Huck, é o buraco mais seguro deste país. Mas você simplesmente fique de boca fechada e não conte nada a ninguém sobre ele. Toda a vida eu quis ser salteador, mas eu sabia que precisava de um esconderijo como este, um lugar muito difícil de ser encontrado, ainda mais por acaso. Agora que nós temos, vamos guardar absoluto segredo, só vamos contar a Joe Harper e a Ben Rogers onde é que fica. Porque, naturalmente, eu não posso ser salteador sozinho, preciso de um bando, se não, qual é a graça? O Bando de Tom Sawy er – parece esplêndido, não é, Huck?

– Pois é, parece que é, Tom. Mas quem é que nós vamo roubar?

– Ah, nós vamos roubar praticamente de todo mundo. Vamos assaltar pessoas nas estradas. É assim que fica mais bacana. Ser salteadores de estrada tem mais estilo.

– E vamo matar todo mundo.

– Não! Pelo menos, não vamos matar sempre. Vamos escondê-los na caverna, até que eles peçam um resgate!

– E o que é um resgate?

– Dinheiro. Você prende as pessoas e aí elas escrevem pedindo para juntar todo o dinheiro que puderem com os amigos delas. E se a gente ficar com eles por mais de um ano e não pagarem o resgate, aí, sim, a gente mata. Essa é a maneira mais comum. Só que a gente não mata as mulheres. A gente prende as mulheres, mas nunca mata. Elas são sempre lindas e ricas e estão sempre tremendamente assustadas. A gente pode tirar os relógios e as joias e outras coisas delas, mas sempre se tira o chapéu e se fala com toda a educação com elas. Os salteadores são as pessoas mais bem-educadas que existem, você sabe, é o que diz em todos os livros. Bem, as mulheres sempre acabam se apaixonando

por você e depois que ficam na caverna por uma ou duas semanas, elas param de chorar, e depois disso, elas não vão embora nem à força. Mesmo que você as expulse, elas voltam na mesma hora e dão um jeito de entrar de novo. É como está em todos os livros.

– Ora, mas isso é o máximo, Tom! Eu inté acho que é mais melhó que ser pirata!

– Sim, de certa maneira, é mesmo melhor, porque a gente fica mais perto de casa e pode ir aos circos e todas essas coisas.

A essa altura, tudo estava preparado e os dois meninos entraram no buraco. Tom ia à frente, Huck mais atrás. Eles foram caminhando até o lugar em que se abria o túnel, então amarraram bem firme um dos barbantes de pandorga e seguiram em frente. Depois de alguns passos, chegaram até a fonte e Tom sentiu um calafrio percorrê-lo da cabeça aos pés. Ele mostrou a Huck os fragmentos de pavio de vela ainda firmes em um pedaço de barro colocado em um escaninho da parede rochosa e descreveu-lhe como Becky e ele próprio tinham ficado olhando para a pequena chama enquanto esta lutava até se apagar.

Agora, os meninos começaram a falar em sussurros, porque a quietude e obscuridade do lugar oprimiam-lhes os espíritos. Eles seguiram caminhando em frente e, no devido tempo, entraram e seguiram pelo outro corredor de Tom, até que atingiram o "lugar de pular". As velas revelaram o fato de que não era realmente um precipício, mas apenas uma ladeira íngreme de argila, com uns oito ou dez metros de altura. Tom murmurou:

– É agora que eu vou lhe mostrar uma coisa, Huck. Ele levantou sua vela bem alto e disse:

– Olhe o mais longe que puder além daquela curva do caminho. Está vendo aquilo? Lá adiante, naquela rocha grande que está lá no fim. Desenhado com fuligem de vela.

– Tom, é uma cruiz!

– Agora, me diga. Onde é que ficava o Número Dois? “Embaixo da cruz”, não era? E foi justamente ali que eu vi Injun Joe carregando uma vela, Huck!

Huck ficou contemplando o sinal místico por algum tempo; e então disse, com a voz trêmula:

– Tom, vamo dar o fora daqui já, já!

– O quê? E deixar o tesouro?

– Sim, deixa aí mermo. O fantasma de Injun Joe tem de andar por aqui, craro que anda!

– Não, não anda por aqui, coisa nenhuma, Huck. O fantasma dele teria de assombrar o lugar em que ele morreu, lá longe na boca da caverna, a uns oito quilômetros daqui.

– Não, Tom, não tinha, não. O esprito dele ia se pendurar ao redor do dinhero. Eu sei como é que os espritos fazem com dinhero. E você sabe tamém, tão bem que nem eu!

Tom começou a temer que Huck tivesse razão. Certas dúvidas começaram a se reunir em sua mente. Mas logo a seguir, ocorreu-lhe uma ideia:

– Olhe aqui, Huck, nós dois estamos fazendo papel de bobos! O fantasma de Injun Joe não pode chegar perto daqui, porque, bem lá na parede, existe uma

cruz!

O argumento teve seu efeito. Huck ficou convencido.

– Puxa, Tom, eu não tinha nunca pensado nisso!... Mas é craro que é isso

mermo. É sorte nossa, essa cruz que botaro ali. Carculo que podemo chegar até lá e percurar a tar de caixa.

Tom foi na frente, cortando degraus grosseiros na argila, à medida que descia. Huck desceu junto a seus calcanhares. Quatro avenidas se abriam junto à pequena caverna em cujo centro estava a grande rocha. Os meninos examinaram três delas e tiveram de retornar sem resultados. Mas encontraram um pequeno nicho no quarto corredor, justamente o que se abria mais perto da base da rocha, com um catre desengonçado, sobre o qual estava amontoada uma pequena pilha de cobertores. Acharam também um par de suspensórios velhos, algumas cascas de toucinho e ossos muito bem roídos de duas ou três aves. Mas não acharam nenhuma caixa com dinheiro. Os rapazes procuraram, pesquisaram e reviraram o lugar, sem resultado algum. Tom disse:

– Ele disse que ficava embaixo da cruz. Ora, este é justamente o lugar que fica mais embaixo da cruz. Não pode estar enterrada embaixo dessa pedra grande. É sólida demais,

dura demais, está meio enterrada no chão. Não há lugar para um esconderijo.

Examinaram tudo mais uma vez e depois, sentaram-se no chão, desencorajados. Huck não conseguia sugerir nada. Mas daí a pouco, Tom falou:

– Olhe aqui, Huck: há pegadas e um pouco de sebo de vela sobre o barro de um dos lados desta rocha, mas dos outros lados, não há nada. Agora me explique: por que é assim? Aposto que o dinheiro está embaixo da pedra. Eu vou cavoucar nessa argila.

– Não é uma má ideia, Tom! – disse Huck, muito animado.

O "legítimo canivete Barlow" de Tom saiu imediatamente de seu bolso; ele não tinha cavado mais que dez centímetros quando bateu em madeira.

– Huck! Huck! Você escutou isso?

Huck começou a cavar com as mãos. Logo foram descobertas e removidas algumas tábuas, estas estavam escondendo uma cova natural que se estendia para baixo da rocha. Tom entrou dentro dela e esticou o braço com a vela o mais distante que pôde, e então disse que era um buraco muito grande e não conseguia ver até o fundo da fenda. Decidiu explorá-la. Encurvou-se e passou por baixo da rocha. O caminho estreito descia gradualmente. Ele foi seguindo a senda tortuosa, primeiro para a direita, depois para a esquerda, com Huck logo

atrás dele. Em breve, a aleia fazia uma curva fechada. Tom dobrou-a e exclamou:

– Meu Deus do Céu, Huck, olhe aqui!

Era a caixa do tesouro, sem a menor dúvida, ocupando uma pequena abertura lateral, juntamente com uma barrica de pólvora vazia, dois revólveres dentro de coldres de couro, dois ou três pares de mocassins velhos, um cinto de couro e mais uma meia dúzia de artigos sem valor, empapados pela água que brotava das paredes.

– Até que enfim, conseguimo! – exclamou Huck, enfiando as mãos por entre as moedas um tanto azinhavradas. – Meu Deus, nóis temo rico, Tom!

– Huck, eu sempre soube que nós íamos encontrar o tesouro. É quase bom demais para se acreditar, mas nós acabamos conseguindo, graças a Deus! Mas escute só, não vamos ficar de bobeira por aqui, vamos tirar tudo isso e levar para fora. Deixe ver se eu consigo levantar a caixa.

Devia pesar uns vinte quilos. Tom conseguia levantá-la, mas de uma maneira bastante desajeitada; e não poderia carregá-la confortavelmente.

– Foi o que eu achei – disse ele. – Aquele dia, na casa mal-assombrada, quando eles saíram com esta caixa, vi que

estavam  carregando uma coisa pesada. Percebi muito bem. Eu tinha toda a razão em trazer aquelas duas bolsas.

Logo o dinheiro estava dentro dos dois sacos e os meninos carregaram para fora da lapa, colocando-os aos pés da grande rocha.

– Agora, vamo pegar os revólver e as outras coisa – sugeriu Huck.

– Não, Huck, deixe eles onde estão. São justamente as coisas de que vamos precisar quando virarmos salteadores. Vamos guardar tudo ali mesmo e usar o lugar para fazer umas orgias, também. É o lugar perfeito para umas orgias.

– E o que são orgias?

– Ah, não sei. Mas os salteadores sempre fazem orgias e é claro que nosso bando também vai ter de fazer algumas.[2] Vamos embora, Huck, já estamos aqui dentro há bastante tempo. Está ficando tarde, acho eu. Estou com fome, também. Vamos comer e fumar quando chegarmos ao bote.

Em breve, eles emergiram da touceira de arbustos de sumagre, olharam muito cautelosamente ao redor, viram que “não havia mouros na costa” e desceram em seguida para o barquinho, onde fizeram um lanche e deram umas baforadas. Enquanto o sol se afundava em direção ao horizonte, eles empurraram a embarcação para o fluxo do rio e puseram-se a remar contra a corrente. Tom foi conduzindo o bote junto à margem, onde a correnteza era menos forte, através do longo crepúsculo de

verão, tagarelando alegremente com Huck, até que desembarcaram um pouco depois de escurecer.

– Bem, Huck – determinou Tom –, vamos esconder o dinheiro no sótão do galpão de lenha da viúva Douglas e voltamos de manhã para contar as moedas e dividir. Depois nós encontramos um lugar na floresta para esconder tudo, um lugar bem seguro, que ninguém mais possa achar. Fique quieto aqui tomando conta do botim, enquanto eu corro para pegar a carrocinha de Benny Tay lor. Não vou demorar mais que um minuto.

Ele desapareceu e em breve retornou com a carrocinha, colocou os dois sacos de moedas dentro, jogou uns trapos velhos por cima, para não chamar a atenção de ninguém, e iniciou a jornada, puxando a pequena carroça pelo varal. Quando os meninos chegaram à altura da casa do galês, pararam para descansar. No momento em que iam recomeçar a avançada, o galês saiu de casa e falou:

– Alô! Quem são vocês?

– Huck e Tom Sawy er.

– Que bom! Venham comigo, meninos, todo mundo está esperando por vocês. Vamos, apurem, vão na minha frente! Deixem que eu levo a carroça. Ué, mas como está pesada! Pensei que a carga fosse bem mais leve. O que é que vocês colocaram aí dentro? Tijolos ou metal velho?

– Metal velho – retorquiu Tom prontamente e sem mentir.

– Achei que fosse. Os meninos desta cidade têm mais trabalho e perdem muito mais tempo catando uns pedaços de ferro-velho para vender na fundição por seis centavos do que teriam em um trabalho regular, no qual iam ganhar o dobro do dinheiro. Mas essa é a natureza humana. Andem longo, apurem!

Os meninos quiseram saber o porquê de tanta pressa.

– Não se preocupem: vocês vão ficar sabendo quando chegarmos à casa da viúva Douglas.

Huck falou com uma certa apreensão, porque toda a vida, desde que se lembrava, vinha sendo acusado falsamente pelas pessoas do lugarejo:

– Sr. Jones, nóis não fizemo nada de errado! O galês soltou uma gargalhada.

– Bem, eu não sei, Huck, meu menino. Eu realmente não sei. Você e a viúva Douglas não são bons amigos?

– Semo, sim. Quer dizer, de quarquera jeito, ela foi muito amiga comigo.

– Tudo bem, então. Por que você está com medo?

A resposta para esta questão não chegou a ser completamente elaborada pela mente lenta de Huck antes que ele fosse empurrado, juntamente com Tom, para a sala de visitas da sra. Douglas. O sr. Jones deixou a carrocinha junto à porta e entrou depois deles.

O lugar estava esplendidamente iluminado e todas as pessoas de uma certa importância na aldeia se haviam reunido lá. Estavam os Thatchers, os Harpers, os Rogers, tia Polly, Sid e Mary, o Ministro, reverendo sr. Sprague, o editor do jornaleco da cidadezinha e muito mais pessoas, todos usando suas melhores roupas. A viúva Douglas recebeu os meninos com a maior cordialidade possível, no caso de duas criaturas com o aspecto que eles apresentavam. Estavam cobertos de barro e sebo de vela. Tia Polly ficou vermelha de humilhação, franziu a testa para Tom e sacudiu a cabeça reprovadoramente. Ninguém sofria mais que os dois meninos, no entanto. O sr. Jones explicou:

– Tom ainda não estava em casa, e então eu já tinha desistido de encontrá- lo. Mas quase tropecei nele e Huck bem na soleira de minha porta e, assim, fui trazendo os dois bem depressa.

– E fez muito bem – disse a viúva Douglas. – Venham comigo, meninos. Ela os levou até um quarto e disse:

– Agora se lavem e se vistam. Em cima da cama, há dois trajes completos, novinhos em folha. Camisas, meias, tudo. Essas roupas foram feitas para Huck. Não, não me agradeça, Huck, o sr. Jones comprou um conjunto e eu mandei fazer o outro. Mas vão servir em vocês dois. Vistam-se logo. Vamos esperar por vocês. Desçam assim que estiverem bem-arrumados.

Então, ela saiu do quarto.

[1]. Calcula-se em geral que as Pirâmides do Egito foram construídas por volta de 3.500 a 3.000 anos antes de nossa era, mas estas datas são muito discutidas. (N.T.)

## C A P I T U L O XXXV

Depois que ela saiu, Huck falou:

– Tom, nóis pode fugir pela janela se a gente achar uma corda. A janela não fica muito arta do chão.

– Ora essa! E para que você quer fugir?

– Bem, eu não estou acostumado a andar no meio de tanta gente. Eu nem consigo. Eu não vou descer lá pra baixo, Tom, não vou mermo.

– Ora, que besteira! Não é nada de mais. Eu não me importo nem um pouquinho. Deixe que eu tomo conta de você.

Sid apareceu na porta.

– Tom – disse ele –, a titia esperou por você toda a tarde. Mary preparou suas roupas da Escola Dominical e todo mundo estava muito preocupado por sua causa. Essas manchas em suas roupas não são de barro e graxa?

– Escute, sr. Siddy, cuide de seus próprios assuntos e nos deixe em paz. Que confusão toda é essa, afinal de contas?

– É uma das festas da viúva Douglas, dessas que ela está sempre oferecendo. Desta vez, os convidados de honra são o galês e os filhos dele, por causa daquela confusão da outra noite, em que eles a livraram de um perigo. Sabe de um troço? Eu posso lhe contar uma coisa, se quiser saber.

– Bem, o que é?

– Ora, o velho sr. Jones (o verdadeiro nome do galês) vai tentar fazer uma surpresa para todo mundo que está reunido aqui esta noite, mas eu escutei enquanto ele contava para a titia. É um segredo, mas eu calculo que agora não é mais um grande segredo. Todo mundo sabe. A viúva Douglas sabe também, se bem que esteja fazendo força para fingir que não sabe. Ah, e o sr. Jones fazia questão de que Huck estivesse aqui. Não podia contar o seu grande segredo sem Huck estar presente, vocês sabem?

– Que segredo é esse, Sid?

– É sobre o que Huck fez, seguir os ladrões até a casa da viúva Douglas. Eu acho que o sr. Jones pretendia se divertir à grande com a surpresa que ia dar, mas aposto que vai ficar desapontado.

Sid deu uma risadinha, mostrando-se muito contente e satisfeito.

– Sid, foi você que contou?

– Ora, não tem importância quem tenha sido. Alguém contou e pronto, todo mundo já sabe!

– Sid, só existe uma pessoa nesta cidade inteira mesquinha o bastante para fazer isso, e essa pessoa é você. Se você estivesse no lugar de Huck, teria fugido de volta para a cidade e nunca teria avisado a ninguém sobre os bandidos. Você só

sabe fazer mesmo essas coisas mesquinhas e não pode suportar quando alguém é louvado por fazer coisas boas. Pronto, não precisa me agradecer, como disse a viúva! – disse Tom, dando um puxão nas orelhas de Sid e ajudando-o a sair do quarto com meia dúzia de pontapés. – Agora vá contar para a titia, se tiver coragem. Amanhã nós acertamos as contas!

Alguns minutos mais tarde, os convivas da viúva Douglas estavam

assentados à mesa de jantar e uma dúzia de crianças tinha sido colocada ao redor de mesinhas distribuídas ao longo das paredes da mesma sala, conforme era moda naquela época e naquela região. No devido tempo, o sr. Jones fez o seu pequeno discurso, em que agradeceu à viúva pela honra que estava prestando a ele e a seus filhos, acrescentando que havia outra pessoa cuja modéstia...

E prosseguiu na mesma veia e no mesmo tom por vários minutos. No meio do discurso, revelou seu segredo a respeito da participação de Huck na aventura, descrevendo-a da forma mais dramática de que era capaz. Porém a surpresa que causou foi em grande parte fingida e não tão clamorosa e efusiva como poderia ter sido sob circunstâncias mais felizes. Todavia, a viúva Douglas fez uma bela exibição de espanto e amontoou tantos cumprimentos e tanta gratidão sobre o pobre Huck, que este meio que esqueceu o desconforto quase

intolerável de se  ter tornado o alvo dos olhares e louvores de todos.

A viúva Douglas declarou que pretendia dar um lar a Huck sob seu próprio teto e promover a sua educação; e, assim que pudesse reunir o dinheiro, iria ajudá-lo a montar o seu próprio negócio, mesmo que fosse a princípio modesto. Tinha chegado a oportunidade de Tom. Ele foi logo declarando:

– Huck não precisa disso. Huck está rico!

Somente o fato de que os presentes eram todos pessoas muito bem- educadas impediu que estourassem em uma gargalhada, diante do que lhes parecia um gracejo inocente. O resultado foi um longo e desconfortável silêncio. Novamente Tom quebrou o gelo:

– Não, é verdade, Huck tem dinheiro. Talvez vocês não acreditem nisso, mas ele tem pilhas de dinheiro. Não precisam ficar sorrindo para não rir da minha cara. Acho melhor provar o que estou dizendo. Esperem só um minuto.

Tom correu para fora da sala. Os convidados ficaram olhando uns para os outros, tão interessados quanto perplexos, e depois lançaram as vistas para Huck, cuja língua estava perfeitamente amarrada.

– Sid, qual é o problema de Tom? – indagou tia Polly. – Ele... ora, eu nunca consigo entender esse menino... Eu nunca...

Tom retornou à sala, lutando com o peso dos sacos, e tia Polly não conseguiu completar a sentença. Tom despejou a massa de moedas de ouro sobre a mesa e disse:

– Pronto! O que foi que eu disse? Metade é de Huck e metade é minha!

O espetáculo fez com que todos prendessem a respiração. Ficaram fitando as moedas com os olhos esbugalhados e ninguém conseguiu falar durante um minuto. Então houve uma balbúrdia e a exigência geral por uma explicação. Tom disse que podia explicar tudo perfeitamente e contou a história em todos os detalhes. O relato era longo, mas cheio de interesse. Quase não houve a menor interrupção de qualquer um dos ouvintes para quebrar o encanto da novela.

Quando ele terminou, o sr. Jones falou:

– Eu pensei que tinha arranjado uma bela surpresa para esta ocasião, mas na verdade, comparado com isto, não foi nada demais. Esta, sim, foi uma surpresa! Estou disposto a conceder que a minha revelação foi bastante pequena.

O dinheiro foi contado. A soma ultrapassava um pouco a vasta quantia de doze mil dólares. Era mais do que qualquer um dos presentes havia visto ao

mesmo tempo em dinheiro sonante, embora diversos dos presentes valessem consideravelmente mais, se fossem calculadas suas propriedades.

## C A P I T U L O XXXVI

O leitor pode ter certeza de que a notícia da sorte de Tom e de Huck levantou um verdadeiro redemoinho na pobre aldeola de St. Petersburg. Uma soma tão vasta, tudo em dinheiro sonante – moedas de ouro ainda por cima! – parecia quase incrível. Foi o objeto de todas as conversas, o alvo de todas as cobiças, multiplicada e glorificada, até que a razão de muitos dos cidadãos começou a balançar sob a tensão de um excitamento doentio. Cada "casa mal- assombrada" em St. Petersburg e em todos os vilarejos das redondezas foi dissecada, tábua por tábua, e seus alicerces escavados em busca de tesouros escondidos, embora, ao que se saiba, nada mais tenha sido encontrado. E olhe que não foi fantasia dos meninos – os escavadores eram na maioria homens adultos, alguns deles homens bastante sérios e sem um único traço de romantismo. Onde quer que Tom ou Huck aparecessem, eles eram cortejados, admirados, alvo de todas as atenções. Os meninos não podiam recordar nenhuma outra ocasião em que suas observações fossem escutadas com tanto respeito.

Agora, tudo quanto diziam era venerado e repetido; tudo quando faziam parecia digno de nota e revestido de um manto de importância; evidentemente, aos olhos do povo, eles não mais faziam nem diziam as mesmas coisas comuns e corriqueiras de todas as outras pessoas. Além disso, as pequenas historietas de sua vida anterior foram desencavadas

e os adultos mais sérios começaram a descobrir em cada pequeno incidente as marcas evidentes de sua originalidade. O jornal da aldeia chegou mesmo a publicar esboços biográficos dos dois meninos.

A viúva Douglas colocou o dinheiro de Huck a render à razão de seis por cento ao ano e o juiz Thatcher encarregou-se de fazer o mesmo com o quinhão de Tom, mediante pedido de tia Polly. Cada um dos rapazes tinha agora uma renda simplesmente prodigiosa – um dólar para cada dia da semana durante o ano todo e cinquenta centavos aos domingos. Era justamente o salário do Ministro. Bem, na verdade, era o salário que a congregação lhe havia prometido

– em geral, ele não conseguia receber tudo. Naqueles dias antigos e menos complicados do que agora, um dólar e vinte e cinco centavos por semana bastavam para pagar o alojamento, alimentação e taxas escolares de qualquer menino – e ainda sobrava o suficiente para comprar roupas e artigos de higiene.

O juiz Thatcher tinha formado a mais generosa das opiniões a respeito de Tom. Ele dizia para quem quisesse ouvir que nenhum menino comum jamais teria conseguido salvar sua filha da caverna. E quando Becky contou a seu pai, no mais estrito segredo, que Tom tinha levado uma sova na escola em lugar dela, o juiz ficou visivelmente comovido. Quando ela pediu que ele fosse desculpado por ter pregado uma tremenda mentira a fim de transferir os varaços que ela merecera para

as próprias costas, o juiz declarou com a maior emoção que aquela era uma mentira nobre, generosa e magnânima – de fato, uma mentira digna de ser escrita na testa do menino para desfilar onde quer que fosse, uma mentira que deveria ser contada ao longo da história lado a lado com a louvada Verdade confessada por George Washington a respeito da famosa machadinha.

[1] Becky achou que seu pai nunca tinha parecido tão alto e soberbo como nessa ocasião, em que ele caminhara para cá e para lá ao longo da sala, batendo com os pés no assoalho para salientar as frases. Ela saiu de casa imediatamente e foi contar a Tom o que tinha acontecido.

O juiz Thatcher esperava viver o bastante para ver Tom transformado em um grande advogado ou em um grande militar. Ele disse que tomaria as necessárias providências para que Tom fosse admitido na Academia Militar Nacional e depois treinado na melhor faculdade de Direito que houvesse no país, a fim de que ele pudesse estar preparado para qualquer uma dessas carreiras ou até para ambas.

As riquezas de Huck Finn e o fato de que ele agora se achava sob a proteção da viúva Douglas, logo o introduziram na sociedade. Na verdade, ele foi arrastado para a sociedade, jogado dentro dela de pés e mãos atados – e seus sofrimentos foram quase maiores do que poderia suportar. Os criados da

viúva o mantinham limpo e bem-vestido o tempo todo, penteado e escovado; eles o enfiavam todas as noites no meio de lençóis muito pouco simpáticos, que não tinham o menor pingo ou mancha de sujeira que ele pudesse apertar contra o coração e chamar de amigos. O ex-vagabundo foi obrigado a comer com garfo e faca; tinha de usar guardanapo, xícara e prato; tinha de aprender a ler e a escrever; tinha de ir à igreja; tinha de falar da maneira "certa", a um ponto que a linguagem que saía de seus lábios perdera todo o sabor; para cada lado que se voltasse, as barras e correntes da civilização o mantinham encerrado e agrilhoado de pés e mãos.

Ele suportou sua miséria bravamente durante três semanas e então, certo dia, ninguém pôde encontrá-lo. Por quarenta e oito horas a viúva Douglas fez com que o procurassem por todo o lado, cheia de angústia e mágoa. A população ficou muito preocupada: investigaram por toda a parte, para cima e para baixo e até mesmo dragaram o rio em busca de seu corpo. No princípio da terceira manhã, Tom Sawy er sabiamente foi remexer em algumas barricas velhas que estavam jogadas atrás do matadouro abandonado e, sem a menor dificuldade, encontrou o amigo profundamente adormecido dentro de uma delas.

Huck tinha dormido muito bem a noite toda; há poucos minutos tinha feito sua primeira refeição com uns restos de comida roubados e estava agora tirando uma confortável soneca, agarrado a seu cachimbo. Tinha as mãos e o rosto tão sujos

como antes, não se penteara e vestira aqueles mesmos trapos arruinados que o tornavam tão pitoresco nos dias em que era livre e feliz. Tom fez com que saísse da barrica, contou-lhe a barafunda que havia causado e insistiu para que voltasse para casa. O rosto de Huck perdeu sua expressão franca e tranquila e assumiu os traços da maior melancolia. Ele disse ao companheiro:

– Ai, nem me fale a respeito disso, Tom. Eu exprimentei, juro que exprimentei, mas não dá certo. Não funciona, Tom, essa vida não é pra mim. Eu não estou acostumado com essas coisa toda. A viúva é muito boa pra mim e me mostrou toda a amizade do mundo; mas eu não suporto os costume daquela casa. Ela me faiz levantar de manhã todos os dia à merma hora; ela faiz eu lavar a cara e as mão a toda hora; eles me penteiam tanto que eu fico ouvindo uns trovão nas oreia; ela não me deixa dormir no garpão da lenha; eu tenho de usar essas

mardita roupa que me deixa sufocado, Tom. Parece que não entra ar nenhum por drento delas. E o pió é que as tais de roupa são tão nova e bonita que eu não posso nem me sentar, nem me deitar, nem rolar pela grama em lugar nenhum. Eu não escorrego por uma porta de jogar carvão no porão faiz... acho que faiz uns quantos ano. Eu tenho de ir à igreja e ficar suando e comichando por lá – eu odeio aqueles mardito sermão! Eu não posso pegar uma mosca lá drento, não posso mastigar,

tenho de usar sapato o domingo intero! A viúva Douglas come por campainha; ela vai pra cama por campainha, tamém; ela até se levanta por campainha – tudo tem hora e as hora são sempre as merma e um cara não consegue se aguentar!

– Bem, todo mundo faz a mesma coisa, Huck.

– Tom, pra mim não faiz diferença. Eu não sou todomundo e não suporto essas coisa. É horríver ficar preso desse jeito. E tem mais, a boia vem fácir demais – eu nem tenho apetite pra comer as coisa assim. Eu tenho de pedir para ir pescar; eu tenho de pedir para ir nadar – que raio, Tom! –, eu tenho de pedir pra fazer quarquera coisa! E o mais pió de tudo é que eu ainda tenho de falar "direito" e não me sinto bem falando ansim: até parece que não sou eu e quase não entendo o que eu mermo digo. Eu tenho de subir ao sótão e tirar as roupa um pouco todos os dia, só pra sentir o gosto da vida de novo, Tom, senão eu morro. A viúva não me deixa fumar, não me deixa gritar, não me deixa nem ficar de boca aberta, nem me espreguiçar, nem me coçar na frente das visita – reclamou ele.

E acrescentou, em um paroxismo de fúria e indignação:

– Deus que me perdoe, ela reza o tempo todo! Nunca vi antes uma muié ansim! Eu tive de fugir, Tom, só tive, tive mermo. E tem mais, a porcaria da escola já vai abrir e ela falou que eu tinha de ir nela; ah, isso eu não faço, Tom, de jeito nenhum! Oie aqui, Tom, tem mais um troço: essa história de ser rico não é nada parecida com o que eu pensava que sesse. É

só chateação em cima de chateação, suor em cima de suor, e dá vontade de morrer o tempo todo. O que tem é que estas roupa é que me agrada e estas barrica é que me serve. Nunca mais eu vou trocar elas por nada. Tom, eu não teria me metido nessa encrenca toda, se não fosse pruquê nóis achemo aquele dinhero. O que eu quero mermo é que você pegue a minha parte e fique com ela mais a sua e me dê umas moeda de dez centavo de vez em quando – e não muitas veiz, pruquê eu realmente não gosto de uma coisa que não seja meio difícir de conseguir. E agora você sai daqui e vai se expricar por mim com a viúva.

– Oh, Huck, você sabe que eu não posso fazer isso. Não é justo me encarregar de uma coisa dessas. Além disso, se você tentar mais um pouco, vai acabar se acostumando com todas essas coisas de que falou. Acho até que você pode acabar gostando.

– Gostar!? Ah, craro que vou gostar. Do mermo jeito que eu vou gostar de um fogão quente despois de sentar em cima dele por meia hora! Não, Tom, eu não quero mais ser rico e eu não quero mais morar em uma dessas mardita casa sufocante. Eu gosto da floresta e do rio e de dormir drento das barrica e vou ficar é com eles. Que vá tudo pro inferno! Bem na hora que a gente tinha umas arma e uma caverna e tava pronto pra começar a assaltar, vem essa danada dessa besteirada toda que só me serviu pra estragar tudo o que eu queria!

Tom viu sua oportunidade:

– Olhe aqui, Huck, o fato de ter ficado rico não vai me impedir de ser salteador.

– Não!? Mas que coisa bem boa, você está falando sério, Tom? Tá falando morto de sério, tá falando de real, mermo?

– Tão morto de sério como estou sentado aqui. Mas, Huck, nós não podemos deixar você entrar no bando se não for um cavalheiro respeitável, você sabe.

A alegria de Huck se extinguiu imediatamente.

– Vocês não vai me querer, Tom? Mas você não me deixou ser pirata?

– Sim, mas isso é diferente. Um salteador é uma pessoa muito mais importante e bem-educada do que um pirata costuma ser. De um modo geral, é claro. Na maior parte dos países eles estão até muito alto dentro da nobreza: são duques e coisa e tal.

– Mas e essa agora, Tom, você não foi sempre meu amigo? Você não vai me deixar de fora, vai, Tom? Você não vai fazer isso com o pobre Huck, vai, Tom?

– Huck, eu não ia querer deixar você de fora, nem eu quero agora, mas o que é que as pessoas vão dizer? Ora, eles vão fazer a maior troça! O povo vai dizer: “Hunf! O Bando de Tom Sawy er! É um monte de gentalha!” É isso que eles vão dizer,

Huck, e vão estar falando de você. Você não ia gostar disso, ia, Huck? Eu também não.

Huck ficou em silêncio por algum tempo, imerso em uma furiosa batalha mental. Finalmente, ele concedeu:

– Tá certo, eu vorto pra casa da viúva por um mêis e enfrento essas bobage toda só pra ver se eu consigo aguentar mais um pouco. Desde que você deixe que eu entre para o bando, Tom.

– Tudo bem, Huck, está combinado! Vamos lá, meu velho. Prometo que eu vou conversar com a viúva para ela não apertar tanto com você. Para afrouxar pelo menos um pouquinho, Huck.

– Você fala com ela, Tom, me promete que fala? Ah, ansim tá bem. Se ela não me apertar em algumas coisa das pió, eu fumo escondido e xingo escondido e me ispremo todo pra atravessar o dia ou então eu me rebento. Quando é que você vai começar o bando e quando é que nóis vai assaltar?

– Ah, vai ser em seguida. Vamos reunir os meninos e fazer a iniciação esta noite, quem sabe?

– Fazer o quê?

– Fazer a iniciação.

– Mas o que é isso?

– É jurar que nós vamos ficar sempre do lado uns dos outros e nunca contar os segredos do bando, mesmo se alguém nos

cortar em pedacinhos; também vamos jurar que a gente mata qualquer pessoa que machucar alguém do bando e mais toda a família dela.

– Mas isso é lindo. É muito lindo mermo, Tom, vou te contar!

– Bem, eu aposto que é. E todos esses juramentos têm de ser feitos justamente à meia-noite, no lugar mais terrível e solitário que a gente puder

encontrar. Uma casa mal-assombrada seria o melhor lugar, mas eles desmancharam todas as que havia aqui por perto.

– Bem, a meia-noite é uma hora boa, de quarquera jeito, Tom.

– Sim, claro que é. E a gente tem de jurar em cima de um caixão de defunto e assinar o pacto com sangue.

– Ah, agora é que eu gostei mermo! Ora, é um milhão de veis mió que sair feito pirata. Eu prometo que fico na casa da viúva até apodrecer, Tom. E se eu conseguir ser um grande salteador muito valente e todo mundo falar a meu respeito, aposto como a viúva vai ficar muito orgulhosa e sastifeita por ter me tirado da rua e posto pra drento de casa!

[1]. Episódio referente a George Washington (1732-1799), general da Guerra da Independência dos Estados Unidos e primeiro Presidente (1789-1797), contado frequentemente às crianças norte-americanas como exemplo de honestidade. Quando menino, ele teria cortado uma árvore frutífera (fala-se, em geral, de uma macieira) e, ao ser interrogado, assumiu prontamente a responsabilidade. A frase que lhe é atribuída ("Não sei mentir – fui eu.") tem sido objeto s comentários e trocadilhos na literatura e na mídia americana. (N.T.)